

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
SUBJETIVIDADES, POLÍTICAS E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS**

MARIA LAURA BARROS DA ROCHA

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA INTERSEXUALIDADE NA LITERATURA:
SILENCIAMENTOS DA VIDA E DA ARTE**

**MACEIÓ
2021**

MARIA LAURA BARROS DA ROCHA

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA INTERSEXUALIDADE NA LITERATURA:
SILENCIAMENTOS DA VIDA E DA ARTE**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adélia Augusta Souto de Oliveira.

**MACEIÓ
2021**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R672s Rocha, Maria Laura Barros da.
Sentidos e significados da intersexualidade na literatura : silenciamentos da vida e da arte / Maria Laura Barros da Rocha. – 2021.
200 f. : il.

Orientadora: Adélia Augusta Souto de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 125-135.
Apêndices: f. 136-200.

1. Intersexualidade. 2. Intersexo. 3. Literatura. 4. Identidade (Psicologia) na arte. I. Título.

CDU: 159.922.1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP**


TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA LAURA BARROS DA ROCHA

Título do Trabalho: "SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA INTERSEXUALIDADE NA LITERATURA: SILENCIAMENTOS DA VIDA E DA ARTE".


Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:




Prof. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira (PPGP/UFAL)


Examinadores:



Prof. Dra. Maria Ignez Costa Moreira (PUC-MG)



Prof. Dra. Tatiana Machiavelli Carmo Souza (UFG)



Prof. Dra. Paula Orchiucci Miura (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 31 de agosto de 2021.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, **Adélia Oliveira**, pela aposta na minha capacidade e pelos ensinamentos que se estenderam da graduação até o mestrado. Obrigada pela paciência e pelos ensinamentos durante seis anos de parceria.

Às professoras avaliadoras, **Maria Ignez Costa Moreira** e **Paula Orchiucci Miura**, por se disporem à leitura deste trabalho e por todos os apontamentos, na qualificação, que contribuíram para o aprimoramento desta dissertação.

À professora avaliadora, **Tatiana Machiavelli Carmo Souza**, por se dispor à leitura e análise desta dissertação.

Ao professor **Rui Alexandre Paquete Paixão** pelo acolhimento durante o período de mobilidade na Universidade de Coimbra.

À **Universidade Federal de Alagoas** por me proporcionar oito anos de ensino gratuito de qualidade.

Aos **professores** e às **professoras** do Instituto de Psicologia que me instigaram a tornar-me uma pesquisadora.

À **equipe administrativa** do Instituto de Psicologia, pela paciência e pela disponibilidade.

À **minha família**, em especial ao **meu pai** e aos **meus irmãos**, pelo carinho e pela paciência comigo enquanto construía essa dissertação e pela fé na minha capacidade de alcançar mais essa conquista.

À minha mãe, **Claudemira Rocha**, pelo amor incondicional e pelo auxílio na revisão dos meus textos. Obrigada por sempre me ensinar a ser uma escritora e uma pessoa melhor.

Aos **colegas de mestrado** pelos diálogos em sala de aula e pelos corredores do Instituto de Psicologia. Em especial, sou imensamente grata à **Ana Luiza Moura**, **Camila Buarque**, **Camila Falcão** e **Alana Madeiro** que proporcionaram momentos de risada e leveza quando precisei.

Aos **amigos** – novos e de longa data – que acompanharam minha caminhada. Mesmo quando fisicamente distantes vocês estiveram de alguma forma presentes na minha caminhada.

À **Alana Madeiro**, minha quase gêmea, por dividir comigo a experiência de estágio docência, de mobilidade acadêmica e tantos outros momentos felizes.

Ao grande amigo **Luciano Bueno** pelas trocas proporcionadas durante quase uma década de convivência. Agradeço por confiar e acreditar na minha capacidade até mesmo em momentos em que eu duvidava.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pela disponibilidade de bolsa para condução desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos e a todas que contribuíram de forma direta ou indireta para a construção dessa dissertação. Sempre serei imensamente grata mesmo que não expresse em palavras.

RESUMO

Os termos *intersex* e intersexo referem-se às pessoas nascidas com características cromossômicas, genitais ou gonadais que diferem dos modelos tradicionalmente estabelecidos como corpos femininos ou masculinos. A partir do referencial da Psicologia Sócio-histórica, este estudo tem como objetivo investigar as concepções de intersexualidade, seus sentidos e suas significações na literatura científica e artística. Desenvolveu-se um resgate histórico das continuidades e rupturas na conceituação da intersexualidade, evidenciando sua utilização na pesquisa em Psicologia, além de explorar as interlocuções possíveis entre os campos da Arte, Literatura e Psicologia. A metodologia desenvolve-se em cinco etapas: exploração, cruzamento, refinamento, descrição e interpretação. Na fase de exploração, o mapeamento de obras literárias, através do *site* de catalogação social *Goodreads*, resultou em 165 títulos, que foram sistematizados e armazenados em banco de dados próprio. Através do cruzamento, excluiu-se uma duplicação de material. Durante o refinamento, foram considerados os critérios de inclusão: livros únicos de ficção, do gênero romance, escritos em português, inglês ou espanhol, com personagem principal intersexo. Em seguida, realizou-se a descrição dos 27 livros que correspondiam a esses critérios. Identificou-se, na série histórica, a obra mais antiga – *Raptor* do autor Gary Jennings, publicada em 1992 –, e que os anos de 2013 e 2015 apresentam o maior número de publicações (5). Identificou-se, ainda, que a intersexualidade dos personagens principais não é explicitada nas sinopses de 14 livros. Nessas, as temáticas do silêncio e do sigilo apresentam-se como emblemáticas. Na última etapa, realizou-se a leitura completa do livro *Middlesex* de Jeffrey Eugenides e demarcação de passagens, pontos de enredos e falas de personagens relacionadas à intersexualidade. Em quatro tópicos de discussão de partes de *Middlesex* (Livro Um, Dois, Três e Quatro) – por meio de contradições vivenciadas durante a leitura – foram analisados fragmentos da obra e possíveis diálogos entre gênero, intersexualidade e pressupostos teóricos de Vigotski. Em seguida, foram discutidos os eixos temáticos de significação (gênero, corpo, biomedicina e silêncio) como aspectos centrais de construção emaranhada do conceito de intersexualidade na obra. Discutem-se os sentidos e significados da obra, dos quais se destaca: o silêncio como proveniente de medo, de vergonha, de ignorância, de opressão e da intraduzibilidade de certas vivências em palavras; ao gênero como categoria mutável, construída social, histórico e culturalmente; ao corpo atravessado pelas determinações sociais, à medida que também é corpo biológico; e à biomedicina que toma o corpo como objeto de estudo e produz discursos binários de (a)normalidade. As considerações finais permitem reafirmar a fertilidade do uso de ferramentas *on-line* de mapeamento para a pesquisa em Psicologia e a potencialidade da interlocução entre Arte, Literatura e Psicologia. Conclui-se que o segredo e o silêncio configuram-se como elementos de destaque na vivência da intersexualidade tanto na vida quanto na arte, aparecendo de forma emblemática no resgate histórico, na obra *Middlesex* e nas sinopses analisadas. Por fim, reforça-se a importância de estudos sobre o fenômeno da intersexualidade em Psicologia e a construção de pontes de diálogo entre a Psicologia e a Arte.

Palavras-chave: Intersexualidade. Intersexo. Literatura. Psicologia da Arte.

ABSTRACT

The terms intersex and *intersexo* refer to people born with chromosomal, genital or gonadal characteristics that deviate from traditionally established models of a female or male body. Based on the framework of Socio-Historical Psychology, this study aims to investigate the conceptions of intersexuality, its sense and its meanings in scientific and artistic literature. A historical review of the continuities and ruptures in the conceptualization of intersexuality was developed, highlighting its use in research in Psychology, in addition to exploring the possible interconnections between the fields of Art, Literature and Psychology. The methodology is developed in five phases: exploration, crossing, refinement, description and interpretation. In the exploration phase, the mapping of literary works, through the social cataloging site Goodreads yielded 165 titles, which were systematized and stored in our own database. Through the crossing, one duplication of material was excluded. During the refinement, the following inclusion criteria were considered: stand-alone fiction books, of the genre novel, written in Portuguese, English or Spanish, with an intersex main character. Then, the 27 books that met these criteria were described. It was identified, in the historical series, the earliest work – Raptor by the author Gary Jennings, published in 1992 –, and that the years 2013 and 2015 feature the most publications (5). It was also found that in the synopsis of 14 books, the intersexuality of the main characters is not explicit. In these, the themes of silence and secrecy are presented as emblematic. In the final stage, the complete reading of *Middlesex* by Jeffrey Eugenides was conducted and passages, plot points and speeches by characters that refer to intersexuality were delineated. Four thematic discussions of parts of *Middlesex* (Books One, Two, Three, and Four) were used– through the contradictions experienced during the reading – to analyze fragments of the work and possible dialogues between gender, intersexuality and Vygotsky's theoretical assumptions were analyzed. Subsequently, the thematic axes of meaning (gender, body, biomedicine and silence) were discussed as central aspects of the tangled construction of the concept of intersexuality in the work. The senses and meanings of the work were discussed, among which the following stand out: silence as coming from fear, shame, ignorance, oppression and the untranslatability of certain experiences into words; gender as a mutable category, socially, historically and culturally constructed; the body, which is crossed by social determinations while also being a biological body; and biomedicine which takes the body as an object of study and produces binary discourses of (a)normality. The final considerations allow us to reaffirm the fruitfulness of the use of online mapping tools for research in Psychology and the potentiality of the interlocution between Art, Literature and Psychology. In conclusion, the secret and the silence are configured as prominent elements in the experience of intersexuality in both life and art, appearing in emblematic ways in the historical rescue, in the *Middlesex* work and the analyzed synopses. Finally, it reinforces the importance of studies on the phenomenon of intersexuality in Psychology and the construction of bridges for dialogue between Psychology and Art.

Keywords: Intersexuality. Intersex. Literature. Psychology of Art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Hermaphroditus e Salmacis” de Louis Finson (1580-1617)	18
Figura 2 – Manifestação “Hermaphrodites with Attitude” em Boston, 1996.....	25
Figura 3 – Sessão “ <i>About Goodreads</i> ”	52
Figura 4 – Ferramenta de busca “ <i>Search and browse books</i> ”	53
Figura 5 – Estantes Relacionadas (<i>Related Shelves</i>)	54
Figura 6 – Lista de livros do quantitativo	54
Figura 7 – Recorte da planilha.....	55
Figura 8 – Livro <i>Middlesex</i> de Jeffrey Eugenides.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras de ficção científica.....	58
Quadro 2 – Obras com personagens intersexo secundários	59
Quadro 3 – Livros em francês e japonês que possuem personagens principais.....	59
Quadro 4 – Livros com personagens principais intersexo e em inglês.....	60
Quadro 5 – Livros indicados à prêmios.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação dos documentos.....	57
Tabela 2 – Identificação dos personagens intersexo.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Série histórica.....	61
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS

ADS	Anomalias da Diferenciação Sexual
CFM	Conselho Federal de Medicina
DDS	Distúrbio de Diferenciação do Sexo
DHT	Di-hidrotestosterona
HUPAA	Hospital Universitário Professor Alberto Antunes
ILGA	<i>International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association</i>
ISNA	<i>Intersex Society of North America</i>
LGBTQIAP ⁺	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e mais
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PePSIC	Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
SGC	Serviço de Genética Clínica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 INTERSEXUALIDADE: UM CONCEITO EM QUESTÃO.....	18
2.1 Uma breve história da intersexualidade.....	20
2.2 Reflexões sobre a intersexualidade como identidade: e se não for preciso escolher?.....	27
2.3 O silêncio e o sigilo como formas de invisibilização.....	30
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA TEORIA DE VIGOTSKI.....	36
3.1 Arte, Literatura e Psicologia: diálogos possíveis.....	40
4. TRILHAS PERCORRIDAS.....	50
4.1 Mapeamento de obras literárias com personagens intersexo.....	50
4.1.1 Etapa de exploração.....	51
4.1.2 Etapa de cruzamento.....	55
4.1.3 Etapa de refinamento.....	56
4.1.4 Etapa de descrição.....	59
4.1.5 Etapa de interpretação.....	63
5 SENTIDOS E SIGNIFICADOS EM ESTRANHAMENTO: CONTRADIÇÕES VIVENCIADAS	66
5.1. À espera de alguém: expectativas familiares e de gênero no Livro Um.....	69
5.2. O Minotauro à procura de si no labirinto: o personagem ativo no Livro Dois.....	75
5.3. Objeto Obscuro e Cal: silêncios e revelações no Livro Três.....	82
5.4. A saída do labirinto: o silêncio e a palavra no Livro Quatro.....	97
5.5. Entre sentidos e significados: a construção de significações a partir de <i>Middlesex</i>	111
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE	136

1 INTRODUÇÃO

“É um menino ou uma menina?”. Essa é uma pergunta frequente em consultórios obstétricos, cuja resposta não é tão simples ou indubitável quanto possa parecer à primeira vista, pois carrega consigo nuances e sentidos históricos, sociais e biomédicos daquilo que se compreende como feminino ou masculino. Quando o questionamento não pode ser respondido de imediato, várias nomenclaturas são associadas ao sujeito ou ao corpo que ele possui, a depender da concepção de mundo de quem observa o fenômeno: androginia, Anomalias da Diferenciação Sexual (ADS), Distúrbio de Diferenciação do Sexo (DDS), ambiguidade genital, hermafroditismo, intersexualidade, entre outros.

O emprego do termo intersexo e intersexualidade nesta dissertação, ao invés das denominações do vocabulário médico, pretende destacar as dimensões psicossociais para além da designação de uma anomalia orgânica congênita (SANTOS; ARAÚJO, 2003) e um posicionamento ético-político. Nesse sentido, o distanciamento de terminologias baseadas em *anomalias* e *distúrbios* pretende afastar-se de uma lógica pautada em uma ideia de normalidade, em um discurso de binariedade cis-heteronormativa. Além disso, a palavra *intersex/intersexo* é utilizada como forma de autoidentificação por grupos ativistas, como o InterAct, e pela comunidade LGBTQIAP⁺.¹

Considero que meu posicionamento como pesquisadora carrega um ponto de vista e experiências que vão atravessar minhas interpretações e a construção de tudo o que leio e escrevo, inclusive durante a elaboração desta dissertação. Diante disso, a dimensão ética existe interligada à construção da pesquisa, desde o meu posicionamento como pesquisadora quanto à forma como vislumbro o fenômeno que vou pesquisar.

Histórias estão intrinsecamente entrelaçadas no tecido desta dissertação. Por isso, parece-me relevante apresentar alguns dos fios que impulsionaram a construção da pesquisa, entrelaçando as vivências em salas de aula e em ambiente hospitalar que contribuíram para minha constituição como pesquisadora. Primeiramente, ressalto que meus contatos acadêmicos iniciais com a temática da intersexualidade aconteceram durante a graduação, principalmente em julho de 2017, quando, como parte do Estágio Obrigatório, inseri-me no Serviço de Genética Clínica (SGC) do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPPA). No SGC há uma parceria entre profissionais de Psicologia, Medicina e

¹ “Os significados das letras presentes na sigla são: **L**ésbicas, **G**ays, **B**issexuais, **T**ransgênero, **T**ranssexuais, **T**ravestis, **Q**ueer, **I**nterssex, **A**ssexuais, **P**anssexuais e o +, com a possibilidade de abarcar as mais diversas possibilidades de orientações sexuais e identidades de gênero” (BARBOZA *et al.*, 2020, p. 386).

Enfermagem para o atendimento às famílias que fazem acompanhamento médico e genético de seus(as) filhos(as).

Minhas vivências e observações durante o período de um ano que passei na instituição impulsionaram o interesse pela intersexualidade. Os atendimentos convidaram-me a aprofundar os estudos das condições genéticas e a ponderar sobre o que levava as pessoas a procurarem o serviço de saúde. Além disso, impulsionaram-me à reflexão para além de uma linguagem biomédica e de aspectos psicossociais que estão envolvidos no atendimento à população. Através das discussões com a preceptora Ma. Alessandra Cansanção de Siqueira e com a professora supervisora de estágio Prof^a Dr^a Heliane de Almeida Lins Leitão, surgiram algumas inquietações relacionadas ao lugar de margem e invisibilização que os estudos acerca da intersexualidade ainda ocupavam na Psicologia.

Nesse ínterim, a disciplina “*Temáticas Contemporâneas em Processos Socioculturais*”, ministrada pela professora Dr^a Érika Cecília Soares Oliveira, também possuiu um papel significativo na construção do meu olhar para a temática da intersexualidade. Nela, os(as) alunos(as) foram convidados(as) a refletir sobre os locais de atuação do estágio obrigatório, bem como acerca das temáticas relacionadas a estes. Considerando-se os aspectos éticos de sigilo envolvidos nos atendimentos psicológicos, ao invés de abordar os casos, optei em utilizar o cinema e a literatura para discutir gênero e sexualidade. Isso me causou inquietação e me impulsionou a refletir sobre a ausência de narrativas de personagens intersexo nas mídias brasileiras e estrangeiras de amplo consumo, além do que essa zona de invisibilização ocupada por elas poderia significar. Surgia, pois, uma questão: o que a arte tem a nos dizer sobre a intersexualidade? Se pensarmos a pesquisa como um processo em construção, os eventos relatados foram as primeiras sementes que floresceriam nessa dissertação.

O sigilo e o silêncio são aspectos de destaque desde a gênese desta dissertação. A impossibilidade de falar sobre os atendimentos, no decorrer da disciplina, encaminhou-me para a investigação de outro silêncio: aquele que está presente na Literatura, tanto acadêmica quanto artística.

Durante a revisão de literatura, verificou-se a presença de 13 artigos² sobre intersexualidade em periódicos de Psicologia, de modo que as publicações ainda configuram-

² Buscou-se artigos nas plataformas no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). A consulta aos bancos foi feita através da busca individual e sem delimitação temporal dos nove descritores selecionados: *intersex*, *ambiguidade genital*, *genitalia ambigua*, *distúrbio de diferenciação sexual*, *DDS*, *genital ambiguity*, *ambiguous genitalia*, *disorder of sex development* e *DSD*. Optou-se por utilizar o termo inglês “*intersex*” porque o descritor funciona como *caractere* curinga e

se como relativamente escassas, principalmente ao considerar que este não é um fenômeno novo, aparecendo em registros datados de dois mil anos antes de Cristo e em obras que retratam essa condição desde a antiguidade. Ambos apresentam nomenclaturas diferentes das atuais (ACÁCIO, 2015). Além disso, a interlocução entre intersexualidade e literatura estava ausente dentre os artigos capturados nas bases de dados consultadas, assim como nenhum dos artigos tomava como base teórica os pressupostos vigotskianos.

Embora o fenômeno ainda pareça ocupar um lugar de margem na pesquisa em Psicologia, destaco que a Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), desenvolve estudos – utilizando os termos biomédicos – com base psicanalítica, em parceria com a equipe do Serviço de Genética Clínica (SGC) do HUPAA, que resultaram em publicações de artigos (ACÁCIO; ZANOTTI; MONLLÉO, 2018; ZANOTTI; XAVIER, 2011). Vale ressaltar que a pesquisadora também orientou dissertações do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFAL (ACÁCIO, 2015; BRANDÃO, 2017; NUNES, 2016; TORRES, 2016).

Apesar de a estimativa ser de um a cada 2.500 nascimentos (BELLESA, 2017), a intersexualidade ainda está marcada pelo silêncio e pela invisibilização. A falta de informação da população corrobora para uma espécie de círculo vicioso em que as pessoas *intersex* mantêm em segredo sua condição, muitas vezes por medo do julgamento e discriminação social, ao mesmo tempo em que o silêncio reforça a falta de informação. Desse modo, o silêncio dá margem para a construção de imaginários acerca da intersexualidade que não correspondem com a realidade dos sujeitos. Essa exiguidade de representações corrobora para um cenário em que as narrativas com personagens intersexuais encontrem-se relativamente ausentes dos meios de comunicação em massa, principalmente no contexto brasileiro.

Desde 2015, participo do Grupo de Pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica”, liderado pela minha orientadora Profa. Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira e com vice-liderança da Profa. Dra. Paula Orchiucci Miura, no qual tem sido ressaltado um compromisso crítico com a produção do conhecimento científico para que, por meio do mapeamento de processos históricos de organização da produção científica, seja possível avançar e contribuir para pressupostos teóricos e metodológicos com base na perspectiva Sócio-histórica (OLIVEIRA *et al.*, 2017; ROCHA; OLIVEIRA; MENEZES, 2019).

captura os mesmos documentos que seriam indicados através de outras expressões como intersexualidade, intersexo ou intersexual. Foram indicados inicialmente 160 artigos, após a exclusão de duplicações, leitura e refinamento, 13 eram produções da área de Psicologia que tinham relação com a temática da intersexualidade.

Neste estudo, adoto como perspectiva teórica a Psicologia Sócio-histórica de Vigotski, com a qual trabalho desde a graduação como bolsista do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC). Os conceitos de criação e imaginação trabalhados na época do PIBIC (OLIVEIRA *et al.*, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2018) e sua relação com a produção artística (VIGOTSKI, 2014) subsidiam a construção de um aparato teórico sobre a arte que acompanha minha escrita.

Para tanto, parto do pressuposto de que a produção artística e cultural não ocupa um *status* de neutralidade. Por ser um fenômeno humano, seu estudo deve considerar o contexto histórico, social e político de sua construção. Dessa maneira, a narrativa literária, bem como outras formas de arte, tem função social (VIGOTSKI, 1999a; WEDEKIN, 2015) e possui a capacidade de revelar conceitos que são compartilhados e transmitidos, intergeracionalmente, ao longo da história (SILVA; OLIVEIRA, 2013; VIGOTSKI, 1999b; 1999a).

Nesse sentido, personagens literários são construções que espelham a sociedade, advindos de determinado contexto histórico-social. Posto isso, a análise de personagens intersexo na ficção demonstra-se como caminho viável para a pesquisa em Psicologia. Com isso em mente, surgem algumas inquietações e questionamentos: o que a arte tem a nos dizer sobre a intersexualidade? Como são apresentados os personagens intersexo nas obras literárias? Quais os conceitos de intersexualidade presentes em obras de arte? Quais os diálogos possíveis entre a Arte e a Psicologia? Que outras temáticas tem destaque em obras com personagens intersexo?

A partir do que foi exposto, este estudo tem como objetivo geral investigar as concepções de intersexualidade, seus sentidos e suas significações na literatura científica e artística. Além disso, tem-se como objetivos específicos: delinear o conceito de intersexualidade na literatura científica; discutir a relação entre Psicologia, Literatura e Arte; mapear obras literárias que contenham personagens intersexo; categorizar temáticas abordadas nas sinopses; investigar o conceito de intersexualidade presente na obra *Middlesex*; e analisar os sentidos e os significados de intersexualidades presentes na obra *Middlesex*.

À vista disso, os capítulos – exceto o primeiro e o último – foram desenvolvidos para responder os objetivos específicos na ordem em que eles são descritos no parágrafo anterior, de modo que cada capítulo possui relação intrínseca com os objetivos do estudo e visa responder os questionamentos relacionados a eles.

Este primeiro capítulo de introdução, apresenta um delineamento do estudo, com apresentação das questões norteadoras e dos objetivos. Ele permite visualizar um panorama

geral da estrutura da dissertação, o modo de organização, bem como os processos e vivências que levaram ao projeto inicial.

O segundo capítulo – *Intersexualidade: um conceito em questão* – tem como objetivo delinear o conceito de intersexualidade na literatura científica. Para tanto, apresenta um resgate histórico de continuidades e rupturas na conceituação de intersexualidade, sua utilização na pesquisa em Psicologia e discute a nomenclatura utilizada nesta dissertação. O capítulo também apresenta o debate conceitual presente no movimento atual da comunidade LGBTQIAP+ e de grupos ativistas *intersex* em compreender a intersexualidade como identidade, em contraposição às perspectivas com ênfase biológicas. Além de tudo, destaca o silêncio e o sigilo como formas de invisibilização.

O terceiro capítulo tem como objetivo discutir a relação entre Psicologia, Literatura e Arte. Apresenta uma discussão sobre os pressupostos da Teoria de Vigotski e os diálogos possíveis entre a literatura e a pesquisa em Psicologia, tomando como base teórica as obras do autor, seus comentadores e abordagens psicossociais de personagens literários. Destaca o histórico e o interesse do autor bielorrusso em relação às obras artísticas, bem como a influência da arte em textos escritos posteriormente à *Psicologia da Arte* (1999a). Apresenta a compreensão da obra artística como mediadora entre o indivíduo e o gênero humano e a discussão de conceitos-chaves como forma e conteúdo, estranhamento, catarse e reação estética.

O quarto capítulo – *Trilhas percorridas* – tem como objetivos norteadores: mapear obras literárias que contenham personagens intersexo e categorizar temáticas abordadas nas sinopses. À vista disso expõe o caminho metodológico de construção da pesquisa para o mapeamento de obras literárias que contenham personagens principais intersexo por meio da plataforma *Goodreads*. Evidencia as potencialidades do *site Goodreads* como recurso *on-line* para a investigação em Psicologia e detalha o passo a passo da construção do banco de dados próprio através de etapas de aquisição e tratamento de dados (exploração, cruzamento e refinamento). A etapa de descrição apresenta a discussão das sinopses de vinte e sete obras com personagens principais, destacando o sigilo e o segredo como elementos marcantes. Por último, delimitam-se as escolhas tomadas para a leitura aprofundada e para a interpretação de sentidos e significados apresentados na literatura sobre a intersexualidade, executada no capítulo seguinte.

O quinto capítulo “*Sentidos e significados em estranhamento: contradições vivenciadas*” expõe as análises provenientes da leitura da obra *Middlesex*, de Jeffrey Eugenides. O desenvolvimento do penúltimo capítulo foi norteado pelos objetivos: investigar

o conceito de intersexualidade presente na obra *Middlesex*; e analisar os sentidos e os significados de intersexualidades presentes na mesma obra. Por conseguinte, realiza-se a discussão de fragmentos emblemáticos da obra de forma conjunta com a análise e indicação de possíveis diálogos entre gênero, intersexualidade e pressupostos teóricos de Vigotski. O capítulo está estruturado a partir de quatro tópicos de discussão de partes de *Middlesex*, denominadas na obra de *Livro Um, Dois, Três e Quatro*, e de um quinto tópico de discussão dos eixos temáticos de significação presentes na obra.

As considerações finais apresentam sínteses de aspectos metodológicos e teóricos, bem como os avanços e limitações do presente estudo. Reitera a importância de estudos sobre o fenômeno da intersexualidade em Psicologia e a construção de pontes de diálogo entre a Psicologia e a Arte. São retomados aspectos discutidos durante a introdução, estabelecendo um diálogo entre a gênese do trabalho e o produto final, bem como as mudanças acontecidas nesse ínterim. Por fim, o último capítulo compartilha questionamentos e aponta caminhos possíveis para investigações futuras.

2 INTERSEXUALIDADE: UM CONCEITO EM QUESTÃO³

Os deuses anuíram. E os corpos mistos de ambos se uniram e chegaram a ter aparência de uno. [...] assim, quando seus membros num abraço forte se uniram, não são dois, mas uma forma dúplex, nem rapaz, nem mulher, e que a nenhum parece.
(METAMORFOSES de Ovídio)

Este capítulo tem como objetivo delinear o conceito de intersexualidade na literatura científica. Para tanto, apresenta-se um resgate histórico do conceito de intersexualidade e das diferentes nomenclaturas utilizadas para referir-se ao fenômeno, bem como um panorama da sua utilização na pesquisa em Psicologia. Além de uma discussão sobre as especificidades na adoção da nomenclatura intersexualidade em detrimento das outras e os sentidos psicossociais atrelados a essa escolha. Além disso, apresentam-se perspectivas do movimento atual da comunidade LGBTQIAP⁺ e de grupos ativistas *intersex* em compreender a intersexualidade como identidade, em contraposição às perspectivas que enfatizam apenas o biológico.

Figura 1 – “Hermaphroditus e Salmacis” de Louis Finson (1580-1617)



Fonte: Wahooart.com⁴

A pintura de Louis Finson (1580-1617) e o trecho do livro IV da obra *Metamorfoses* de Ovídio, do ano 8 d.C. que iniciam este capítulo evocam a figura mítica de Hermafrodito, filho da relação extraconjugal de Hermes (mensageiro dos deuses) e Afrodite (deusa do amor

³ Parte deste capítulo foi apresentado no VI Encontro Regional Nordeste da ABRAPSO, em 09 de maio de 2019.

⁴ <https://pt.wahooart.com/@/A2A94L-Louis-Finson-Hermaphroditus-e-Salmacis>

e da beleza). O nome de Hermafrodito provém da junção dos nomes de seus pais, apresentando uma ideia de dualidade e de junção do feminino e do masculino.

Hermafrodito, conta a história⁵, era um rapaz jovem de beleza rara que a todos encantava. Em sua face, possuía traços de sua mãe e de seu pai. Aos 15 anos, o jovem que até então havia sido criado por Náiades no Monte Ida, resolveu aventurar-se pelas cidades de Lícias e de Cários. Ao caminhar às margens de um lago cristalino, que servia de morada da ninfa Sálmage, Hermafrodito foi avistado pela ninfa, que de imediato ficou em êxtase por sua beleza e apaixonou-se pelo rapaz. Tentou seduzi-lo; entretanto, foi rejeitada e simulou ir embora do lago. Em seguida, Hermafrodito despiu-se e entrou na água para se banhar, mas não estava só, e a ninfa pulou dentro do lago, entrelaçando seus corpos, para a miséria de Hermafrodito que tentava se soltar. Imediatamente, Sálmage clamou aos deuses para que eles jamais pudessem ser separados e, assim, os deuses acataram seu clamor, unindo os dois em um corpo só. Em seguida, Hermafrodito rezou para os seus pais e pediu que quem se banhasse nas mesmas águas tivesse a mesma transformação que ele.

O mito de Hermafrodito e Sálmage, bem como suas interações ao longo da história e da arte, auxilia a compreensão da forma como eram percebidos os corpos que não podiam ser classificados como inteiramente femininos ou masculinos. Outras figuras míticas e religiosas incorporam essa mesma condição corporal, como Ymir na mitologia nórdica, Ardhanari, deidade hinduísta ou mesmo Adão que, segundo uma antiga tradição rabínica, havia sido dividido ao meio para a criação de Eva (FAUSTO-STERLING, 2000a; MACIEL-GUERRA; SILVA; GUERRA JÚNIOR, 2002). Apesar desta forma de corporeidade estar presente em outras histórias, o mito de Hermafrodito possui uma importância histórica singular, pois demarca também a gênese de uma terminologia que foi apropriada pela medicina e pelo senso comum e que sofreu transformações ao longo da história.

Além disso, existem aspectos importantes do mito e da pintura que são capazes de encapsular interpretações historicamente atreladas a esses corpos⁶. As interpretações possíveis do que é apresentado nas obras comungam com acontecimentos históricos, contemporâneos e posteriores à sua confecção, representando o passado e anunciando possibilidades futuras. Na figura de Sálmage, temos a concepção da intersexualidade como intervenção divina, assim como no mito os deuses respondem aos clamores da ninfa para a construção de um novo

⁵ Tomo como base a história de Hermafrodito presente no poema de Ovídio, mais especificamente, através da tradução no livro de Carvalho *et al.* (2017).

⁶ A abordagem deste mito como forma de pensar a função social do corpo intersexo foi aprofundada em estudo apresentado no III Encontro do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN), no dia 31 de outubro de 2020. <https://drive.google.com/file/d/1TBOtAVDhWqaUnr1pgt87WbZb0ov4he7E/view>.

corpo uno. A obra também pode suscitar interpretações acerca da vivência deste corpo não-binário sem que haja necessidade de determinações dentro dos padrões hegemônicos. No mito, os clamores da ninfa são ouvidos, unindo-a a Hermafrodito em um ser que não pode ser dividido, ou melhor, que nem ao menos precisa disso. Dessa forma, podemos visualizar uma forma de vivência com um corpo que não precisa sofrer intervenções.

Em Hermafrodito podemos visualizar a ausência de escolha quanto à intervenção externa no seu corpo. Com a intervenção dos Deuses, o jovem passa a ter um corpo que já não lhe pertence completamente, cuja escolha acerca de sua modificação partiu de outra pessoa e foi realizada sem que houvesse o seu consentimento. Este ponto é remanescente das cirurgias realizadas em crianças intersexo sem o consentimento delas e da família; e da pressão para intervenções nos seus corpos em um sistema que demanda modificações.

Rego e Marcondes (2018) apontam que no sentido etiológico o “verdadeiro hermafrodita”, visto no imaginário social como aquele que comporta o masculino e o feminino de forma proporcional, existe apenas como figura mítica. Desse modo, apesar de o termo hermafroditismo ainda ser utilizado com certa frequência no senso comum, essa nomenclatura entrou em desuso no meio científico, tornando-se alvo de críticas por estudiosos e por ativistas. Em pleno século XXI, trata-se de um termo considerado desatualizado, impreciso, do ponto de vista médico, além de ser considerado depreciativo (REGO; MARCONDES, 2018).

2.1. Uma breve história da intersexualidade

Para a compreensão do fenômeno e dos conceitos em questão, apresenta-se como via de interesse o resgate de sua historicidade. Apesar de o fenômeno estar presente em diversas civilizações, os significados atribuídos a ele sofreram modificações ao longo do tempo, levando em consideração as especificidades de contextos sociais, culturais e históricos, bem como os saberes e crenças envolvidas (CANGUÇU-CAMPINHO, 2012).

Como foi apontado anteriormente, durante séculos vigorou uma definição de hermafroditismo que pregava a coexistência de órgãos genitais masculinos e femininos em forma proporcional, pautando-se na definição mitológica do termo (LIMA, 2007). Na Grécia, berço da nomenclatura hermafrodita, os filósofos e os médicos discorreram sobre a condição. O modelo tradicional Hipócratico/Galênico, percebia o sexo como uma grade que variava entre macho e fêmea, com vários estados intermediários (DEVUN, 2018). A depender da dominância dessas características femininas ou masculinas nas pessoas, elas estariam

presentes nas extremidades da escala – homens inteiramente masculinos e mulheres inteiramente femininas – ou de forma balanceada e intermediária, que inclui os hermafroditas (DEVUN, 2018; FAUSTO-STERLING, 2000a). Nesse sentido, os pensadores dessa tradição “acreditavam que não havia divisão biológica estável entre masculino e feminino” (FAUSTO-STERLING, 2000a, p.34, tradução nossa).

Em contraposição, o filósofo Aristóteles contestou essa visão ao definir que “sob a sua anatomia confusa, hermafroditas pertenciam verdadeiramente a um dos dois sexos possíveis” (FAUSTO-STERLING, 2000a, p.33, tradução nossa). Desse modo, o hermafroditismo não era considerado uma variedade legítima dos sexos humanos, era um defeito cosmético que encobria a verdade, enquanto “o sexo binário era parte essencial e permanente da natureza humana” (DEVUN, 2018, p.148).

Entretanto, apesar dos argumentos que apontavam para a visão do masculino e do feminino como as únicas possibilidades de sexo humano, as culturas reagem de formas diferentes em relação às pessoas intersexuais (FAUSTO-STERLING, 2000a). No judaísmo, as pessoas intersexuais eram integradas à sociedade, com a regulação de sua conduta social baseada em proibições relegadas tanto aos homens – como isolar-se com mulheres ou barbear-se – quanto às mulheres, como a ausência de direitos à herança do pai e impossibilidade de servir como sacerdotes (FAUSTO-STERLING, 2000a). Quanto aos romanos, a pesquisadora Fausto-Sterling (2000a) aponta que a situação era mais sombria: no período de reinado de Rômulo, as pessoas intersexuais eram muitas vezes perseguidas e executadas, por serem consideradas “um presságio de uma crise do estado” (FAUSTO-STERLING, 2000a, p. 33, tradução nossa).

Durante o período da Idade Média há controvérsias quanto ao tratamento de pessoas hermafroditas. Michel Foucault (2003) sugere que da Idade Média até o início do século XVI, hermafroditas eram considerados seres monstruosos e aponta o caso de Antide Collas, em 1599, como exemplo de que esta era percebida como uma anormalidade. Fato que levava as pessoas hermafroditas a serem executadas e queimadas na fogueira. Entretanto, o historiador Christof Rolker (2014), disputa a afirmação de que hermafroditas tenham sido perseguidos na Idade Média, pois não havia nas leis da época base para a execução de hermafroditas. Para o pesquisador, os casos em que havia execução provinham, não do fato de pessoas serem hermafroditas, mas por serem acusadas de sodomia. Entretanto, para Rolker (2014, p. 184, tradução nossa), “não há, necessariamente, provas de que pessoas intersexuais eram “confundidas” com sodomitas de modo mais geral na Idade Média”.

Sabe-se que a partir do século XVII, não havia condenações por hermafroditismo. Todavia, havia uma obrigatoriedade de escolha por um dos sexos, algo que acontece ainda em muitos países da atualidade (SANTOS, 2013). O pensamento que reforça esta necessidade de afirmação do sexo parece perpassar pela obrigação de sujeitamento a um papel de gênero estabelecido e ao cumprimento de suas respectivas funções sociais (SASSO, 2018). Nesse sentido, as pessoas intersexuais precisavam fazer uma definição para que pudessem “saber” como deviam se comportar em sociedade, e, por conseguinte, com quem poderiam manter relações heterossexuais.

Com a emergência da autoridade médica sobre os corpos na Sociedade Ocidental do século XIX, a questão da intersexualidade é deslocada do âmbito moral, adotada como uma questão médica e, sendo assim, passa a ser percebida como anomalias classificáveis através de exames laboratoriais e clínicos (CANGUÇU-CAMPINHO, 2012). Gradualmente, a medicina foi ganhando a autoridade de declarar certos corpos como anormais e corrigíveis (FAUSTO-STERLING, 2000a).

A primeira menção do termo intersexualidade, no jargão médico, aparece no artigo *Intersexuality and the Endocrine Aspect of Sex* de Richard Goldschmidt (1917) no qual o médico propõe a utilização de termos como *intersexe*, *intersexual* e *intersexuality*. O geneticista utilizou como base seus estudos com animais, mais especificamente, com a mariposa cigana (*Lymantria dispar dispar*). Até a publicação do artigo de Goldschmidt (1917), a palavra intersexualidade era utilizada comumente em referência às relações *entre* os sexos, como homossexuais e bissexuais, contudo, ganhou popularidade ao substituir o termo hermafroditismo (SANTOS, 2013).

Entre o século XIX e a década de 1950, há um período denominado de “Era das gônadas”, onde a presença de testículos ou ovários era responsável pela determinação do sexo do sujeito (MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Utilizava-se termos como “hermafroditismo verdadeiro” e “pseudo hermafroditismo” para denominar estados intersexuais (MACIEL-GUERRA; GUERRA JÚNIOR, 2002; MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Nessa época, seguia-se a classificação do que era tido como “o sexo verdadeiro” das pessoas intersexuais, mas não eram realizados procedimentos cirúrgicos.

O surgimento de técnicas de anestesia e os avanços cirúrgicos dão lugar a “Era Cirúrgica”, na década de 1950, quando apenas a classificação é tida como insuficiente, passando-se a realizar intervenções cirúrgicas na perspectiva de adequação dos corpos (MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Os estudos do pesquisador e psicólogo John Money, sobre o gênero na infância, foram atribuídos como principais incentivos para a realização de

procedimentos em recém-nascidos, pois ele afirmava que a sexualidade era neutra até os 18 meses, período em que a identidade de gênero ainda estaria passível de mudança (SANTOS; ARAÚJO, 2003; MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Nesse sentido, as crianças deveriam ser criadas de acordo com o gênero correspondente à sua genitália “reconstruída” e sem saberem sobre as intervenções cirúrgicas (MÉLLO; SAMPAIO, 2012).

O psicólogo John Money ganhou fama com o caso John/Joan, como ficou conhecido o caso do canadense David Reimer⁷ (nascido Bruce Peter Reimer). Em abril de 1966, David foi submetido a um procedimento malsucedido de circuncisão para tratamento de fimose, causando danos ao pênis. Já a fimose de seu irmão gêmeo foi curada naturalmente, sem a necessidade de circuncisão. Os pais da criança procuraram John Money no hospital John Hopkins. Seguindo a sua teoria da neutralidade psicosexual nos anos iniciais da vida, Money argumentou ser do interesse da família criar David como uma menina e recomendou cirurgia de redesignação sexual (GAETANO, 2017). Depois da cirurgia de remoção de testículos e a da construção de um canal vaginal, seus pais deram-lhe o nome de Brenda e o criam como menina.

Os gêmeos tornaram-se participantes de um estudo de John Money para a comprovação de sua teoria, o irmão gêmeo de David servindo como o controle no experimento. Ambos participavam de avaliações psiquiátricas com o pesquisador e durante anos forneceram, sem saber, dados para a pesquisa do sexólogo. (GAETANO, 2017). A *Intersex Society of North America (ISNA)*⁸ aponta que por muitos anos o pesquisador afirmou que a transição para o gênero feminino tinha sido bem sucedida e utiliza esse caso como justificativa para a sua abordagem em relação à casos de intersexualidade, cuja conduta era adotada em diversos hospitais do mundo. Se a sua hipótese – de que o gênero criação era mais importante que a natureza biológica – pudesse ser comprovada em uma criança biologicamente masculina, o caso seria a chave para a construção de uma abordagem para o tratamento de pessoas intersexo. Todavia, Reimer afirmou que sempre se sentiu como um menino e aos quinze anos, depois de seu pai contar a verdade sobre seu nascimento, passou a viver socialmente como homem com o nome David. Em 1997, David começou a falar publicamente da sua experiência nos consultórios e sobre seu gênero, descreditando as publicações de John Money.

⁷ É possível encontrar a história mais detalhada sobre David Reimer no livro “*As Nature Made Him: The Boy Who Was Raised As A Girl*”, uma biografia escrita por John Colapinto no ano 2000. Esse foi um dos livros indicados na lista inicial de obras indicadas pelo *site Goodreads* durante o mapeamento (mais detalhes no capítulo “Trilhas Percorridas”).

⁸ <https://isna.org/faq/reimer/>

A terceira e última fase médica da intersexualidade é a “Era do consenso”, iniciada na última década do século XX. Nesse modelo, a designação do sexo da criança deve ser feita junto a ela e com o acompanhamento da família (MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Essa conquista é resultado de associações ativistas intersexo e de estudiosos que destacaram o papel passivo dos pacientes no seu tratamento como prejudicial para o desenvolvimento saudável. Para tanto, propõe-se uma clínica que leve em consideração os diferentes aspectos (biológicos, culturais, sociais, religiosos e comportamentais) e uma “ampla discussão das condutas futuras a serem estabelecidas para esses pacientes em diferentes esferas da atenção” (SASSO, 2018, p. 159).

Em abril de 1993, a bióloga Anne Fausto-Sterling publicou o artigo *The Five Sexes: why male and female are not enough* (Os Cinco Sexos: por que masculino e feminino não são suficientes, em tradução livre), no qual a pesquisadora problematiza a insistência da cultura ocidental em insistir na existência de apenas dois sexos. Fausto-Sterling (1993) sugeria um novo modelo de classificação com cinco sexos: *female* (feminino), *male* (masculino), *herms* (para os “verdadeiros hermafroditas”, que possuíam tecido testicular e ovariano), *merms* (em referência à pseudo-hermafroditismo masculino) e *ferms* (em referência à pseudo-hermafroditismo feminino).

The Five Sexes foi recebido de forma polêmica: existiam conservadores que eram completamente contra a ideia e repugnavam o artigo, ao mesmo tempo em que o artigo foi bem recebido por uma parcela de pessoas que se sentiam restringidas pelo modelo atual sexo-gênero (FAUSTO-STERLING, 2000b). Em 2000, a autora revisitou o texto em uma nova publicação (FAUSTO-STERLING, 2000b), comentando que o seu artigo inicial pretendia ser provocador, mas também havia sido escrito de modo irônico e humorístico.

Em agosto de 1993, a ativista *intersex* Cheryl Chase publicou uma carta aberta em resposta ao artigo de Fausto-Sterling (1993), no qual ela corrige alguns equívocos apresentados pela bióloga em relação à incidência das intervenções médicas. Chase (1993) também fala sobre o modelo patologizantes da época:

Eu me vejo forçada a me perguntar se um conceito de normalidade sexual que define os órgãos sexuais de até 4% dos bebês recém-nascidos como “defeituosos” não é, em si, defeituoso. Os especialistas em intersexo estão ocupados cortando e aparando os órgãos genitais infantis para caber no ideal arbitrário que é nossa definição cultural de gênero (CHASE, 1993, p. 03, tradução nossa).

A ativista termina a carta aberta convidando as pessoas intersexuais que estão lendo a participar da *Intersex Society of North America* (ISNA)⁹, fundada por ela no mesmo ano. O grupo ativista funcionou de 1993 a 2008, e tinha como principal missão construir uma sociedade livre da vergonha, sigilo e cirurgias sexuais indesejadas.

Em 26 de outubro 1996, membros da ISNA realizaram a primeira manifestação norte-americana acerca das questões relacionadas à intersexualidade, do lado de fora da Academia Americana de Pediatria (*American Academy of Pediatrics*), durante a reunião anual ocorrida na cidade de Boston-EUA (DRIVER, 2015). As pessoas presentes carregavam um cartaz com os dizeres “Hermafroditas com atitude” (*Hermaphrodites with Attitude*). Essa data mais tarde se tornou o *Intersex Awareness Day* (Dia da Conscientização Intersexo).

Figura 2 – Manifestação “Hermaphrodites with Attitude” em Boston, 1996



Fonte: INTERSEX DAY, 2011.

Acredita-se que Alex MacFarlane – *intersex* com cromossomos sexuais XXY da cidade australiana Victoria – tenha, em janeiro de 2003, se tornado a primeira pessoa a possuir uma certidão de nascimento e passaporte com o sexo indicado com “X”, ao invés de “F” ou “M” (MARZANO-LESNEVICH, 2021). Posteriormente, sistemas semelhantes de classificação do sexo em documentos de registro civil foram adotados por outros países¹⁰.

⁹ Apesar de a organização não estar mais ativa, o *site* ainda continua *on-line* com recursos e publicações sobre a intersexualidade: <https://isna.org/faq/>

¹⁰ Desde 2019, três estados brasileiros publicaram normas que permitem a classificação do sexo como indeterminado em caso de nascimento de crianças com DDS. Isso será abordado em mais detalhes a seguir, na seção 2.3 da dissertação.

Em 2005, o Consenso de Chicago propôs modificações nas nomenclaturas e introduziu o termo Distúrbio do Desenvolvimento Sexual (DDS) com o objetivo de minimizar os desconfortos causados por uma terminologia considerada confusa, e que nem sempre auxilia na solução de problemas. A palavra intersexualidade entra em desuso no jargão médico e DDS passa a se referir a “toda a doença congênita na qual a constituição cromossômica, gonadal, sexual ou anatômica é atípica” (MENDONÇA, 2010, p.80).

O posicionamento da ISNA em relação à nova nomenclatura foi favorável, ao menos nos espaços médicos, mas continuaram utilizando o termo *intersex* em seu ativismo. Os membros da organização acreditavam que a utilização do termo pudesse facilitar o diálogo com médicos, que pareciam preferir a terminologia DDS por considerar “intersexual” como medicamente impreciso. Alice Dregger (2007) aponta que no momento de criação da ISNA, em 1993, Cherly Chase utilizou o termo médico da época, mas ao fazê-lo deu a palavra uma valência política que não possuía antes:

Agora, “intersexo” começou a significar algo diferente – ou algo mais do que – um estado biológico, uma condição médica. Começou a carregar consigo uma identidade política. E essa era uma identidade fortemente associada aos direitos *queer*, em parte porque a maioria dos(as) primeiros(as) ativistas tinham consciência dos direitos queer (DREGGER, 2007, *on-line*, tradução nossa).

A utilização de *intersex* por ativistas continuou mesmo depois da dissolução do ISNA, com sua subsequente adição ao acrônimo LGBTQIA+. Ao redor do mundo diversas organizações e grupos ativistas ressignificaram a palavra como possibilidade autoidentificatória.

Entre 29 de novembro e 01 de dezembro de 2013, aconteceu o Terceiro Fórum Internacional Intersex na cidade de Valletta, capital de Malta. O evento contou com o apoio da *International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association*¹¹ (ILGA) e resultou na declaração de Malta, que reafirmava os princípios defendidos nos dois fóruns anteriores. Além disso, a declaração ampliava as demandas para o combate da discriminação contra as pessoas intersexo e para a garantia do direito à integridade corporal, autonomia física e autodeterminação das pessoas intersexo (ILGA, 2013). Dentre as demandas¹², destaca-se o fim de cirurgias mutiladoras e “normalizadoras”, a garantia de que classificações de sexo/gênero em documentos oficiais possam ser alteradas em procedimentos administrativos

¹¹ Em tradução livre: Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex.

¹² A lista completa com os 17 pontos de discussão e demanda pode ser encontrada no *site* da ILGA: <https://www.ilga-europe.org/what-we-do/our-advocacy-work/trans-and-intersex/intersex/events/3rd-international-intersex-forum>

descomplicados e a garantia de que as pessoas intersexo possam ter direito a informações completas dos seus registros médicos (ILGA, 2013).

No 7º Simpósio Internacional de DDS, ocorrido em São Paulo-SP entre 4 e 7 de julho de 2019, houve uma votação para a mudança de nomenclatura. Manteve-se a sigla DDS, que passou a significar Diferenças do Desenvolvimento Sexual, com a exclusão do termo “distúrbios”. Todavia, essa mudança na nomenclatura ainda não parece ter alcançado o mesmo patamar de difusão que a anterior, dada a sua transformação recente.

2.2. Intersexualidade na Psicologia

A maioria dos artigos indicados¹³ na revisão de literatura tem data de publicação (e de recebimento pelos periódicos) posterior ao Consenso de Chicago, que ocorreu no final de 2005. Os anteriores a essa data são ambos das mesmas autoras (SANTOS; ARAÚJO, 2003; SANTOS; ARAÚJO, 2004) e utilizam a nomenclatura intersexo e intersexualidade ao invés de ambiguidade genital, que era muito utilizada em periódicos de medicina na época¹⁴.

Nota-se que, apesar da proposta do Consenso de Chicago de normatização da linguagem utilizada para referir a esse fenômeno, o emprego de intersexualidade – e suas variações intersexo, *intersex* e intersexuais – ainda continuou presente na maioria dos artigos de Psicologia (SANTOS; ARAÚJO, 2008; CECCARELLI, 2008; CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009; FRASER; LIMA, 2012; MÉLLO; SAMPAIO, 2012; PAULA; VIEIRA, 2015; REGO; MARCONDES, 2018).

As produções acadêmicas que mantêm os termos biomédicos, em sua maioria, têm como referencial teórico a Psicanálise. Os artigos elencados são a respeito de representações parentais e ressignificação dos familiares em relação às crianças nascidas com DDS (HEMESATH, 2013; HARTMANN; SANTOS; ANTONIASSI, 2010), do sigilo na clínica da ambiguidade genital (ACÁCIO; ZANOTTI; MONLLEÓ, 2018) e das ações desenvolvidas na atenção à saúde de pacientes com ambiguidade genital em um Hospital Geral do Nordeste (ZANOTTI; XAVIER, 2011).

Nesses artigos, um ponto em comum da discussão é o lugar da criança no imaginário dos pais, e como estes significam a discrepância entre a criança idealizada e a real. Quando

¹³ Durante a revisão de literatura buscou-se artigos nas plataformas SciELO e PePSIC. A consulta aos bancos foi feita através da busca individual e sem delimitação temporal de nove descritores selecionados: *intersex*, *ambiguidade genital*, *genitalia ambigua*, *distúrbio de diferenciação sexual*, *DDS*, *genital ambiguity*, *ambiguous genitalia*, *disorder of sex development* e *DSD*. Os bancos indicaram, inicialmente, 160 artigos. Após a exclusão de duplicações, leitura e refinamento, 13 artigos eram produções da área de Psicologia que tinham relação com a temática da intersexualidade.

¹⁴ Após o Consenso de Chicago em 2005.

uma criança é concebida, ela já estava presente no imaginário dos pais. O casal parental cria fantasias sobre o bebê e como ele será: “desejam um menino ou menina, pensam com quem ele(a) será parecido(a), se será saudável, qual o nome que será dado ao bebê, etc.” (HARTMANN; SANTOS; ANTONIASSI, 2010, p.195). Durante a gravidez os(as) responsáveis idealizam o bebê que está para nascer e nele depositam esperanças, sonhos e expectativas quanto ao futuro dessa criança, geradas a partir das experiências dos pais (HARTMANN; SANTOS; ANTONIASSI, 2010).

Judith Butler (2003) aborda criticamente como o sexo está associado à biologia e ao natural, enquanto o gênero é visto como construído nas relações sociais, todavia aponta uma falha nessa dicotomia a partir da compreensão do caráter discursivo do sexo:

E o que é “sexo”? Ele é natural, anatômico, cromossômico, ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? [...] Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? **Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero** (BUTLER, 2003, p. 25, grifo nosso).

Em consonância, Mélo e Sampaio (2012) alertam para o perigo de pensar as categorias sexo e gênero apenas a partir dos antagonismos natural/cultural e real/construído, naturalizando, assim, uma dualidade entre sexo e gênero, onde o primeiro seria de ordem natural e biológica, enquanto o segundo seria uma construção social. Esse tipo de compreensão ignora que ambos os conceitos são construções históricas e sociais (MÉLLO; SAMPAIO, 2012; MOREIRA; SOUZA, 2017).

Dessa forma, a concepção de heterossexualidade como norma também é discursivamente construída e institui as zonas de exclusão para quem não se enquadra nesse padrão de sexualidade (MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Para os autores, a preocupação dos discursos biomédicos parecem pautados não só em “construir” corpos correspondentes ao “sexo verdadeiro”, mas também que estejam interligados a um ideal de heterossexualidade.

Segundo Canguçu-Campinho, Bastos e Lima (2009) o sofrimento vivido pelo indivíduo intersexual não está relacionado a uma inabilidade em desempenhar suas atividades diárias. A intersexualidade não ameaça a vida do(a) paciente ou causa danos graves à saúde – com exceção de poucos casos, como se dá na desidratação presente na forma perdedora de sal da Hiperplasia Adrenal Congênita. Assim, o sofrimento pessoal e social provém do estigma, discriminação e preconceito que paira sobre ele(a), por contrariar a norma binária e as expectativas sobre um corpo feminino ou masculino (OLIVEIRA, 2012).

A atuação profissional na clínica da intersexualidade e as abordagens utilizadas são pontos centrais de discussão. Pode-se perceber a consonância de opinião de autores(as) em defesa da atuação de equipe multiprofissional nos casos de intersexualidade (SANTOS; ARAÚJO, 2003; SANTOS; ARAÚJO, 2008; CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009; ZANOTTI; XAVIER, 2012; FRASER; LIMA, 2012). Nesse sentido, aponta-se que clínica não deve ser exercida apenas por profissionais da saúde, torna-se imprescindível adotar uma abordagem interdisciplinar, associando os diferentes campos do conhecimento (SANTOS; ARAÚJO, 2008). Para tanto, denota-se a importância da integração de psicólogos como parte da equipe multiprofissional, bem como a presença de “especialistas em questões de ordem sexual/gênero/intersexo” (SANTOS; ARAÚJO, 2003, p.30).

Apesar de existirem estudos sobre o tema, ainda há dúvidas e polêmicas em relação “ao manejo que deve ser empregado no tratamento dessas crianças e no acompanhamento das famílias” (HERMESATH, 2013, p. 583). Alguns autores apontam que o papel dos profissionais de psicologia e da equipe de saúde mental, nos atendimentos clínicos hospitalares, ainda é realizado em intervenções pontuais, sem uma articulação sistematizada (ZANOTTI; XAVIER, 2011) ou visa construir uma ponte relacional positiva entre a família e a equipe (SOUZA; ARAÚJO, 2003; MÉLLO; SAMPAIO, 2012).

É consenso entre todos os profissionais envolvidos na assistência aos casos de intersexualidade que o objetivo de qualquer manejo clínico deva ser facilitar o desenvolvimento de uma identidade de gênero estável, prover apoio psicológico para a família e paciente, informar as condições clínicas em idade apropriada, garantir imagem corporal e função sexual adequadas, preservar o potencial para reprodução e intervir o mínimo possível com cirurgias e procedimentos invasivos (SANTOS; ARAÚJO, 2008, p.271).

Percebe-se consonância também na defesa do adiamento de intervenções cirúrgicas estéticas até a puberdade (FRASER; LIMA, 2012; SANTOS; ARAÚJO, 2003), ou mesmo a defesa da não realização destas, se esse for o desejo do sujeito (CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS; LIMA, 2009; MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Além disso, sustenta-se que deve haver o esclarecimento da família e, em especial, do(a) paciente para que este(a) possa participar ativamente e ser protagonista das decisões sobre o próprio corpo.

O apoio psicológico não deve se estender apenas ao paciente, mas também a sua família, visando à reflexão no aceitação e enfrentamento em frente a sua condição (SANTOS; ARAÚJO, 2003). Zanotti e Xavier (2012) apontam ainda que existem alguns entraves que podem dificultar o atendimento, como desinformação, dificuldade de acesso a exames, descontinuidades no acompanhamento e desarticulação do serviço. Uma alternativa apontada por Santos e Araújo (2003) é criação de espaços de diálogo, em que a família e o

sujeito intersexual possam conversar com pessoas envolvidas com a temática, o que possibilitaria a troca de informações, sentimentos e experiências.

Durante a revisão de literatura percebeu-se, dentre as produções da área de Psicologia, que tinham relação com a temática da intersexualidade, nenhuma delas utiliza Vigotski ou a Psicologia Sócio-histórica como referencial teórico. Entretanto, como se pretende demonstrar nesta dissertação, compreende-se que esta teoria possui grande potencialidade dentro desta discussão.

2.3. Reflexões sobre a intersexualidade como identidade: e se não for preciso escolher?

Kraken: Estou cuidando de você.
Alex: Não vai poder me cuidar sempre.
Kraken: Até você escolher.
 [...]
 Alex: E se não houver nada pra escolher?
 (FILME XXY de Lucia Puenzo, 2008)

Precedente ao nascimento de uma criança, já existem desejos e expectativas que irão se estruturar a partir de uma suposição de comportamentos, gostos, atitudes e subjetividades baseadas em um corpo que tenha um pênis ou uma vagina (BENTO, 2011). Para a autora, quando se anuncia que a criança é um menino ou uma menina não se trata apenas da descrição de algo que é de ordem do corpo físico, mas também de uma equiparação biomédica entre o órgão genital e o gênero.

Ao profissional médico é atribuído um olhar autorizado a fazer a distinção entre menino e menina, pois sua resposta é firmada de forma “inquestionável” em um contexto no qual o próprio sexo emerge como uma categoria médico-diagnóstica (MACHADO, 2005). A autora aponta, ainda, que esse olhar “diagnosticador” inclui um processo complexo e “envolve disputas e negociações entre os profissionais médicos e no que se refere a seus campos de conhecimento. Há uma busca incessante em saber onde, afinal, inscreve-se a diferença entre os sexos” (MACHADO, 2005, p. 263). Dessa forma, no contexto biomédico, o nascimento de uma criança em que essa diferenciação do sexo não pode ser realizada de forma imediata, traz consigo implicações médicas, sociais e psicológicas (MACIEL-GUERRA; GUERRA-JÚNIOR, 2002).

O campo da intersexualidade, principalmente no Ocidente, tem um histórico de conexão com o discurso médico que se pôs a serviço de corrigir a discrepância vista entre gênero e anatomia nas pessoas intersexuais, mantendo, assim, uma norma heterossexual e cisgênera (REGO; MARCONDES, 2018). Nesse sentido, DDS é percebido como uma

condição médica a ser corrigida. Trata-se de uma ideia de corpos femininos ou masculinos “incompletos”, que através de tratamentos hormonais e intervenções cirúrgicas podem se tornar “completos” (MÉLLO; SAMPAIO, 2012; MACHADO, 2008; SOUZA, 2015).

Dessa forma, o corpo do *intersex* coloca em questão aquilo que tomamos como homem e como mulher; aliás, coloca em xeque a ideia de que gênero tem que ser algo dicotômico e absoluto, sem que haja outras formas de ser no mundo (MACHADO, 2005; 2008). A dicotomia se coloca presente no que diz respeito à tomada de decisão, no contexto das cirurgias para “correção” de genitália, em uma ótica de “conserto” ou mesmo de “restauração” a uma norma.

A resolução nº 1.664 do Conselho Federal de Medicina (CFM), documento de referência para o acompanhamento de casos de intersexualidade no Sistema Único de Saúde (SUS), aponta o nascimento de crianças com sexo indeterminado como uma urgência biológica e social. No que diz respeito ao protagonismo no processo de decisão sobre o próprio corpo, o segundo parágrafo do artigo 4 da resolução comunica que “o paciente que apresenta condições deve participar ativamente da definição do seu próprio sexo” (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2003). Entretanto, apesar de apresentar diretrizes para o protagonismo do paciente, procedimentos ainda são realizados na infância, de modo que essas decisões ficam a cargo dos familiares, considerados os responsáveis legais (SOUZA, 2015; MACHADO, 2005; MACHADO, 2008).

Além disso, a resolução parte do pressuposto de que essa definição sexual e as possíveis cirurgias estéticas deve, necessariamente, acontecer para que esses corpos sejam adequados às normas. Em nenhum dos documentos médicos, analisados na pesquisa de Méllo e Sampaio (2012), é facultada uma não intervenção nos casos de intersexualidade, de modo que nessa visão “não existe possibilidade de se viver um corpo ‘sem sexo’ definido” (MÉLLO; SAMPAIO, 2012, p. 14).

Nesse sentido, visão a partir desses pressupostos e dessa nomenclatura biomédica, exclui a possibilidade de que intersexualidade seja um posicionamento identitário e autoidentificatório do sujeito. Isto é, ao considerar como algo “corrigível” e “reparável”, em uma perspectiva de intervenção cirúrgica, escapa a possibilidade, dentro desse sistema ideológico, de que a intersexualidade possa ser parte de quem o sujeito *é*, e não apenas algo que ele *tem* ou uma condição pela qual foi acometido.

Em virtude disso, há uma pressão para que o sexo da criança seja definido em diferentes instâncias. Até mesmo o Registro Civil, que é indispensável para o usufruto de direitos, exige saber o sexo da criança (MÉLLO; SAMPAIO, 2012; SOUZA, 2015). O artigo

55 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, afirma que a certidão de nascimento deve possuir – dentre outras coisas – o sexo e o nome da criança registrada (BRASIL, 1973) e para existir juridicamente e como cidadã(o) brasileira(o) é necessário o Registro Civil através da Certidão de Nascimento. Todavia, isso significa que é preciso que se declare do sexo masculino ou feminino. Matos e Santos (2018, p. 84) apontam que a impossibilidade de registro fora dessas opções binárias expõe limitações das normas jurídicas brasileiras, além de suscitar a compreensão de que as opções de sexo ofertadas para o registro “não advêm de elementos *naturais* dos corpos, mas de uma interpretação cultural [...]”.

Jussara Arrigoni (2017) salienta que essa imposição pela lei de Registro Civil acaba colocando os pais/responsáveis pela criança diante de um impasse entre registrar a criança com nome/sexo provisório ou retardar o registro até que se tenha um diagnóstico mais definitivo – o que privaria o bebê de ser reconhecido como cidadão de direitos nesse ínterim.

Vale a pena ressaltar que nos últimos anos normas permitem o registro de crianças com “sexo ignorado” em certidões de três estados do país. O pioneiro foi o Rio Grande do Sul, com o provimento número 016/2019 publicado pela Corregedoria-Geral da Justiça do Rio Grande do Sul (CGJ-RS) em junho de 2019, que prevê a possibilidade de registro com sexo ignorado e a alteração do sexo na certidão sem que haja necessidade dos responsáveis abrirem uma ação judicial (SILVA, 2020). Em dezembro do mesmo ano, o Paraná publicou o provimento 292/2019 e São Paulo o provimento 56/2019.

Amiel Modesto Vieira (2018), intersexo e pesquisador de Ciências Sociais, aponta para a falha do binarismo em abarcar os corpos que não se encaixam no padrão, cis-heteronormativo, que a sociedade impõe como forma de controle de corpos. A partir dessa perspectiva, o autor discute como o discurso biologicista binário – marcado pela falácia da existência de um corpo de homem e outro de mulher – existe “a fim de garantir que as estruturas sociais continuem imóveis, trazendo paz às elites e poder ao Estado” (VIEIRA, 2018, p.485).

Desse modo, há uma violência mascarada de cuidado, perpetuada na perspectiva de “adequação” de corpos e na negação do corpo intersexual como possibilidade de vivência. Isto é, essa patologização trata os corpos como dissidentes e perpetua um espaço no qual a medicina apresenta-se como aquela capaz de assignar quem são os homens e as mulheres (VIEIRA, 2018).

A compreensão da intersexualidade como enfermidade ou desvio é marcada pela visão cultural da sociedade moderna ocidental, que estigmatiza o corpo que não segue os padrões ditos masculinos ou femininos, como um corpo distorcido, anormal, estranho. Nessa tradição, existe uma suposição de que na condição intersexual não

poderiam se desenvolver plenamente, nem ser totalmente satisfeitas. (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009, p. 1154).

Além disso, a preocupação não parece ser apenas em “construir” corpos correspondentes ao que é tido como seu “sexo verdadeiro”, mas também que estejam interligados a um ideal de heterossexualidade. Dessa forma, a concepção de heterossexualidade como norma também é discursivamente construída, e institui as zonas de exclusão para quem não se enquadra nesse padrão de sexualidade (MÉLLO; SAMPAIO, 2012).

Diante disso, perspectivas da Psicologia e das Ciências Sociais, em alinhamento com a terminologia da comunidade LGBTQIA⁺ e grupos ativistas, tem destacado o uso da terminologia intersexualidade, em detrimento de expressões como ambiguidade genital ou Distúrbio de Diferenciação do Sexo (CANGAÇU-CAMPINHO, 2008; CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS; LIMA, 2009; OLIVEIRA, 2012; SANTOS; ARAÚJO, 2003). Essa escolha terminológica procura demarcar uma ruptura com o modelo discursivo biomédico, em favor da utilização de um termo que engloba aspectos e dimensões psicossociais (SANTOS; ARAÚJO, 2003; MÉLLO; SAMPAIO, 2012).

Nesse ponto de vista, a intersexualidade ao invés de ser algo que o sujeito *tem* – doença ou condição médica a ser corrigida – possa ser algo que o sujeito *é* ou *se identifica como* – parte de sua identidade. Ou seja, parafraseando as palavras da personagem Alex no filme XXY (2008), mesmo diante da demanda da binariedade, talvez não seja necessário *escolher* entre essas duas opções. Diante disso, a alternativa pode ser a escolha pela própria intersexualidade.

2.4. O silêncio e o sigilo como formas de invisibilização

Em entrevista ao Jornal Nexo, Amiel Vieira – pessoa intersexo e pesquisador de Ciências Sociais – comentou sobre como o segredo e o silêncio também estavam presentes em sua história de vida. Amiel foi socializado como menina e só descobriu sobre a sua intersexualidade aos 33 anos, quando encontrou uma carta do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas de São Paulo ao mexer nas coisas da mãe à procura de documentos que precisava para o mestrado. A carta falava sobre Síndrome de Insensibilidade Andrógina e o levou a solicitar o próprio prontuário médico e confrontar sua mãe em busca de respostas: “As pessoas intersexuais têm seus problemas 'resolvidos' na sala de cirurgia, com uma estrutura de segredo e silêncio que se estabelece com um aporte teórico. Há um pacto para que esses corpos não estejam diante da sociedade” (AMIEL *apud* FÁBIO, 2018, *on-line*).

“Os médicos diziam que **o silêncio** era para não produzir danos psicológicos, só que eles não levaram em consideração que todo esse processo causaria danos quase que irreversíveis”, diz Amiel [...] “O poder médico trabalha com **o segredo e o silêncio**, o que não dá possibilidade desse assunto ser discutido em sociedade. Então a intersexualidade nasce e morre dentro da sala de cirurgia” (SOUZA, 2019, *on-line*, grifo nosso).

Histórias semelhantes à de Amiel ecoam a invisibilização, o silenciamento dos corpos e das vivências intersexuais – nos ambientes familiares, nos consultórios médicos, nas salas de cirurgia, na Sociedade e até mesmo no espelho das pessoas que não têm acesso à verdade sobre sua própria intersexualidade.

Segundo Canguçu-Campinho, Bastos e Lima (2009) o sofrimento vivido pelo indivíduo intersexo não está relacionado a uma inabilidade em desempenhar suas atividades diárias. A intersexualidade não ameaça a vida do(a) paciente ou causa danos graves à saúde – com exceção de poucos casos, como se dá na desidratação presente na forma perdedora de sal da Hiperplasia Adrenal Congênita. Assim, o sofrimento pessoal e social provém do estigma, discriminação e preconceito que paira sobre ele(a), por contrariar a norma binária e as expectativas sobre um corpo feminino ou masculino (OLIVEIRA, 2012).

Por conseguinte, para evitar a estigmatização, o sigilo é apresentado por muitos como o comportamento ideal, negociado entre a família e os profissionais de saúde, que institui histórias da intersexualidade caracterizadas pelo silêncio e pela invisibilização social (CANGUÇU-CAMPINHO, 2008; CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS; LIMA, 2009; OLIVEIRA, 2012). O sigilo e o segredo em que vivem as pessoas intersexuais são descritos como causadores de intensos sofrimentos pessoais, tanto para os sujeitos intersexo (CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS; LIMA, 2009; MÉLLO; SAMPAIO, 2012;) quanto para a família (ACÁCIO; ZANOTTI; MONLLEÓ, 2018), visto que auxiliam a perpetuar o desconhecimento social e invisibilização sobre o fenômeno. Ocasiona assim, sentimento de isolamento, solidão e o sentimento de “ser o único do planeta a nascer dessa forma” (CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS; LIMA, 2009, P. 1156).

A palavra tem poder de mudança e pode ser temida pelo seu poder de resistência (HOOKS, 2019). Conseqüentemente, o caminho do silêncio do oprimido é muitas vezes a desqualificação da sua voz, “aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado” (HOOKS, 2019, p.37). E o que seria, então, esse silêncio, senão também uma morte simbólica?

Nesse contexto, o silêncio e o sigilo, ainda que muitas vezes pensado como alternativa contra o sofrimento, discriminação e preconceito, constrói zonas de invisibilização e de inexistência. Para tanto, a arte e a linguagem podem ser recursos importantes para trazer à

tona essas experiências de vida – sejam elas fictícias ou não –, e auxiliar na potencialização da intersexualidade como possibilidade de existência.

3. PRESSUPOSTOS DA TEORIA DE VIGOTSKI

Neste capítulo apresentam-se pressupostos teóricos da perspectiva de Vigotski e as possibilidades da arte e da literatura na pesquisa em Psicologia. Objetiva-se discutir a relação entre Psicologia, Literatura e Arte. Para tanto, toma-se como base as obras de Vigotski (1999a; 1999b) e estudos com abordagens psicossociais de obras e de personagens (NASCIMENTO; LIMA; OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA *et al*, 2019a; SILVA; OLIVEIRA, 2013; SILVA; OLIVEIRA, 2014; ROCHA *et al*, 2020). As intersecções possíveis entre as categorias de gênero, identidade e intersexualidade com pressupostos teóricos do autor bielorrusso serão discutidas, por ocasião dos resultados, no capítulo “Sentidos e significados em estranhamento: contradições vivenciadas”.

A perspectiva Sócio-histórica fundamenta-se no materialismo histórico e dialético, e percebe o sujeito como ativo, social e histórico (BOCK, 2007). Nesse movimento dialético, por meio de suas ações e determinações o sujeito “participa ativamente do destino da totalidade do gênero humano” (MOREIRA; SOUZA, 2017), ou seja, são produtos e produtores da história. Portanto, a realidade e a sociedade não podem ser pensadas como exteriores ao homem ou à sua psique, uma vez que “o mundo social e o mundo psicológico caminham juntos em seu movimento” (BOCK, 2007, p. 25-26).

O aspecto social do ser humano, enfatizado nesta perspectiva, não significa a compreensão do sujeito como desvinculado do próprio corpo e de sua biologia. De certa maneira o corpo biológico se institui como elemento básico da relação com os outros, afinal, é através dos sentidos que somos capazes de experienciar o mundo ao nosso redor. Dessa maneira, não há nada na consciência que não tenha passado primeiro pelo corpo, pois é através dele que serão processados os chamados fenômenos psicológicos (BOCK, 2007).

Entretanto, a realidade biológica do ser humano não pode ser compreendida em desconexo com os atravessamentos históricos, sociais, culturais e emocionais (MOREIRA; SOUZA, 2017), pois, apesar de nascermos com um corpo, nós nos tornamos quem somos através das nossas experiências com os outros (VIGOTSKI, 2008). Na concepção do autor, os seres humanos experienciam uma espécie de duplo nascimento – o biológico e o social (PINO, 2005). Nesse sentido, nós não nascemos humanos, tornamo-nos humanos por meio da cultura: “A criança, no momento do seu nascimento, não passa de um candidato à humanidade, mas não a pode alcançar no isolamento: deve *aprender* a ser um homem na relação com outros homens” (PIÉRON *apud* LEONTIEV, 2004, p. 255, grifo do autor).

Ou seja, o indivíduo nasce *homo sapiens*, entretanto é no processo de socialização que se humaniza; que toma conhecimento, apropria-se e internaliza a cultura, os bens materiais e simbólicos produzidos pela humanidade anteriormente ao seu nascimento (VIOTTO FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009; VIGOTSKI, 2008). Em linhas gerais, o indivíduo é membro de uma espécie biológica, mas é através do social e do cultural que ele se desenvolve (VIGOTSKI, 2008).

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser *um humano*, o que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana. O indivíduo é colocado diante de uma imensidade de riquezas acumuladas ao longo dos séculos por inumeráveis gerações de homens, os únicos seres, no nosso planeta, que são *criadores*. (LEONTIEV, 2004, p. 285, grifos do autor).

Para Leontiev (2004), interlocutor e contemporâneo de Vigotski¹⁵, o indivíduo carrega um valor cultural agregado que o caracteriza como ser humano em potencial, cujo potencial seria alcançado na inserção em um meio humano. Para o autor, uma das diferenças fundamentais entre o ser humano e outros animais reside na sua *aptidão para a cultura* (LEONTIEV, 2004, p. 47).

O nascimento cultural de cada pessoa é “a porta de acesso dela ao universo das significações humanas” (LEONTIEV, p. 58). Todavia, antes de seu nascimento cultural o “candidato à humanidade” já faz parte do universo cultural dos homens a partir de seus genitores, para quem a sua presença no útero tem significações e repercussões sociais (LEONTIEV, 2004).

A relação do ser humano com o mundo e com outros seres humanos está mediada por signos e pela linguagem (VIGOTSKI, 2007; 2008). A linguagem constitui-se como fator fundamental na constituição da consciência humana: “O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura” (VIGOTSKI, 2007, p. 34).

O processo de aquisição da linguagem é substancial para o aprendizado e o desenvolvimento. Ela surge inicialmente como meio de comunicação entre a criança e as outras pessoas, depois passa a organizar – através da fala interior – o pensamento, tornando-se uma função mental interna (VIGOTSKI, 2007):

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciar instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças,

¹⁵ Sobre a relação entre Vigotski e Leontiev, indico a leitura do artigo de Martins (2013).

primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais (VIGOTSKI, 2007, p. 17-18).

Vigotski foi influenciado pelos escritos de Marx para determinar que as origens do comportamento consciente podem ser encontradas nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo externo (LURIA, 2010). Para o autor, as funções psicológicas superiores – especificamente humanas e formadas no curso da história – e o decurso de desenvolvimento são um processo absolutamente único (VIGOTSKII, 2010). Segundo Vigotski, as funções superiores aparecem em dois momentos no desenvolvimento infantil, o que ele vai chamar de Lei da Dupla Formação:

[...] a primeira vez, nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções intersíquicas: a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas. (VIGOTSKII, 2010, p. 114, grifo do autor).

Nesse sentido, toda função superior foi antes externa e social, posteriormente tornando-se interna e individual. Em outras palavras, o psiquismo humano surge por meio da internalização das relações sociais (VIGOTSKII, 2010). Em linhas gerais, nós nos tornamos nós mesmos através dos outros (VIGOTSKY, 1989).

Toda função psicológica superior era externa, isso significa que era social; antes de se tornar uma função, era relação social entre duas pessoas. Os meios de agir sobre si mesmo são, em primeiro lugar, modos de agir sobre os outros e a ação dos outros sobre a personalidade de alguém. (VIGOTSKY, 1989, p. 56, tradução nossa).

Para Vigotski, o estudo do pensamento e da linguagem tinha importância significativa para a compreensão do processo de constituição da consciência humana, uma vez que os signos são meios de contato com o mundo exterior, consigo mesmo e com a própria consciência (AGUIAR, 2007; VIGOTSKI, 2007; 2008):

O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são **a chave para a compreensão da natureza da consciência humana**. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. **Uma palavra é um microcosmo da consciência humana** (VIGOTSKI, 2008, p. 190, grifo nosso).

Ao falar sobre a relação dialética entre pensamento e linguagem, torna-se necessário conceituar significados e sentidos, bem como suas distinções na obra do autor. Para Vigotski (2008), o significado é uma generalização ou um conceito:

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. [...] Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são

inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento. (VIGOTSKI, 2008, p. 151).

No que diz respeito à relação do significado com funções superiores de linguagem e pensamento, Vigotski aponta que:

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento (VIGOTSKI, 2008, p. 151).

Essas afirmações do autor permite compreender os significados como construções desestagnadas que se desenvolvem e se transformam ao longo do tempo como um processo vivo do pensamento verbal (VIGOTSKI, 2008), bem como a relação do significado das palavras com os contextos sócio-históricos dos quais fazem parte. Desse modo, os significados são mutáveis e evoluem (VIGOTSKI, 2008).

Para discutir as particularidades da linguagem interior, o teórico introduziu a questão do sentido, tomando como ponto de partida a distinção entre sentido e significado apresentada pelo filósofo francês Frédéric Paulhan.

[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, **o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem varias zonas de estabilidade variada.** O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido (VIGOTSKY, 2000, p. 465, grifo nosso).

Para Vigotski, o sentido da palavra é inconstante. Isoladamente a palavra tem um significado, mas ele possui um potencial que se realiza no discurso, em sua dinamicidade. Dessa forma, “o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido” (VIGOTSKY, 2000, p. 465). Portanto, há uma predominância do *sentido* da palavra sobre seu *significado*.

Barros e colaboradores (2009) apontam que o conceito de “sentido” apresentado por Vigotski configura-se como uma ferramenta que permite colocar em xeque as dicotomias clássicas do pensamento psicológico criticadas nas produções do autor bielorrusso, além de destacar o caráter dinâmico e integrado do psiquismo humano.

Segundo Mattos, Castanho e Ferreira (2003), a “Lei da Dupla Formação” e os processos psicológicos superiores podem auxiliar em inferências acerca do processo de constituição da identidade em uma visão vigotskiana. Em diálogo com os pressupostos vigotskianos, apontam que o processo de interiorização está permeado por uma ressignificação individual que metamorfoseia o conteúdo compartilhado, criando nesse

movimento um “sentido intrapsíquico singular” (MATTOS; CASTANHO; FERREIRA, 2003, p. 87).

Considerando os processos relacionados ao conceito de identidade, é possível, guardadas as disparidades epistemológicas, **incluir-la no âmbito dos processos psicológicos superiores** por implicar numa consciência de si enquanto ser no mundo peculiar da espécie humana. [...] ao analisarmos a formação dos processos psicológicos superiores, estamos, indiretamente, acumulando conhecimentos que nos permitem compreender **o processo de constituição da identidade** (MATTOS; CASTANHO; FERREIRA, 2003, p. 86, grifo nosso).

Moreira e Souza (2017) abordam a identidade associada à ideia ou à representação de si. Segundo as autoras, a identidade tem como característica a plasticidade já que é um constructo em constante movimento, modificando-se e transformando-se no decorrer da história da vida humana.

A identidade é individual, mas a dimensão social é fundamental para a formação e o desenvolvimento da psique. Não podemos cair no paradoxo de pensar um sujeito socialmente determinado que não contenha identidade individual, própria. Não se trata de modelo único, original, imutável; **a identidade é constituída na dialética**, nos encontros e desencontros das relações, nas permanências, persistências e manutenções da vida humana. **É um processo em construção** (MOREIRA; SOUZA, 2017, p. 37, grifo nosso).

Portanto, compreende-se a identidade em seu movimento, como algo maleável e em constante transformação, na relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, entre o inter e o intrapsíquico (MOREIRA; SOUZA, 2017).

Essa ideia de movimento e mudança é algo constante na teoria vigotskiana. Vigotski (2007) compreendia os fenômenos como inacabados e em constante mudança, para tanto, propõe a análise do *processo* em oposição à análise do *objeto*. Para o autor, “estudar alguma coisa significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético” (VIGOTSKI, 2007, p. 68). Do ponto de vista metodológico, Vigotski vislumbrou os princípios do materialismo dialético como “a solução dos paradoxos científicos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos” (COLE; SCRIBNER, 2017, p. XXV).

3.1. Arte, Literatura e Psicologia: diálogos possíveis.

*Tem a arte, para nascer, que ser de um indivíduo;
para não morrer, que ser como estranha a ele.*
(ATHENA de Fernando Pessoa)

Lev S. Vigotski (1886-1934) possuía claro interesse pelas artes, que constituíram uma fonte essencial para sua formação como cientista (MARQUES, 2018). Conhecido como um dos maiores expoentes da psicologia soviética, o pensador desempenhou em seu curto período de vida diversas funções em diferentes campos do conhecimento: estética, linguística, arte,

literatura, educação e psicologia (IVIC, 2010). Aos 20 anos, desenvolveu a monografia *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (VIGOTSKI, 1999a), cujo tema central é a relação entre a arte, a vida e a tragédia, com foco na crítica literária (ROCHA; OLIVEIRA, 2016). Nesse estudo, que ele denomina como “crítica do leitor”, o autor já discorre sobre a capacidade polissêmica da arte, a relação entre obra e criador e as dimensões sociais da arte, algo que ele examina mais detalhadamente em sua tese de doutorado *Psicologia da Arte* (VIGOTSKI, 1999a), defendida em 1925. Na tese, o autor retoma a crítica à Hamlet, bem como estudos literários sobre Krilov, artigos e notas de revistas Ivánov e do próprio Vigotski.

Apesar da sua variedade de campos de interesses, a recepção de sua obra no contexto brasileiro e internacional concentrou-se em seus estudos de psicologia e pedagogia, principalmente no que diz respeito às suas investigações sobre desenvolvimento e aprendizagem. Além disso, por conta do isolamento da União Soviética em relação aos países capitalistas e pela proibição dos textos do autor no período stalinista, somente após a divulgação de sua obra nos Estados Unidos é que apareceram traduções no Brasil. As traduções americanas foram fortemente editadas ao ponto de que poderiam ser consideradas novas versões da obra, de modo que ao público geral brasileiro cabia a leitura do material editado.

É comum ouvir de pesquisadores da obra vigotskiana, que o autor se interessava pelas artes e que depois se interessou pela psicologia, tratando esse entusiasmo dele pelo teatro e pela literatura como um passo dentro da sua carreira que foi esquecido a partir do momento em que ele começou a publicar livros específicos à psicologia e à pedagogia. Em contraposição a essa ideia, Marques (2018), conclui que durante o período de 1915 a 1926, há uma vasta produção do autor no campo da crítica teatral e literária, algumas delas virtualmente desconhecidas e inéditas, inclusive em russo. Em seu trabalho de resgate e tradução dessas obras, a pesquisadora demonstra que durante o período em que desenvolvia estudos experimentais, na Psicologia e Pedagogia, o autor ainda desenvolvia textos na área da crítica literária. Esse fato é particularmente relevante, uma vez que evidencia que não seria correto afirmar que o Vigotski pensador sobre arte é anterior ao psicólogo, e que existe uma ruptura brusca entre uma fase e outra de sua produção.

Segundo Marques (2018) podemos considerar a investigação das emoções humanas, como um dos elos de interesse do autor tanto na Arte quanto na Psicologia, de modo que seus estudos iniciais, mais ligados à estética e arte, constituíram uma fonte essencial para sua formação como cientista (MARQUES, 2018). Os seus textos de crítica teatral e literária já traziam ideias embrionárias de conceitos que o autor apresenta de forma mais sistematizada

em publicações posteriores da sua carreira como *Imaginação e criação na infância*, de 1930, e *A formação social da mente*, de 1933, demonstrando ainda mais a conexão entre a totalidade das obras do pesquisador e entre os campos da arte e psicologia.

Todavia, não há uma tentativa anacrônica de afirmar que todos os conceitos que Vigotski viria a trabalhar já estavam presentes da mesma maneira em seu estudo inicial. A categoria de sentido, por exemplo, sofreu transformações durante a obra do autor, com continuidades e rupturas reconhecidas em seus estudos mais maduros (MARQUES, 2020). Compreende-se que é possível visualizar os vestígios presentes nestas obras iniciais, os quais auxiliam na compreensão das obras subsequentes.

A obra artística é um produto cultural, mediador entre o indivíduo e o gênero humano, cujo fenômeno é decorrente da relação direta com o cosmo físico, social e cultural (BARROCO; SUPERTI, 2014; VIGOTSKI, 1999a). Dessa maneira, por meio de desenhos, de textos, de imagens e da fala, o ser humano tem acesso e compartilha sistemas simbólicos culturais de uma determinada sociedade (WEDEKIN, 2015).

As reflexões possibilitam, a partir do movimento dialético e da concepção do estudo do fenômeno como processo (VIGOTSKI, 2008), compreender a arte como *produto* de um contexto, mas também como *produtora* de subjetividade, com papel na transformação do seu meio (VIGOTSKI, 1999a; 1999b). Nessa direção, Eagleton (2011, p. 25), com base no materialismo histórico-dialético, nega que a arte sozinha seja capaz de mudar o curso da história, mas afirma que ela “pode ser um elemento ativo em tal mudança”.

Por conseguinte, considera-se a narrativa literária – bem como outras formas artísticas – como capaz de revelar conceitos que são compartilhados e transmitidos intergeracionalmente ao longo da história (SILVA; OLIVEIRA, 2013; VIGOTSKI, 1999a). A obra literária, desse modo, “carrega e transforma sentidos históricos-sociais do momento em que foi produzida pelo autor (do lugar que este ocupa) e posteriormente do leitor” (LIMA, 2017, p.24).

Na perspectiva vigotskiana, o significado refere-se a uma generalização, a um conceito, já o sentido é a soma dos fatos psicológicos que ela desperta na consciência (VIGOTSKI, 2007; 2008). O sentido é uma formulação dinâmica, complexa e fluida, que se constitui entre o leitor e obra literária (VIGOTSKI, 1999a;1999b). Através da leitura e interpretação do conteúdo de um enredo, o sujeito parte de significados (âmbito macro), compartilhados socialmente e representados nas ações, nas narrativas e nos personagens, e produz novas ideias e interpretações a partir dos subtextos e daquilo que vivencia no momento da leitura (SILVA; OLIVEIRA, 2013; VIGOTSKI, 1999b).

A essência da obra literária não reside na interpretação do(a) autor(a) sobre seu próprio texto, mas como ela “age sobre o leitor (...) conseqüentemente, reside em seu conteúdo possível. Se a obra de arte não tem idéia única, então todas as ideias nela inseridas são igualmente válidas” (VIGOTSKI, 1999b, p. XXI). Para o autor bielorrusso, a obra de arte, como qualquer outro fenômeno, “permite um número infinito de interpretações, uma multiplicidade de enfoques, em cuja riqueza inesgotável está a garantia de seu sentido imorredouro” (VIGOTSKI, 1999b, p. XVII).

Nesse sentido, quando uma obra literária é finalizada, ela se separa do(a) autor(a) e passa a pertencer a quem a lê. Nesta perspectiva, nenhuma obra literária existe de verdade sem quem a leia, por ser o(a) leitor(a) que “a reproduz, recria e elucida” (VIGOTSKI, 1999b, p. XXI). Nesta direção, o(a) leitor(a) possui um papel ativo na leitura, que através de aspectos psicológicos e experiências pessoais a transforma em um processo criativo (VIGOTSKI, 2014).

Um aspecto essencial da arte é a sua potencialidade polissêmica, pois, “sendo inesgotável a diversidade do símbolo, a obra é fonte de múltiplas interpretações” (VIGOTSKI, 1999b, p. IX). Para o linguista e filósofo Umberto Eco, as obras literárias são capazes de nos convidar “à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades e da linguagem da vida” (ECO, p. 12).

O crítico deve afirmar a sua interpretação sem pretensão que ela seja única e exclusiva (VIGOTSKI, 1999b), pois ao definir uma única possibilidade como verdadeira destrói-se todas as possibilidades de interpretações, e, por conseguinte, a potencialidade polissêmica da obra. E se essa potencialidade é inexistente, então não se trata de arte.

Contudo, isto não quer dizer que é preciso considerar todas as interpretações como verdadeiras no âmbito pessoal, apenas a sua possibilidade de existência:

[...] sua opinião deve ser sustentada até o fim e não constituída de trechos e compilações de juízos alheios: reconhecendo *objetivamente* a liberdade e a isonomia de todas as interpretações, *subjetivamente* o crítico deve ter em mente apenas sua interpretação como sendo a única (para ele) verdadeira (VIGOTSKI, 1999b, p. XXII, grifo do autor).

Com isso em mente, na perspectiva vigotskiana da Psicologia da Arte – bem como nas análises que serão realizadas nesta dissertação – há interesse em analisar a obra e não seu(ua) autor(a). Ou melhor, os impactos que ela tem no espectador, aquilo que atinge quem lê com uma força atemporal que dá à arte, a sua permanência (VIGOTSKI, 1999a;1999b).

Entretanto, enfatizar uma leitura individual da uma obra, não quer dizer que a experiência de leitura e a obra de arte são representações meramente individuais. Além de exercer influência na consciência social das pessoas (VIGOTSKI, 2014), a obra permite uma experiência do coletivo:

[...] arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem deixar de ser social. (VIGOTSKI, 1999a, p. 315).

A partir disso, compreende-se que na relação particular/universal e coletivo/individual cada particularidade contém o todo, ou seja, o coletivo/universal está presente em cada um de nós:

A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. (VIGOTSKI, 1999a, p. 315).

A partir de uma perspectiva social da Psicologia, a afirmação anterior nos permite compreender as produções culturais humanas como ponto privilegiado para estudos da relação constitutiva entre as esferas intra e interpessoais.

Em *Psicologia da Arte*, Vigotski (1999a) apresenta crítica aos limites das teorias que adotavam a interlocução entre arte e psicologia. A partir da delimitação de Gustav Fechner – *estética de cima para baixo e estética de baixo para cima* –, Vigotski traz críticas aos dois campos da estética estabelecidos na época. Considera a *Estética de cima*, como subjetiva, dedutiva, metafísica e especulativa, enquanto a *Estética de baixo* era indutiva e experimental:

A estética de cima hauriu as leis e demonstrações da “natureza da alma”, de premissas metafísicas ou construções especulativas. Aí aplicou o estético como qualquer categoria específica do ser, e nem grandes psicólogos como Lipps fugiram a esse destino comum. Enquanto isso, a estética de baixo, transformada numa série de experimentos extremamente primitivos, dedicou-se integralmente à elucidação das mais elementares relações estéticas e não teve condição de colocar-se minimamente acima desses fatos primários que, no fundo, nada dizem (VIGOTSKI, 1999a, p. 08).

A crise em ambos os campos da estética passou a se evidenciar, revelando falsas premissas das correntes, tanto em seus princípios quanto em seus métodos (VIGOTSKI, 1999a), de modo que a saída desse impasse, para o autor, só poderia ser obtida a partir de “uma mudança radical dos princípios básicos da pesquisa, em uma colocação absolutamente nova das questões, na escolha de novos métodos” (VIGOTSKI, 1999a, p. 08). Conseqüentemente, na *Estética de cima*, começou-se a ser afirmada a necessidade da

incorporação de base histórica e sociológica na construção de uma teoria estética (VIGOTSKI, 1999a).

No que diz respeito à estética experimental (“de baixo”), Vigotski (1999a) menciona três erros principais: 1) ela começa pelo fim – pelo prazer estético e pela avaliação – desconsiderando o processo; 2) é incapaz de encontrar especificidades que separam a emoção estética da emoção comum; 3) e considera que a emoção estética complexa é apenas “a soma de pequenos prazeres particulares” (VIGOTSKI, 1999a, p. 19). A última crítica é mencionada como sua principal falha.

Dentre as tendências sociológicas da teoria da arte, o autor destaca o materialismo histórico como a mais avançada e coerente, pela construção de “uma análise científica da arte à base dos mesmos princípios aplicados ao estudo de todas as formas e fenômenos da vida social” (VIGOTSKI, 1999a, p. 09). Isto porque, para Vigotski (1999a) a arte só pode ser considerada como objeto científico de estudo quando ela for compreendida como “uma das funções vitais da sociedade em relação permanente com todos os campos da vida social e no seu condicionamento histórico concreto” (VIGOTSKI, 1999a, p. 09).

A linha que anteriormente dividia a estética de cima da estética de baixo passa a traçar uma divisão distinta, separando a Sociologia da Arte da Psicologia da Arte, cada uma observando o mesmo objeto de estudo, mas com pontos de vista diversos. Marques (2015) aponta que – buscando afastar-se do reducionismo – Vigotski assume uma posição equidistante entre a metafísica da *estética de cima* e o empirismo da *estética de baixo*, apontando um novo método. Para preencher as lacunas que o reducionismo desponta, cria o *método objetivamente analítico*, cujo foco não é a psicologia do(a) autor(a) ou a psicologia do(a) espectador(a), mas a própria obra de arte.

Para Vigotski (1999a, p. 27) este método garante a objetividade dos resultados à medida que estuda “fatos sólidos, que existem objetivamente e são levados em conta”. Pode-se dizer que a Psicologia da Arte vigotskiana opõe-se ao segundo ponto de crítica da estética experimental, chamando atenção para a diferença entre a reação/emoção comum e a estética.

O método analítico objetivo toma como base e ponto de partida da pesquisa a *diferença* que se verifica entre o objeto estético e o não-estético. Os elementos da obra de arte existem antes dele, e o seu desempenho já foi mais ou menos estudado. O fato novo para a arte é o modo de construção desses elementos. Logo, é precisamente na diferença da estrutura artística dos elementos e da sua unificação extra-estética que reside a chave para decifrar as peculiaridades da arte. O meio principal de estudo é a comparação com a construção extra-estética dos mesmos elementos. Eis por que a forma é o objeto de análise; é ela o que distingue a arte da não-arte: todo o conteúdo da arte é possível também como fato absolutamente extra-estético (VIGOTSKI, 1999a, p. 342, grifo do autor).

Na construção do seu método, há influência do Formalismo Russo, principalmente no que diz respeito à questão da forma na análise da obra. Para os formalistas, o foco encontra-se na forma (ou procedimento), que seria a responsável pela emoção estética. Para tanto, a obra artística perderia seu efeito estético caso houvesse a destruição da forma. Os formalistas renunciaram as categorias *forma* e *conteúdo*, dando lugar a dois conceitos-chave: *material* – tudo que o artista encontra pronto (sons, palavras, imagens, etc.) – e *forma*, que é o modo de organização e construção do material. O que os estudiosos anteriores chamavam de conteúdo, os formalistas chamam de *enredo*, definido pela forma em relação ao material. Segundo Tomachevski (1925 *apud* VIGOTSKI, p. 1999a, p.61), no formalismo, “em termos sucintos, a fábula é ‘o que houve de fato’, o enredo é ‘como o leitor tomou conhecimento disso’”.

Vigotski (1999a, p. 63) alerta para o fato de que os formalistas da época na tentativa de combater “a doutrina psicológica barata e popular da arte”, acabam renunciando erroneamente toda e qualquer contribuição que a psicologia possa ter para a construção de uma teoria da arte, considerando seus princípios como “antipsicológicos por essência” (VIGOTSKI, 1999a, p. 63). Do ponto de vista do Formalismo, na obra de arte o material não desempenha nenhum papel, algo que faz com que os seus preceitos entrem em contradição. Isso é particularmente evidente no conceito de *estranhamento* apresentado por Chklóvski:

O fim da arte é propiciar a sensação do objeto, como visão e não como reconhecimento: o procedimento da arte é o procedimento do “estranhamento” dos objetos e o procedimento da forma complexificada, o qual aumenta a dificuldade e a duração da percepção, uma vez que o processo de percepção em arte é um fim em si e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar a feitura do objeto, pois o já feito não tem importância em arte. (Vigotski, 1999a, p. 65, grifo do autor).

Vigotski reconhece a contradição na qual os formalistas caem, uma vez que negam a importância do objeto/material, ao mesmo tempo em que exprimem que a finalidade da forma artística é de “propiciar a sensação do objeto”: “Indicamos que, ao definir o objetivo do procedimento artístico, o formalismo se enreda em sua própria contradição e acabam por afirmar aquilo que começara negando” (VIGOTSKI, 1999a, p. 72). Para o autor, a falha em perceber o sentido psicológico do material é o defeito básico do Formalismo, que o levaram a uma unilateralidade sensualista e hedonista (VIGOTSKI, 1999a). Graças a isso, os formalistas da época acabam não compreendendo o potencial das suas próprias descobertas, ao invalidar dentro de sua lógica aquilo que indicam nas leis do *estranhamento*.

Desse modo, apesar de suas críticas ao Formalismo, o conceito de *estranhamento* (*ostraniêníe*) possui grande potencial no campo da arte. É um processo através do qual os objetos da vida e do cotidiano são vistos pelo(a) espectador de uma nova maneira, a partir da

apresentação em sua forma artística. Não se trata apenas do reconhecimento de algo, mas de um olhar inédito a um determinado objeto, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

O “estranhamento” poderá ser conseguido a partir dos primeiros contatos com a obra. Sensações de reconhecimento e repúdio acabam por auxiliar neste processo. Ao final, o “estranhamento” poderá ser conseguido através do reflexo nas produções, dos comportamentos sociais e das falas dos sujeitos (FOERSTE; CAMARGO, 2010, p. 2066).

Ainda segundo as autoras, o estranhamento pode ser compreendido como um fenômeno social, de modo que, independentemente da vontade do indivíduo, ele será orientado por mediações culturais que permitem que “o sujeito saia da categoria singular para o social, sem que, no entanto, perca a individualidade” (FOERSTE; CAMARGO, 2010, p. 2067). Portanto, promove ao sujeito um “novo olhar sobre a situação, um olhar amplo, que estimula novas possibilidades de expressão” (FOERSTE; CAMARGO, 2010, p. 2067).

Para Vigotski, outro ponto de interesse na compreensão da Psicologia da Arte é a relação entre *reação comum* e *reação estética*. O autor bielorrusso opõe-se à lei do menor esforço, ao considerar que a reação estética não está pautada em uma economia de energia, ao contrário, ela expende mais energia psíquica do que a reação comum:

A nossa reação estética se nos revela antes de tudo não como uma reação que economiza mas como reação que destrói a nossa energia nervosa, lembrando mais uma explosão do que uma economia em centavos (VIGOTSKI, 1999a, p. 257).

Portanto, a emoção estética é causada pela fruição da obra de arte (SUPERTI, 2013) e o procedimento artístico complexifica essa emoção (VIGOTSKI, 1999a). Outro traço diferencial da emoção estética – em relação à comum – é “a retenção de sua manifestação externa, enquanto conserva ao mesmo tempo uma forma excepcional” (VIGOTSKI, 1999a, p. 267). Nesse sentido, a expressão exterior não é o que qualifica a emoção estética. O autor define as emoções da arte como *emoções inteligentes*, que se resolvem “principalmente em imagens da fantasia” (VIGOTSKI, 1999a, p. 267).

A catarse, no pensamento vigotskiano sobre a arte, configura-se como característica principal da reação estética. Seus estudos de obras de arte demonstraram que a obra artística suscita simultaneamente emoções opostas, fato que aproximou Vigotski do conceito de catarse. O termo aparece na *Poética* de Aristóteles em referência à tragédia como uma imitação de caráter elevado que suscitaria emoções opostas/contraditórias (terror e piedade) e teria como efeito a purificação (*kátharsis*). Apesar de discordar da ideia de apaziguamento das emoções expressas no pensamento de Aristóteles, Vigotski mantém o termo **catarse**, reelaborando-o. Deixa de lado a ideia de purificação, apresentando-o como uma destruição/curto-circuito e um processo de transformação qualitativa dos sentimentos:

[...] a lei da reação estética é uma só: encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra sua destruição no ponto culminante, como uma espécie de curto-circuito. (VIGOTSKI, 1999a, p.270, grifo do autor).

Enquanto Aristóteles coloca como impulso fundante da catarse as emoções opostas de terror e piedade, Vigotski (1999a) desloca o foco para a relação dialética presente em outra contradição: *forma e conteúdo*. Para o autor, a oposição encontrada entre a estrutura da forma artística e o seu conteúdo é o fundamento do efeito catártico da reação estética (VIGOTSKI, 1999a). Apoia-se na declaração de Schiller – de que o segredo da arte está na destruição do conteúdo pela forma – para afirmar que toda obra possui embate entre esses opostos e que é, precisamente, através da forma que o artista alcança o efeito de destruição do conteúdo (VIGOTSKI, 1999a).

Desse modo, para o autor, a estrutura da obra é composta pela síntese entre forma e conteúdo. A peculiaridade da arte

[...] consiste em que, ao suscitar emoções voltadas para sentidos opostos, só pelo princípio da antítese retém a expressão motora das emoções, e, ao pôr em choque impulsos contrários, destrói as emoções do conteúdo, as emoções da forma, acarretando a explosão e a descarga da energia nervosa (VIGOTSKI, 1999a, p. 272).

A reação estética é o produto desta contradição (conteúdo *vs* forma). Portanto, a partir de uma concepção dialética, compreende-se que a catarse da reação estética está, justamente, nessa descarga combustiva, que soluciona e reelabora sentimentos.

No *método objetivo analítico*, o pesquisador precisará utilizar um método indireto e reconstruir o objeto, uma vez que a obra de arte não é, por si só, objeto da psicologia e, sendo assim, “nela o psiquismo como tal não é dado” (VIGOTSKI, 1999a, p. 25). Na solução desse impasse, o autor sugere um método indireto, no qual o pesquisador precisará reconstruir o objeto, uma vez que ele não é dado *a priori* e só poderá ser acessado indiretamente por meio de vestígios. Dessa maneira, o trabalho do pesquisador assemelhar-se-á ao de um(a) juiz(a) que através de provas indiretas (vestígios, pistas e testemunhos) irá estabelecer sua interpretação do caso. Portanto, a recepção/resposta estética será compreendida como a reprodução e recriação da obra pelo(a) pesquisador(a) (TOASSA, 2009), uma vez que ela não pode ser acessada diretamente:

[...] por própria natureza a emoção estética permanece incompreensível e oculta ao sujeito em sua essência e transcorrência. Nunca sabemos nem entendemos porque essa ou aquela obra foi do nosso agrado. Tudo o que imaginamos para explicar o seu efeito vem a ser um artifício tardio, uma racionalização ostensiva de processos inconscientes. A própria emoção continua um enigma para nós (VIGOTSKI, 1999a, p. 18).

Através da análise da obra e de sua estrutura, tomando como base dados objetivos, recria-se alguns traços de uma possível resposta estética. Essa recriação é proposta por

Vigotski (1999a), como absolutamente impessoal e não pertencente a um indivíduo particular, pois não refletiria um processo psíquico individual. Em linhas gerais, o autor expressa o sentido de seu método em uma fórmula: “[...] da forma da obra de arte, passando pela análise funcional dos seus elementos e da estrutura, para a recriação da resposta estética e o estabelecimento de leis gerais.” (VIGOTSKI, 1999a, p. 27).

Tendo em vista os diálogos possíveis entre Arte, Literatura e Psicologia, expressos neste capítulo, pode-se extrair que a Psicologia, como ciência, possui importante relação com a arte, e vice-versa. Assim como Vigotski (2014) aponta que não há distinção entre os processos psicológicos responsáveis pelas elaborações científicas e artísticas, Eagleton (2011, p. 39) sugere que “a diferença entre a ciência e a arte não é que elas lidam com objetos de estudos diferentes, mas que elas lidam com os mesmos objetos de modos diferentes”. Desse modo, o estudo de obras literárias no âmbito da pesquisa em Psicologia, demonstra-se como um caminho viável e fértil, uma vez que o próprio Vigotski inicia sua incursão teórica a partir da literatura e do teatro (VIGOTSKI, 1999b).

4 TRILHAS PERCORRIDAS

Apresentam-se, nesse capítulo, as trilhas metodológicas percorridas na construção da pesquisa e em seu desenvolvimento até o momento atual. Estrutura-se diante de dois eixos principais, referentes aos objetivos do estudo. Através do primeiro eixo – norteado pelo objetivo de mapear obras literárias que contenham personagens principais intersexo e de categorizar temáticas abordadas nas sinopses – realiza-se o mapeamento por meio de uma plataforma virtual de catalogação de livros, e de coordenadas metodológicas empregadas pela pesquisadora em estudos anteriores (OLIVEIRA; ROCHA, 2018; ROCHA; OLIVEIRA, 2017; 2018). Especificamente, referem-se às etapas para condução em pesquisas com bancos virtuais: exploração, cruzamento, refinamento, descrição e interpretação.

No segundo eixo, desenvolve-se uma metodologia de análise baseada em estudos de Vigotski (1999a; 1999b) sobre a arte, para efetivação, em capítulo seguinte, dos objetivos restantes – investigar o conceito de intersexualidade presente na obra *Middlesex* e analisar os sentidos e os significados de intersexualidades presentes na obra *Middlesex*. Desse modo, o foco se desloca do mapeamento para uma interpretação aprofundada de uma obra capturada durante o eixo anterior.

4.1 Mapeamento de obras literárias com personagens intersexo

Este momento de construção do *corpus* da pesquisa baseia-se na forma como a Metassíntese – estratégia metodológica de revisão que visa a análise qualitativa de resultados de estudos (OLIVEIRA *et al.*, 2017) – é utilizada por integrantes do grupo na pesquisa em bancos de dados de periódicos (CANUTO, 2017; OLIVEIRA; ROCHA, 2018), de teses e dissertações (OLIVEIRA, BUENO; ROCHA, 2019; SANTOS JÚNIOR, 2017;) e, de forma adaptada, como recurso investigativo interpretativo de informações disponíveis em plataformas virtuais como o Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil – DGP/CNPq (MORAES *et al.*, 2017; MENEZES *et al.*, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2019b; ROCHA; OLIVEIRA, MENEZES; 2019).

Nos trabalhos mencionados, a Metassíntese foi empregada como método de análise da produção científica, todavia, para realizar o mapeamento de obras literárias este estudo adapta as coordenadas metodológicas empregadas e aperfeiçoadas em trabalhos anteriores. A efetividade da adaptação destas fases, no mapeamento de obras de ficção, foi explorada em outros trabalhos do grupo de pesquisa, mais especificamente em filmes (OLIVEIRA *et al.* 2019a) e em séries de televisão (ROCHA *et al.*, 2020)

Diante disso, o mapeamento das obras literárias se dá através das seguintes etapas: exploração, cruzamento, refinamento, descrição e interpretação (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

4.1.1 Etapa de Exploração

Esta etapa compreende o momento de constituição do *corpus* inicial da pesquisa, através da definição do tipo de documento a ser procurado, dos descritores e do banco de dados para a busca de informações. Esses primeiros movimentos exploratórios são cruciais, pois permitem o alinhamento entre as definições iniciais e os objetivos da pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Destaca-se a relevância das ferramentas de busca *on-line* para estudos científicos. Esses recursos *on-line* auxiliam na aquisição de dados em escalas internacionais e são fundamentais para a construção do *corpus* da pesquisa. Em estudos anteriores do grupo de pesquisa, foram exploradas as potencialidades de algumas bases virtuais para auxiliar na revisão de literatura e na investigação Sócio-histórica da produção do conhecimento (OLIVEIRA *et al.*, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2019b). Nesta dissertação, por se tratar de pesquisa com obras literárias, fez-se necessária a identificação de banco de dados que permitisse o reconhecimento de obras literárias, a partir de descritores e/ou palavras chaves.

Durante a etapa exploratória, foram averiguadas algumas possibilidades de bancos para a busca: SKOOB¹⁶, um *site* brasileiro criado em janeiro de 2009 por Lindenberg Moreira, que funciona como estante virtual e rede social colaborativa para leitores e possui 5.900.000 usuários; *LibraryThing*¹⁷, uma comunidade de leitores e uma estante virtual com 2.375.000 participantes; e *Goodreads*¹⁸, um *site* com grande acervo de catalogação de livros e conta com 90 milhões de membros registrados.

Optou-se pelo *Goodreads* como banco para coleta de dados por conta do seu catálogo extenso de livros e por apresentar informações descritivas importantes como nome da obra, autor, sinopse, ano e ISBN, facilitadores da busca e aquisição dos livros citados. Além disso, o *Goodreads* possui ferramentas que facilitam a coleta dos dados por meio de descritores, sem que estes tivessem que estar, necessariamente, no título da obra. Algo que era importante para a obtenção dos objetivos, tendo em vista que as obras literárias, supostamente, não teriam o descritor no título.

¹⁶ Site <https://www.skoob.com.br/>

¹⁷ Site <https://www.librarything.com/>

¹⁸ Site <https://www.goodreads.com/>

Goodreads é um *site* de catalogação social, criado em dezembro de 2006, pelo engenheiro de *software* Otis Chandler e pela jornalista Elizabeth Khuri Chandler. Teve o seu lançamento oficial em janeiro de 2017 e funciona como uma página da *web* na qual os usuários podem inscrever e registrar livros, com a criação de catálogos, páginas de discussão sobre as obras e listas de leitura.

No *site*, na sessão “*About Goodreads*” (Sobre o *Goodreads*, em tradução livre) existem algumas informações pertinentes sobre sua criação e os quantitativos. O *site* conta com 90 milhões de participantes, cerca de 2.6 bilhões de livros inscritos e 90 milhões de resenhas de usuários(as). Nessa sessão, o *Goodreads* é apontado como maior *site* do mundo para leitores(as) e recomendação de livros.

Figura 3 – Sessão “*About Goodreads*”

The screenshot shows the 'About Goodreads' page. At the top, there's a navigation bar with 'goodreads' logo, 'Home', 'My Books', 'Browse', 'Community', a search bar, and 'Sign In' and 'Join' buttons. Below this is a large banner image of three people looking at a sunset, with the text 'The right book in the right hands at the right time can change the world.' To the left of the banner is a sidebar menu with links: 'About Goodreads', 'Jobs', 'Blog', 'Authors & Advertisers Blog', 'Press', 'Contact', 'Advertisers', 'Author Program', 'API', 'Librarian Manual', 'Help'. Below the sidebar are social media icons for Facebook, Twitter, LinkedIn, and Pinterest. The main content area has three columns: 'Who We Are' (90 million MEMBERS), 'A Few Things You Can Do On Goodreads' (2.6 billion BOOKS ADDED), and '90 million REVIEWS'.

Fonte: Goodreads.com

Apesar de o *Goodreads* ser de origem estadunidense, ele reúne usuários de diversos países, dentre eles o Brasil. Os livros catalogados também apresentam grande variedade de edições em línguas estrangeiras e livros originados de diversos países. Sendo assim, a plataforma *on-line* possui grande potencial como ferramenta para pesquisa.

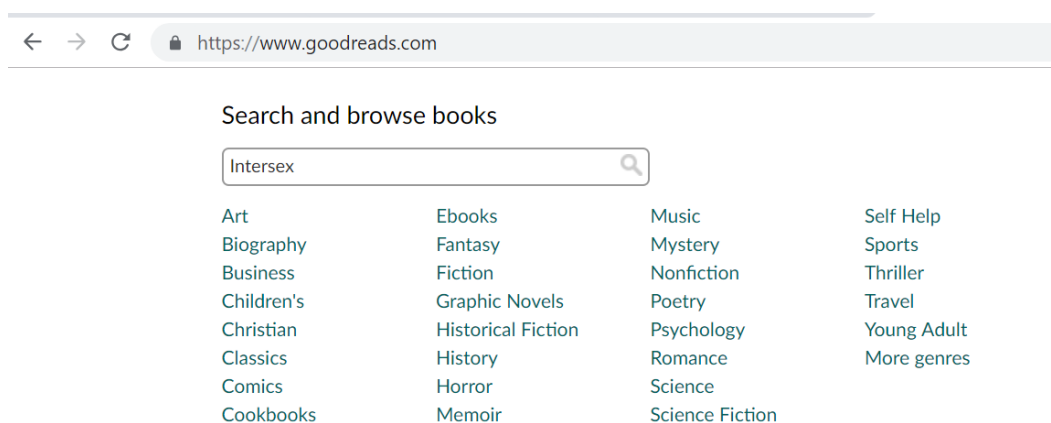
Goodreads foi utilizado como base de dados por outros(as) pesquisadores(as), com ênfase no aspecto de construção de comunidades leitoras, através dos grupos criados por usuários(as) no *site* (NAKAMURA, 2013), análises comparativas entre *sites* de redes sociais literárias (ANTOSH, 2010; WORRAL, 2015) ou como banco de dados para construção de

uma análise de prevalência de conteúdo sexual e tópicos de saúde sexual em livros (LIM; HELLARD; HORYNIAK, 2018).

Ressalta-se que o *Goodreads* não dá acesso aos livros em seu formato completo; todavia, por ser um *site* pertencente à empresa *Amazon*, indica *links* para a compra dos livros em formato físico ou *e-book*, de modo que facilita a aquisição destes.

Na página inicial do *site Goodreads* há uma seção denominada “*Search and browse books*” (“Pesquise e procure livros”) onde podem ser inseridas palavras para a consulta do acervo da base. Para a consulta definiu-se o descritor “*intersex*” por este funcionar como um caractere curinga, ou seja, é capaz de capturar também outras variações como *intersexuality*, intersexualidade, intersexo, entre outros. Além disso, o termo escolhido foi em inglês em decorrência de ser esse o idioma do banco.

Figura 4 – Ferramenta de busca “*Search and browse books*”



Fonte: Goodreads.com

Inicialmente foram indicados 109 resultados. Entretanto, durante a leitura flutuante identificou-se que, a partir da pesquisa com “*Search and browse books*” eram indicados apenas livros que possuíam o descritor no título. Essa funcionalidade da base pode ser interessante para outros tipos de pesquisa, como revisões bibliográficas. Entretanto, neste caso, explorou-se outra opção de busca pela compreensão que muitos livros não carregariam o descritor no título, algo que foi confirmado mais tarde em nova forma de consulta ao banco.

No lado esquerdo da página, com os resultados da consulta, o *site* indica estantes relacionadas (*related shelves*), que são listas de livros organizadas por temática ou características em comum. Desse modo, optou-se por fazer o mapeamento das obras literárias através da estante relacionada “*intersex*”, indicada na Figura 5 pela seta vermelha.

Figura 5 – Estantes Relacionadas (*Related Shelves*)

The screenshot shows the Goodreads search results for 'Intersex'. The main content area lists several books with their covers, titles, authors, and ratings. A red arrow points to the 'RELATED SHELVES' section on the right, which displays a list of categories and their corresponding book counts:

- non-fiction (6,784,529)
- memoir (881,410)
- lgbt (581,049)
- lgbt (580,878)
- queer (205,916)
- gender (124,527)
- intersex (1,432)

Fonte: Goodreads.com

Apesar de aparecerem inicialmente como 1.432 resultados (como visto na Figura 5), ao clicar no *link*, o próprio sistema do *Goodreads* faz o cruzamento de dados e excluem as repetições de versões/edições listadas, o que resultou em 165 títulos indicados (encontram-se no Apêndice). Ressalta-se que a estante “*intersex*” também é indicada como sendo duplicada com a “*hermaphrodite*” (hermafrodita), de modo que os mesmos livros estão presentes em ambas as listas.

Figura 6 – Lista de livros do quantitativo

The screenshot shows the 'Popular Intersex Books' list on Goodreads. The page displays five books with their covers, titles, authors, and ratings. The books are:

- Golden Boy (Hardcover)** by Abigail Tarttlin (Goodreads Author) (shelved 39 times as *intersex*) avg rating 4.09 – 7,277 ratings – published 2013
- Middlesex (Paperback)** by Jeffrey Eugenides (shelved 32 times as *intersex*) avg rating 4.00 – 552,938 ratings – published 2002
- None of the Above (Hardcover)** by I.W. Gregorio (Goodreads Author) (shelved 26 times as *intersex*) avg rating 3.88 – 11,688 ratings – published 2015
- Alex As Well (Paperback)** by Alyssa Brugman (shelved 18 times as *intersex*) avg rating 3.53 – 1,775 ratings – published 2013
- Pantomime (Micah Grey, #1)** by Laura Lam (Goodreads Author) (shelved 15 times as *intersex*) avg rating 3.91 – 2,763 ratings – published 2013

A 'SPONSORED BOOKS' section is visible on the right side of the page, featuring books like 'Links in the Chain of Life' and 'The Undiscovered Country'.

Fonte: Goodreads.com

Realizou-se o *download*¹⁹ em *Portable Document Format* (PDF) das páginas com a lista das indicações, bem como das páginas individuais dos livros indicados. Elas foram alocadas em *drive virtual* para evitar flutuações e mudanças no banco, permitindo o armazenamento das informações presentes no momento da pesquisa. A mesma estratégia vem sendo utilizada no grupo de pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica”, pois protege a pesquisa de oscilações na plataforma de origem dos dados, permitindo a criação de uma fonte de consulta independente na forma de um banco de dados próprio (OLIVEIRA *et al.*, 2019b).

As informações presentes nas páginas dos livros foram sistematizadas em planilha do *Excel* através das colunas: nome do livro, título original do livro, idioma original, *link* do *Goodreads*, sinopse, autor(a), ano de publicação do original, número de páginas, ISBN, prêmios literários (se tiver sido indicado ou recebido algum), línguas para as quais foi traduzido.

Figura 7 – Recorte da planilha

Nome do livro	Ano	Autor(a)	Título Original	Idioma	Sinopse	Prêmios literários ?	Nº de Páginas	ISBN	Link do Goodreads
Golden Boy (Hardcover)	2013	Abigail Tarttelin	-	Inglês	The Walker family is good at keeping secrets from the world. They are even better at keeping them from each other. Max Walker is a golden boy, with a secret that the world may not be ready for. This novel is a riveting tale of a family in crisis, a fascinating exploration of identity, and a coming-of-age story like no other.	sim	347	314767058	Golden Boy (Hardcover)
Middlesex (Paperback)	2002	Jeffrey Eugenides	-	Inglês	Middlesex tells the breathtaking story of Calliope Stephanides, and three generations of the Greek-American Stephanides family, who travel from a tiny village overlooking Mount Olympus in Asia Minor to Prohibition-era Detroit, witnessing its glory days as the Motor City and the race riots of 1967 before moving out to the tree-lined streets of suburban Grosse Pointe, Michigan. To understand why Calliope is not like other girls, she has to uncover a guilty family secret, and the astonishing genetic history that turns Callie into Cal, one of the most audacious and wondrous narrators in contemporary fiction. Lyrical and thrilling, Middlesex is an exhilarating reinvention of the American epic.	Sim	529	303124221	Middlesex (Paperback)
The Queen's Tiara	1834	Carl Jonas Love Almqvist	Dronings juvelsmycke	Sueco	This novel combines the tale of the beautiful and androgynous Tintomara with the assassination of Gustave III on the stage of his own opera house at a masque ball in 1792.	Não	290	319008504	The Queen's Tiara (Paperback)

Fonte: autora (2019)

4.1.2 Cruzamento

A segunda fase, denominada cruzamento, compreende a análise comparativa entre os documentos indicados pela base de dados, a fim de verificar a existência de repetições de material (OLIVEIRA *et al.*, 2017). A comparação dos documentos indicados em uma base de dados para exclusão de duplicatas é de suma importância para a consistência dos dados apresentados, principalmente em pesquisas descritivas que pretendem traçar um panorama histórico-geográfico de uma determinada produção.

Apesar de o próprio sistema do *Goodreads* não apontar diferentes edições de uma obra como livros distintos, realizou-se a averiguação do material coletado, para evitar que

¹⁹ Realizou-se o download no dia 27 de fevereiro de 2019.

houvesse algum livro cadastrado mais de uma vez ou alguma edição do mesmo livro que, por algum erro do sistema, pudesse ter duplicado seu registro. Isso ocorreu e foi percebido durante a análise comparativa, com a obra *Ari* que possui duas versões indicadas. As duas possuíam a mesma sinopse, eram da mesma autora que as publicou, respectivamente, com nome e pseudônimo: Cheryl Headford e Nephy Hart. Ou seja, através de uma pesquisa sobre a autoria, percebeu-se que se trata da mesma autora que escreve e utiliza nomes diferentes para assinar a mesma obra. Desse modo, manteve-se o livro mais antigo (de 2015) com a autoria indicada de Cheryl Headford, e o quantitativo passou a ser de 164 documentos para a etapa seguinte.

4.1.3 Refinamento

Constitui um movimento de qualificação da amostra, a partir da verificação da relação dos documentos com os objetivos da pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2017; ROCHA; OLIVEIRA, 2017; 2018). Neste momento de pré-análise, utiliza-se a leitura flutuante para adequar a seleção de documentos aos objetivos da pesquisa. A escolha dos documentos deve respeitar critérios de inclusão e exclusão que visam garantir a homogeneidade, a representatividade e a pertinência deles para a pesquisa (BARDIN, 2011).

Levando em consideração os objetivos, buscou-se criar critérios de inclusão capazes de transformar o material, inicialmente indicado, na base de dados em um *corpus* que permita o mapeamento de livros com protagonistas intersexo. Desse modo, traçaram-se os seguintes critérios: 1) o livro deve ser de ficção; 2) não deve fazer parte de série, saga ou trilogia; 3) ser do gênero literário romance (retirando-se poesias, contos, novela, antologias e crônicas da amostra); 4) ter sido escrito em português, inglês ou espanhol, privilegiando a versão escrita em sua língua original; 5) ter como personagem principal uma pessoa intersexo.

Destaca-se a utilização de critérios de *inclusão* para abarcar a compreensão de que a presença de obras que não correspondem aos critérios não significa a sua exclusão ou descarte absoluto, mas sim apenas a sua retirada do *corpus* destinado a esta dissertação. Nesse sentido, o banco de dados próprio, sistematizado em *drive* virtual, com a totalidade das obras indicadas permite o seu armazenamento para futuros estudos em que podem ser considerados diferentes recortes deste quantitativo ou a construção de novas análises, como, por exemplo, a de poesias. Ou seja, a definição dos critérios de escolha não negam a validade e riqueza de análise do material indicado pelo banco, apenas auxilia na construção de um *corpus* mais condizente com os objetivos específicos deste estudo.

No primeiro momento de refinamento, do resultado de 164, foram identificadas e retiradas, 47 obras que não eram de ficção como livros acadêmicos, autobiografias, biografias, entre outros. Dentre as 117 obras ficcionais, constatou-se a presença de 52 livros pertencentes a séries, sagas ou trilogias, de modo que foram excluídos do *corpus* por não se adequarem aos critérios. Em seguida, os livros foram classificados quanto ao seu gênero literário, retirado do quantitativo as seis antologias, duas *graphic novels* e três novelas. Assim, os documentos receberam a primeira classificação, conforme se observa a seguir:

Tabela 1 – Classificação dos documentos

Tipo de Obra	Quantidade	Tipos de Obras	Quantidade
Não-ficção	47	Livros e coleções de ensaios acadêmicos	33
		Autobiografias	09
		Biografias	03
		Livro de Colorir	01
		Volume de enciclopédia infantil	01
Ficção	117	Antologias	06
		Graphic Novels	02
		Novelas	03
		Livros pertencentes à sagas, séries ou trilogias	52
		Romances	54
Total geral	164		164

Fonte: autora (2019).

As sinopses dos 54 romances restantes foram submetidas à leitura cuidadosa com intuito de identificação de personagens intersexo. Quando não era possível essa identificação apenas com essas informações, foram acessados os *sites* oficiais dos livros e/ou realizada uma busca nas resenhas de usuários do *Goodreads*, através da ferramenta de busca (Ctrl + F) com o termo *intersex*. Ainda assim, não foi possível determinar se havia um personagem intersexo em quatro livros: *Blacker than Black* de Rhi Etzweiler; *Hinori's Journey* de Victoria Zagar; *Black Wine* de Candace Jane Dorsey e *The Parcel* de Anosh Irani.

Durante a leitura das sinopses, realizou-se outro movimento refinatório, com a retirada de livros cujos enredos eram de ficção científica. Considera-se importante, em estudo posterior, investigar como as representações fantásticas e de ficção científica são capazes de tencionar estereótipos de gênero e sexualidade por desafiar os limites impostos pela realidade. A literatura especulativa possibilita a criação de mundos que operam por regras diferentes, ao mesmo tempo em que espelham ou servem de comentário para práticas do mundo real. Como exemplo disso tem-se o livro *Shadow Man*, de Melissa Scott, cuja sinopse revela um mundo no qual existem cinco identidades sexuais humanas diferentes espalhadas

pela galáxia, ou *Son of Man*, de Robert Silverberg, onde personagens são capazes de mudar suas características sexuais livremente. A seguir, apresentamos importante informação nessa direção.

Quadro 1 – Obras de ficção científica

Nome do livro	Autor(a)	Ano	Idioma original
<i>Son of Man</i>	Robert Silverberg	1971	Inglês
<i>Night at the Circus</i>	Angela Carter	1986	Inglês
<i>Shadow Man</i>	Melissa Scott	1995	Inglês
<i>Androgyny</i>	Alison Venugoban	2000	Inglês
<i>Amaranth & Ash</i>	Jessica Freely	2010	Inglês
<i>Above</i>	Leah Bobet	2012	Inglês
<i>2312</i>	Kim Stanley Robinson	2012	Inglês
<i>A Memory Away</i>	Taylor Lewis	2014	Inglês
<i>Outcast</i>	Marc Saville	2014	Inglês
<i>Dalí</i>	E.M. Hamill	2017	Inglês
<i>An Unkindness of Ghosts</i>	Rivers Solomon	2017	Inglês
<i>Bind Me in Steel</i>	BEAST	2018	Inglês
<i>Somewhere in Between</i>	Natasja Hellenenthal	2018	Inglês

Fonte: autora (2019).

Nesse sentido, apesar de não fazerem parte do quantitativo final desta pesquisa – que visa o princípio de homogeneidade dos dados (BARDIN, 2011) –, estas obras ocupam também um papel importante na construção de imaginários sobre a intersexualidade ou, ao menos, em relação a outras maneiras de viver a sua expressão de gênero. Podem ser utilizadas em futuros estudos.

Além disso, percebeu-se que três obras que não apresentavam personagens intersexuais, os caracterizavam como transexuais. Desse modo, apesar de classificadas como *intersex* na base de dados, elas não possuem nenhuma relação direta com este estudo. Portanto, resultaram 34 obras em que foram identificados quem eram os personagens intersexo, como está descrito na Tabela 2.

Tabela 2 – Identificação dos personagens intersexo

Quem é o personagem intersexo?	Quantidade de livros
Obras com personagens principais	30
Obras com personagens secundários	04
Total geral	34

Fonte: autora (2019).

Dentre as 34 obras, a maioria (30) possui personagens intersexo com papel de protagonismo na obra, e em quatro delas, em que eles(as) desempenham personagens secundários(as), como detalhado no Quadro 2.

Quadro 2 – Obras com personagens intersexo secundários

Nome do livro	Autor (a)	Ano	Idioma original
<i>The Albino Album</i>	Chavisa Woods	2013	Inglês
<i>Province</i>	Delores Cremm	2016	Inglês
<i>The Game of Sexes</i>	Opal K. Dante	2016	Inglês
<i>That Inevitable Victorian Thing</i>	E. K. Johnston	2017	Inglês

Fonte: autora (2019).

Além disso, três livros não tinham como idioma original àqueles estipulados nos critérios de inclusão (português, inglês e espanhol) de modo que também foram retirados do quantitativo, restando um quantitativo final de 27 obras.

Quadro 3 – Livros em francês e japonês que possuem personagens principais intersexo

Título na lista do <i>Goodreads</i>	Título original	Idioma original	Autoria	Ano
<i>The Angel and the Pervert</i>	<i>L'Ange et les Pervers</i>	Francês	Lucie Delarue-Mardrus	1930
<i>The Cage of Zeus</i>	ゼウスの檻	Japonês	Sayuri Ueda	2004
<i>La Tête en bas</i>	<i>La Tête en bas</i>	Francês	Noëlle Châtelet	2002

Fonte: autora (2019).

4.1.4 Descrição

A quarta etapa concentra-se na descrição das 27 obras com personagens principais que resultaram após o refinamento. A fase de descrição tem como finalidade a exploração e descrição do material através de operações de codificação e decomposição em função de regras e parâmetros (BARDIN, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2017). O tratamento dos resultados obtidos permite estabelecer quadros de resultados que “condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise” (BARDIN, 2011, p.131).

No Quadro 4, apresenta-se os títulos das 27 obras, bem como sua autoria e ano de criação. Destaca-se que, após o refinamento, o *corpus* passou a ter apenas livros escritos originalmente em inglês. Destes, apenas duas obras apresentam no título a indicação da

intersexualidade dos personagens: *The Hermaphrodite* de Julia Ward Howe e *Confessions of a Teenage Hermaphrodite* de Lianne Simon.

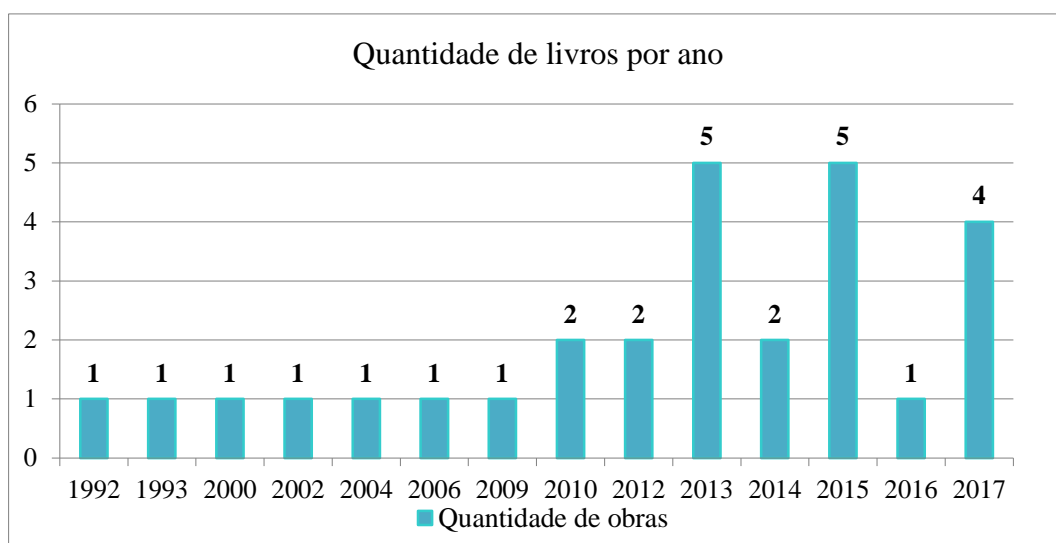
Quadro 4 – Livros, em inglês, com personagens principais intersexo.

NOME DO LIVRO	AUTORIA	ANO
<i>Raptor</i>	Gary Jennings	1992
<i>Witchbroom</i>	Lawrence Scott	1993
<i>The Danish Girl</i>	David Ebershoff	2000
<i>Middlesex</i>	Jeffrey Eugenides	2002
<i>The Hermaphrodite</i>	Julia Ward Howe	2004
<i>The Looming Fog</i>	Rosemary Esehagu	2006
<i>Fool for Love</i>	Lisa Lees	2009
<i>Annabel</i>	Kathleen Winter	2010
<i>The Reinvention of Love</i>	Helen Humphreys	2010
<i>Confessions of a Teenage Hermaphrodite</i>	Lianne Simon	2012
<i>Last Weekend</i>	Colin Geer	2012
<i>Golden Boy</i>	Abigail Tartelin	2013
<i>In Between</i>	Jane Hoppen	2013
<i>The Ballad of Third Gender</i>	A.P.U. Lin Cherry	2013
<i>The Case of Nikki Pagan</i>	Rachel Eliason	2013
<i>Alex As Well</i>	Alyssa Brugman	2013
<i>Double Exposure</i>	Bridget Birdsall	2014
<i>Song of the Spring Moon Waning</i>	E.E. Ottoman	2014
<i>A Proper Young Lady</i>	Lianne Simon	2015
<i>Ari</i>	Cheryl Headford	2015
<i>Double Take</i>	J.K. Pendragon	2015
<i>Lum</i>	Libby Ware	2015
<i>None of the Above</i>	I.W. Gregorio	2015
<i>Intersexion</i>	P.D. Workman	2016
<i>The Ministry of Utmost Happiness</i>	Arundhati Roy	2017
<i>The Silksmith's Girl</i>	Reece Pine	2017
<i>Waiting for Walker</i>	Robin Reardon	2017

Fonte: autora (2019).

Oliveira e colaboradores (2017) apontam a importância da descrição histórica dos documentos e a relevância de seu potencial analítico, de modo que a série histórica, ou seja, a frequência anual das obras tem papel significativo na descrição das informações. Percebe-se, que a obra mais antiga é de 1992, *Raptor* do autor Gary Jennings, seguida de *Witchbroom* de Lawrence Scott, lançada em 1993.

Gráfico 1 – Série histórica



Fonte: autora (2019).

As publicações que atendem aos critérios estabelecidos concentram-se após o século XXI, principalmente a partir de 2010, quando, com exceção de 2011, há a publicação de, pelo menos, uma obra com personagens principais intersexo, por ano, até 2017. Além disso, os anos de 2013 e 2015 tem a maior quantidade de publicações, com cinco obras cada.

Um critério também importante, no mundo literário, diz respeito às premiações. Assim, apresentamos, a seguir, informações, nessa direção:

Quadro 5 – Livros indicados à prêmios

Nome do livro	Prêmio(s) recebido(s)	Nomeado ao(s) prêmio(s)
<i>The Danish Girl</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Rosenthal Family Foundation Award (2001). 	<ul style="list-style-type: none"> • New York Public Library Young Lions Fiction Award (2001).
<i>Middlesex</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Pulitzer Prize for Fiction (2003) • Ambassador Book Award for Fiction (2003) • Audie Award for Fiction, Unabridged (2003) 	<ul style="list-style-type: none"> • James Tait Black Memorial Prize for Fiction (2003).
<i>Annabell</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Thomas Raddall Atlantic Fiction Award (2011) 	<ul style="list-style-type: none"> • Orange Prize Nominee for Fiction Shortlist (2011). • Scotiabank Giller Prize (2010). • Governor General's Literary Awards for Fiction, Indie Lit Award for GLBTQ (2010)

		<ul style="list-style-type: none"> • <i>CBC Canada Reads (2014), Rogers Writers' Trust Fiction Prize (2010)</i>
<i>In Between</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Golden Crown Literary Award for Lesbian Debut Author (2014)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Lambda Literary Award for LGBT Debut Fiction (2014)</i>
<i>Golden Boy</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>ALA Alex Award (2014),</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Lambda Literary Award Nominee for LGBT debut fiction (2014)</i>
<i>Double Exposure</i>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Golden Crown Literary Award, Foreword INDIES Book of the Year Award for Young Adult Fiction (Silver) (2014)</i> • <i>Tofte/Wright Children's Literature Award (2014)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Independent Publisher Book Award (IPPY)</i> • <i>Lambda Literary Award for LGBT Children's/Young Adult (2015).</i>
<i>The Ministry of Utmost Happiness</i>		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Man Booker Prize Nominee for Longlist (2017).</i> • <i>National Book Critics Circle Award Nominee for Fiction (2017).</i> • <i>Women's Prize for Fiction Nominee for Longlist (2018)</i> • <i>Andrew Carnegie Medal Nominee for Fiction (2018)</i> • <i>Goodreads Choice Award Nominbee for Fiction (2017)</i>

Fonte: autora (2019).

Das 27 obras, seis apresentam prêmios literários e uma possui apenas nomeações. Dentre elas, estão premiações prestigiadas como o Prêmio Pulitzer de Ficção (*Pulitzer Prize for Fiction*) recebido por Jeffrey Eugenides pelo seu livro *Middlesex*, bem como prêmios relacionados à literatura LGBTQIA⁺ como o *Lambda Literary Award*. Além disso, *The Ministry of Utmost Happiness* recebeu uma nomeação do *Goodreads Choice Award*, que é uma premiação do site *Goodreads*.

Por se tratar de obras literárias extensas, recorre-se à descrição a partir da leitura das sinopses. Como aponta Oliveira e colaboradores (2015, p. 150) esse tipo de recorte pode ser necessário ao “considerar o volume do material e o tempo disponível para a conclusão frente ao alcance da análise”. Para tanto, estabelece-se decodificações e categorizações de características comuns entre as obras que são percebidas, a partir da forma como elas são apresentadas em suas sinopses, que permite a análise de certos pontos e temáticas comuns.

A partir da leitura das sinopses das 27 obras, percebeu-se que 13²⁰ delas explicitam, de alguma forma, a intersexualidade dos personagens, seja pela utilização de termos como *intersex* ou *intersexuality*, ou através da apresentação de diagnósticos médicos de personagens, por exemplo: Síndrome de Insensibilidade Androgênia (*Androgen Insensitivity Syndrome*), em *A Proper Young Lady*, de Lianne Simon (2015). Entretanto, a maioria das obras (14) não informa nas sinopses que se trata de personagens *intersex*. Nesse sentido, para alguém que queira ver-se representado nesses livros, provavelmente, será necessário recorrer a listas como essa ou aos fóruns de discussão, para que consiga ter acesso a esses livros, uma vez que as sinopses não lhe dão informações suficientes.

A questão se coloca de maneira emblemática: até que ponto a arte imita a vida ou a vida que imita a arte? O silêncio e o sigilo presentes em histórias de pessoas intersexo encontram-se também nas sinopses. Assim como, durante anos, a afirmação sobre a condição intersexual das pessoas era mantida em sigilo, a intersexualidade dos personagens é mantida em segredo para o leitor da sinopse, sendo tratada como um mistério a ser desvendado. Isso pode ser percebido na sinopse de *Golden Boy* de Abigail Tarttelin, no qual o personagem principal Max Walker é descrito como “um garoto de ouro com um segredo que o mundo pode não estar pronto para saber”²¹. Ressalta-se que esse livro foi traduzido para a língua portuguesa sob o título de *Menino de Ouro*, pela Editora Globo Alt em 2013.

Outro exemplo da intersexualidade como segredo, aparece na sinopse de *The Case of Nikki Pagan* de Rachel Eliason, na qual se explicita que a personagem Nikki Pagan esconde um segredo que a faz estar internada na ala pediátrica do Hospital da Universidade de Iowa.

Desse modo, observa-se o segredo se configura como um elemento importante das sinopses.

4.1.5. Interpretação

Essa etapa impõe escolhas para a leitura aprofundada e interpretação de sentidos e significados apresentados na literatura sobre a intersexualidade. Diante das informações acumuladas durante o mapeamento das obras literárias, elegeu-se o livro *Middlesex* de Jeffrey Eugenides para a leitura completa e análise aprofundada das temáticas e concepções de intersexualidade presentes no enredo. Adicionaram-se os seguintes critérios: ter recebido o

²⁰ *The Hermaphrodite* [2004], *The Looming Fog* [2006], *Fool for Love* [2009], *Annabel* [2010]; *Confessions of a Teenage Hermaphrodite* [2012], *In Between* [2013], *The Ballad of Third Gender* [2013], *Double Exposure* [2014]; *Ari* [2015]; *A Proper Young Lady* [2015], *Lum* [2015], *None of the Above* [2015] & *Waiting for Walker* [2017]. As sinopses podem ser encontradas na lista alfabética de livros indicados pelo *Goodreads*, no Apêndice.

²¹ No original: “a golden boy, with a secret that the world may not be ready for.”

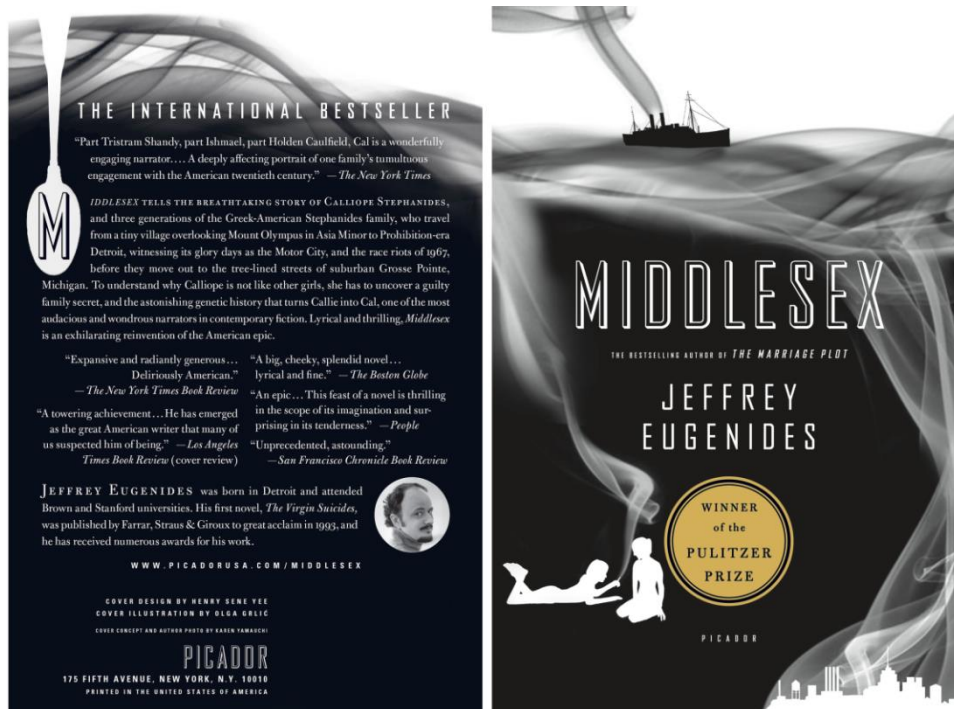
prêmio (Pulitzer), o que lhe dá mais visibilidade; possuir quantitativo grande de classificações por usuários²² (545.517) e de resenhas (22.098) no banco de dados *Goodreads*, o que aponta para um maior engajamento de leituras por parte de usuários. Por ser o livro com o maior engajamento de usuários, este parece alcançar a maior quantidade de pessoas, e participa na construção e disseminação de concepções acerca da intersexualidade.

Sendo assim, tendo como aporte teórico a Teoria de Vigotski e estudos relacionados à intersexualidade, reunidos durante a revisão de literatura, no próximo capítulo serão identificadas e discutidas temáticas presentes no enredo e como a obra é capaz de trazer elementos emblemáticos da experiência intersexual.

Para tanto, realiza-se a leitura completa da obra, destacando passagens, pontos de enredos e falas de personagens que sejam emblemáticas para o objetivo de pesquisa, a partir do qual será realizada a descrição dos personagens e do seu contexto de ação. Serão descritos e discutidos fragmentos da obra, buscando, nas falas dos personagens e do narrador, elementos que evidenciem uma experiência intersexual.

Ressalta-se que o livro adquirido para a leitura é a edição da obra em seu idioma original (EUGENIDES, 2002), apesar de ela ter sido traduzido para o português pela editora Companhia das Letras em 2014.

Figura 8 – Livro *Middlesex* de Jeffrey Eugenides



Fonte: Amazon.com

²² Classificações públicas em uma escala de 1 a 5 estrelas que os usuários do *Goodreads* podem fazer, de acordo com a sua opinião, em relação ao livro que leram.

A leitura foi realizada no idioma original, contudo, ao longo da análise utilizam-se as citações da tradução oficial brasileira (EUGENIDES, 2014), com a discussão de termos utilizados na versão original, quando estes não possuem os mesmos significados possíveis em português. Desse modo, é possível perceber, nesses trechos, como a tradução pode ser responsável também pela construção de diferentes significações pelo(a) leitor(a).

O conhecimento prévio da obra *Middlesex* anterior a sua leitura para análise, consistia nos dados apresentados anteriormente sobre as classificações dos usuários, as premiações recebidas e sua sinopse original (EUGENIDES, 2002), apresentada a seguir:

Middlesex tells the breathtaking story of Calliope Stephanides, and three generations of the Greek-American Stephanides family, who travel from a tiny village overlooking Mount Olympus in Asia Minor to Prohibition-era Detroit, witnessing its glory days as the Motor City and the race riots of 1967 before moving out to the tree-lined streets of suburban Grosse Pointe, Michigan. To understand why Calliope is not like other girls, she has to uncover a guilty family secret, and the astonishing genetic history that turns Callie into Cal, one of the most audacious and wondrous narrators in contemporary fiction. Lyrical and thrilling, *Middlesex* is an exhilarating reinvention of the American epic.²³

Sendo assim, as impressões e as interpretações não foram influenciadas por um conhecimento *a priori* de acontecimentos e contextos de ação dos personagens, para além daquilo apresentado pela sinopse e pelo conhecimento da intersexualidade de Cal. O percurso metodológico de análise consistiu na leitura dos capítulos, no destaque de passagens e no registro de interpretações iniciais de forma simultânea, seguida da construção formal das análises expostas no capítulo 5. A análise foi construída em partes, seguindo as quatro divisões estabelecidas na própria obra (*Livro Um*, *Livro Dois*, *Livro Três* e *Livro Quatro*) e a sua escrita aconteceu de acordo com estas secções.

Desse modo, utilizando os critérios anteriormente explicitados, adentremos no capítulo seguinte, nas análises daquilo que a história do personagem Cal Stephanides tem a nos dizer sobre intersexualidade, gênero, família, sexualidade, dualidade, segredos, entre outros aspectos que fazem parte da construção da sua narrativa.

²³ **Tradução nossa:** Middlesex conta a história (de tirar o fôlego) de Calliope Stephanides, e três gerações da família greco-americana Stephanides, que viaja de uma pequena vila, com vista para o Monte Olimpo, na Ásia Menor, até Detroit na época da Lei Seca, testemunhando seus dias de glória como o Motor City e os protestos raciais de 1967, antes de se mudar para as ruas arborizadas do subúrbio de Grosse Pointe, Michigan. Para entender por que Calliope não é como as outras garotas, ela tem que descobrir um segredo de família repleto de culpa e a surpreendente história genética que transforma Callie em Cal, um dos narradores mais audaciosos e surpreendentes da ficção contemporânea. Lírico e arrebatador, *Middlesex* é uma emocionante reinvenção do épico americano.

5. SENTIDOS E SIGNIFICADOS EM ESTRANHAMENTO: CONTRADIÇÕES VIVENCIADAS.

Neste capítulo, objetiva-se a investigação do conceito de intersexualidade presente na obra *Middlesex*, bem como a análise dos sentidos e dos significados de intersexualidades presentes na obra. Desse modo, são apresentadas as análises provenientes da leitura de *Middlesex*, com apresentação e discussão de fragmentos da obra que são emblemáticos para a discussão de temáticas relacionadas ao objetivo desta pesquisa. Concomitantemente à descrição de cenas, apontam-se diálogos possíveis entre gênero, intersexualidade e pressupostos teóricos da Psicologia Sócio-histórica.

Semelhante à forma como Vigotski não explora certas passagens da obra em sua crítica a Hamlet, há passagens que ficarão apartadas das considerações aqui expostas. Toassa (2009) aponta que, em sua crítica, o autor não explora a comicidade presente na peça de Shakespeare; entretanto, isso não significa que não a tenha percebido, apenas que a encruzilhada presente entre o aqui e o além, entre a palavra e o silêncio, que está presente na tragédia, era o ponto central que Vigotski pretendia explorar.

Nesta direção, a presente investigação de *Middlesex* e do personagem Cal Stephanides, volta o olhar para outras dualidades, contradições e aspectos relevantes para responder aos objetivos, ciente de que nesse movimento de construção faz-se necessário que sejam realizados recortes e que fiquem de fora discussões e passagens que seriam de suma importância, caso o foco da investigação fosse outro²⁴; no entanto, não concernem ao escopo deste estudo. Para tanto, há uma decomposição da totalidade original da obra para busca da composição de uma síntese ancorada na temática investigada.

A disposição dos resultados organiza-se com a apresentação de cenas em ordem cronológica, respeitando sua cronologia como forma de imersão na narrativa semelhante ao que experiencia um leitor da obra. Nesse sentido, segue-se o eixo histórico apresentado pelo personagem principal e narrador Cal Stephanides²⁵, que aos 41 anos resolve recontar sua história em busca de entendimento sobre seu passado e de sua família: “E, portanto, antes que seja tarde, quero registrar essa história de uma vez [...]” (EUGENIDES, 2014, p. 10). O modo como a narrativa está estruturada assemelha-se a um livro de memórias ou a uma autobiografia. Todavia, a história de Cal é fictícia.

²⁴ Como exemplo destes aspectos tem-se a questão da alienação e desumanização no trabalho, questionamentos sobre o que significa ser americano e a identidade do imigrante, entre outros. Existem também aspectos da forma que poderiam ser explorados em estudos do campo da Literatura.

²⁵ Nesta análise utilizamos pronomes masculinos para referir-se ao personagem, uma vez que estes são os pronomes que ele utiliza em sua vida adulta.

Apesar de *Middlesex* ser uma obra de ficção, Jeffrey Eugenides²⁶ injeta nela algumas de suas experiências em Detroit, onde nasceu e cresceu, e da forma que percebe a cidade como capaz de encapsular os elementos mais importantes da história americana (WOODWARD, 2015). Assim como Cal Stephanides, protagonista de *Middlesex*, seu pai nasceu nos Estados Unidos e seus avós são imigrantes gregos. Além disso, o escritor cresceu na cidade de Detroit e viveu durante alguns anos em Berlim, na vida adulta.

O livro é ambicioso, bem escrito e foi recebido com honras no meio literário. É creditado por muitos como a obra através da qual tiveram o primeiro contato com um personagem principal intersexo. Todavia, também foi alvo de criticismo. Uma das críticas recebidas é a que perpetua um discurso da heteronormatividade, uma vez que ao final o personagem vive como homem heterossexual (LEE, 2010), bem como interpretações da obra como apresentando um determinismo da sexualidade pelo gênero, que coloca a atração de Cal por mulheres como o princípio central da sua identidade masculina, invalidando uma possível leitura lésbica do personagem (REYNOLDS, 2021). Contudo, vale ressaltar que o personagem Cal em um momento da narrativa questiona porque a sua atração por mulheres determinaria seu gênero, ao estabelecer certo distanciamento entre gênero e sexualidade²⁷. Além disso, a obra apresenta uma personagem *intersex* lésbica, Zora, que apesar de personagem secundária reitera a possibilidade de vivência de diferentes sexualidades.

Middlesex possui 28 capítulos estruturados em quatro partes (Livros Um, Dois, Três e Quatro). No início de cada capítulo, Cal nos fala detalhes de sua vida no presente, ou em eventos de um passado não muito distante, antes de mergulhar novamente em suas memórias mais remotas. Além disso, resgata histórias anteriores ao seu nascimento com a intenção de ressignificá-las.

O “Livro Um” inicia-se com uma narrativa multifacetada do protagonista sobre seus (re)nascimentos. Ele apresenta a si mesmo ao citar pontos importantes de sua vida e anteriores ao nascimento, com base naquilo que ele foi descobrindo sobre sua família ao longo dos anos. Esta parte do livro enfoca as relações familiares precedentes ao nascimento do protagonista, como expectativas familiares e superstições para a descoberta do gênero de um bebê. O

²⁶ Jeffrey Eugenides é um romancista norte-americano nascido na cidade de Detroit e vencedor do prêmio Pulitzer de Ficção. Autor de diversos contos publicados em revistas literárias e de três romances *The Virgin Suicides* (1993), *Middlesex* (2002) e *The Marriage Plot* (2011), todos traduzidos para o português pela editora Companhia das Letras.

²⁷ “Por que eu acharia que era qualquer outra coisa que não uma menina? Porque sentia *atração* por outra menina?” (EUGENIDES, 2014, p. 422, grifo do autor). Esse trecho será abordado adiante na seção 3.3, p. 94.

binarismo aparece de forma presente em vários aspectos, seja em relação ao sexo do bebê, entre ciência e espiritualidade, social e biológico/genético.

No “Livro Dois” o foco passa a ser o estabelecimento da família Stephanides nos Estados Unidos, mais especificamente na cidade de Detroit, Michigan. A narrativa nesse momento apresenta situações e acontecimentos, em sua maioria, temporalmente anteriores ao nascimento de Cal, mas que possuem importância significativa para o entendimento das relações familiares e daquilo que culmina em seu nascimento. As referências a personagens da mitologia grega dão uma dimensão de ancestralidade, uma vez que a família tem raízes gregas; ao mesmo tempo também trazem consigo visões “americanizadas” do mito, de modo que materializa algo presente nessa seção do livro: as formas como a vivência nos EUA mudam os hábitos gregos dos avós de Cal, e subsequentemente, como influenciam na vida de seus pais e na dele.

No “Livro Três” adentramos, propriamente, o mundo de Cal, através do deslocamento da sua participação para um papel mais ativo dentro da história. Trata do período de sua infância e início da adolescência que antecedem a descoberta de sua intersexualidade e das descobertas iniciais sobre seu corpo e sua sexualidade. O narrador nos apresenta a Objeto Obscuro, garota por quem se apaixonou na infância, e as formas como seu relacionamento com ela fizeram o protagonista questionar a sua sexualidade na adolescência. Ao final desse livro, um acidente com um trator faz com que a intersexualidade de Cal seja percebida por um médico da emergência.

No “Livro Quatro”, a última seção da obra, há a resolução do embate entre duas forças opostas que impulsionavam a narrativa – o *silêncio* e a *palavra* – através da descoberta e compartilhamento de segredos. Traz o questionamento: é preciso a morte de Calíope para a existência de Cal? Questão que pode ser pensada a partir de uma concepção de rupturas e continuidades. Apresenta uma síntese da concepção de masculino e feminino através de coordenadas que incorporam esses aspectos em uma concepção de identidade construída a partir da dialética entre as partes que constituem o sujeito.

Como já foi abordado no capítulo de pressupostos teóricos, através do estranhamento, a leitura da obra permite um olhar inédito para a temática, por meio de sensações de reconhecimento e repúdio (FORESTE; CAMARGO, 2010). A partir do estranhamento, cenas cotidianas são apresentadas de uma nova maneira, de uma forma transformada e transformadora. A leitura *Middlesex*, permite perceber com um novo olhar as práticas naturalizadas da sociedade ocidental moderna, como as associações entre cores e costumes relacionados ao gênero da criança, concepções de normalidade e a patologização de corpos

que fogem do padrão hegemônico. Além de confrontar o(a) leitor(a) com concepções dicotômicas do mundo.

Do ponto de vista da forma, a narrativa de *Middlesex* é não cronológica e circular. O protagonista narra acontecimentos do passado e do presente de forma intercaladas, navegando entre suas memórias de infância, a história da sua família e vida no presente, em Berlim. Cada trecho relacionado à sua vida em Berlim, que abre os capítulos possui relação temática com os acontecimentos narrados nas páginas seguintes. Essa peculiaridade demarca uma relação interessante entre a forma e o conteúdo da obra. A forma de construção da narrativa nos permite fazer conexões entre acontecimentos de momentos temporais distintos e perceber as maneiras como o passado e o presente estão interligados.

5.1 À espera de alguém: expectativas familiares e de gênero no Livro Um

“Nasci duas vezes: primeiro como uma bebezinha, em janeiro de 1960, num dia notável pela ausência da poluição no ar de Detroit; e de novo como um menino adolescente, numa sala de emergências nas proximidades de Petoskey, Michigan, em agosto de 1974” (EUGENIDES, 2014, p. 09).

É assim que o protagonista e narrador de *Middlesex*, começa a contar sua história. Os marcadores de gênero já estão presentes desde as primeiras linhas da obra, que contam sobre um processo que perpassa o reconhecimento social do seu gênero como aquele que lhe foi assignado ao nascimento e, mais tarde, ao renascimento com o gênero de identificação. Ao escrever sua história, Cal Stephanides, aos 41 anos, já passou por esse processo e começa a olhar para o seu passado, sua família e suas relações com o próprio corpo.

Em seu processo de identificação, o personagem se compara a Tirésias, um profeta da mitologia grega que foi transformado pela Deusa Hera em uma mulher por sete anos: “Como Tirésias, fui primeiro uma coisa, depois a outra” (EUGENIDES, 2014, p. 09). Por meio dessa comparação, ele se estabelece como alguém que vivenciou uma socialização feminina durante um período de tempo, sua infância e parte de sua adolescência, mas que não se considera como alguém que se encaixa perfeitamente em termos binários. Vale ressaltar a importância da presença na cultura de referenciais artísticos que possibilitem a mediação entre o sujeito e a sua realidade. A diversidade da experiência de Tirésias – em ter tido uma corporeidade masculina, depois feminina, e por último voltar ao seu corpo original – é um exemplo interessante de corporeidades diversas na cultura que podem auxiliar na significação desse corpo no social. O mito de hermafrodito também é outro exemplo que reitera a função social que a arte possui, como já foi discutido na seção 2 da dissertação.

A narrativa de eventos anteriores ao seu nascimento aponta indícios de expectativas familiares em relação ao sexo do bebê: antes mesmo do nascimento de uma criança, já existem desejos e expectativas que irão se estruturar a partir de uma suposição de comportamentos, gostos, atitudes e subjetividades, baseadas em um corpo que tenha um pênis ou uma vagina (BENTO, 2011). Os brinquedos ofertados, as cores das roupas e o comportamento são influenciados por expectativas sociais que participam da constituição do sujeito.

A interpelação “é um/a menino/a” não apenas cria expectativas e gera suposições sobre o futuro daquele corpo que ganha visibilidade através dessa tecnologia, seus efeitos são protéticos: faz corpos. O gênero, portanto, é o resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos-sexuais [...] A suposta descrição do sexo do feto funciona como um batismo que permite ao corpo adentrar na categoria “humanidade” (BENTO, 2011, p. 550).

Diversos fragmentos são capazes de demonstrar como as expectativas dos pais de Cal, Tessie e Milton, para o nascimento de uma menina estão presentes, principalmente por já possuírem um filho²⁸. Além disso, há nos pais uma certeza que este desejo irá se tornar realidade.

Largada de pernas abertas na cadeira, minha mãe tentou sorrir. Não queria um menino. Já tinha um. Na verdade, estava tão certa que eu seria uma menina que pensara apenas em um nome para mim: Calíope²⁹ (EUGENIDES, 2014, p. 12).

Assim que resolveram ter outro bebê – o restaurante ia bem e Um-Sete-Um tinha saído das fraldas fazia um bom tempo –, Milton e Tessie concordaram que queriam uma filha. [...] Por mais que amasse o filho, Tessie sabia que certas coisas só conseguiria dividir com a filha (EUGENIDES, 2014, p. 12-13).

No carro, a caminho do trabalho, toda manhã, meu pai passou a imaginar uma menininha de olhos negros, irresistivelmente meiga. Ali ia ela no banco do passageiro – principalmente quando paravam num sinal vermelho – fazendo perguntas que ele ouvia com paciência e sabedoria. [...] O sinal ficava verde e ele seguia em frente. Mas aquele protótipo da minha pessoa persistia. [...] Tão agradável era sua companhia que meu pai, um homem prenhe de iniciativa, decidiu ver o que ele podia fazer para que a imagem se tornasse realidade. (EUGENIDES, 2014, p. 13).

Este desejo de ter uma menina se apresenta de forma incisiva, ao ponto que Milton decide que é preciso torná-lo realidade. Para tanto, recorre às teorias pseudocientíficas³⁰

²⁸ No livro o irmão de Cal é referido apenas como *Chapter Eleven*, na versão original (EUGENIDES, 2002) e *Um-Sete-Um* na tradução brasileira (EUGENIDES, 2014). O *Chapter Eleven* é uma forma de falência presente no Código de Falências dos Estados Unidos. A escolha do pseudônimo pelo narrador parece referir-se ao fato de que o seu irmão ao assumir o negócio da família, o levou à falência.

²⁹ Calíope é um nome de origem grega que faz referência à primeira das nove musas, considerada como inspiradora da poesia lírica (KURY, 2001). O narrador parece fazer ligação entre seu nome de nascença e o ato de escrever na abertura do livro quando pede que as musas cantem sobre a história da família Stephanides.

³⁰ O médico da família Dr. Philobosian, vai contra a ideia de que os métodos defendidos por Pete tenham mérito. “Diplomas ancestrais atrás dele, o doutor deu o veredito: ‘Bobagem. Espermatozoides masculinos que nadam mais rápido? Veja. O primeiro a ver espermatozoides num microscópio foi Leeuwenhoek. Sabe o que parecem pra ele: Vermes...’” (EUGENIDES, 2014, p. 20)

apresentadas por um amigo da família, Pete, na qual os espermatozoides portadores de cromossomos X nadavam mais devagar que os de cromossomos Y.

Tio Pete esclareceu: para ter uma menina, um casal deveria “manter comunhão sexual vinte e quatro horas antes da ovulação”. Dessa forma, o lépido espermatozoide masculino se apressaria e acabaria morrendo. O feminino, mais preguiçoso, porém mais confiável, chegaria lá bem quando o óvulo fosse liberado (EUGENIDES, 2014, p. 14).

Situações que apresentam oposição entre ciência e superstição, como podem ser observados no excerto acima e no excerto a seguir, são importantes para compreender o quanto crenças e expectativas marcam o nascimento do personagem. Nesse momento da história, esta oposição se ilustra no embate entre os pais de Cal, que utilizam artigos científicos e métodos para tentar conceber uma menina; e a sua avó, Desdêmona, que utiliza uma superstição para descobrir o sexo da criança, por meio de um fio e uma colher de prata. Os pais dizem que nascerá uma menina, a avó proclama o nascimento de um menino.

Atou um pedaço de barbante ao cabo. Então inclinando-se à frente, deixou a colher dependurada balançar sobre a barriga inchada da minha mãe. E, por extensão, sobre mim. [...] Depois de certa hesitação inicial, a colher balançou do norte para o sul, o que significava que eu seria um menino. (EUGENIDES, 2014, p. 12).

Mesmo com a previsão de Desdêmona, que até o momento mantinha um recorde perfeito de vinte e três palpites corretos quanto ao sexo dos bebês, isso não foi capaz de convencer o pai de Cal, mas o mesmo não pode ser dito de sua mãe.

Mas quando minha avó gritou em grego: “Um menino”, o grito ecoou pela cozinha, e dali para o corredor, atravessando-o na direção da sala de estar onde os homens discutiam política. E minha mãe, ao ouvir aquilo ser repetido tantas vezes, começou a acreditar que talvez fosse verdade (EUGENIDES, 2014, p. 12).

Naquela noite, meu pai falou: “Vinte e três acertos seguidos: um dia ela tem que errar. Vai ser dessa vez. Confie em mim”. “Não me importo que seja um menino”, disse minha mãe. “De verdade. Desde que seja saudável, com dez dedos nas mãos e dez nos pés”. “Como assim, ‘venha saudável’? É da minha filha que você está falando”. (EUGENIDES, 2014, p. 24).

Quando foi anunciado pelos médicos que se tratava de uma menina, a chegada de Cal ao mundo “marcou o fim das adivinhações sobre os bebês” (EUGENIDES, 2014, p. 24), pois sua avó foi tomada por melancolia ao saber sobre o sexo da criança. Cal narra que no dia de seu nascimento, seu pai estava “[...] suprido apenas de charutos enfeitados com fitas rosa [...]” (EUGENIDES, 2014, p. 24).

O detalhe da cor das fitas remete a associação entre a cor rosa e o feminino. Em seu livro *Pink and Blue: Telling the Boys from the Girls in America*, Paoletti (2012), através da análise de documentos e notícias, descreve o processo histórico através do qual a cor rosa passa a ser relacionada ao feminino, ainda que por um período, ela tenha sido considerada uma cor “mais forte”, e, conseqüentemente, mais adequada para meninos; enquanto azul, era delicado e preferível para meninas.

Segundo Paoletti (2012) até os anos 1770, roupas coloridas eram comuns para crianças, mas novas técnicas de alvejantes e o barateamento do algodão colaboraram para a instauração de vestidos brancos como vestimenta principal, uma vez que facilitava a lavagem frequente, além de possuir a simbologia de pureza e inocência. Ainda assim, a cor não desapareceu completamente dos guarda-roupas, mudando apenas de lugar e intensidade, permanecendo em itens que não precisavam ser limpos com frequência e podiam ser removidos com facilidade antes das lavagens, como laços e faixas.

Em suas análises, a autora aponta que só a evidência de cores associadas a gênero em meados do século XIX. Entretanto, as associações nesse momento histórico ainda eram inconsistentes, com a cor rosa sendo relacionada por vezes com roupas femininas, em outras com masculinas. Na maioria das vezes, azul e rosa apareciam como intercambiáveis e neutras, aparecendo muitas vezes em conjunto. Em jornais e livros sobre bebês, Paoletti (2012) encontrou também associações individuais de cores, em uma perspectiva mais ligada à moda, na qual as características físicas da criança eram o fator mais determinante da escolha de cores:

A seleção de rosa ou azul para uma criança individual na virada do século pode ter sido baseada no cabimento, de acordo com as regras de bom gosto do século XIX. Tons claros eram considerados mais lisonjeiros para a pele clara de bebês caucasianos, e a cor dos olhos era um fator importante na seleção do tom correto (PAOLETTI, 2012, p. 88, tradução nossa).

A codificação rosa-azul de gênero já estava presente em 1860, mas tornou-se dominante apenas nos anos 50 em grande parte dos Estados Unidos. No século XX, época em que se passa a história de *Middlesex*, rosa já estava bastante associada à feminilidade no imaginário social (PAOLETTI, 2012). Para Caldeira e Paraíso (2016, p. 764), a “associação das meninas com o rosa é uma das normas mais insistentemente ensinadas por diferentes artefatos culturais, repetida por diferentes discursos [...]”.

Ao final do primeiro capítulo do Livro Um, Cal volta a falar sobre o seu nascimento e demonstra como a percepção do outro não condiz com a percepção que ele tem de si mesmo. Enquanto os pais comemoram o nascimento de uma menina, e sua avó deixa de lado uma

tradição familiar, ele se vê como alguém percebido de forma errônea, forçado a usar o rótulo errado:

Saí do ventre da minha mãe para receber umas palmadas e uma limpeza de mangueira. Depois me enrolaram num cobertor e me puseram em exposição junto com outros seis bebês, quatro meninos e duas meninas, todos, **ao contrário de mim, corretamente etiquetados** (EUGENIDES, 2014, p. 25, grifo nosso).

Desse modo, compreende-se que essa percebida e assignada feminilidade já está presente na vida de Cal, desde antes de seu nascimento, em pequenos símbolos como fitas rosa ou etiquetas médicas que o rotulam como menina. Essa passagem invoca a maneira como diferentes signos da cultura rotulam/etiquetam as pessoas indicando papéis de gênero. Além disso, detalhes como cor de roupas e tipos de brinquedos participam da indicação de caminhos a serem trilhados socialmente. Os papéis de gênero são marcados por sentidos socialmente compartilhados (MOREIRA; SOUZA, 2017) e as cores/brinquedos também são produtos e produtores dessas expectativas de gênero (BUENO; ROCHA; SOARES, 2019; SOARES *et al.*, 2020).

Os brinquedos expandem aquilo que o médico anuncia sobre o gênero da criança, participando na construção de ideias do feminino e masculino (BENTO, 2011):

Uma criança que recebe de presente bonequinhas para cuidar, dar de mamar, fogõezinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadora, bondosa) e terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer esses atributos. Ou então, se essa criança ganha revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público (BENTO, 2011, p. 551).

Em artigo sobre uma brinquedoteca hospitalar, Bueno, Rocha e Soares (2019) discutem a importância de uma leitura crítica da disposição do acervo de brinquedos visando a construção de ambientes menos reforçadores de padrões de gênero, por meio do esquivamento de associações diretas entre brinquedos/cores e gênero. A utilização dos termos descritivos dos objetos como “carrinho”, “boneca”, “panela” ao invés de associações comuns como “brinquedo de menina” e “brinquedo de menino”, possibilitava uma maior liberdade de escolha por parte das crianças, que tinham acesso a qualquer um desses objetos, sem receber quaisquer repreensões por parte da equipe. Desse modo, estratégias que potencializem a quebra dessas etiquetas podem auxiliar na construção de novas cadeias de significação acerca dos papéis de gênero.

Na primeira parte da obra, o sigilo e a invisibilização aparecem de maneira marcante em associação à medicina e publicações afins. O narrador evoca uma imagem de si mesmo, comum em materiais acadêmicos: “Sou eu na página 578, totalmente sem roupa, de pé ao lado

de um gráfico de medição de altura com uma tarja preta cobrindo os olhos” (EUGENIDES, 2014, p. 09). Essa invisibilidade à mostra esconde sua identidade e protege sua privacidade, ao mesmo tempo em que expõe o seu corpo como objeto de estudo.

Isto também parece alimentar um sentimento de desumanização por parte do personagem que se sente como objeto de estudo e cobaia de médicos, além de ser alvo de preconceito na escola: “Meus colegas de escola me ridicularizaram, servi de cobaia para médicos, me submeti a apalpações de especialistas e às pesquisas da Fundação March of Dimes [...]” (EUGENIDES, 2014, p. 09-10).

Em sua fala, a medicina, em especial a genética, aparece por vez de forma objetiva e descritiva; em outros, contornada por aspectos míticos em uma prosa repleta de simbologia:

Canta, ó Musa, a mutação recessiva do meu quinto cromossomo! Canta como foi que ela floresceu há dois séculos e meio nas encostas do Monte Olimpo, enquanto baliam as cabras e caíam ao chão os frutos das oliveiras. Canta a jornada por nove gerações, através da qual, invisível, ela ganhou corpo no caldo contaminado da família Stephanides (EUGENIDES, 2014, p. 10).^{31 32}

As raízes da família Stephanides são gregas. Seus avós moravam na Grécia até que uma guerra os forçou a procurar condições melhores de sobrevivência nos Estados Unidos. Nesse excerto, Cal evoca a figura de Hermafrodito e traça a sua mutação às costas do Monte Olimpo, onde a história dele se passa. O narrador fala que a retrospectiva que faz das suas recordações e das memórias de sua família são uma tentativa de registrar “[...] essa jornada atribulada de um único gene através dos tempos” (EUGENIDES, 2014, p. 10). Uma tentativa de retomar sua história e entender a si mesmo e o corpo em que habita.

Além disso, descreve eventos que não foi capaz de presenciar – sentimentos de seus avós, acontecimentos detalhados anteriores ao seu nascimento, além daquilo que não *pode* ser visto, como seus genes.

Com seis semanas, tenho olhos e ouvidos. Com sete, narinas, lábios até. Meus genitais começam a se formar. Os hormônios fetais, a partir de instruções dos cromossomos, inibem os ductos de Müller enquanto desenvolvem os de Wolff. Meus vinte e três pares de cromossomos se ligam e se cruzam, fazendo girar a roleta [...] Arregimentados, meus genes executam suas ordens. Todos menos dois, **uma dupla de desgarrados – ou de revolucionários, conforme o ponto de vista** – escondida no cromossomo de número 5. Juntos, os dois me surrupiam uma enzima, o que interrompe a produção de certo hormônio, o que complica minha vida (EUGENIDES, 2014, p. 23, grifo nosso).

³¹ A passagem “o caldo contaminado da família Stephanides” refere-se à relação incestuosa e secreta entre os avós de Cal, que são irmãos.

³² A construção dessa passagem parece fazer referência à forma utilizada por Homero em *Ilíada*: “Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos, Verdes no Orco lançou mil fortes almas [...]” (HOMERO, 2012). O narrador de *Middlesex* também traça relação semelhante: “Desculpe, às vezes minha prosa parece um pouco homérica.” (EUGENIDES, 2014, p. 10). Além disso, seu nome de nascença, Calíope, é o mesmo de uma das musas vinculadas às obras homéricas.

No texto original em inglês, o narrador descreve os genes responsáveis por sua intersexualidade, a depender do ponto de vista, como *miscreants*³³, termo que pode ser entendido como algo/alguém que se comporta de forma ruim³⁴. Colocar o ponto de vista como elemento que difere o errado/ruim do revolucionário, apresenta um paralelo interessante com a visão da intersexualidade como erro da natureza, como distúrbio; e a intersexualidade como outra forma de vivência.

Essa visão, que apresenta aspectos contraditórios e opostos, materializa a questão dialética que se encontra nas raízes do pensamento vigotskiano, herança de seus estudos relacionados à Marx e Hegel. Desse modo, não se considera que pontos de vistas opostos sobre um fenômeno o invalidam, mas que é possível que haja a incorporação e a inclusão das contradições presentes nele, dando força ao argumento através da negação da negação (DORIA, 2004), que reconhece as contradições presentes na própria experiência humana.

A dualidade se apresenta de uma forma potente na obra, nas oposições não só presente no trecho selecionado, mas entre outros aspectos já citados como ciência/superstição e masculino/feminino, e outros que serão abordados nas divisões seguintes da obra. Eugenides parece convidar o leitor, em um movimento que se assemelha ao dialético, a perceber essas oposições, mas não tomar como verdade única nenhum dos polos apresentados nessa oposição, pelo contrário, convida a incorporar essas contradições. A questão da dualidade toma uma dimensão maior com o avanço da narrativa, principalmente no que diz respeito à questão mente e corpo, de modo que a potencialidade dialética e a discussão desses aspectos serão abordadas posteriormente.

5. 2. O Minotauro à procura de si no labirinto: o personagem ativo no Livro Dois

Nessa seção do livro, Cal enfatiza, em sua narrativa, os acontecimentos que antecedem seu nascimento, com algumas interrupções quando algo lhe remete à sua infância ou através de anedotas sobre seu passado e seu presente. Isso permite a imersão do leitor na história de seus avós, sem que esqueça que Cal é um elemento ativo na história e não apenas seu narrador. Em diversos momentos ele parece falar diretamente com quem lê.

³³ Na tradução para o português feita por Christian Schwartz (EUGENIDES, 2014), ele traduz o termo *miscreants* para “desgarrados”, porém esse termo polissêmico pode assumir um sentido negativo que não necessariamente se apresenta na sua versão traduzida, de modo que achamos importante trazer essa repercussão possível na interpretação. Em inglês a frase está assim: “All except two, a pair of *miscreants* – or revolutionaries, depending on your view [...]” (EUGENIDES, 2002, p. 18).

³⁴ “*Noun*. A person who has done something wrong or unlawful. [...] *Adjective*. (of a person) behaving badly or unlawfully.” (MISCREANT, 2021).

Quando seus avós paternos chegam a Detroit, imigrantes fugindo de uma guerra no seu país de origem, eles têm que passar por um Saguão de Registro, onde os passageiros do navio ficam em filas, enquanto são examinados por inspetores de saúde que determinam quem pode entrar no país:

Marcava a barriga de uma mulher grávida com Gr. Rabiscava um C sobre o peito de um velho com problemas cardíacos. Diagnósticos de conjuntivite, favo e tracoma eram assinalados com Cj, F e T, respectivamente. Mas, por mais bem treinados que fossem, os olhos de médico algum seriam capazes de detectar uma mutação genética recessiva oculta num quinto cromossomo. (EUGENIDES, 2014, p. 93-94).

Esse trecho traz à tona aspectos classificatórios da medicina, que dá nome aos fenômenos e classifica as pessoas, embora apresente pontos cegos em que certas coisas não são possíveis de serem vistas, como uma mutação genética que passaria de geração em geração até chegar em Cal. O “ponto cego”, apresentado na situação exposta pela chegada dos avós, pode ser extrapolado para outros momentos da narrativa no qual a lógica biomédica é questionada, a exemplo do embate apresentado entre superstição e ciência através de Desdêmona.

Seus avós, Desdêmona e Esquerdinha³⁵, se estabelecem junto à sua prima, Lina e seu marido Jimmy Zizmo, que consegue um emprego para Esquerdinha na Ford. Eles contam a Lina que se casaram no barco a caminho dos EUA, e ela decide manter segredo do fato de serem irmãos, uma vez que ela também possui seus próprios segredos. O casamento de Lina com Zizmo foi arranjado pelo seu pai para que ela pudesse ir embora da vila onde existiam rumores sobre sua sexualidade e ir para América, onde seu marido nunca tinha ouvido falar sobre eles.

Meus avós tinham todos os motivos para acreditar que Sourmelina manteria segredo. Também trouxera o seu ao vir para a América, um segredo guardado por nossa família até a morte dela, em 1979, quando postumamente foi revelado, como acontece com os segredos de todo mundo, e as pessoas passaram a falar das “namoradinhas de Sourmelina” (EUGENIDES, 2014, p. 98).

O sigilo e o segredo aparecem entrelaçados no tecido narrativo do segundo livro e estão sempre presentes de uma forma ou de outra. De maneira mais explícita, temos dois segredos: Lina não sente atração por homens e Desdêmona e Esquerdinha são irmãos. Ambos são fontes de vergonha pelos seus receptores. O segundo segredo torna-se motivo de sofrimento para Desdêmona, que acredita que tal ato não pode permanecer sem punição e que em algum momento sofrerá com um castigo divino. Quando ela engravida, esse medo se transforma em uma certeza que o bebê será o receptor do castigo, principalmente depois de

³⁵ Lefty, na língua original, é apelido derivado do seu nome Eleutherios. *Left* em inglês significa esquerda.

uma conversa com o Dr. Philobosian, sobre as antigas crenças de nascimento de bebês com deformidade:

“Essas bobagens todas são da Idade das Trevas. Hoje sabemos que a maioria das deformidades de nascença é consequência da consanguinidade dos pais.” [...] “Causa todo tipo de problema. Deficiência mental. Hemofilia. Vejam os Romanov. Ou qualquer outra família real. Mutantes, todos eles”. (EUGENIDES, 2014, p. 131).

Desdêmona se recordava de histórias contadas pela mãe sobre crianças estranhas nascidas em outros vilarejos. Apareciam a intervalos de algumas gerações, bebês com alguma doença. [...] De quando em quando, surgiam esses bebês, que sempre tinham fins trágicos; se matavam, fugiam com o circo, eram vistos anos depois, esmolando ou se prostituindo em Bursa. (EUGENIDES, 2014, p. 132).

Quando Milton, pai de Cal, nasce saudável, Desdêmona faz uma promessa para não ter filhos novamente, entretanto, a quebra quando engravida novamente, reascendendo a sua preocupação.

Desde o momento em que soube que estava grávida minha avó novamente passou a ser atormentada pelo medo de que o bebê nascesse com alguma horrenda deformidade. Na Igreja Ortodoxa, até mesmo filhos de compadres muito próximos eram impedidos de casar, com o argumento que isso constituiria incesto espiritual. E não era nada se comparado ao caso deles! De modo que Desdêmona sofria, sem conseguir dormir à noite à medida que o novo bebê crescia dentro dela (EUGENIDES, 2014, p. 132).

Durante o mesmo período da primeira gravidez de Desdêmona, Lina também está grávida e tudo aponta para o fato de terem engravidado na mesma noite. As duas crianças, que nascem com poucos dias de diferença, são os pais de Cal. O narrador chama atenção para como a sua árvore genealógica é entroncada³⁶ e como esse conjunto de circunstâncias que culminou no seu nascimento permitiu que um gene viajasse, de corpos em corpos, até chegar nele, causando uma mutação no seu quinto cromossomo.

As enfermeiras exibiam os dois bebês. O menino foi batizado de Miltiades, em homenagem ao grande general ateniense, mas seria chamado de Milton, como o grande poeta inglês. A menina, que crescerá sem pai, recebeu o nome de Theodora [...] Mas tinha outra coisa que eu queria mencionar sobre esses dois bebês. Uma coisa impossível de enxergar a olho nu. Cheguem mais perto. Isso. Exatamente: Cada um com sua mutação (EUGENIDES, 2014, p. 140-141).

Outro aspecto digno de menção é como as divisões de gênero são abordadas. Enquanto Esquerdinha trabalha na linha de montagem da Ford, Desdêmona cuida da alimentação e da limpeza da casa. Essa organização continua durante vários anos até que por falta de dinheiro, Desdêmona decide procurar um emprego trabalhando com seda. Apesar disso, eles não mantêm à risca as divisões na casa, algo que Jimmy Zizmo faz:

³⁶ “Sormelina Zizmo (*née* Papadiamandopoulos) não era apenas minha prima-tia de terceiro grau. Era também minha avó. Meu pai era sobrinho de sua própria mãe (e de seu próprio pai). Além de meus avós, Desdêmona e Esquerdinha eram minha tia-avó e meu tio-avô. Meus pais seriam primos-tios de segundo grau e Um-Sete-Um, meu primo de terceiro grau, além de meu irmão.” (EUGENIDES, 2014, p. 218).

A casa tinha ambientes segregados pelo sexo, da mesma forma que as casas da *patridha*, o velho país, homens na sala, mulheres na cozinha. Duas esferas com preocupações e, responsabilidades e até mesmo – talvez dissessem os biólogos evolucionários – padrões de pensamento diferentes (EUGENIDES, 2014, p. 104).

Em contraposição, Esquerdinha e Desdêmona estavam acostumados a uma casa sem esse tipo de segregação, e tratavam-se com mais igualdade do que Zizmo e seus contemporâneos, algo que fica claro quando, em retaliação por sentir-se ignorado, Esquerdinha reinstala normas mais tradicionais em casa:

Dali em diante, a relação dos meus avós começou a mudar. Até o nascimento de Milton, Esquerdinha e Desdêmona tinham desfrutado de um casamento atipicamente íntimo e igualitário para aquela época. Mas, Esquerdinha, sentindo-se excluído, retaliou com a ajuda da tradição. Parou de chamar a esposa de *Kukla*, que significa boneca, e passou a chamá-la de *kyria*, “senhora”, Reinstituindo a segregação de sexos na casa, voltando a reservar a sala aos amigos e banindo Desdêmona para a cozinha. Começou a dar ordens. “*Kyria*, meu jantar”. Ou: “*Kyria*, traga as bebidas!”. Agia como os homens de seu tempo e ninguém viu nada de excepcional nisso [...] (EUGENIDES, 2014, p. 147).

Ao dizer que ele agia como um homem de seu tempo, o narrador reforça a mudança de comportamento de Esquerdinha, que era mais igualitário; para a época, uma exceção e não a regra. Uma figura que incorpora o outro lado é Jimmy Zizmo, que vocaliza de forma mais explícita opiniões machistas, discorrendo sobre a inferioridade das mulheres e o seu papel de servitude. Ao mesmo tempo em que o narrador apresenta as visões de Zizmo, também as rejeita, uma vez que o personagem é visto com pouca simpatia pelo narrador.

Jimmy Zizmo era tantas coisas que nem sei por onde começar. Ervanário amador; antisufragista; caçador de animais de grande porte; ex-presidiário; traficante de drogas; abstinente – vocês escolhem. Tinha quarenta e cinco anos, o dobro da idade da esposa. (EUGENIDES, 2014, p. 101).

As atitudes e opiniões machistas de Zizmo aparecem de formas diversas. Uma delas é a maneira como trata sua esposa, Lina, com atitudes superprotetoras e controladoras. Pode-se perceber uma forma de preconceito velada, disfarçada de cuidado e proteção; na verdade, suas ações são controladoras e machistas.

Em artigo sobre o preconceito e o bullying, Crochík (2019) aborda o preconceito através de duas dimensões: a cognitiva, que diz respeito à expressão de conteúdos através de estereótipos que são internalizados; a afetiva, que se baseia em valores e emoções, com tendência à ação. Por sua vez, a dimensão afetiva pode se manifestar de três formas: hostilidade, compensação/superproteção e frieza/ indiferença.

[...] poderíamos dizer que o primeiro tipo de preconceito – compensação do desejo de exclusão – seria uma inclusão sombreada pela exclusão; o segundo tipo – a hostilidade – pregaria a exclusão, para fortalecer a exclusão dos próprios desejos e temores do preconceituoso; e o terceiro tipo – a frieza – implicaria a pior forma de exclusão, pois se negaria presença ao que está presente (CROCHÍK, 2011, p. 38).

Na superproteção do alvo de preconceito há uma não-aceitação da hostilidade em relação a ele, que se manifesta através da compensação do desejo de exclusão. É possível notar isto na relação entre Zizmo e Lina, que a protege e a trata como frágil, porém as atitudes dele mascaram sua hostilidade em relação às mulheres. Desdêmona e Esquerdinha percebem, inicialmente, essas atitudes como cuidado, mas é possível notar como Zizmo procura despir a esposa de qualquer independência, por achar que ela não tem capacidade pra possuí-la: “Estava o tempo todo lhe dizendo o que podia e o que não podia fazer, esbravejando por causa do preço e dos decotes dos trajes dela, mandando que fosse dormir, que se levantasse, que falasse, que ficasse quieta” (EUGENIDES, 2014, p. 104).

A visão hostil e preconceituosa de Zizmo fica clara ao posicionar-se em relação às mulheres como promíscuas e controladas por desejo. Portanto, sua crença errônea de que a gravidez de Lina é fruto de traição.

“Lembra daquela peça que a gente foi ver? Tudo que é mulher é daquele jeito. Era só dar uma chance que saiam todas fornicando com touros.” [...] “As mulheres não são como nós. A natureza delas é carnal. O melhor que a gente faz é trancá-las num labirinto”. (EUGENIDES, 2014, p. 128).

Além disso, ele coloca uma distinção clara dos papéis de gênero e aquilo que é permitido ao sexo oposto. Parte de uma suposta superioridade dos homens e apresenta um raciocínio baseado na oposição – nós (homens) e elas (mulheres) – para argumentar sobre falhas fundamentais da natureza das mulheres que deveriam impedi-las de participar de alguns espaços (como a sala de casa) e realizar determinadas ações (dirigir, votar, discutir política): “[...]‘Não aprovo essa história de mulher dirigir, fique sabendo. E agora elas querem votar!’ Resmungou consigo mesmo.”(EUGENIDES, 2014, p.127).

No segundo livro da obra, as referências à mitologia grega surgem com maior frequência. Este é um aspecto digno de nota, principalmente a menção à figura mítica Minotauro. Na mitologia grega, o Minotauro é uma criatura com corpo de homem e cabeça de touro, fruto da relação entre Pasifae e um touro mandado a Minos por Poseidon. Minos havia feito uma promessa ao Deus do Mar, mas quando falhou em cumpri-la, Afrodite fez com que sua esposa se apaixonasse pelo touro, dando à luz a criatura cujo nome verdadeiro era Astério. Horrorizado com a criatura, Minos mandou construir um labirinto onde o Minotauro viveria prisioneiro (KURY, 2001).

Os avós de Cal assistiram à peça de teatro sobre o Minotauro na noite da concepção de seus filhos, que se tornariam os pais de Cal. O narrador também nos conta sobre a sua própria relação com a peça, aos oito anos. Cal parece se comparar ao Minotauro em alguns momentos do livro, e, em retrospecto, condena a sua falta de entendimento daquela figura na infância,

para além de sua suposta monstruosidade, ao torcer pela vitória de Teseu, que mata o Minotauro.

“Lá vem o Minotauro!” E estremeço de medo e de prazer. Não me parece mais que acadêmico, então, o triste destino da criatura. Astério, sem ter nenhuma culpa, nasceu como um monstro. Fruto envenenado da traição, coisa vergonhosa a ser escondida; não entendo nada disso aos oito anos. Torço por Teseu...(EUGENIDES, 2014, p. 139).

A figura do Minotauro traz um paralelo interessante para a maneira como a percepção do diferente o coloca na categoria de monstruoso, horripilante ou anormal. Foucault (2003) discorre sobre as relações entre anormalidade e monstruosidade ao apontar três tipos de anomalia, sendo uma delas o *monstro humano*, categoria que, em sua análise, o hermafroditismo³⁷ fazia parte na Idade Média.

A visão do Minotauro apenas como um monstro coloca em sua fisicalidade e sua genética o peso de determinar quem é, sem consideração por outros aspectos de sua existência. A “anomalia” é o que o condena ao ostracismo e o torna repugnante aos olhos de Minos e da Sociedade, e faz com que ele seja mantido em um lugar longe aos olhos. A figura do labirinto como prisão pode ser pensada não só como algo físico, mas como uma forma de apagamento e silenciamento. Ele deixa de ser Astério, torna-se monstro, torna-se um segredo. De certa maneira, Cal também se encontra em um labirinto.

O narrador inicia o capítulo intitulado “*Minotauro*”, no qual aborda sua esterilidade, e declara que este é um dos motivos pelo qual nunca se casou, juntamente com o sentimento de vergonha que possui:

Uma palavra sobre minha vergonha. Não compactuo com ela. Estou fazendo o possível para superá-la. O movimento pela intersexualidade tem por objetivo acabar com a reconstituição genital cirúrgica de crianças. O primeiro passo é convencer o mundo – e os endocrinologistas pediátricos, em particular – de que genitais hermafroditas não são uma doença (EUGENIDES, 2014, p. 120).

Santos e Araújo (2003) apontam que as experiências vivenciadas em constantes consultas médicas e possíveis procedimentos cirúrgicos, também podem corroborar para uma autopercepção de uma diferença pelo indivíduo intersexo. Esse “sentir-se” diferente, principalmente quando não há acesso a outras pessoas intersexuais e referências na Arte, pode agravar o sentimento de vergonha.

Sabe-se que há um número expressivo de pessoas intersexo (BELLESA, 2017; BARRETO, 2018), entretanto, a intersexualidade ainda é, relativamente, pouco conhecida dentro e fora da academia, configurando-se como um assunto tabu,

³⁷ Ele utiliza o termo hermafrodita e hermafroditismo, visto que eram os termos em vigência na época.

[...] como um assunto quase proibido, como uma condição sombria e fronteira cuja visibilidade empurraria o binarismo sexual e de gênero no qual se ancora a heteronormatividade para um abismo possivelmente fatal, e que desafiou a lógica classificatória e cartesiana da modernidade. (BARRETO, 2018, p. 51).

Para tanto, o sofrimento não se encontra apenas em um conflito interno, mas também por meio do preconceito e da condenação social às pessoas que, em algum aspecto, diferem da maioria ou da tradição (PEREIRA, 2018). O sofrimento vivenciado pela pessoa intersexo provém do estigma social e da discriminação que a ronda por possuir um corpo que contraria a norma binária (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009; OLIVEIRA, 2012). O silêncio, por vezes, aparece como forma de autoproteção contra o preconceito e o estigma social em torno da intersexualidade. Cal, na sua vida adulta, ainda trata a sua intersexualidade como um segredo que ele conta a certas pessoas e a outras não.

Só umas poucas pessoas aqui em Berlim sabem do meu segredo. Conto para mais gente do que costumava, antigamente, mas não sou nem um pouco coerente. Há noites em que me revelo a pessoas que acabei de conhecer. Em outros casos, mantenho silêncio indefinidamente (EUGENIDES, 2014, p. 121).

Entretanto, quando se trata de mulheres por quem ele tem interesse amoroso a sua estratégia é manter o segredo indefinidamente. O silêncio se manifesta não só pela falta de verbalização de sua intersexualidade; mas, simbolicamente, na forma como ele esconde a si mesmo, não ficando em um relacionamento o tempo suficiente para que a pessoa o conheça de verdade, por medo de que ela descubra sua intersexualidade: “Quando conheço alguém de quem gosto e que parece gostar de mim, recuo.” (EUGENIDES, 2014, p. 121).

Na tentativa de evitar a discriminação – e a angústia associada a ela – o silenciamento em relação à intersexualidade acaba sendo o comportamento adotado por muitos, ainda que esse sigilo também gere sofrimento para as demais pessoas, tanto para intersexuais (CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS; LIMA, 2009; MÉLLO; SAMPAIO, 2012) quanto para seus familiares (ACÁCIO; ZANOTTI; MONLLEÓ, 2018). Além disso, em um movimento cíclico, o silêncio perpetua o desconhecimento social e a invisibilização sobre o fenômeno, o que propicia o surgimento de maior desinformação e estigmatização.

Assim como o Minotauro, Cal encontra-se em um labirinto. A sociedade o aponta como diferente e anormal, excluindo-o para um lugar de invisibilização. Entretanto, Cal também é arquiteto³⁸ do seu próprio labirinto, por medo de exposição e do sofrimento ligado à exclusão social. Escolheu trabalhar no Escritório de Relações Exteriores, uma profissão que faz com que ele tenha que se mudar constantemente, nunca passando muito tempo em um

³⁸ Ressalta-se que na construção do seu “labirinto”, está em jogo não só aspectos de escolhas individuais, mas também a internalização de aspectos socioculturais acerca da intersexualidade.

lugar fixo. Desde que passou a viver socialmente como homem nunca mais parou de mudar de cidade ou mesmo de país. Esconde-se dos outros e mantém relacionamentos curtos, pois prefere o desconforto do labirinto ao invés de arriscar a imprevisibilidade e um possível sofrimento relacionado a ser realmente conhecido por outra pessoa.

Além disso, a própria forma não linear em que a narrativa é disposta, parece remeter a uma circularidade presente nas voltas de um labirinto. Todavia, assim como Ariadne usa um novelo de lã para guiar Teseu para fora do labirinto, o processo de escrita do personagem parece ser uma tentativa de construção de fios de conectividade que permitam a sua saída desse modo de funcionamento que o prende a esses círculos de silêncio.

5.3. Objeto Obscuro e Cal: silêncios e revelações no Livro Três

Esta secção do romance abre em conjunto com os olhos do protagonista, que descreve seus primeiros momentos de vida, embora não devesse lembrar-se deles por sua pouca idade enquanto os acontecimentos se desenrolavam: “Falei que era impossível, mas lembro mesmo assim” (EUGENIDES, 2014, p. 235). Como foi discutido anteriormente, esta é uma das características do narrador de *Middlesex*, que se apresenta como uma figura capaz de peregrinar entre o seu passado e o de sua família para dar ao leitor uma imagem completa de sua história. Nesta parte do livro, o foco passa a ser a vida do protagonista, em especial sua infância e seus primeiros anos da adolescência.

No dia do nascimento de Cal, seu avô sofre um derrame e torna-se incapaz de falar, comunicando-se apenas por escrito. Há um simbolismo notável neste acontecimento: com o nascimento de Cal, a narrativa passa a enfatizar quase que exclusivamente sua vida. O narrador não faz mais viagens longas ao passado anterior a sua existência. A voz é transferida para o protagonista, que além de narrador, adquire um papel mais ativo na história. Cal passa da inação como narrador da obra à ação como protagonista.

O décimo segundo capítulo da obra também marca o momento em que o narrador e aquilo que narra passam a ter uma relação ainda mais profunda. Não se trata mais de acontecimentos em terras distantes ou que envolvem pessoas que ele não conheceu de verdade. Desse modo, o grau de distanciamento que era mantido já não pôde perdurar. Cal não é mais um espectador, algo que o coloca em uma situação mais difícil na busca de palavras para descrever suas vivências:

Nunca achei as palavras certas para descrever minha vida, e agora, quando começo a contar minha própria história, preciso delas mais do que nunca. Não posso mais simplesmente relaxar e ficar assistindo de longe. De agora em diante, tudo que eu relatar a vocês terá a cor da experiência subjetiva, da participação dos

acontecimentos. É aqui que minha história se divide e se bifurca, entra em processo de meiose.[...] Até agora esse não era o meu mundo. [...] Mas aqui estamos nós, finalmente. (EUGENIDES, 2014, p. 237).

Há, eventualmente, um distanciamento do narrador entre seus anos iniciais e o seu presente que se evidencia por um distanciamento linguístico, no modo como o narrador refere-se ao “eu do passado”, por vezes utilizando a terceira pessoa, pronomes femininos e seu nome de batismo (Calíope). Desse modo, o narrador circula entre distanciamento e aproximação com o seu passado, algo que se reflete em sua linguagem. A mudança ocorre geralmente quando o corpo, gênero ou sexualidade são o tema em questão ou quando pretende enfatizar algo que o narrador não parece mais sentir e que pertence apenas ao passado. Às vezes a mudança de nomes e de pronomes é feita de maneira abrupta, como se para nos distanciar de quem fala, à mesma maneira que Cal tenta distanciar-se daquele tempo. Essa mudança pode ser duradoura, mantendo o distanciamento por páginas, ou a troca de pronomes pode ocorrer entre parágrafos.

Por exemplo, quando se refere ao Obscuro Objeto³⁹, por quem havia se apaixonado, utiliza Calíope: “[...] será que **Calíope** tinha um vislumbre qualquer de sua verdadeira natureza biológica? Teria **ela** alguma vez pensado, quando o Obscuro Objeto passava no corredor, que o que acontecia era errado?” (EUGENIDES, 2014, p. 356, grifo nosso); e mais adiante, no mesmo capítulo, usa pronome possessivo da primeira pessoa do singular: “**Minha** queda pelo Obscuro Objeto tinha a ver com seu talento elocutório: Tinha minhas dúvidas” (EUGENIDES, 2014, p. 357, grifo nosso).

Suzana Bins (2018) discute o caráter não-confiável do narrador em primeira pessoa a partir de expoentes como Maia Neto, o qual defende que perspectiva apresentada por este tipo de narrador é “limitada, subjetiva, parcial” (MAIA NETO, 2007, p.31 *apud* BINS, 2018, p. 5), uma vez que sabe apenas sobre seus próprios pensamentos e pode perder a visão objetiva dos acontecimentos que estão sendo narrados. Dessa forma,

[...] esse tipo de narrador não é confiável não porque, conhecendo toda a verdade, em sua consciência, a oculta de seus leitores ao narrar. Ele é não confiável porque expõe apenas o seu lado, aquilo que ele pode expor. Não há uma verdade objetiva a ser revelada, o que há é a impressão do narrador sobre aquilo que ele vê como verdade (BINS, 2018, p. 17).

Entretanto, o narrador de *Middlesex* possui uma peculiaridade quanto a sua suposta onisciência, em determinadas instâncias, nas quais conta ao leitor sobre os sentimentos dos outros personagens e sobre as suas motivações para determinada ação. Ao leitor fica a escolha

³⁹ Assim como não dá o nome verdadeiro de seu irmão, o narrador também suprime a informação sobre o nome real de Obscuro Objeto, uma jovem que era alvo de seu afeto nos tempos de colégio e que possui um papel importante no processo de descoberta de sua sexualidade.

entre acreditar ou não se aquelas impressões fornecidas por Cal são objetivamente verídicas, mas, em uma análise psicossocial do personagem parece mais importante o fato de que elas são *subjetivamente* verdadeiras. O mais importante é o que Cal imagina que aconteceu, como ele imagina que as pessoas ao seu redor se sentiram, pois é isso que, afinal, surte efeitos no personagem e motivam suas ações e percepções de si mesmo e do mundo.

Com isto em mente, a narração de Cal sobre seus sentimentos durante a infância não é completamente confiável, pois está colorida pelo seu olhar de adulto, de alguém em outro momento da vida e que tem acesso a muito mais informações que seu “eu” infantil. Não temos acesso a Callie, vemos apenas através dos olhos de Cal, cujas interpretações sobre os sentimentos foram feitas *a posteriori*. O próprio questionamento está presente nas entrelinhas da narração, em momentos em que Cal se pergunta sobre os sentimentos em seu passado, ao invés de apenas atribuí-los:

Olho para trás agora (conforme instigou a fazer o dr. Luce) para ver exatamente qual era o sentimento de Calíope, aos doze anos de idade [...] Tento lembrar, mas o que volta é um emaranhado de emoções [...] (EUGENIDES, 2014, p. 325).

Se o livro fosse narrado de outra forma, com um movimento linear ou através de uma narrativa em terceira pessoa, poderíamos ter acesso com mais certeza ao que o protagonista sentiu em seu tempo como Calíope. Entretanto, é justamente a apropriação da forma de uma autobiografia que dá ao leitor algo mais aproximado à maneira como memórias são contadas no mundo real, uma vez que lembrar é transformar a memória.

O narrador também reflete sobre seu exercício de escrita e questiona-se sobre o real motivo de não participar ativamente dos movimentos intersexuais, se está ligado ao medo da exposição e do julgamento do outro.

Hoje me ocorreu que não avancei tanto quanto pensava. Escrever minha história não é o ato corajoso e libertador que eu esperava que fosse. Escrever é solitário e furtivo, e sei tudo sobre essas coisas. Sou expert da vida clandestina. Será mesmo meu temperamento apolítico que me faz manter distância do movimento pelos direitos intersexuais? Não poderia ser também medo? De aparecer. De me tornar um *deles*” (EUGENIDES, 2014, p. 348, grifo do autor).

O medo não está presente apenas na realidade dos fatos – sua intersexualidade –, mas também na reação que o outro pode ter a essa revelação sobre seu corpo. O segredo nasce da tentativa de evitar esta reação. Sempre existindo no momento antes da revelação, Cal salvaguarda-se de ter que lidar com as consequências de ser visto. Esse espaço – o limbo entre a manutenção e a revelação de sua intersexualidade – permite que a rejeição e a aceitação sejam ambas a verdade ao mesmo tempo, pois enquanto não há a reação do outro, nenhuma

pode ser refutada. Como o gato de Schrödinger⁴⁰, que está tanto vivo quanto morto enquanto não se abre a caixa, Cal vive no limbo fomentado pelo silêncio: visto como feio/bonito, odiado/amado, normal/abominação, humano/monstruoso. Por receio que a resposta seja negativa, a incerteza da resposta lhe é preferível.

Isso permite traçar uma motivação para o personagem escrever uma biografia, ao invés de engajar-se em movimentos. O(a) leitor(a) torna-se o maior ponto de intimidade que o narrador se permite, pois é possível contar a ele(a) sobre seus segredos (e de sua família), sem ter que realmente abrir a caixa metafórica: “Sinto você aí, leitor. É o único tipo de intimidade com que me sinto confortável. Só nós dois, aqui, na escuridão” (EUGENIDES, 2014, p. 348). Vigotski (1999a, p. 315) aponta que o “social existe até onde há apenas um homem e suas emoções”. A presença do social aparece tanto em sua autorreflexão no momento de escrita, quanto na relação entre Cal e leitor(a), na intimidade de escrever sobre sua vida e entregar a outro seus sentimentos. Estar junto a um(a) interlocutor(a) desconhecido(a) na escuridão, é submeter-se a possibilidade assustadora de ser conhecido pelo outro, mostrar a ele os cantos mais escondidos de seus sentimentos. Ao mesmo tempo, o escuro permite a ilusão de solidão necessária para que haja a coragem em pensar e escrever sobre essas emoções.

Ao mesmo tempo, apesar de chamar à atenção para a presença do(a) leitor(a) e incluí-lo no processo narrativo como confidente, a comunicação não é uma via de mão dupla, não há resposta do(a) leitor(a). Nós iremos nos deparar com a história de Cal e tirar nossas próprias conclusões sobre os aspectos do limbo, mas não podemos expressar para ele nossa opinião. Ele pode projetar no(a) leitor(a) uma perspectiva empática e compreensiva, sem ter que ser confrontado com o quão certo ou errado está sobre essas características que lhe atribui. Dessa forma, é na figura do leitor(a) que reside alguém que não irá julgá-lo; se o fizer, também tornar-se-á vítima do silêncio imposto pela dinâmica que, por sua vez, foi imposta pelo narrador.

Nesse capítulo, Cal narra seu primeiro dia de vida e sobre o exame médico realizado pelo Dr. Philobosian, ocorrido após a enfermeira lhe dar o primeiro banho. Dr. Philobosian anuncia que se trata de uma linda e saudável menina e essa informação permanece incontestada por mais de uma década. Ele não percebeu nada de diferente com anatomia genital da criança: quando ele ia inspecionar a área, a enfermeira, acidentalmente, tocou em

⁴⁰ Fazemos referência à experiência imaginária concebida por Erwin Schrödinger relacionada ao comportamento ilógico de partículas subatômicas, no qual um gato é preso em uma caixa fechada e a sobrevivência dele depende das partículas radioativas. De acordo com as leis do mundo subatômico, ambas possibilidades podem acontecer ao mesmo tempo, de modo que sem a interferência do cientista em abrir a caixa, o gato encontrar-se-ia morto e vivo ao mesmo tempo (VERSIGNASSI, 2019).

seu braço tirando-lhe a concentração. Acontecimentos como esse irão se repetir durante a narrativa. Considerados como acidente ou como destino, sempre há algo que tira a atenção: uma pergunta que não é feita, ou um silêncio quando deveria haver comunicação; algo que impede de a verdade sobre o corpo de Cal vir à tona.

De um modo geral, a família Stephanides tem um histórico de segredos e de artifícios que são utilizados para que a verdade não seja descoberta. Quando se trata de questões sexuais isso se evidencia de forma mais aguda. De certa maneira, é o segredo de seus avós que dá lugar ao nascimento do próprio Cal, um segredo que gera outro. Cada palavra não dita, silêncio ou perguntas ocultadas funcionam como tijolos para a expansão do labirinto da família Stephanides. Essa cadeia complexa de coisas ocultadas faz com que Desdêmona, assim como Cal, encontre-se dando voltas em seu próprio labirinto.

A família tem uma visão conservadora em relação às questões corporais e sexuais, de modo que ninguém olha o corpo de Cal de perto quando ele é criança. Além disso, o pediatra responsável pelos cuidados da criança tem uma idade avançada e possui métodos desatualizados: “Graças à decrepitude do dr. Phil e ao recato de Tessie, cheguei à puberdade sem saber muito o que esperar” (EUGENIDES, 2014, p.309).

Minha mãe também evitava assuntos do corpo. Nunca conversava abertamente sobre sexo. Nunca tirava a roupa na minha frente. Não gostava de piadas sujas e nudez em filmes. De sua parte, Milton era incapaz de discutir passarinhos e pererecas com a filha pequena, de modo que a alternativa, naqueles anos, foi descobrir tudo por conta própria. (EUGENIDES, 2014, p. 311).

Dessa maneira, a educação sexual de Cal é como uma colcha de retalhos, costurada através de pedaços de informações que conseguiu reunir ao longo do tempo: de palavras sussurradas entre os adultos, conversas que ele não tinha permissão de ouvir, aquilo que observava no olhar das outras pessoas e nas entrelinhas de uma piada que ouviu. Sabia, por exemplo, que algo chamado puberdade iria acontecer, mas não compreendia o que era:

Era aquela palavra: *puberdade*. Fonte de grande ansiedade e muita especulação da minha parte naquele tempo. Uma palavra que ficava à espreita, surgindo de supetão aqui e ali para me assustar por eu não saber exatamente o que ela significava. (EUGENIDES, 2014, p. 305).

Sabia pela sua tia Zo que havia algo que acontecia com as mulheres “e que elas não gostavam dessa coisa, com a qual os homens não tinham de se preocupar (igual a todo o resto)” (EUGENIDES, 2014, p. 311), mas também não sabia, exatamente, o que era. Apenas descobriu sobre menstruação de uma forma assustadora quando uma colega de classe teve a roupa manchada de sangue enquanto fazia uma apresentação no acampamento. Cal (assim como algumas garotas) achava que algo terrível havia acontecido com ela, como uma facada

ou um ataque de animal. Observava os efeitos da puberdade em seu irmão e na maioria das meninas da sexta série que voltavam das férias de verão com seios, mas não compreendia o que significava quando seu corpo não mudava da mesma maneira:

Só que, comigo, não aconteceu. Aos poucos, enquanto todas as meninas da minha série começaram a se transformar, passei a me preocupar menos com possíveis acidentes e mais com o fato de estar ficando para trás e de fora dos acontecimentos (EUGENIDES, 2014, p. 312).

Enquanto todos ao seu redor mudam com grande rapidez – aparecem pelos onde não existiam, vozes ficam duas oitavas mais graves, seios e curvas surgem, – as mudanças não lhe atingem durante muito tempo: “[...] Calíope se sente ludibriada, enganada. ‘Lembra de mim?’, pergunta à natureza. ‘Estou esperando. Continuo por aqui’.” (EUGENIDES, 2014, p. 313).

Na sétima série, passa a frequentar uma escola particular exclusivamente para meninas, e o contato constante com outras adolescentes faz com que perceba, de forma atenuada, as diferenças entre si e as colegas de classe. Não apenas as diferenças físicas, mas também aspectos que fazem com que se sinta “menos americana” do que as colegas, por conta de sua bagagem cultural grega e dos traços mediterrâneos de seu rosto.

O vestiário passa a ser um local causador de sofrimento, pois é tanto um local de nudez, quanto um espaço que acentua suas diferenças. Relembrando das Pulseiras de Pingentes, modo como Cal denomina as garotas brancas que estudavam na escola particular desde o jardim de infância, o narrador questiona sobre como se sentia ao olhar para elas no vestiário, mas não consegue uma resposta definitiva, apenas um emaranhado de emoções como inveja e desprezo, e um sentimento paradoxal de inferioridade e superioridade ao mesmo tempo.

À minha frente, meninas entravam e saíam dos chuveiros. Aqueles flashes de nudez soavam como gritos. [...] Ao atravessar a atmosfera úmida, eu me sentia um mergulhador de profundidade. Fui entrando, arrastando minhas pernas pesadas das proteções do uniforme e espiando pela fresta do capacete a fantástica vida submarina ao meu redor. (EUGENIDES, 2014, p. 325).

O interesse de Cal pelos corpos femininos no vestiário decorre de atração, mas também de uma curiosidade sobre a anatomia das garotas para que possa informar sobre seu próprio corpo. Ao mesmo tempo em que observa, se esconde, esperando sempre ficar sozinho no vestiário antes de se despir – aliás, possuía um sistema para que não precisasse ficar nu em nenhum momento: “Uma manga por vez introduzi os braços na malha, de modo que, sobre meus ombros, ficou parecendo um manto. Ali, dentro da malha, subi o sutiã pelo tronco até poder passar os braços pelas alças. [...] Sem nem um segundo de nudez.” (EUGENIDES, 2014, p. 327).

Quando começa a mudar, no entanto, não são as metamorfoses esperadas; são mudanças forçadas, como ter que usar aparelho nos dentes, ou transformações indesejadas em sua aparência.

Parafrazeando Nietzsche, existem dois tipos de gregos: os apolíneos e dionisíacos. Nasci do lado apolíneo, uma menina dourada com um rosto adornado por cachos. Mas, quando cheguei aos treze anos, o elemento dionisíaco se insinuou em minhas feições. Meu nariz, primeiro delicadamente, depois não tão delicadamente, começou a arquear. Minhas sobancelhas, mais desgrenhadas, arquearam também. (EUGENIDES, 2014, p. 322).

O narrador faz referência ao livro *O nascimento da Tragédia, ou Helenismo e pessimismo*, no qual Nietzsche (1996) menciona dois deuses gregos da Arte, Apolo e Dionísio, para discutir estética, beleza, vida e realidade. O apolíneo representa a razão, a ordem, uma beleza harmoniosa, enquanto o dionisíaco faz alusão à embriaguez criativa, à loucura, à desordem, ao caos e à paixão (PAES; BERBEL, 2013). Apolíneo e dionisíaco são apresentados como opostos, mas que caminham lado a lado e são impulsos indispensáveis na produção da arte. Dessa forma, as contradições suscitadas pelos polos opostos são bem-vindas na arte e na construção de algo belo.

Cal percebe a sua aparência nos anos iniciais da vida como harmoniosa, apesar de ter elementos que isolados não consideraria belos:

Quando bebê, e mesmo menina, eu tinha uma beleza extravagante e desajeitada. Nenhum dos traços estava exatamente no lugar e, no entanto, quando eram considerados no conjunto, algo cativante emergia. **Uma inadvertida harmonia.** Alguma coisa de mutante, também, como se debaixo do rosto visível houvesse, pensando melhor, um outro (EUGENIDES, 2014, p. 239, grifo nosso).

Ao dizer que seus traços eram apolíneos e depois dionisíacos retomam a ideia de metamorfose e de dualidade, mas também dão margem a pensar que, na verdade, ambos os traços já existiam em seu rosto e que esse outro rosto “invisível” fazia parte da beleza. Além disso, retoma a ideia de transformação através da integração e não da exclusão, pois apesar do que ele chama de “folia dionisíaca” que desenrolava em seu corpo, os traços apolíneos nunca lhe abandonaram completamente.

Levando em conta a aparência, Cal aponta que Tessie exagerava um pouco com as suas vestimentas durante a infância, algo que ele não apreciava: “Saias rosa, rendas e babados, laços natalinos no cabelo. Eu não gostava nem das roupas nem da árvore de Natal espinhenta, e em geral apareço naquelas imagens caindo dramaticamente no choro” (EUGENIDES, 2014, p.245). Ele atribui parte da motivação do exagero Tessie ao fato de que ela tinha antecipado muito o nascimento de uma filha.

Cal fala pouco sobre a sua primeira infância, destacando alguns aspectos presentes em um antigo filme caseiro da páscoa de 1962, onde ele aparece brincando de boneca e que, mais tarde, tornou-se elemento de interesse do médico que acompanhava seu caso:

“Páscoa 1962” é o filme caseiro que meus pais foram convencidos a doar ao dr. Luce. Era o filme, que, todo ano, o doutor passava para seus alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Cornell. E aquele era o segmento de trinta e cinco segundos que, insistia Luce, provava sua teoria de que a identidade de gênero é definida bem cedo na vida. Foi o filme que o dr. Luce me mostrou para me dizer quem eu era. E o que era aquilo? Preste atenção nas imagens. Minha mãe me entrega um bebê de brinquedo. Pego o bebê e abraço contra o peito. Levando uma mamadeira a seus lábios, ofereço-lhe leite. (EUGENIDES, 2014, p. 247).

O nome de Dr. Luce aparece várias vezes durante essa secção de *Middlesex*. Cal relata ao leitor acontecimentos de sua infância. Estes vêm, muitas vezes, acompanhados de comentários feitos posteriormente por Dr. Luce. Acrescenta que durante as consultas era convidado pelo médico a repensar o passado e refletir sobre o que sentia naqueles determinados momentos de sua infância. O médico acredita que o filme e as roupas usadas por Cal durante a infância são provas de que a socialização foi feminina. Para Dr. Luce, isso era um aspecto determinante da identidade de gênero do protagonista.

Outro ponto da infância do protagonista que chama à atenção do médico, no momento em que Cal lhe conta sobre sua infância, é a amizade dele, aos setes anos, com sua vizinha de oito anos, Clementine Stark, em quem ele dá seu primeiro beijo. Ele é convidado por Clementine para ir a casa dela e lá “praticam” um beijo. Junto à ação vem um sentimento de culpa que na infância não conseguia explicar, apenas sentia.

Tive consciência, desde o princípio, de que havia algo impróprio no que eu sentia por Clementine Stark, algo que não devia contar à minha mãe, mas não era capaz de articular essa intuição. Eu não associava esse sentimento a sexo. Nem sabia que sexo existia. (EUGENIDES, 2014, p. 289).

O sentimento é agravado quando seu avô, ao ver as duas brincando em uma piscina, tem outro derrame, pelo qual Cal se culpa. Em consequência do derrame, seu avô começa a sofrer com perda de memória. De forma paralela, enquanto Esquerdinha retrocede no tempo em seu passado mnemônico, a história de Cal segue em direção ao futuro e à criação de novas memórias. Desdêmona entra em pânico com a possibilidade da revelação do seu segredo, caso a memória de seu irmão retroceda até um ponto em que ele a chame de irmã na frente da família. Todavia, quando isso acontece ninguém percebe como uma revelação, achando que o seu lapso em chamá-la de irmã é apenas consequência de sua demência. Sem saber a quem recorrer, tanto Cal quanto Desdêmona, rezam para conseguir manter seu segredo e aliviar o sentimento de culpa: “Sob uma das luzes, uma senhora faz o sinal da cruz e reza, enquanto,

sob a outra, uma menina de sete anos também está rezando, pedindo perdão, porque para mim estava claro que era tudo minha culpa” (EUGENIDES, 2014, p. 291).

Nesse momento, apesar de ainda não compreender direito o que a sua sexualidade significa, ela já está associada a um sentimento de culpa e transgressão, algo que permeia também a sua relação com o Obscuro Objeto em sua adolescência. O(a) leitor(a) não tem acesso ao nome dela e seu nome é uma referência ao filme de Luís Buñel “*Esse obscuro objeto do desejo*”, lançado em 1977. O filme só foi lançado anos depois do encontro dos dois quando já não tinham contato; porém em retrospecto, é assim que Cal pensa sobre a jovem e, por isso, decide chamá-la assim em seu livro. O enredo é sobre um senhor mais velho, Fernando Rey, que está apaixonado por uma jovem bela; entretanto, este não é o interesse de Cal pelo filme:

Foi o toque surrealista que me pegou. Em várias cenas, Fernando Rey aparece levando um pesado saco no ombro. A razão disso em nenhum momento é mencionada. (Ou, se é, eu perdi essa parte também.) O personagem simplesmente anda pelos restaurantes e parques da cidade carregando aquele saco. Era exatamente como eu me sentia, correndo atrás do meu próprio Obscuro Objeto. Como se carregasse por aí um misterioso, inexplicado fardo ou peso. (EUGENIDES, 2014, p. 355).

Encontram-se pela primeira vez na aula de inglês avançado. Primeiramente Obscuro Objeto parece ignorá-lo e não ter muito interesse em se aproximar de Cal. Isso muda no momento em que são escalados na produção da peça *Antígona* e ensaiam juntos suas falas. Obscuro Objeto faz o papel principal, Antígona, enquanto Cal é escolhido para representar Tirésias.

Quem mais você esperava que fosse? Não, se o Obscuro Objeto era perfeito para o papel da irmã vingadora, era barbada que seria eu o velho profeta cego. Meu cabelo selvagem sugeria clarividência. Minha postura encurvada fazia parecer frágil pela idade. Minha voz a meio caminho de mudar tinha algo de desencarnado e inspirado. Tirésias também havia sido mulher, claro. Mas isso eu não sabia então. E não era mencionado no texto. (EUGENIDES, 2014, p. 361).

Tirésias já havia recebido menção, no prólogo de *Middlesex*⁴¹, em referência ao próprio Cal e suas experiências com o gênero. As características físicas que fazem com que o professor lhe dê o papel na peça, como a voz mais grave do que das colegas de classe, é uma característica percebida pelo educador, como masculina o bastante para justificar sua escolha, de modo que a androgenia de Cal é o que impulsiona a sua presença no elenco. Ao mesmo tempo, a história de Tirésias não é contada, ou detalhes de sua vida mencionados, de modo que a sua passagem pela corporeidade de dois sexos não é mencionada e foge à percepção de Cal na adolescência.

⁴¹ “Como Tirésias, fui primeiro uma coisa, depois a outra” (EUGENIDES, 2014, p. 9).

O ponto de aproximação que o narrador faz no início da obra entre si mesmo e Tirésias é paradoxal: presente e ausente neste momento da narrativa – o Cal adulto é capaz de percebê-la, mas a jovem Calíope não tem acesso a isso. Desse modo, pode-se perceber como o silêncio também está presente na peça na figura de Tirésias, e como o acesso a esta informação seria significativo para alguém que estava questionando o próprio corpo. Reitera-se a importância que a arte tem no processo de formação do sujeito.

Em sua adolescência, Cal percebia os sentimentos por Obscuro Objeto como normais e anormais, por conta do ambiente no qual estava inserido. Os rituais escolares da escola Baker & Inglis, promoviam uma atmosfera de intimidade entre as alunas. Não era incomum o ciúme e que as meninas competissem umas com as outras por afeto.

Era perfeitamente aceitável, na Baker & Inglis, ter uma queda por uma colega de classe. Numa escola de meninas, uma parcela da energia emocional normalmente gasta com meninos acaba redirecionada para as amigas. [...] O ethos da escola, porém, permanecia militantemente heterossexual. Minhas colegas até podiam ser íntimas durante o dia, mas meninos eram a atividade pós-classe número um. Qualquer menina suspeita de ter atração por outras meninas virava alvo de fofocas, era vitimizada e ignorada. Eu estava consciente disso tudo. E ficava apavorada” (EUGENIDES, 2014, p.357).

Passava o tempo no banheiro do porão da escola, que era oposto ao amedrontador vestiário, escondendo-se do mundo e tentando compreender o que os sentimentos por Obscuro Objeto significavam, e se estes eram “normais” ou não. As paredes eram repletas de grafites de corpos:

[...] o que se viam eram corpos, principalmente. Rascunhados em tinta azul, homenzinhos com genitálias gigantescas. E mulheres com pênis minúsculos; e também mulheres com pênis. **Um aprendizado tanto de como as coisas eram quanto de como poderiam ser** (EUGENIDES, 2014, p. 359, grifo nosso).

Os desenhos nas paredes demonstram as possibilidades de corporeidade expressadas através da arte, criando um espaço de diversidade para o personagem. A existência desses corpos permite romper com a lógica binária e a anunciar uma diversidade biológica. Aponta a construção de novas concepções sobre aquilo que a lógica tradicional operante não incorpora em seu discurso. Dessa forma, é emblemático que o porão represente para o personagem um espaço seguro e de aprendizado, em contraposição com a realidade que existe fora de suas paredes, principalmente de lugares permeados pelo olhar julgador do outro.

Mesmo em sua vida adulta, o protagonista apresenta algumas reservas em relação ao próprio corpo e nudez. Fala sobre uma viagem junto à Julie Kikuchi – uma especialista em arte por quem tem interesse romântico – a uma praia na Alemanha que estava repleta de nudistas. Ele se pergunta como é ser livre deste jeito com o próprio corpo, mas muda de foco quando olha para Julie.

De repente, tinha esquecido completamente dos nudistas. Porque olhava para Julie agora [...] Como quem curte o retorno do sol após o inverno, fiquei parado, a sensação boa de estar na companhia daquela pessoa pequena e estranhamente intensa, de cabelos muito pretos, e corpo discreto e adorável. (EUGENIDES, 2014, p. 255).

Apesar dos sentimentos descritos e a sensação agradável do seu “relacionamento” com Julie, o protagonista ainda mantém barreiras de intimidade por medo da reação dela à sua intersexualidade, de modo que os dois dormem em quartos separados durante toda a viagem.

A relação de Cal com o próprio corpo é atravessada por normas culturais, expectativas sociais, estigmas e pela falta de informação/conhecimento. Há um sentimento de diferença entre si e os outros, exacerbado durante o período de puberdade, principalmente, guiado por uma visão suposta de “normalidade” e de um padrão hegemônico para os corpos. Em sua juventude, apresenta-se por meio da “falta” de algo que é percebido no corpo das garotas que o cercam: em seu corpo há a ausência de seios, curvas e possibilidade de menstruação, coisas presentes nos corpos de suas colegas de classes. Em contraponto, esta percepção de diferença também é perpassada por supostos excessos: pelos demais que lhe dão uma aparência de bigode.

Na adolescência, percebia que havia algo de diferente em sua genitália, mas não sabia nomear se esta diferença colocava o seu corpo em outra categoria. Relata que na infância “O equipamento de Um-sete-um era chamado de ‘pipi’. Mas palavra nenhuma era usada para se referir àquilo que eu tinha” (EUGENIDES, 2014, p. 247), de modo que dá a si mesmo uma palavra: açafirão. Faz alusões ao fato de adultos referirem-se ao amadurecimento de meninas como “florescer” e estende essa metáfora para como vê seu aparato sexual.

Como Calíope sentia-se em relação a tal flor? Essa é ao mesmo tempo, a coisa mais fácil e mais difícil de explicar. Por um lado gostava dela. [...] A flor era parte do seu corpo, afinal. Não tinha porque se fazer perguntas. Mas, havia momentos em que eu sentia que alguma coisa era diferente em minha constituição. (EUGENIDES, 2014, p. 360-361).

Oscilava entre achar que a sua vivência corporal era única e diferente, e pensar que talvez todo mundo passasse pelas mesmas coisas que ele.

De vez em quando me inquietava achando que minha flor de açafirão era elaborada demais, não uma ordinária planta perene, mas uma flor de estufa, **um híbrido, que levaria o nome de seu criador**, como uma rosa. [...] Minha flor não era pra exposição. Estava em fase de desenvolvimento e, se eu soubesse esperar pacientemente, tudo acabaria bem. **Talvez fosse assim com todo mundo**. Nesse meio-tempo, o melhor era manter tudo escondido. (EUGENIDES, 2014, p. 360, grifo nosso).

A característica crucial era a seguinte: a flor não tinha um buraco na ponta. Certamente não era a mesma coisa que os meninos tinham. Ponha-se no meu lugar, leitor, e se pergunte a que conclusão você chegaria sobre seu próprio sexo se tivesse

o que eu tinha, se se parecesse comigo. Eu precisava sentar para fazer xixi. O jato saía por baixo. Tinha o interior de uma menina. (EUGENIDES, 2014, p. 422).

O impulso passou a ser esconder-se, não apenas o seu “açafraão”, mas outros aspectos de seu corpo. Seus cabelos grandes, por exemplo, funcionavam como uma cortina para esconder seu rosto, esconder a si mesmo. Quando sua mãe quer levá-lo ao médico ginecologista para descobrir porque ainda não havia menstruado aos 14 anos, Cal fingiu ter menstruado dias antes de sua consulta médica, por medo do que pudesse acontecer se for até lá.

O terror tomava conta de mim. Terror do ginecologista pervertido e de seus instrumentos inquisitoriais. Terror das coisas de metal para esticar minhas pernas e do tal negocinho para escancarar algo mais. E terror do que esse escancaramento poderia revelar. (EUGENIDES, 2014, p. 382).

Parte desse medo provém de uma conversa com Objeto Obscuro que descreve a experiência de ir ao ginecologista como algo doloroso, invasivo, e cujo médico era um pervertido. Nesse sentido, fingir a menstruação – a ponto de marcar os ciclos menstruais em seu calendário – é um instrumento de evasão da situação, por enganar sua mãe, mas também é visto como algo temporário, pois acredita que, em alguns meses, não precisaria fingir quando sua menarca acontecesse. “O fingimento funcionou. Acalmou as ansiedades de minha mãe e, de alguma forma, até as minhas. Senti que tinha assumido o controle das coisas. Não estava mais à mercê da natureza” (EUGENIDES, 2014, p. 394).

Com o avanço da amizade entre o protagonista e o Obscuro Objeto, Cal é convidado a passar as férias em Petoskey junto à família do Obscuro Objeto. Em uma noite na cabana, Obscuro Objeto fica com Rex Reese, e Cal com Jerome, irmão do Obscuro Objeto. Durante a perda de sua virgindade, o protagonista descreve o seu distanciamento da situação e como ele se fixava nos detalhes de Jerome que o lembravam de sua irmã, apesar de serem um pouco diferentes nele:

Ali estava o cabelo bonito que eu passara tanto tempo a admirar em outra cabeça. Ali estavam as sardas na testa, no alto do nariz, entre os olhos, chegando às orelhas. Mas não era o rosto certo; não eram as sardas certas, e o cabelo tinha sido pintado de preto. Por trás de uma expressão impassível, minha alma se encolheu num novelo, esperando que a sensação desagradável tivesse fim. (EUGENIDES, 2014, p. 406).

O flerte nasce do ciúme e como uma maneira de vingar-se do Obscuro Objeto, cuja atenção durante o verão estava em Rex. Mesmo quando cansa de seu plano de fazer ciúme ao Obscuro Objeto ficando com Jerome, a relação parece motivada por um senso de obrigação e também por uma busca em estar junto ao Obscuro Objeto, mesmo que tangencialmente. Assim, enquanto está com Jerome, pensa apenas nela. Em um momento de dissociação, imagina-se dentro do corpo de Rex, um modo de estar com o Obscuro Objeto sem culpa e

dúvida: “[...] e uma vez que não era eu, mas Rex Reese, quem fazia isso, não houve culpa, não precisei ficar me perguntando se estava sentindo desejos antinaturais.” (EUGENIDES, 2014, p. 408).

De volta ao seu próprio corpo, Cal acha que Jerome percebeu algo de diferente em relação ao seu corpo, durante o sexo, e que chegou às mesmas conclusões que o jovem Cal. Ele acredita que Jerome pudesse ter percebido o fato de Cal sentir-se tão à-vontade em um corpo masculino, ao habitar o corpo de Rex em sua dissociação.

Jerome entendeu o que eu era, assim como, de repente, entendi também, pela primeira vez entendi que não era uma menina, mas alguma coisa entre menino e menina. Soube disso porque entrar no corpo de Rex Reese me pareceu muito natural, *me pareceu certo*, e soube pela expressão de choque no rosto de Jerome. Tudo isso ficou claro num instante. Então empurrei Jerome. (EUGENIDES, 2014, p. 409).

O que segue essa revelação interna é pânico. Ele começa a pensar em todas as possibilidades que podem acontecer, os modos como seus medos podem se tornar realidade. Esses pensamentos são todos narrados e marcados com a recorrência de pronomes em primeira pessoa, dando a ideia de que, talvez, essas divagações adolescentes não estão tão afastadas assim dos medos que assolam seu presente: medo de julgamento, de ostracismo, da perda de amizades/amantes, de exclusão e de exposição. Igualmente, é um instante de revelação, ou melhor, de tomada de consciência de certas coisas que havia tentado ignorar e suprimir.

Estava em pânico e sentia, ao mesmo tempo, uma estranha calma. Juntava as peças na minha cabeça. Clementine Stark me ensinando a beijar; e depois se enroscando em mim numa banheira; o coração anfíbio e a flor de açafraão desabrochando; sangue e seios que não vinham; e uma paixonite pelo Objeto que, esta sim, vinha, *era*, parecia estar ali pra ficar. (EUGENIDES, 2014, p. 409, grifo do autor).

Contudo, a sua percepção do que Jerome estava sentindo era errada e, na verdade, ele não havia percebido nada de diferente. O pânico diminui, mas o momento de autorrevelação da natureza de seus sentimentos pela melhor amiga perdurou, culminando depois em uma relação secreta entre as duas. A certeza do seu gênero não se estabeleceu, apenas a natureza de sua atração. Sabia que estava atraído por uma garota, e que havia se atraído por outras antes, mas quando se tratava de seu gênero e de seu corpo ele ainda mantinha as coisas nebulosas, reprimidas.

Por que eu acharia que era qualquer outra coisa que não uma menina? Porque sentia *atração* por outra menina? Isso acontecia o tempo inteiro. Era mais comum do que nunca em 1974. Tinha se tornado passatempo nacional. A intuição feliz que tive a meu respeito estava, naquele momento, profundamente reprimida. (EUGENIDES, 2014, p. 422, grifo do autor).

Ao fazer essa pergunta, o narrador questiona o leitor sobre as suas próprias suposições, sobre a relação entre atração sexual e identidade de gênero. Deixando de lado as suas incertezas sobre seu corpo, a única certeza que tinha era sua atração pelo Obscuro Objeto. Seria a atração por garotas capaz de informar sobre o gênero do protagonista, ou será que essa associação é produto da heteronormatividade e das suposições nascidas de uma heterossexualidade compulsória?

Em *Middlesex*, isto está presente no interesse e na escuta ativa de Dr. Luce nos momentos em que Cal fala sobre seu beijo com Clementine e sobre seu relacionamento com o Obscuro Objeto, à medida que costuma ignorar outros aspectos da história. Em artigo de discussão da intersexualidade, as pesquisadoras Mélo e Sampaio (2012) apontam que a definição de sexo/gênero, encontrada nos documentos médicos estudados, refere-se à adequação do sexo a uma sexualidade heterossexual. Essa visão compreende que a “heteronormatividade e a busca pelo ‘sexo verdadeiro’ estão interligados” (MÉLLO; SAMPAIO, 2012, p. 13). Desse modo, a sexualidade dos pacientes é descrita como um momento de “risco” futuro, pela possibilidade de intervenção que tenha como consequência uma vivência que se localize fora do ideal heteronormativo.

Machado (2008) aponta que, nas avaliações para intervenção cirúrgicas, um aspecto considerado importante é a “construção” de um corpo que mantenha a *funcionalidade* sexual. Entretanto, na realidade, geralmente o que se busca é um corpo que “cumpra uma norma heterossexual que pressuponha a capacidade para o sexo penetrativo” (MACHADO, 2008, p. 203). Em outras palavras, um corpo que esteja apropriado à heteronormatividade.

A questão que se coloca é: afinal, a sexualidade informa algo sobre a identidade de gênero? A conotação de pensar “atração por mulheres” como característica inerentemente ligada ao gênero masculino, além de gerar uma associação entre os dois, implica em compreender que há algo de menos feminino/masculino em pessoas atraídas, sexualmente, por outras do mesmo sexo. Ou seja, que todo homem ou mulher⁴² é “naturalmente” heterossexual e quem não se adequa a essas normas é desviante.

Em *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, Jesus (2012) conceitua orientação sexual como atração afetivo-sexual direcionada a alguém (ou ausência de atração, no caso da assexualidade). Diz respeito à vivência interna da sexualidade e, não ao sentimento de pertencimento ou não a um determinado gênero. Nesse sentido, identidade de

⁴² Aqui utilizamos a binariedade por compreender que estes sistemas de pensamento discutidos, baseiam-se em uma dicotomia mulher/homem com características e padrões hegemônicos que informam e inserem pessoas nessas duas categorias.

gênero e orientação sexual são dimensões distintas e que não possuem relação causa e efeito, portanto, não devem ser confundidas: “Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas [...]” (JESUS, 2012, p. 12).

O narrador questiona-se sobre o que, afinal, significa ser “homem” ou “mulher” e o que está envolvido nessas vivências. Com o feminino, Cal faz uma associação com o sofrimento: “Estava tudo ali, à minha volta, desde o princípio, **o peso do sofrimento feminino**, com sua justificativa bíblica e seus atos de desaparecimento” (EUGENIDES, 2014, p. 235, grifo nosso). O corpo feminino também é abordado como aquele que sofre com a subordinação, seja por seus maridos (como na relação de Lina e Zizmo, abordada na seção anterior) ou mesmo pela própria natureza⁴³. Contudo, associa também beleza, força e cuidado ao feminino.

Há também, na obra literária, uma ligação entre violência e masculinidade, paralelo que Cal encontra no fato de ter achado a natureza sangrenta da *Ilíada* de Homero divertida, enquanto suas colegas de classe a viram como assustadora e nojenta. Cal supõe que sua reação à obra possa ter a ver com a sua masculinidade. Pondera sobre descartabilidade dos homens, em tempos de guerra, quando seu irmão tem a possibilidade de ser convocado ao exército:

Só o que eu percebia é que era muito estranho ser homem. A sociedade discriminava as mulheres, sem dúvida. Mas, e quanto àquela discriminação, que mandava rapazes para a guerra? Qual dos dois, no fim, era descartável: Senti uma empatia e um instinto que nunca havia sentido antes pelo meu irmão. (EUGENIDES, 2014, p. 329).

Como vimos, Cal examina alguns estereótipos e o modo do funcionamento do disfarce que mantém sua intersexualidade escondida por mais tempo durante sua infância/adolescência. Quando comparado ao irmão, por exemplo, Cal apresentava as características geralmente associadas ao feminino:

Ao conceder nossos respectivos dons, Deus tinha me dado os mais importantes. Aptidão matemática para Um-Sete-Um. Aptidão verbal: para mim. Habilidade para consertar coisas: para Um-Sete-Um. Imaginação: para mim. Talento musical: para Um-Sete-Um. Beleza: para mim. (EUGENIDES, 2014, p. 303-304).

No último capítulo do “Livro Três”, Jerome se depara com Cal e Obscuro Objeto fazendo sexo, e reage chamando as duas de “sapatonas”. Quando Obscuro Objeto começa a chorar, Cal briga com Jerome e depois foge com ele ao seu encalço. Ao olhar para trás, Cal não percebe que um trator está vindo em sua direção e sofre um acidente. No hospital, o

⁴³ De um modo geral, ele discute o controle que a natureza e a biologia exercem sobre os seres humanos, independente de categorias como gênero, mas na figura da mulher ele percebe isso de forma acentuada.

médico precisa fazer um exame pélvico, depois de Cal relatar dor abaixo do umbigo. Quando a calcinha é retirada, o médico percebe a ambiguidade genital.

No capítulo anterior, o narrador falava sobre um momento de autodescoberta que estava se aproximando, uma inevitabilidade da descoberta de algo que permanecia escondido. Este é o momento de descoberta. Todavia, a descoberta acontece primeiro para a equipe médica, depois para a família e, só por último, para Cal. Os detalhes não são dados, inicialmente, de uma forma que ele consiga compreender. Sabia apenas que era algo que fazia seus pais discutirem atrás de portas fechadas e que era motivo dos três irem a Nova York visitar um médico famoso. “Eu não sabia quanto tempo ficaríamos fora ou o que estava de errado comigo. Não prestei muita atenção aos detalhes da história. Só sabia que não era mais uma menina como as outras.” (EUGENIDES, 2014, p. 431).

5.4. A saída do labirinto: o silêncio e a palavra no Livro Quatro

O último livro da obra *Middlesex* inicia-se com um retorno ao que aconteceu depois da visita de Cal à sala de emergência e o que leva a família a visitar Nova York para o atendimento especializado. Há inicialmente uma recusa dos pais de Cal em acreditar na alegação do médico da emergência sobre a anatomia de Cal, por isso, decidem levá-lo ao pediatra que o atende desde o nascimento. Dr. Phil, agora com mais de oitenta anos, conduz um exame físico e ao perceber a ambiguidade genital não fala sobre o assunto com a família ou com Cal, apenas indicando um endocrinologista sem mais detalhes.

O exame durou apenas um minuto. O velho armênio, agachado com seu dorso de lagarto, correu os dedos amarelados nas minhas partes. Não era surpreendente que o dr. Philobosian nunca tivesse notado nada. Mesmo agora, alertado para a possibilidade, não parecia querer saber. (EUGENIDES, 2014, p. 437).

O endocrinologista indicado por Dr. Phil pede vários exames de sangue, mas não explica para quê ou o que o resultado destes pode significar. O médico não voluntaria conhecimento e Cal fica alheio às informações sobre si mesmo. Em alguns momentos por recusa médica em lhe dar informações claras; em outras por seu próprio medo de perguntar, por medo das respostas. O sigilo de informação, por parte dos médicos, em relação à Cal e sua família configura-se como tema recorrente nesta seção do livro, principalmente nos dois primeiros capítulos. Seja causado por embaraço, como é o caso de Dr. Phil; ou no caso de Dr. Luce, por achar que o paciente não precisa ter voz ativa no processo, nem fazer uma escolha esclarecida.

Sem ver alternativa para descobrir o que está acontecendo, Cal passa a noite com o ouvido encostado contra a parede do quarto dos pais com esperança de que consiga descobrir.

Os pais não têm acesso a todas as informações médicas sobre Cal, mas também compartilham a perpetuação do ciclo de silêncio. À noite, conversam a portas fechadas sobre o que o endocrinologista lhes disse: “‘E então o que o médico disse?’”, era Milton quem queria saber. ‘Disse que o dr. Phil deveria ter notado quando a Callie nasceu’, respondeu Tessie. ‘Esse negócio todo poderia ter sido resolvido lá atrás’”. (EUGENIDES, 2014, p. 437).

A falha de Dr. Phil em não perceber a intersexualidade de Cal, logo após o nascimento, é um dos movimentos impulsionadores da narrativa. Se a intersexualidade tivesse sido descoberta em qualquer outro momento da vida de Cal – e houveram vários acontecimentos que apontavam para descoberta, mas acabaram não acontecendo – talvez o personagem não tivesse tido a possibilidade de descobrir e explorar o seu próprio corpo sem intervenções médicas. Se a ambiguidade genital tivesse sido notada logo após o nascimento, as medidas médicas tomadas, provavelmente, fariam com que a sua escolha e consentimento não fossem levados em consideração, ou mesmo que a cirurgia fosse realizada sem que os pais tivessem acesso às informações precisas sobre as consequências e motivos das intervenções.

O personagem nasceu durante a denominada “Era Cirúrgica” do discurso médico acerca da intersexualidade, encabeçada pelo pesquisador John Money, cujos estudos afirmavam a neutralidade sexual de crianças até os 18 meses, o que permitiria que seus comportamentos e gêneros pudessem ser modelados através do modo de criação (MÉLLO; SAMPAIO, 2012). Nesse sentido, orientava que as crianças fossem socializadas de acordo com a possibilidade de “reconstrução” de sua genitália, sem que tivessem qualquer conhecimento sobre as cirurgias para que isso não atrapalhasse “seu desenvolvimento sexual ‘normal’” (MÉLLO; SAMPAIO, 2012, p. 09). Na “Era Cirúrgica”, a conduta era de “conserto” da genitália e dos níveis hormonais, sem levar em conta opiniões do sujeito intersexual, cujas intervenções muitas vezes ocorriam durante a infância.

As palavras de Tessie ecoam a ideia de algo quebrado a ser consertado. A tradução utiliza o verbo “resolvido” na frase “Esse negócio todo poderia ter sido **resolvido** lá atrás” (EUGENIDES, 2014, p. 437, grifo nosso), mas o verbo utilizado em inglês é “*fixed*”⁴⁴ que pode ser traduzido como consertado, marca um paralelo claro da ideia de conserto ou de reparação do corpo intersexual para uma suposta normalidade cisnormativa.

Sabia que minha nova condição, fosse qual fosse, significava algum tipo de crise. Podia perceber isso pelo comportamento de falso entusiasmo dos meus pais e pela urgência daquela viagem. E, no entanto, ninguém me dissera uma palavra até ali.

⁴⁴ “This whole thing could have been fixed back then” (EUGENIDES, 2002, p. 453).

[...] Agiam como se meu problema fosse médico, e portanto solucionável. Então passei a ter essa expectativa também (EUGENIDES, 2014, p. 439).

Essa expectativa de volta à normalidade e de cura cria uma mentalidade que oscila entre a esperança de cura e a certeza de que deve haver algo errado que precisa ser consertado. Desse modo, Cal decide fazer tudo que seja necessário para “consertar” o que há de errado, o mais rápido possível, para que possa voltar para casa e à “vida normal” em Detroit.

Em Nova York, eles comparecem à “Clínica de Disfunções Sexuais e Identidade de Gênero”, local onde Dr. Luce atende. Peter Luce era considerado o especialista mundial em intersexualidade e a sua clínica era referência em estudo e tratamento de “ambiguidade de gênero” (EUGENIDES, 2014, p. 444). Era autor de “*A vulva oracular*”, um trabalho de sexologia e de uma coluna de mesmo nome na revista *Playboy*, na qual assume a perspectiva de uma vagina que tira dúvidas para os seus leitores.

Durante o primeiro atendimento de Cal com Dr. Luce, no qual a família também estava presente, o médico faz perguntas e age casualmente, todavia o narrador acredita que isso era apenas uma forma de esconder sua empolgação com o caso. Desde o primeiro momento, o médico vê Cal mais como um experimento do que como uma pessoa.

Tentava agir com naturalidade, mas dava para ver que estava empolgado. Eu era um caso extraordinário, afinal. Ele aproveitava cada segundo, saboreando minha presença. Para um cientista como Luce, eu era nada menos que um Kaspar Hauser sexual ou genético. (EUGENIDES, 2014, p. 443)⁴⁵.

A perspectiva médica de Dr. Luce é a da determinação do gênero por uma série de influencias: “[...] sexo cromossômico; sexo gonadal; hormônios; estruturas genitais internas; genitais externos; e, mais importante, o sexo de criação” (EUGENIDES, 2014, p.445-446). Para ele, havia uma idade limite para a determinação do gênero. O personagem possui algumas semelhanças com o médico real John Money, no que diz respeito a sua perspectiva acerca do gênero e de sua determinação. Outra prática de Dr. Luce que tem conexão com a conduta de médicos durante a “Era Cirúrgica” é o sigilo sobre a condição do paciente até que o médico chegue a uma conclusão sobre o caso, em busca de evitar confusões acerca do gênero do paciente (MÉLLO; SAMPAIO, 2012).

O principal imperativo, em casos como o meu, era não deixar dúvidas quanto ao gênero da criança em questão. Não se deveria dizer aos pais de um recém-nascido: “Seu bebê é um hermafrodita”. Mas: “Sua filha nasceu com um clitóris um pouco maior do que o de uma menina normal. Vamos precisar de uma cirurgia para deixá-lo do tamanho certo”. Luce sentia que os pais não eram capazes de assimilar uma

⁴⁵ Faz referência a Kaspar Hauser que apareceu em uma praça de Nuremberg, na Alemanha, em maio de 1928, sem que ninguém soubesse quem era ou de onde vinha. Tinha consigo uma carta que dizia que ele havia sido criado em um porão sem nenhum contato humano até os 15 ou 16 anos (SABOYA, 2001).

designação ambígua de gênero. Era preciso dizer se o bebê era menino ou menina. O que significava que, antes de qualquer coisa ser dita, era preciso saber qual dos gêneros prevaleceria. (EUGENIDES, 2014, p. 448).

Desse modo, todo o atendimento foi conduzido junto à Cal, sem que ele soubesse direito do que se tratavam as perguntas ou exames físicos. Sabia que havia relação com seu sexo, por conta do nome da clínica e do tipo de exames que eram realizados, mas os detalhes ficavam em segredo. Ao conversar com Milton e Tessie, Dr. Luce disse ser um caso complicado, mas não irremediável, que precisava de mais tempo antes de qualquer tratamento. Omitiu o gênero em sua fala, não usando pronomes ou nomes para se referir a Cal, apenas a palavra “criança”.

Minha mãe e meu pai, embora sentados a apenas alguns centímetros um do outro durante a explanação, ouviram coisas diferentes. Milton ouviu as palavras que foram ditas. Ouviu “tratamentos” e “eficazes”. Tessie, por sua vez, ouviu as palavras que não foram ditas. O médico não dissera meu nome, por exemplo. Não dissera “Calíope” ou “Callie”. Tampouco dissera “filha”. Não tinha usado pronome nenhum. (EUGENIDES, 2014, p. 449).

De acordo com os exames feitos pelo endocrinologista em Detroit, Luce supunha inicialmente – com razão – que o cariótipo XY e os altos níveis de testosterona de Cal significavam que ele era um pseudo-hermafrodita masculino com síndrome de deficiência 5-alfa-redutase⁴⁶. Entretanto, para o médico isso não significava que a identidade de gênero fosse masculina. Havia outros aspectos a serem considerados e, para isso, ele conduziu uma série de entrevistas e observações com Cal. Tudo fazia parte da avaliação: o modo de sentar, de falar, de rir, de interagir com um mundo ao seu redor.

Reparou que eu encolhia uma das pernas para baixo do corpo quando me sentava. Observou como eu ficava examinando minhas unhas, os dedos dobrados sobre a palma da mão. Prestou atenção em como eu tossia, ria, coçava a cabeça, falava; em suma, todas as manifestações exteriores do que chamou de minha identidade de gênero. (EUGENIDES, 2014, p. 443).

Observava não só as respostas, mas também tomava nota da forma como elas eram respondidas, do quão feminino ou masculino era o seu estilo de argumentação. Para o médico, havia uma diferenciação de gênero na forma de falar:

[...] tomava notas sobre meu estilo de argumentação. Mulheres tendem a sorrir para os interlocutores mais do que os homens. Mulheres costumam fazer pausas e buscar sinais de assentimento antes de continuar. Homens simplesmente mantêm o olhar a meia distância e vão em frente. Mulheres preferem o anedótico, homens, os

⁴⁶ Causada pela deficiência na atividade da enzima 5 alfa-redutase – que participam do metabolismo de hormônios esteroides – e pela ausência ou diminuição da secreção de diidrotestosterona (DHT): “A deficiência da 5 α -redutase é uma doença com padrão de herança autossômico recessivo que resulta numa forma específica de pseudo-hermafroditismo masculino na qual a conversão de testosterona em DHT está comprometida porque a atividade da enzima 5 α -redutase tipo 2 é nula ou defeituosa em razão de mutações no gene *SRD5A2*. [...] Os afetados são, portanto, indivíduos do sexo genético masculino que apresentam ambiguidade da genitália externa ao nascimento e virilização na puberdade” (GUERRA JÚNIOR; FERRAZ; HACKEL, 2002, p. 129, grifo dos autores).

raciocínios dedutivos. [...] O médico sabia das limitações. Mas elas eram clinicamente úteis. (EUGENIDES, 2014, p.453).

Em suas sessões com Cal, perguntava sobre a vida dele, a infância, os hobbies, e a sexualidade. Ele não era totalmente sincero sobre o motivo das perguntas e Cal mentia em algumas de suas respostas. Por acreditar que, quanto mais rápido Dr. Luce chegasse a uma conclusão de tratamento, mais rápido poderia voltar para casa, ver o Objeto Obscuro novamente e seguir a vida, Cal respondia aquilo que achava que Luce queria ouvir. Respondia às perguntas como achava que uma pessoa “normal” as responderia. Além disso, apesar da insistência de Dr. Luce sobre a confidencialidade de suas entrevistas, não acreditava que suas respostas ficariam apenas entre os dois, o que de certa forma era verdade, pois, apesar da omissão de seu nome e seu rosto, as fotos, as falas, e a escrita de Cal foram publicadas em livros e artigos.

Pintava uma história diferente para o Dr. Luce, omitindo fatos, trocando personagens e mudando acontecimentos. Os seus sentimentos e sua atração por Objeto Obscuro eram narrados para o médico como se fossem pelo irmão dela, Jerome. Dizia-se atraído apenas por garotos. Não só respondia às perguntas, também tinha sido instruído a manter um diário, algo que Luce chamava de “Narrativa Psicológica”. O narrador aponta a diferença entre a sua narrativa anterior e a que conta agora para o(a) leitor(a). Na época não começava a sua história com “*eu nasci duas vezes*”, sua autobiografia se iniciava com “Meu nome é Calíope Stephanides; Tenho catorze anos. Logo vou fazer quinze” (EUGENIDES, 2014, p. 453). Seguia contando os fatos até onde podia, e o resto era ficção. Mentia até sobre coisas simples como o gosto por televisão, que na escrita dizia odiar:

[...] rapidamente descobri que contar a verdade não era nem de longe tão divertido quanto inventar histórias. Também sabia que estava escrevendo para um certo público – o dr. Luce – e que, se conseguisse parecer suficientemente normal, talvez ele me mandasse para casa. [...] Ficcionalizei “brincadeiras sexuais” precoces e paixonites por meninos; transferi meu sentimento pelo Objeto para Jerome, e foi incrível como funcionou: o mais minúsculo pedacinho de verdade tornava críveis as maiores mentiras (EUGENIDES, 2014, p. 454).

Este momento da sua vida é crucial para a construção da sua “autobiografia”. É por ter escrito uma história cheia de mentiras que o personagem sente-se ainda mais inclinado a construir uma nova “narrativa psicológica”, desta vez de uma forma verdadeira. Ao mesmo tempo, o fato de ter mentindo no seu primeiro exercício de escrita dá margem para a desconfiança do(a) leitor(a) em relação à veracidade dos fatos apresentados – ou mesmo se estiver falando a verdade –, cria a desconfiança de ainda poderem existir omissões em seus relatos.

A visão biomédica de Dr. Luce coloca Cal no lugar de apenas um experimento, de modo que há desumanização e passividade do paciente no seu processo diagnóstico. Quando outros médicos examinam a genitália de Cal – à convite do Dr. Luce –, o protagonista sente-se como se não estivesse mais na sala. Os médicos o examinavam e falavam sobre ele sem incluí-lo, com termos que ele não compreendia, todavia, já havia decorado.

Em duas semanas Dr. Luce chega a sua conclusão e marca uma consulta com os pais de Cal, na qual Tessie rapidamente nota o uso “filha” e de pronomes femininos na fala do médico. Ao explicar o caso para os pais, Luce fala sobre hormônios e enzimas, de como durante o desenvolvimento intrauterino todo bebê tem ductos de Müller e estruturas de Wolff, que têm o potencial de transformar-se em genitais masculinos ou femininos.

Vocês não precisam se preocupar com a terminologia. O essencial a ser lembrado disso é que todo bebê tem as estruturas de Müller, as quais potencialmente são partes de menina, e as estruturas de Wolff, de menino. [...] Um pênis é apenas um clitóris bem grande. Ambos se desenvolvem a partir de uma raiz comum. (EUGENIDES, 2014, p. 463).

Dr. Luce utiliza desenhos e jargão médico para explicar o seu diagnóstico, mas em momento algum fala sobre intersexualidade nesses termos. Propositalmente, apresenta suas descobertas sobre o caso com confiança na suposta identidade de gênero feminina de Cal e suas palavras refletem isso: “Callie é uma menina com hormônios masculinos em excesso. E queremos corrigir isso” (EUGENIDES, 2014, p. 464). Recomenda o tratamento de reposição hormonal por meio de injeções e uma “cirurgia cosmética”, para adequar seu corpo.

A cirurgia vai proporcionar à Callie a aparência exata da menina que, desde sempre, ela sente que é. O interior e o exterior vão ficar em conformidade. Ela então parecerá uma menina normal. Ninguém terá como dizer nada em contrário. E a Callie vai poder seguir em frente e aproveitar a vida. (EUGENIDES, 2014, p. 465).

Para os pais não foi uma decisão difícil, principalmente pelo modo como elas foram apresentadas por Dr. Luce. Uma cirurgia e algumas injeções eram só o que eles precisavam para a vida “voltar ao normal”. O pesadelo acabaria e eles teriam a filha de volta, sem as dúvidas que martelavam em suas cabeças. Além disso, ninguém precisava saber. O segredo poderia ser mantido e seria como se nada tivesse acontecido. Mesmo que Cal nunca vá poder ter filhos, eles podem seguir em frente.

Enquanto os pais decidiam junto ao médico o seu destino cirúrgico, Cal, na biblioteca, procurava pela palavra hipospádico no dicionário, depois de ouvi-la tantas vezes na fala dos médicos que o ignoravam, durante os exames, e falavam apenas com Dr. Luce e entre si. De “hipospádico”, seguiu para o sinônimo “eunuco” e finalmente “hermafrodita”. O dicionário, após a definição, sugeria a palavra “monstro” como sinônimo: “O sinônimo era oficial,

palavra de autoridade; era o veredito passado pela sociedade a uma pessoa como ela” (EUGENIDES, 2014, p. 468).

Nesse momento, se convence de que as pessoas ao seu redor o veem como monstruoso e sua estadia em Nova York corrobora com sua suposição: eles tiveram que ir para outra cidade, escondidos, em segredo; os médicos tiraram fotos, e muitas pessoas tentam tirar fotos de monstros quando acham que os avistaram, como o Monstro do Lago Ness ou o Pé Grande. No momento, acredita que seus pais sabem da sua monstruosidade, e que a cirurgia vai ser capaz de retirá-la.

Mais tarde, Dr. Luce explica com diagramas o que explicou aos pais pela manhã, que ela é uma garota com o clitóris maior que o das outras meninas. Quando pressionado por Cal a falar sobre a cirurgia, diz que é um procedimento para dar “acabamento” a sua genitália, que não está bem acabada.

O discurso do médico recai sobre uma ideia de corpos completos e incompletos, no qual os corpos intersexuais são “inacabados” e cabe ao seu conhecimento técnico-científico corrigi-los e normalizá-los. A compreensão normativa presente em seu argumento busca a adequação de corpos por meio da cirurgia e reposição hormonal. Dr. Luce quer retirar do corpo de Cal aquilo que ele acredita ter sido um excesso:

O saber biomédico por meio de tecnologias fármaco-cirúrgicas corta (por meio de cirurgia) **o que supõe existir em “excesso”** e coloca (também por meio de cirurgia) o que supõem faltar, para que os corpos se encaixem (caibam na caixa) aos padrões “normalizados” de sexo. (MÉLLO; SAMPAIO, 2012, p. 07, grifo nosso).

Dr. Luce deixa Cal sozinho na sala. Por curiosidade, Cal abre uma pasta com o seu arquivo, deixado na mesa pelo médico ao sair às pressas. O arquivo, um estudo preliminar que mais tarde seria publicado pelo médico, citava o protagonista como “Indivíduo do sexo masculino (Genética XY) criado como indivíduo do sexo feminino” (EUGENIDES, 2014, p.472). Nele, o médico citava suas primeiras impressões sobre o comportamento de Cal e o que tinha características femininas nele, seu histórico familiar, função sexual, detalhes de sua entrevista e, por fim, uma conclusão: a sua identidade de gênero era feminina. Além disso, no arquivo havia mais uma coisa que não tinha sido esclarecida ao paciente: a cirurgia poderia resultar em perda total ou parcial de sensibilidade e de prazer sexual. Cita como justificativa para ir adiante com o procedimento, o risco de humilhação por conta da genitália ambígua, e do julgamento social.

Por ver Cal como um exímio espécime a ser estudado, Dr. Luce falha em sua arrogância em pensar que estava certo em decidir por ele. Vê Cal como um experimento e falha em vê-lo como um ser humano, retirando sua capacidade de agir e de escolha. Em

momento algum, ele realmente pergunta como Cal preferiria viver, se ele se sente confortável realmente em viver como garota, ou se preferiria outra forma de existência se lhe fosse dada a opção. Ele mentiu em sua narrativa e em suas respostas, mas Dr. Luce não percebeu que Cal realmente era capaz de saber mais sobre si mesmo do que o médico.

Santos e Araújo (2004) problematizam o termo “adequação” utilizado para referir-se à anatomia/fisiologia. Discutem o termo na esfera psicológica no sentido de integração do indivíduo. Por exemplo, o sujeito pode preferir um pênis com impossibilidade de penetração, durante o coito, ou com comprometimento da função ortostática de micção; ao invés de uma genitália pós-cirúrgica:

[...] a genitália pode não estar completamente satisfatória (para a equipe, pais e o próprio sujeito) do ponto de vista físico, mas a pessoa estaria bem integrada, o que, afinal, é o interesse comum de todos os profissionais que atuam no contexto da intersexualidade (SANTOS; ARAÚJO, 2004, p. 25).

Desse modo, deve-se considerar a escolha do sujeito e a sua identidade de gênero. A “adequação”, para as autoras, é a intervenção satisfatória para a pessoa intersexo, a partir da sua compreensão de si mesma. As cirurgias que são cosméticas deveriam ser realizadas apenas quando o sujeito percebe a sua necessidade, cuja decisão final lhe pertence.

Confrontado com o arquivo, Cal deixa o consultório e resolve fugir, no meio da noite, para viver como um homem longe de sua família, deixando um bilhete pra trás chamando Dr. Luce de mentiroso e afirmando ser de fato um menino e não uma menina. Passa a viver pegando carona para cruzar o país da Costa Leste até a Costa Oeste dos EUA. Passa a usar roupas de estereótipos masculinos, vestindo um terno folgado. Na primeira oportunidade, ele corta o cabelo curto em uma barbearia. Ao se olhar no espelho, viu-se como uma nova pessoa. Com os cabelos curtos, as mudanças da puberdade ficavam mais evidentes nos traços do seu rosto. Pondera que, mesmo que acentuem os traços masculinos, o ato de cortar o cabelo depois de uma separação (do Objeto Obscuro) lhe parece um comportamento feminino.

Cal reaprende a navegar o mundo como um garoto adolescente. Presta atenção para o jeito como se movimenta e como fala, retirando/mudando aquilo que a sociedade e o arquivo do Dr. Luce determinava como feminino:

Feito um recém-convertido a alguma religião, de início exagerei um pouco [...] adotei uma panca arrogante. Pouco sorria. [...] Tudo blefe, mas a maior parte dos homens também blefava. [...] Minha panca não era diferente da que adotavam montes de adolescentes tentando parecer másculos. Por isso era convincente. Pode ser uma pose forçada é que se tornava crível. (EUGENIDES, 2014, p. 487).

Na sua visão de gênero, certos aspectos da masculinidade são, até certo ponto, aprendidos (modo de andar, de falar, de vestir-se, de interagir com pessoas do mesmo gênero ou do gênero oposto) e exagerados para que sejam estabelecidos comportamentos padrões em

que os homens possam se encaixar nitidamente. Desse modo, no início, Cal exagera, procura o extremo oposto, nega a vulnerabilidade e a troca por arrogância; abandonando seu sorriso e sua risada, que haviam sido classificados como femininos.

Durante a viagem, devaneia cenas em que conta aos pais sobre a intenção de viver como um garoto. Na sua imaginação, Milton e Tessie não o aceitam imediatamente, protestando a sua escolha. Contudo, no fim, sempre acabam aceitando-o. Ele não culpa os pais por terem concordado com a cirurgia e acredita que eles estavam apenas tentando protegê-lo: “Quanto aos meus pais, não os culpo. Só estavam tentando me poupar de humilhação, da falta de amor, até da morte” (EUGENIDES, 2014, p. 484). Essa é outra instância na vida do personagem em que o silêncio nasce do medo de rejeição. A fuga configura-se como a tentativa de deixar o futuro em aberto: sem ter que conviver com a reação dos seus pais ao bilhete, ele pode imaginar a rejeição sendo superada.

Durante o seu *status* como sem-teto, Cal sofre assédios. O primeiro é quando ainda está pegando caronas. Um homem lhe oferece uma bebida e depois lhe oferece um quarto para que durma. Cal está bêbado e insiste que apenas quer dormir quando o homem começa a despi-lo:

Minha camisa tinha sido desabotoada. Scheer estava só de cueca. [...] Scheer se agarrava a mim, pressionando o rosto contra o meu, fazendo ruídos. Tolerei aquilo como se fosse obrigação minha, por alguma razão. Mas, quando seus avanços de bêbado se tornaram mais ávidos, com alvo mais preciso, me desvencilhei. Scheer não protestou. Enrodilhou-se na cama e rapidamente apagou (EUGENIDES, 2014, p. 497).

No segundo momento, ele está morando nas ruas de São Francisco, Califórnia – o seu destino final da viagem. Desde que chegou à cidade, vive em um acampamento no parque, junto com outros jovens. Dois sem-teto vão até o acampamento e vasculham as coisas de Cal em busca de drogas, todavia, encontram sua carteira de identidade. Um deles percebe que a pessoa na foto da carteira, registrada quando Cal ainda tinha cabelos longos, é o mesmo garoto que está na sua frente: “‘É ela! Ele é ela.’ Ergue a carteirinha no ar para o outro ver.” (EUGENIDES, 2014, p. 517). Eles o seguram e abaixam suas calças. Ao notar a genitália de Cal, se afastam com expressão de repulsa, chamam-no de aberração, ameaçando vomitar de nojo. Começaram a chutá-lo até que desmaiasse. Cal acordou com os dois urinando em cima dele e um deles proclamando “Volta para o buraco de onde você saiu, sua aberração” (EUGENIDES, 2014, p.517).

Decide ligar para Bob Presto, a última pessoa que lhe deu carona até São Francisco e que havia lhe oferecido um trabalho por achar que Cal era transexual. Bob era o dono da boate Meia-nove, onde – depois de se recuperar de suas lesões – Cal começa a trabalhar

exibindo seu corpo em um tanque de água, enquanto seu rosto permanece escondido dos clientes.

Cinco noites por semana, seis horas por noite, por quatro meses – e, felizmente, nunca mais –, ganhei a vida exibindo minha peculiar constituição física. A Clínica tinha me treinado para isso, ao anestesiá-lo meu senso de pudor, e além disso havia o desespero por dinheiro. (EUGENIDES, 2014, p. 525).

O narrador constrói um paralelo entre a exposição no consultório médico e na boate Meia-nove. Em ambos os lugares, ele tem um sentimento de dissociação, como se não estivesse presente no ambiente enquanto lhe olham. As fotos tiradas na Clínica mostravam apenas o corpo e escondiam seu rosto, do mesmo modo que o tanque de vidro permite aos clientes apenas a visualização do seu corpo. Expõe o corpo e retira/esconde tudo mais.

O mesmo corpo que tinha sido motivo de violência no parque, passa a ser perpassado por olhares curiosos e de admiração. Todas as noites, Bob envolve os clientes em uma performance, citando o mito grego de Hermafrodito e sua transformação nas águas, antes da revelação do corpo de Cal para os presentes.

Duas outras pessoas trabalham na boate de forma semelhante: Carmem, uma mulher transexual, que realizava tratamento hormonal com estrogênio e não tinha feito cirurgia; e Zora, cujo corpo tinha se desenvolvido em uma linha feminina por conta da síndrome de insensibilidade aos andrógenos, mas que se identificava apenas como *intersex*⁴⁷: “Zora não queria ser mulher. Preferia se identificar como hermafrodita. Foi a primeira que conheci. A primeira igual a mim. Já em 1974, Zora usava a palavra “intersexual”, o que era raro até então.” (EUGENIDES, 2014, p. 529). Zora estava escrevendo o livro *O hermafrodita sagrado*, Cal leu enquanto ela escrevia, mas não sabe se ela chegou a terminá-lo ou publicá-lo.

Enquanto Cal preferia poder esconder sua intersexualidade, Zora possuía outra perspectiva. Ao ser questionada por Cal, sobre porque ela havia contado às pessoas que era intersexual quando nada em seu corpo ou aparência sugeriram que ela fosse intersexo, Zora respondeu: “Eu quero que as pessoas saibam, Cal” (EUGENIDES, 2014, p. 532). A vontade de Zora de que os outros soubessem não dá lugar para a criação de zonas de silêncio sobre seu corpo, produzindo laços com a dimensão sociocultural a partir de suas singularidades. Os dois personagens são colocados em oposição: Cal esconde-se nos silêncios e Zora mostra-se através da quebra deles. Todavia, ambos recorrem à escrita como forma de expressão.

⁴⁷ Mesmo após o encontro inicial com a palavra *intersex* como forma de autodenominação por Zora, Cal ainda continua usando hermafrodita em alguns momentos para se autodescrever. Isto pode ser por conta de seu distanciamento de grupos ativistas ou para manter uma relação entre as suas raízes gregas e a da palavra hermafrodita, ainda que esta tenha entrado em desuso por ser considerada, por muitos, como pejorativa.

Zora sentia apenas atração por mulheres e não tinha uma opinião favorável em relação a homens: “A mim ela eximia. Para ela, eu era uma pessoa legal. Não um homem de verdade. No que eu achava que Zora tinha bastante razão” (EUGENIDES, 2014, p. 534). Nesse trecho, Cal parece dar pistas sobre uma visão do próprio gênero como algo que não cabe nitidamente nos padrões binários, algo que ele irá explorar também no capítulo final da obra.

Em sua última noite trabalhando na boate, sob o efeito de drogas e bebida, abre os olhos pela primeira vez no tanque e vê que as expressões dos clientes não são de terror ou nojo. Uma experiência que descreve como terapêutica:

Foi divertida aquela noite no tanque. Fez bem para mim, de alguma forma. Foi *terapêutico*. Por dentro, Hermafrodito remexia velhas tensões, tentava resolvê-las. Libertava traumas do vestiário. A vergonha de ter um corpo diferente dos outros se dissipava. A sensação de que era um monstro se apagava. (EUGENIDES, 2014, p. 336, grifo do autor).

Naquela mesma noite, há uma batida policial na boate e Cal é levado à delegacia junto com outras pessoas que estavam presente no local. Sem alternativa, faz uma ligação para casa. Seu irmão quem atende e o protagonista descobre que seu pai recentemente havia sofrido um acidente de carro fatal. O irmão voa para São Francisco para buscá-lo na delegacia e vão juntos ao funeral do pai.

No avião até Michigan, conversam sobre as mudanças na aparência de Cal e o que elas significam. Ao ser questionado acerca do motivo de sua fuga, Cal responde que foi porque iriam lhe “passar a faca” (EUGENIDES, 2014, p. 559). Os dois concordam que a situação em que se encontram é esquisita, mas Um-Sete-Um parece aceitar a circunstância com um grau de tranquilidade e comicidade, chamando-o de maninho e brincando que Cal agora – que era homem – deveria carregar a própria mala até o carro.

O narrador nos informa que com o tempo a mãe o aceitaria, mas não acontece com a mesma imediatez demonstrada pelo irmão. A mãe demora a aceitar a capacidade de decisão do protagonista sobre seu próprio corpo. Para ela

Não era aceitável que eu tivesse passado a viver como uma pessoa do sexo masculino. **Tessie não achava que a decisão devesse ser minha.** Era ela a pessoa que me pusera no mundo e me amamentara e me criara. Que tinha me conhecido desde antes de me conhecer, e agora não podia opinar no assunto. (EUGENIDES, 2014, p. 563, grifo nosso).

Questiona se Cal não acharia melhor ter continuado a ser o que era. Ele rebate com: “É assim que eu era” (EUGENIDES, 2014, p. 564).

Enquanto os familiares vão ao enterro, Cal fica em casa junto à avó que, nesse ponto da história, sofre com demência. Não reconhece Cal, pois, inicialmente, acha que se trata de Esquerdinha – marido/irmão da avó. Ao perceber que está conversando com Cal, Desdêmona

conta que no vilarejo, no qual morava quando criança, havia escutado histórias de sua mãe sobre bebês que pareciam meninas e quinze anos depois haviam virado meninos. Desdêmona afirma que a culpa é dela por ter casado com o irmão, e Cal promete que só irá contar a outras pessoas sobre isso depois que ela tiver morrido. Desdêmona brinca com o fato de que, apesar do que acreditaram durante anos, a simpatia da colher estava certa: o bebê de Tessie e Milton era um menino.

Cal fica em casa segurando a porta para que o espírito do pai não entre – uma tradição grega antiga: “Era sempre um homem a fazer isso, e agora eu preenchia o requisito” (EUGENIDES, 2014, p. 572). Enquanto segura a porta, pensa sobre o seu rosto bizantino, “[...] ao mesmo tempo o rosto do meu avô e o da menina americana que um dia havia sido” (EUGENIDES, 2014, p. 574).

O narrador nos pergunta: “Calíope precisou morrer para dar lugar a Cal?” (EUGENIDES, 2014, p. 564). É a partir desse questionamento que ele nos apresenta uma síntese. Pensando a vivência interna do personagem (TOASSA, 2009) percebe-se que escrever sobre o passado permitiu a sua (re)significação. Ele (re)organiza e (re)produz os acontecimentos que o levaram até aquele ponto, colocando-os em palavras e produzindo uma síntese através de cadeias de significação. Ao contar-nos sua história, ele, essencialmente, a (re)cria.

Minha mudança de menina para menino foi bem menos dramática do que a distância que todo mundo percorre entre a infância e a vida adulta. Sob muitos aspectos, **continuei a ser a pessoa que sempre fora**. Mesmo agora, embora viva como homem, no essencial sigo sendo a filha de Tessie (EUGENIDES, 2014, p. 564, grifo nosso).

Em outras palavras, não é necessária a morte de um para o nascimento de outro. A metamorfose que sofre, a transformação ao longo do tempo, a qual todos estamos sujeitos é um ciclo constante de (re)nascimento, sem que haja destruição do antigo. O narrador inicia sua história falando de dois nascimentos, um como menina e outro como menino, além de um terceiro que acontece junto com a escrita do livro. Uma metamorfose que ocorre por incorporação e (re)significação das suas vivências, sem que o seu passado seja destruído. Há uma ideia de rupturas, mas principalmente de permanências. Até o mesmo o nome Cal é derivado do nome de batismo Calíope, compreendendo que não há aniquilação da pessoa que era, mas a transformação – processo de mudança ao qual nós todos estamos sujeitos em diferentes aspectos da nossa vida.

Seu rosto bizantino guarda as características da avó e da menina que foi. Continua possuindo características que considera a partir de estereótipos femininos ou, que acha serem

características típicas de uma filha: Cal, quem liga para a mãe todos os dias e que, habitualmente, vão juntos ao salão para cortar os cabelos e discutem sobre o que há de errado com os homens. Ao mesmo tempo, ele ocupa espaços masculinos na maneira como se veste, em sua promessa de consertar a igreja – que era o papel de Esquerdinha e depois de Milton – e é ele quem segura a porta para impedir a entrada do espírito de seu pai. Assim, estabelece uma síntese a partir de coordenadas que ultrapassam essas barreiras normativas entre feminino e masculino.

Quebra-se a dicotomia e a polarização. Uma característica não nega a outra, uma parte não precisa morrer para que a outra viva. Como o próprio narrador traz, “todos somos feitos de muitas partes” (EUGENIDES, 2014, p.477). Contudo, não somos divisões, mas sim intersecções. Dialeticamente, somos a cola que une todas essas partes – tanto as semelhantes quanto as opostas – em um conjunto não-destoante.

Middlesex é um romance movido pelo embate entre duas forças opostas. Uma impulsiona para a descoberta de segredos, outra os encoberta. Uma força gera o *silêncio*, outra a *palavra*. O último capítulo do livro é o resultado desse embate. A força da descoberta – da quebra de padrões de silêncio que permeiam a família Stephanides por gerações – é a vencedora. No decorrer da narrativa, em pequenos excertos, o narrador-protagonista fala sobre o seu presente e o seu (não) relacionamento com Julie. Passa todo o tempo debatendo sobre a escolha entre contar a ela sobre sua intersexualidade ou fugir com seu segredo para outro país, onde o ciclo provavelmente continuaria do mesmo jeito.

A resolução acontece quando Cal conta a Julie Kikuchi sobre sua intersexualidade. Ela reage de forma favorável e voltam para o apartamento de Cal juntos: “[...] convidei Julie para o quarto, aonde havia um bom tempo não levava ninguém” (EUGENIDES, 2014, p. 556). Ela apaga as luzes do quarto, e ele questiona se está fazendo isso para não vê-lo nu ou para que ele não possa vê-la, ela responde que é a segunda opção. Trata-se de um fato paralelo à cena em que os dois estão andando juntos em uma praia repleta de nudistas, quando Cal pondera sobre não se sentir livre para mostrar sua nudez. Nesse sentido, ao apagar a luz, Julie demonstra que ela também sente desconforto com a nudez, e que isso não é necessariamente algo apenas da vivência intersexual do protagonista.

Pode-se fazer uma relação entre Cal e a inação de Hamlet na tragédia shakespeariana. O personagem de Shakespeare toma consciência do culpado pelo assassinato do pai; entretanto, passa quase a totalidade da peça sem tomar a ação: assassinar o seu tio Cláudio em vingança. Cal começa a nos contar a história revelando ao leitor a sua intersexualidade – ainda que em momentos da sua narrativa os personagens nela presentes não tenham esse

conhecimento. Ele mantém o segredo, uma forma de inação até o início do último capítulo da obra – quando o conta a Julie Kikuchi. No tempo cronológico da vida do personagem, esta é a última ação a que temos acesso – o último acontecimento, embora no tempo da narrativa o fato ocorra no começo do capítulo.

Sobre a escrita de Hamlet⁴⁸, Vigotski aponta que na *forma* da obra o autor

[...] obriga-nos o tempo todo a ter clara consciência da linha reta por onde a ação deveria desenvolver-se para que possamos perceber de forma mais aguda os desígnios e as sinuosidades que ela efetivamente descreve. Assim, percebemos que também aqui a meta do enredo consiste em desviar a fábula do caminho reto e levá-la a desenvolver-se por caminhos sinuosos [...] (1999a, p. 237).

A construção da narrativa de forma não-linear em *Middlesex* parece despertar no(a) leitor(a) isso que Vigotski (1999a, p. 237) chama de “clara consciência da linha reta por onde a ação deveria desenvolver-se”. Se contada em uma linha reta cronológica, a história se inicia com os avós de Cal na Turquia e termina em Berlim com Julie Kikuchi. Entretanto, a circularidade narrativa faz com que esses pontos sejam espalhados ao longo do enredo, tornem-se lugares que são visitados em uma viagem temporal cuja frequência é intencional. A construção da obra – as contradições entre a forma e o conteúdo – é trabalhada de maneira a impactar o leitor, a exemplo da circularidade narrativa, que permite a construção de conexões entre os diferentes tempos. Algo que poderia não estar presente caso o enredo fosse contado linearmente.

Há momentos em que o(a) leitor(a) sabe mais que os personagens da história, que tem – assim como Cal-narrador – a resposta aos seus questionamentos. O(a) leitor(a) sabe dos segredos e da importância da quebra do sigilo. Todavia, convive com a construção de um ciclo de sigilo alimentado pela inação dos personagens, pela recusa em quebrar o silêncio. Nessa mesma direção, Superti (2013) aponta, a partir de Vigotski, que a obra artística faz com que o leitor vivencie a contradição entre “saber o que precisa ser feito e não o fazer para desta contradição surgir uma nova organização dos sentimentos” (SUPERTI, 2013, p. 108).

A história em *Middlesex* não se repete, mas frequentemente rima⁴⁹. A narrativa começa com as expectativas anteriores a um nascimento e termina com um pós-falecimento. As gerações da família cometem erros parecidos, unidos particularmente por um padrão de esconder aquilo que consideram vergonhoso, em um ciclo transgeracional de silêncios. A tendência a segredos é algo herdado na família Stephanides. Há uma significação no fato de

⁴⁸ Também é possível traçar um laço interessante entre Cal e o enigma shakespeariano vocalizado por Hamlet: “Ser ou não ser, eis a questão”. Essa parece ser uma das grandes questões de Cal – assim como de todos nós humanos: aquilo que somos e aquilo que não somos.

⁴⁹ Fazemos referência do aforismo muitas vezes atribuído a Mark Twain “History doesn't repeat, but it often rhymes” (O'TOOLE, 2014).

que no capítulo em que é revelada a intersexualidade à Julie, Desdêmona fala sobre o seu segredo ao jovem Cal. O(a) leitor(a) é apresentado às rimas da história, aos ecos que o passado tem no presente. Ao recontar sua vivência, o personagem ecoa a verdade de Desdêmona, em seu presente: a quebra de *silêncio* no passado inspira a *palavra* no presente.

O título do capítulo – *A última parada* – faz um jogo com a última vez que teremos contato com o narrador. Essencialmente, fomos convidados, em sua narrativa circular, a dar voltas junto a ele pelo passado e pelo presente – a andar junto com ele em seu labirinto. A quebra dos padrões de silêncio nos informa que essa é a última parada pra o(a) leitor(a), hora de deixar de navegar em círculos, hora de deixar o labirinto.

5.5. Entre sentidos e significados: a construção de significações a partir de *Middlesex*

Após a interpretação minuciosa de cenas e de aspectos emblemáticos da obra *Middlesex* – com ênfase no personagem Cal Stephanides –, neste tópico, empreita-se um exercício de retomada e destaque de eixos temáticos abordados anteriormente ao longo da análise, são eles: corpo, gênero, biomedicina e silêncio. Esses aspectos corroboram para a construção de um conceito central da obra e desta dissertação: a intersexualidade.

Em *Pensamento e Linguagem*, Vigotski (2007) discute o processo de aquisição da linguagem pelo ser humano e as relações entre ela e o pensamento. Segundo o autor, a linguagem surge inicialmente na criança como forma de comunicação e só depois, com a aquisição de uma fala interior, é que ela organiza o pensamento, tornando-se uma função interna. Essa relação dialética entre pensamento e linguagem é o foco central da obra: “A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso em palavras permanece uma sombra” (VIGOTSKI, 2008, p. 190).

Desse modo, diante da aquisição da linguagem e da possibilidade da sua expressão na palavra – escrita e falada –, o que faz nascer e o que sustenta os silêncios? Essa é uma das questões centrais que o processo de construção dessa dissertação suscitou. A oposição silêncio/palavra está presente desde sua gênese deste trabalho e foi adquirindo impulso a cada etapa transposta. O silêncio estava presente nas sinopses analisadas e se apresentava de maneira central na obra de Eugenides (2014).

O *silêncio* em *Middlesex* assume diversas formas e possui uma variedade de motivações: vergonha, medo, ignorância, opressão e da intraduzibilidade de certas vivências em palavras. Por meio dos personagens Desdêmona e Cal, vislumbramos um silêncio motivado por medo e por vergonha. Aparece também como forma de autodefesa diante a

opressão. Silenciar-se parece ser a estratégia utilizada para proteger a si mesmo, como maneira de evitar violências possíveis quando o segredo vier à tona. Todavia, aquilo que motiva o silêncio nesse caso é também arquiteto de um labirinto que aprisiona os personagens. O ciclo de silêncio é alimentado por aquilo que tenta combater, causando medo, ignorância e opressão.

O sigilo das informações sobre a intersexualidade de Cal por parte de Dr. Luce, parece apontar para uma imposição desse silêncio. Intervenções biomédicas feitas para construir um corpo que esteja dentro dos padrões estabelecidos também corroboram para o silenciamento, para uma morte simbólica deste corpo e desse sujeito, cuja corporeidade é vista como resultado de um acidente genético que pode ser resolvido com um corte cirúrgico ou um frasco de hormônios.

A obra mostra também a quebra do silêncio. Uma das formas em que isso se realiza é através dos momentos de diálogo em que segredos são revelados: Desdêmona conta a Cal sobre ter casado com o próprio irmão e Cal revela sua intersexualidade para Julie. Todavia a grande ruptura do silêncio se encontra nas mãos do(a) leitor(a): a narrativa que Cal constrói para contar sua história.

Para Vigotski (2008) o pensamento não apenas se expressa na palavra, mas é também nela que ele se realiza. Em sua transformação em linguagem, esse pensamento se reestrutura e se modifica, organizando-se. O autor aponta a escrita como a forma mais elaborada da fala, pois carece de outros elementos que facilitam a comunicação, como o tom de voz e linguagem corporal, o que faz com que sejamos obrigados a “usar muito mais palavras, e com maior exatidão” (VIGOTSKI, 2008, p. 179).

Portanto, o exercício da escrita feito por Cal faz com que ele tenha que refletir e ir contra os silêncios, ainda que algumas coisas permaneçam como segredos para o(a) leitor(a), como é o caso do nome do seu irmão ou do Obscuro Objeto. Além disso, ao falar sobre a dificuldade em recontar sua história, o narrador também aponta para um silenciamento nascido da dificuldade em traduzir completamente em palavras os seus pensamentos e suas vivências: “Os dois processos não são idênticos, e não há uma correspondência rígida entre os processos do pensamento e da fala. [...] O pensamento tem sua própria estrutura, e a transição dele para a fala não é uma coisa fácil” (VIGOTSKI, 2008, p. 185).

Em *Middlesex*, somos apresentados a um **corpo** atravessado pelas determinações sociais, à medida que também é corpo biológico, influenciado por hormônios e por sua anatomia. As características físicas percebidas por Cal em relação a si mesmo – em diferentes momentos da sua vida – ganham sentido para ele, são incorporadas à narrativa de sua vida e à

visão que tem de si mesmo. É nesse encontro entre a dimensão filogenética, ontogenética, sociogenética e microgenética que, segundo Vigotski (2008), ocorrerá a formação do psiquismo humano.

Doria (2004) aponta que, apesar de o corpo não possuir uma posição explícita de destaque no interior da Teoria Vigotskiana, a instância biológica tem importância significativa no pensamento do autor bielorrusso. A pesquisadora defende a tese de que, a partir de 1930, a instância biológica ganhou maior força nas formulações psicológicas do autor (DORIA, 2004). Desse modo, ao acentuar a importância do social e do cultural na obra do autor, é preciso tomar cuidado para não cair na armadilha do reducionismo, minimizando o papel que o biológico tem para o ser humano.

Numa perspectiva vigotskiana, seria errôneo desconsiderar esse corpo material e biológico, afinal não somos consciências fora de um corpo. Nada existe na consciência sem que tenha passado primeiro pelo corpo, tudo que percebemos e sentimos nos atravessa também corporalmente. A dialética – presente nas raízes do pensamento vigotskiano – encontra-se também na relação estabelecida entre o corpo biológico e o social. Devem-se considerar as significações sociais do corpo, mas também aquilo que faz parte do físico e biológico: hormônios, gônadas, órgãos genitais, características sexuais secundárias, entre outros.

Todavia, considerar o corpo biológico não implica na compreensão dele como algo passivo, a-histórico e regido por leis da natureza. O corpo possui estruturas físicas e modos de funcionamento, mas sua materialidade não está alheia ao social. Ele possui uma série de características físicas, mas a categorização e a nomeação acontecem na cultura, na linguagem e na sociedade. Dessa forma, o “sexo biológico” como categoria não tem suas raízes puramente biológicas, à medida que, assim como o gênero, são construções históricas (MÉLLO; SAMPAIO, 2012).

As diferentes corporeidades existem, mas fica por conta do ser humano e da sociedade a construção de categorias e de sentidos que constroem esse conceito socialmente: “[...] tudo o que apresentamos como humanos, embora certamente implique a existência de um corpo com determinadas características da espécie animal a qual pertencemos, é obtido nas relações sociais, nas atividades e na cultura” (BOCK, 2007, p. 29).

Kahhale (2007, p. 185) aponta para uma visão que não naturaliza as concepções acerca do corpo, ao mesmo tempo em que denota a importância de incluir o desenvolvimento e as transformações corporais no debate de questões da sexualidade, principalmente na adolescência. Esses aspectos devem ser analisados através das construções simbólicas da

cultura, uma vez que o “corpo que se transforma não tem suas significações presas a suas funções biológicas, mas, ao contrário, tem suas mudanças significadas” (Kahhale, 2007, p. 185). Portanto, os aspectos biológicos não são determinantes. O olhar deve voltar-se para o seguinte: como a cultura e o sujeito irão significar esse corpo, seu funcionamento e sua aparência. Todos nós temos corpos nus, mas a nossa relação com eles é atravessada por uma configuração sociocultural que pode determinar que partes desse corpo poderão estar visíveis, a depender do gênero da pessoa. Por exemplo, tem-se a concepção de que é mais socialmente aceitável que um homem cisgênero mostre seu corpo sem camisa, do que uma mulher. Essas relações entre o que pode ser visto e o que deve ser escondido vão moldando a nossa relação com o nosso próprio corpo.

No que diz respeito à intersexualidade, esse corpo é marcado por uma aparência que difere da maioria e – muitas vezes – possui um aspecto genital distinto. Essa percepção da diferença vai participar da construção que a pessoa fará acerca de seu gênero, caso ela se identifique com seu gênero de criação, com o gênero oposto, ou mesmo fora da binariedade. Nessa perspectiva, a relação com o próprio corpo pode ser considerado um dos elementos na construção de sua identificação, mas não é *determinante*, uma vez que é preciso considerar outros atravessamentos de forma dialética: históricos, sociais, culturais, subjetivos e emocionais.

Em *Middlesex* o corpo também aparece como objeto de estudo, invocando a *biomedicina* e o seu olhar sobre o corpo intersexual. Esse olhar biomédico, centrado na obra através de Dr. Luce, participa ativamente na construção de ideais e moldes para encaixe dos sujeitos. Não há pretensão de colocar a medicina como vilã possuidora de total responsabilidade da disseminação de preconceitos, todavia é inegável o seu papel nos jogos de poder que determinam a “anormalidade”⁵⁰, como apontam Mélló e Sampaio (2012, p. 8): “Não podemos ser ingênuos ao ponto de acreditar que as teorias médicas, isoladamente, são produtores de determinada ordem social, mas também não podemos negar sua importância nesse embate de forças”.

Ao olhar para esse corpo como incompleto e passível de correção perde-se de vista a possibilidade de existência do sujeito fora da binariedade. O posicionamento encontra-se fixado em uma lógica cis-heteronormativa, com resistência a disposições que rompam com a lógica binária. Em pesquisa de Mélló e Sampaio (2012) nenhum dos documentos médicos

⁵⁰ Além disso, procura-se não fazer induções sobre práticas individuais de medicina. Abordamos a categoria biomédica como sistema ideológico, a partir de textos acadêmicos e documentos que implicam e justificam uma intervenção sobre os corpos. Não se nega que individualmente os médicos podem ter práticas diversas em relação ao fenômeno, e que haja na medicina vozes dissonantes dos modelos mais disseminados.

analisados facultava a não intervenção nos casos de intersexualidade, propagando uma visão de que não haveria “possibilidade de se viver um corpo ‘sem sexo’ definido” (MÉLLO; SAMPAIO, 2012, p. 14). Desse modo, seguindo essa lógica, os corpos precisariam ser reparados, reconstruídos, de forma a adequarem-se aos padrões hegemônicos de sexo masculino e feminino.

Middlesex apresenta, ainda, a exposição do corpo intersexual em artigos científicos. O personagem Cal sente-se exposto durante as consultas e comenta sobre a utilização de suas fotos em artigos científicos. Estamos acostumados a perceber esse fenômeno pelo ponto de vista do pesquisador e do valor didático-científico que as fotos têm para um estudante de medicina que pretende encontrar guias para a identificação de ambiguidades genitais ou para a compreensão visual do pós-cirúrgico. Todavia, *Middlesex* nos apresenta a perspectiva da pessoa representada na foto e os sentimentos de exposição presente mesmo no anonimato que a barra sobre os olhos lhe permite.

Méllo e Sampaio (2012) apontam a utilização de fotos como parte dos processos diagnósticos, servindo também como forma de legitimação da conduta médica interventiva: “As fotos dão um “valor de realismo” na “representação” desses corpos, pois a verdade do sexo ganha um caráter de revelação visual, já que, a fotografia expõe uma situação que não poderia ser explicitada de outro modo.” (MÉLLO; SAMPAIO, p. 11).

Anteriormente, foi abordada a participação de ideais biomédicos na construção de padrões hegemônicos e patologizantes; todavia, vale ressaltar que a própria Psicologia também teve seu papel no reforço e na transformação do diferente em anormal, classificando, relegando esse *status* àquilo que estava fora do padrão dominante elitista de saúde e normalidade: “A Psicologia registrou essas diferenças como diferenças individuais e [...] ocultou a origem social das diferenças. Com isso, classificou, diferenciou, discriminou e estigmatizou” (BOCK, 2007, p. 30).

Com base em uma perspectiva sócio-histórica, Bock (2007, p. 29) define normalidade como “a possibilidade de se ter como característica, no nível individual, o que a humanidade conquistou e a sociedade valorizou, reforçou, estimulou e possibilitou à maioria”. Nessa perspectiva, diferente é o menos provável e menos comum, não é sinônimo de anormal. Todavia, essas diferenças em uma sociedade onde a normalidade é naturalizada, tornam-se fonte de justificativa para a desigualdade e a violência (BOCK, 2007). O personagem Cal apresenta uma visão consoante com a ideia de normalidade abordada por Bock (2007):

[...] eu estava começando a entender uma coisa sobre a normalidade. A normalidade não era normal. Não podia ser. Se a normalidade fosse normal, ninguém se importaria com ela. Todo mundo ficaria numa boa e deixaria que a normalidade se

manifestasse por conta própria. Mas as pessoas – e os médicos, especialmente – tinham suas dúvidas sobre a normalidade. Não tinham muita certeza de que ela daria conta do recado. Então se sentiam compelidos a dar um empurrãozinho (EUGENIDES, 2014, p. 484).

O *gênero* na obra *Middlesex* aparece como uma categoria mutável, construída social, histórico e culturalmente. O narrador nos apresenta a uma concepção de gênero como conjunto de categorias construídas socialmente e atribuídas estereotipicamente a determinado sexo, antes mesmo do seu nascimento. O narrador chama a atenção para a forma como são apresentadas como verdade, como normalidade, mas percebe a categoria “normalidade” também como algo construído e que precisa ser constantemente reafirmado para que se estabeleça como verdade. Problematisa, então, a existência do anormal e normal, como apenas reflexos daquilo que é socialmente estabelecido como desejável e aquilo que a sociedade rechaça.

Vigotski não discorre sobre gênero em sua obra, entretanto são possíveis articulações entre o conceito de gênero e categorias presentes na obra do autor (MOREIRA; SOUZA, 2017; BUENO; ROCHA; SOARES, 2019), principalmente a partir da concepção de um sujeito sócio histórico afetado pelas suas posições de gênero (MOREIRA; SOUZA, 2017).

Na teoria vigotskiana, os conceitos são construções largamente influenciadas pela sociedade, cultura e período histórico no qual estão inseridos, participando de um processo dinâmico constante de transformação (VIGOTSKI, 2008). Nesse sentido, as concepções de homem/masculino e mulher/feminino são parte de um processo que não é estático, único e a-histórico, pelo contrário, fazem parte de uma configuração histórica e social (MOREIRA; SOUZA, 2017; GREGOVISKI; SILVA; HLAVAC, 2016).

A diferença percebida entre os gêneros é utilizada como justificativa para a manutenção de desigualdades, mas ela não passa disso: uma diferença, um detalhe no emaranhado de aspectos que constitui cada sujeito vivendo em sociedade. Quando se converte a diferença em desigualdades, existe a produção de submissão e de opressão (MOREIRA; SOUZA, 2017), e esses jogos de poder e de desigualdade devem ser pensados através de uma perspectiva de interseccionalidade:

Evidentemente, as desigualdades de poder vividas entre homens e mulheres não podem ser reduzidas somente às oposições de gênero, uma vez que tais posições são também atravessadas pelas condições de desigualdade produzidas na inserção de classe social, de etnia e pertencimento geracional [...] (MOREIRA; SOUZA, 2017, p. 31).

Cal nos apresenta dualidades e, ao longo da narrativa, vai desconstruindo a ideia que a experiência humana possa ser encapsulada nessas falsas dicotomias. O narrador nos apresenta as oposições de forma contrastante, quase que convidando o(a) interlocutor(a) a refletir acerca

do modo como nossa sociedade parece configurada em torno de uma ideia de binariedade que não condiz com as nuances do ser humano e da cultura. Nesse jogo entre o idealizado e a realidade concreta vai se construindo uma dialética do corpo e no corpo

As divisões aparecem nas oposições entre tradição/modernidade, ancestralidade grega/criação americana, superstição/ciência, religião/medicina, feminino/masculino, segredo/revelação, criação/natureza, genética/escolha, mente/corpo, biologia/social e sexo/gênero. O narrador alerta para o fato de que dicotomias absolutas não são uma maneira satisfatória de traduzir as relações, uma vez que elas não parecem dar lugar à compreensão das oposições de modo dialético. Entre um polo e outro há um miscelânea de pontos em um espectro, e esses pontos são relacionáveis entre si.

Tomar como verdade absoluta apenas um dos polos é perder de vista parte da possibilidade de compreensão do fenômeno. Nessa mesma direção, considerar apenas a existência de dois pontos distintos, como se esses fossem duas faces de uma moeda parece dar lugar também a outra armadilha: uma compreensão binária quando, na verdade, trata-se de uma variedade muito maior. Ao invés de faces de uma moeda, talvez seja mais correto a analogia de uma roda de cores.

De forma artística, a obra parece colocar uma lupa nos mínimos detalhes e – por conta da intersexualidade do narrador – o(a) leitor(a) fica ainda mais atento às nuances. O que é feminino em Cal? O que há de masculino nele? Essas são questões que – assim como Dr. Luce e o Cal – os(as) leitores(as) são convidados(as) a se perguntar. Além disso: como essas características se apresentam? Elas são uma colcha de retalhos de diferentes partes? Os fragmentos “masculinos” são contraditórios aos “femininos”? Essas partes são inerentemente ligadas ao sexo biológico ou são construções sociais? A explicação do seu gênero pode ser encontrada na cultura, na biologia, na história ou na psique do indivíduo?

A última questão parece ser feita de uma forma diferente na obra: seria o gênero – assim como outros aspectos da experiência humana – resultado do destino ou de escolhas? Quem somos é um reflexo da nossa genética ou da nossa socialização? Somos resultado da nossa criação ou da natureza? Essa é uma velha questão para a qual não há consenso. Todavia, olhar para esse questionamento através de uma lente dialética é observar as oposições e as contradições não só como parte da questão, mas também de sua resposta. Por isso que Vigotski estabelece uma abordagem biopsicossocial, que sugere a incorporação dos diferentes elementos que encapsulam a existência humana.

Ao invés de ser uma *ou* outra opção, pode ser uma *e* outra: destino *e* escolha, genética *e* socialização, criação *e* natureza. Focar em uma das opções é explorar apenas uma parte de

um fenômeno maior: não está essencialmente errado desde que se considere que existem aspectos fora de seu foco, e que a imagem completa é maior e mais complexa do que a parte na qual se decidiu mirar a lente.

Essa ideia de várias partes na construção de um todo dialoga com a significação da *intersexualidade* na obra. O narrador acredita que “todos somos feitos de muitas partes” (EUGENIDES, 2014, p.477), com nossa identidade construída na dialética dessas partes. Desse modo, a sua concepção permite a visualização das dicotomias apresentadas como pontos de intersecção, relacionados entre si. Permitindo uma síntese na qual não é necessária a fixação em polos extremos, pois as características – tanto físicas quanto sociais – se excluem entre si. Não é preciso o encaixe em moldes, pois há características femininas e masculinas tanto em homens quanto em mulheres (ou em pessoas não-binárias). Gênero, sexualidade e corpo são apresentados como intersecções, mas não como determinantes.

As características socialmente construídas como femininas e masculinas estão presentes em ambos os pontos extremos desse suposto espectro, de onde nascem como um feixe de luz uma variedade de vivências. Dentre elas, é possível viver sem que uma parte de si seja condenada à morte e arrancada. Além disso, parece sugerir que se a pessoa se identificar dentro da binariedade – como homem ou mulher – não precisa negar ou apagar de sua identidade a sua intersexualidade, uma vez que esse é o caminho seguido pelo protagonista.

O protagonista resolve utilizar pronomes masculinos e viver socialmente como homem, mas não nega que sua experiência com gênero passeie por esferas consideradas estereotipicamente femininas. Ele diz não ter se sentido completamente desconfortável com sua sociabilização feminina, nem completamente à vontade com sua masculinidade. Ao dizer que a sua “mudança de menina para menino foi menos dramática do que a distância que todo mundo percorre entre a infância e a vida adulta” (EUGENIDES, 2014, p. 564, grifo nosso), parece evocar uma ideia também de fluidez e colocar o gênero como um dos aspectos que constroem dialeticamente sua identidade. Por essa perspectiva, o gênero tem importância na construção da sua identidade e para as relações sociais, mas outras dimensões participam na constituição do sujeito e de sua identidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um movimento circular dialético, no último capítulo da dissertação retomamos o início para construir uma conclusão. Através da retomada de aspectos e questionamentos apresentados durante a introdução, buscamos construir um diálogo entre a gênese do trabalho e seu produto final.

Na introdução, apresentamos as questões que nortearam a condução da pesquisa. Algumas puderam ser respondidas através dos objetivos, outras foram surgindo no percurso da pesquisa. As que permanecem podem servir de inquietação para a construção de novos estudos. Os questionamentos se estabeleceram em um ponto focal, o objetivo geral – investigar as concepções de intersexualidade, seus sentidos e suas significações na literatura científica e artística – que foi sendo respondido ao longo das páginas dessa dissertação, mas que também deixa a potencialidade para a expansão de sua compreensão em novos estudos semelhantes que utilizem outras obras de arte como objeto.

Esta dissertação contribui para um diálogo maior sobre a intersexualidade que vem sendo construído nas diversas instâncias do conhecimento científico, das políticas públicas, do legislativo, dos movimentos sociais e da arte. Compreende-se que, assim como as respostas, o levantamento de questões tem imensa importância no campo da pesquisa. Para tanto, vale repetir as perguntas feitas na introdução: o que a arte tem a nos dizer sobre a intersexualidade? Como são apresentados os personagens intersexo nas obras literárias? Quais os conceitos de intersexualidade presentes em obras de arte? Quais os diálogos possíveis entre a Arte e a Psicologia? Que outras temáticas têm destaque em obras com personagens intersexo?

Além disso, a condução da pesquisa despertou outras indagações: O que faz nascer o silêncio? O que sustenta o segredo na intersexualidade? O que esses silêncios – na vida e na arte – têm a nos dizer? A quem servem a construção dessas zonas de silêncio? É possível romper os círculos de silêncio e libertar-se desse labirinto? Como construir práticas que acolham a diversidade da sexualidade humana?

O objetivo de delinear o conceito de intersexualidade na literatura científica impulsionou a construção de uma retrospectiva histórica que demonstrou a forma dinâmica e mutável como o fenômeno da intersexualidade foi percebido em diferentes contextos históricos e culturais. A retrospectiva histórica do conceito permitiu identificar continuidades e rupturas conceituais da intersexualidade em diversos âmbitos do conhecimento científico, com destaque para a sua utilização na pesquisa em Psicologia. O resgate da historicidade do

fenômeno permite vislumbrar as diferentes formas de tratamento dos sujeitos intersexo em seus contextos sócio-históricos. Na antiguidade, a mitologia aparecia como forma de intervir na cultura e construir formas de sustentar a diversidade humana. Para explicar um fenômeno da ordem do material/biológico, são realizados enlaces e amarrações no cultural, por meio do mito de hermafrodito – eternizado na obra de Ovídio – e de figuras mitológicas e religiosas como Ymir e Ardhanari.

Em fluxo contrário, a intervenção biomédica interfere no corpo a fim de sustentar arranjos socioculturais de normalidade. O panteão dos deuses e seus poderes de metamorfose do corpo de hermafrodito dão lugar a um panteão de especialidades biomédicas (endocrinologistas, geneticistas, cirurgiões, etc.), com seus instrumentos e procedimentos de transformação dos corpos. É importante ressaltar que a história da intersexualidade continuou sendo escrita durante a construção do capítulo, que evoluiu desde sua versão anterior para agregar as mudanças de legislação. A nomenclatura não é definitiva e continua em processo de transformação.

Além disso, é importante destacar que existem profissionais da saúde que estão tentando construir, através dessas nomenclaturas, um repertório menos pautado em normalidade. Magnus Silva (2018) traz um questionamento importante do ponto de vista médico: “É possível adotar uma definição do sexo anatômico variante sem com isso adoecer a pessoa intersexo?” (SILVA, 2018, p. 384). Para tanto, discute como atualmente a terminologia preferível tem sido *Diferenças* de Desenvolvimento do Sexo, retirando da sigla o termo *Distúrbios* que possui conotação negativa.

O segundo objetivo específico – discutir a relação entre Psicologia, Literatura e Arte – impulsionou a releitura dos textos vigotskianos sobre a arte, com ênfase na construção de um arcabouço teórico que justifica a importância da construção de pontes entre essas diferentes disciplinas. Usando como referência o poeta e pintor alemão Paul Klee, compreende-se que “as obras de arte não só reproduzem com vivacidade o que é visto, mas também tornam visível o que é vislumbrado em segredo” (KLEE, 2014, p. 16). Nesse sentido, a arte não é mera imitação, mas um processo que transforma e desvela a realidade. Em uma leitura baseada nos pressupostos de Vigotski, é possível relacionar o “tornar visível” com aquilo que o autor bielorrusso chama de Função social da Arte (VIGOTSKI, 1999a).

De maneira sintética, a arte parece apontar para a direção da intervenção no mundo através da produção cultural, dimensionando a produção de espaços para a vivência das diversidades corporais, sexuais e de gênero. Através de obras como *Middlesex*, a arte potencializa a construção e disseminação de narrativas ficcionais que compartilham valores e

vivências que apresentam a intersexualidade em uma luz positiva e favorável. Além disso, através da sua função social (VIGOTSKI, 1999a) a obra de arte possibilita a produção de novos sentidos acerca daquilo que retrata, de modo que a literatura acerca da temática participa da transformação do conceito de intersexualidade, produzindo novas significações.

Com base no exposto, as reflexões acerca das interlocuções possíveis entre Arte, Literatura e Psicologia apontam para a potencialidade de estudos dentro da Psicologia que utilizem obras literárias – ou outras formas artísticas – como objeto de estudo, principalmente em vertentes que façam diálogo com a Teoria de Vigotski. Destaca-se a importância da construção de diálogos entre as disciplinas para o conhecimento científico e da revisitação das obras iniciais do autor bielorrusso.

Durante a condução do mapeamento – guiado pelos objetivos de mapear obras literárias que contenham personagens intersexo e de categorizar temáticas abordadas nas sinopses – foi possível a construção de um banco de dados próprio com informações sistematizadas. O mapeamento e o refinamento realizado durante a aquisição e tratamento de dados permitem a exposição e indicação de obras com personagens principais intersexo que não puderam ser abordadas nessa dissertação com a mesma profundidade analítica que *Middlesex*, mas permite traçar caminhos possíveis para pesquisas futuras. As indicações podem servir como *corpus* para análise em estudos futuros de minha autoria ou como índice para pesquisadores(as)/leitores(as) com interesse pela temática da intersexualidade.

Na elaboração de uma pesquisa é necessário que sejam feitos recortes, os quais evidenciam limitações e potencialidades. Uma das limitações do estudo reside na quantidade de obras estudadas. Ao invés de um panorama da significação de intersexualidade em várias obras, optou-se pela análise completa apenas de *Middlesex*, por acreditar que o foco em um livro permite uma interpretação mais aprofundada da obra. Todavia, a análise das sinopses permitiu a importante percepção de como a intersexualidade dos personagens é mantida em segredo nas sinopses ou como um mistério a ser desvendado.

Do ponto de vista metodológico, destaca-se a relevância e a fertilidade do uso de ferramentas *on-line* para a pesquisa em Psicologia. Ressaltam-se as potencialidades demonstradas pelo *site Goodreads* como ferramenta de mapeamento de obras literárias, que pode servir tanto para subsidiar estudos em Psicologia da Arte, quanto de outras áreas que estejam à procura de temas específicos livros literários e científicos, a exemplo da Literatura e da Educação. Desconhecem-se outros estudos que tenham utilizado a mesma metodologia de mapeamento de obras literárias, de modo que as trilhas metodológicas percorridas podem servir de referência para outros(as) pesquisadores(as).

A organização estrutural do quinto capítulo, norteado pelos objetivos de investigar o conceito de intersexualidade e de analisar os sentidos e significados de intersexualidade – ambos no livro *Middlesex* – permitiu a exposição de análises e da discussão de fragmentos emblemáticos de forma semelhante à cronologia presente na obra – e sua divisão em *Livro Um*, *Livro Dois*, *Livro Três* e *Livro Quatro* – o que pode despertar no leitor uma experiência mais imersiva na narrativa, de forma semelhante à experiência de leitura da obra. Essa decisão estrutural propõe-se a colocar o leitor da dissertação também em uma posição de descoberta, em que ele se pergunta e imagina os possíveis desenvolvimentos da história, sem que as respostas lhe sejam dadas imediatamente. Desse modo, intenciona-se a elaboração de um espaço criativo e interpretativo, através do qual o leitor possa ter sua própria vivência estética e estranhamento em relação ao texto.

O método de destaque de passagens e anotação de interpretações de forma simultânea permitiu o registro das análises e impressões iniciais, dando a elas maior concretude e impedindo que elas se perdessem – algo que poderia acontecer caso deixasse para escrever apenas na construção formal das análises no capítulo. Além disso, essas interpretações iniciais serviram de base fundamental para a construção de análises mais sofisticadas posteriormente.

A discussão dos eixos temáticos apresentou um panorama de sentidos e de significados da obra focalizado em quatro aspectos que estão relacionados de forma intrínseca entre si e com a construção de uma significação central da intersexualidade na obra estudada, são eles: corpo, gênero, biomedicina e silêncio. Em linhas gerais, O *gênero* aparece como categoria mutável, construída de maneira social, cultural e histórica. As aproximações entre gênero, Vigotski e a Psicologia Sócio-histórica puderam ser estabelecidas principalmente pela concepção de “conceito”, pelo autor bielorrusso, como influenciado por fatores sócio-históricos e culturais em um processo dinâmico constante de transformação (VIGOTSKI, 2008), bem como as reflexões sobre normalidade e desigualdade.

O *corpo* aparece atravessado por determinações sociais, à medida que também é corpo biológico, sofrendo, portanto, influência dos hormônios e da fisicalidade de sua natureza biológica. Este corpo é matéria e fisicalidade, todavia as características presentes nele ganham sentido, são incorporados à nossa narrativa de vida e a visão que temos de nós mesmos. O eixo *biomedicina* possui grande relação com o corpo e com o discurso estabelecido sobre ele. O corpo – em especial o corpo *intersex* – é tomado como objeto de estudo e percebido como necessitado de reparação e reconstrução para que possam se adequar aos padrões hegemonicamente estabelecidos como sexo masculino e feminino. Há, portanto, um reforço de padrões e discursos binários, pautados em uma ideia de (a)normalidade.

O *silêncio* – aspecto emblemático na obra – aparece como proveniente de medo, de vergonha, de ignorância, de opressão e da intraduzibilidade de certas vivências em palavras. De forma paradoxal, está presente naquilo que não se diz, na ausência da palavra, todavia, o fato de instaurar-se pode nos comunicar muita coisa. Ao voltarmos nosso olhar para as lacunas, é possível perceber aquilo que o silêncio nos fala.

A intersexualidade configura-se como expressão da diversidade humana e, por vezes, a sociedade e os discursos pautados na binariedade utilizam recursos para o silenciamento dessa diversidade – seja por meio de cirurgias “reparadoras” ou através de determinações sobre quais corpos e quais vivências são legítimas e normais. É papel da Psicologia posicionar-se de maneira crítica em relação à intersexualidade, para que não acabe participando da perpetuação de ideias preconceituosas e discriminatórias, bem como no reforço de moldes restritivos de normalidade que buscam determinar o modo “correto” de *ser* e *estar* no mundo.

Ressalta-se a importância de mais estudos da Psicologia sobre a intersexualidade – através de diferentes metodologias. Em especial, reforçamos a importância de estudos da Psicologia Sócio-histórica sobre o fenômeno da intersexualidade, vertente da Psicologia que se encontrava ausente desse diálogo nos artigos indicados pela revisão de literatura. Reitera-se a importância da revisitação constante das teorias e de sua atualização, percebendo as aproximações e distanciamentos possíveis entre a obra de Vigotski e fenômenos atuais. Ou mesmo a construção de pontes de diálogo entre a teoria do autor bielorrusso e outras disciplinas, em um movimento dialético que era típico dos escritos vigotskianos.

Salienta-se que durante a análise de *Middlesex* foi possível ver a potencialidade de novos estudos da obra através de diferentes recortes possíveis que não eram o foco deste trabalho, como por exemplo imigração, identidade americana e transgeracionalidade. Além disso, parece um campo fértil para estudos da Literatura, pela peculiaridade da voz narrativa e da construção formal do enredo, que podem ser melhor analisadas por pesquisadores(as) da área.

O mundo encontra-se em constante movimento, assim como a sociedade e o meio científico. Vigotski (2007, p. 68) aponta que “somente em movimento que o corpo mostra o que é”, de modo que na pesquisa em psicologia sócio-histórica estuda-se o *processo*, uma vez que os fenômenos estão em constante mudança. Para tanto, estudar algo no seu processo de mudança é um dos pontos centrais de um método dialético (VIGOTSKI, 2007). Dessa forma, parece-me necessário pontuar algumas transformações que ocorreram desde a gênese do projeto de mestrado até a finalização. Destaca-se o lançamento do livro *Intersexo*, organizado

por Maria Berenice Dias (2018), um marco entre as publicações sobre a intersexualidade, reunindo artigos de pesquisadores(as) de diferentes áreas do conhecimento na tentativa de abordar aspectos jurídicos, internacionais, trabalhistas, registrares, médicos, psicológicos, sociais e culturais da intersexualidade. Além disso, houve avanço nas normas de registro de recém-nascidos em três estados brasileiros (Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo) no ano de 2019, ainda que haja um caminho longo a ser trilhado para que se estendam a uma prática nacional. Por último, a inclusão do filme argentino *XXY* de Lucía Puenzo (2007), que possui protagonista intersex, no catálogo do serviço de *streaming* Netflix pode facilitar, para uma parte do público brasileiro, o acesso a interpretações da intersexualidade no cinema.

A escrita da dissertação – e o conhecimento através dela acumulado – entraram em diálogo com as vivências durante o estágio no Hospital Universitário, criando novas cadeias de significado para os atendimentos realizados durante aquele processo. Além disso, esta pesquisa acrescenta à minha trajetória como pesquisadora, construindo e reconstruindo concepções em cima dos alicerces presentes durante a iniciação científica, a graduação e o estágio. Assim como esta pesquisa me auxiliou na construção de um arcabouço teórico acerca da intersexualidade e de uma visão crítica acerca do fenômeno, espero que possa auxiliar também outros(as) pesquisadores e profissionais, bem como alunos de graduação e mestrado.

Segundo Vigotski (2008), é através da palavra que o pensamento se organiza e adquire existência. Nesse sentido, a tarefa de escrever uma dissertação se assemelha é a de construir edifício de palavras, onde os argumentos evocados são tijolos desta construção. Todavia, mesmo depois de terminada a dissertação, o texto ainda continua em edificação. Partindo do pressuposto vigotskiano de que o(a) interlocutor(a) reproduz, recria e elucida a obra (VIGOTSKI, 1999a), podemos compreender que a dissertação será recriada a cada leitura: alguém irá ler as palavras e preencher as lacunas e silêncios que inevitavelmente estarão presentes nessas páginas. Desse modo, intenciono a construção de novos questionamentos, a abertura para o diálogo e a recriação constante desse estudo a cada nova leitura.

REFERÊNCIAS

- ACÁCIO, K. H. P. **Pais e ambiguidade genital: considerações a partir de estudo de caso.** 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- ACÁCIO, K.H.P.; ZANOTTI, S. V.; MONLLÉO, I. L. O segredo na clínica da ambiguidade genital: estudo de caso. **Estilos da Clínica**, v. 23, n. 2, p.306-321, 2018.
<https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i2p306-321>
- AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em Psicologia Sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 129-140.
- ANTOSH, M. **Comparative Analysis of the Social Networking Websites LibraryThing and GoodReads.** 2010. Disponível em: <http://marissajantosh.yolasite.com/resources/Antosh-Marissa-05.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- ARRIGONI, J. V. F. O registro civil de crianças intersexuais, reflexos no brasil e inovações internacionais. **Âmbito Jurídico**, 01 de outubro de 2017. Disponível em: <
<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-civil/o-registro-civil-de-criancas-intersexuais-reflexos-no-brasil-e-inovacoes-internacionais/>> Acesso em: 18 jun. 2021.
- BARBOZA, A. M. M. *et al.* Metassíntese do conceito de Assexualidade. MELO, I. F.; AZEVEDO, N. D. (Orgs.) In: **Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama.** Campina Grande: Realize Eventos, 2020, p. 384-400.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRETO, F. C. L. Precisamos falar sobre intersexo. In: DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo.** São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 49-68.
- BARROCO, S.M.S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da Psicologia da Arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2. p. 22-32, 2014.
- BARROS, J. P. P *et al.* O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 174-181, 2009.
- BELLESA, M. Um projeto para ampliar o entendimento sobre os distúrbios do desenvolvimento sexual. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, 25 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/dds>. Acesso em: 12 set. 2019.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>.

BINS, S. B. F. **A estrutura céptico-pirrônica da narrativa em Dom Casmurro: ou de por que não é possível nem afirmar, nem negar o adultério de Capitu**. 2018. 49f. Monografia (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, F. **O nome próprio na clínica de ambiguidade genital**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

BRASIL. **Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973**. Dispõe sobre os registros públicos, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6015original.htm>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 15-36.

CALDEIRA, M. C. S.; PARAÍSO, M. A.. Tecnologias de gênero, dispositivo de infantilidade, antecipação da alfabetização: conflitos na produção de corpos generificados. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 755-772, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201609152282>.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, A. K. F. **A construção dialógica da identidade em pessoas intersexuais: o x e o y da questão**. 2012. 204f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Saúde) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, A. K. F. Bastos, A. C. S. B.; Lima, I. M. S. O. O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1145-1164, 2009. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000400013>

CANUTO, L. T. **Conceito de infância em artigos brasileiros de Psicologia**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

CARVALHO, R. *et al.* (orgs.). **Por que calar nossos amores?: poesia homoerótica latina**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CHASE, C. Letters from Readers. **The Sciences**, p. 3, Julho/Agosto, 1993. Disponível em: <<https://isna.org/articles/chase1995a/>> Acesso em: 19 jun. 2021.

CECCARELLI, P. R. O corpo como estrangeiro. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 54-60, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **RESOLUÇÃO CFM nº 1.664/2003**, de 13 de maio de 2003. Disponível em: <

http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2003/1664_2003.html > Acesso: 12 set. 2018

COLE, M.; SCRIBNER, S. **Introdução**. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Affeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. XVII-XXXVIII.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (Brasília). **RESOLUÇÃO CFM Nº 1.664/2003**. Brasília, 11 abr. 2003. Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2003/1664_2003.htm. Acesso em: 16 dez. 2019.

CROCHÍK, J. L. Preconceito e inclusão. **Webmosaica**, v. 3, n. 1, 2011, p. 32-42.

CROCHÍK, J. L. Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. **Psicol. USP**, v. 30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v30/1678-5177-pusp-30-e190006.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

DEVUN, L. Heavenly hermaphrodites: sexual difference at the beginning and end of time. **Postmedieval: a journal of medieval cultural studies**, v. 9, n. 2, p. 132–146, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1057%2Fs41280-018-0080-8.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018.

DORIA, N. G. O corpo na história: a dupla natureza do homem na perspectiva materialista dialética de Vigotski. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 56, n. 1, p. 34-48, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672004000100004. Acesso em: 06 jun. 2021.

DREGGER, A. **Why "Disorders of Sex Development"? (On Language and Life)**. 2007. Disponível em: <<http://alicedreger.com/dsd>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

DRIVER, B. **The origins of Intersex Awareness Day**. 14 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://intersexday.org/en/origin-intersex-awareness-day/>> Acesso em: 19 jun. 2021.

EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária**. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ECO, U. **Sobre a literatura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EUGENIDES, J. **Middlesex**. Companhia das Letras: São Paulo, 2014.

EUGENIDES, J. **Middlesex**. New York: Picador, 2002.

EUGENIDES, J. **The Virgin Suicides** Toronto: Harper Collins Canada, 1993.

EUGENIDES, J. **The Marriage Plot**. Londres: Fourth Estate, 2011

FÁBIO, A. C. O que é intersexualidade. E como é se descobrir intersexual. **NEXO**, 03 de fevereiro de 2018. Disponível: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/02/03/O-que-%C3%A9-intersexualidade.-E-como-%C3%A9-se-descobrir-intersexual>> Acesso em: 01 jul. 2021.

FAUSTO-STERLING, A. The Five Sexes, Revisited. **The Sciences**, v. 40, n. 4, p. 19-25, 2000b.

FAUSTO-STERLING, A. The Five Sexes. **The Sciences**, 1993. Disponível em: <https://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/TPB_MA_5937.pdf> Acesso em: 19 jun. 2021.

FAUSTO-STERLING, A. **Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality**. New York: Basic Books, 2000a.

FOERSTE, M. S.; CAMARGO, F. M. B. Estranhamento como categoria estética em arte. In: **Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”**, 2010, p. 2057-2070.

FOUCAULT, M. **Abnormal: Lectures at the College de France**. New York: Picador, 2003.

FRASER, R. T. D.; LIMA, I. M. S. O. Intersexualidade e direito à identidade: uma discussão sobre o assentamento civil de crianças intersexuadas. **Journal of Human Growth and Development**, v. 22, n. 3, p. 358-366, 2012. <https://doi.org/10.7322/jhgd.46703>

GAETANO, P. David Reimer and John Money Gender Reassignment Controversy: The John/Joan Case. **Embryo Project Encyclopedia**, 2017. Disponível em: <<http://embryo.asu.edu/handle/10776/13009>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

GUERRA JÚNIOR, G.; FERRAZ, L. F. C.; HACKEL, C. **Deficiência de 5 α -redutase tipo 2**. In: MACIEL-GUERRA; GUERRA-JÚNIOR (orgs.). **Menino ou Menina? Os distúrbios da diferenciação do sexo**. Barueri: Editora Manole, 2002, p. 128-139.

GOLDSCHIMIDT, R. Intersexuality and the endocrine aspect of sex. **Endocrinology**, v. 1, n. 4, p. 433-456, 1917. <https://doi.org/10.1210/endo-1-4-433>

GREGOVISKI, V. F.; SILVA, F. L. L.; HLAVAC, L. A. B. “‘É MENINO OU MENINA?’ – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS” **PERSPECTIVA**, v. 40, n.152, p. 89-99, 2016.

HARTMANN, J. B.; SANTOS, K. R.; ANTONIASSI, R. P. N. Ele ou ela? quando é necessário conceber, ressignificar e renascer no imaginário dos pais - intervenções psicológicas. **Rev. SBPH**, v. 13, n.2, p. 192-209, 2010. ISSN 1516-0858.

HEMESATH, T. P. Anomalias da diferenciação sexual: representações parentais sobre a constituição da identidade de gênero. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 3, p. 583-590, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300018>

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Montecristo Editora, 2012.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

ILGA. **3rd International Intersex Forum**. 2013. Disponível em: <<https://www.ilga-europe.org/what-we-do/our-advocacy-work/trans-and-intersex/intersex/events/3rd-international-intersex-forum>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

INTERSEX DAY. Intersex Awareness Day. 30 de maio de 2011. Disponível em: <
<https://intersexday.org/en/intersex-awareness-day/>> Acesso em: 19 jun. 2021.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky.** Recife: Editora Massangana, 2010.

KAHHALE, E. M. P. (2007). Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 179-192.

KLEE, P. **Sobre a arte moderna.** Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2014.

KURY, M. G. **Dicionário de Mitologia.** 6ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEE, M. Why Jeffrey Eugenides' Middlesex Is So Inoffensive. **Critique: Studies in Contemporary Fiction**, v. 51, n.1, p. 32- 46, 2010. [doi:10.1080/00111610903249856](https://doi.org/10.1080/00111610903249856).

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LIM, M. S. C.; HELLARD, M. E.; HORYNIAK, D. Safe sex in chick lit: a 'novel' analysis of sexual health references in popular women's fiction. **Sexual Health**, v. 15, n.5, p. 468-472, jul. 2018. <https://doi.org/10.1071/SH18017>

LIMA, S. A. M. **Intersexo e identidade: história de um corpo reconstruído.** 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIMA, L. R. S. M. S. **Self e Literatura: considerações sobre o desenvolvimento na educação de crianças.** 2017. 162f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

LURIA, A. R. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** 11º ed. São Paulo: Ícone, 2010, p. 21-38.
MACHADO, P.S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos pagu**, v. 24, pp.249-281, 2005.

MACHADO, P.S. **O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sóciomédico e cotidiano da intersexualidade.** 2008. 226f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MACIEL-GUERRA, A. T.; GUERRA-JÚNIOR. Classificação. In: MACIEL-GUERRA; GUERRA-JÚNIOR (orgs.). **Menino ou Menina? Os distúrbios da diferenciação do sexo.** Barueri: Editora Manole, 2002, p. 31-36.

MARQUES, P. N. **O Vygótski incógnito: escritos sobre arte (1915-1926).** 2015. 317f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

MARQUES, P. N. O “jovem” Vygótski: inéditos sobre arte e o papel da criação artística no desenvolvimento infantil. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018, p.1-14. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844183267>

MARQUES, P. N. O jogo dos sentidos: Estruturas duplas da arte e a categoria do sentido em Vigotski. **Cadernos Cedes**, v.40, n. 111, p. 165-175, 2020. <https://doi.org/10.1590/CC224988>

MARZANO-LESNEVICH, A. X is the Best Letter in the Alphabet. **The New York Times**, 01 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/06/01/magazine/letter-x.html>> Acesso em 19 jun. 2021.

MATOS, A. C. H.; SANTOS, A. R. B. O direito à existência civil das pessoas intersexuais: um questionamento do estatuto jurídico de gênero. In: DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 81-104.

MATTOS, R. M.; CASTANHO, M. I. S.; FERREIRA, R. F. Contribuição de Vygotsky ao conceito de identidade: uma leitura da autobiografia de Esmeralda. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 3, n. 1, p. 82-96, 2003.

MÉLLO, R. P.; SAMPAIO, J.V. Corpos intersex borrando fronteiras do discurso médico. **Rev. NUFEN**, v. 4, n. 1, p. 04-19, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000100002. Acesso em: 18 ago. 2019.

MENDONÇA, B. B. Consenso sobre o tratamento de pacientes portadores de distúrbios da diferenciação sexual. In: MACIEL-GUERRA, A.T.; GUERRA-JÚNIOR, G. (orgs.). “**Menino ou Menina?**”: **distúrbios da diferenciação sexual**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010.

MENEZES, S. K. O. *et al.* A Adolescência nos grupos de pesquisa em Psicologia no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. In: Carla Fernanda de Lima; Cyntia Mendes de Oliveira; Algeless Milka Pereira Meireles da Silva; Flavia Danielli Martins Lima; Flávia Marcelly de Sousa Mendes da Silva. (Org.). **Identidade, contemporaneidade e práticas psicológicas no contexto brasileiro**. 1ed.Teresina: Edufpi, 2018, v. 1, p. 530-536.

MISCREANT. In: **LEXICO, English Dictionary**. 2021. Disponível em: <<https://www.lexico.com/definicion/miscreant>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MORAES, V. G. *et al.* Infância nos Grupos de Pesquisa em Psicologia no Diretório de Grupos do CNPq. In: Carla Fernanda de Lima; Cyntia Mendes de Oliveira; Algeless Milka Pereira Meireles da Silva; Flavia Danielli Martins Lima; Flávia Marcelly de Sousa Mendes da Silva. (Org.). **Identidade, contemporaneidade e práticas psicológicas no contexto brasileiro**. 1ed.Teresina: Edufpi, 2018, v. 1, p. 467-473.

MOREIRA, M. I. C.; SOUZA, T. M. C. Possíveis diálogos entre a categoria analítica de gênero e a concepção de sujeito em Vygotsky. In: OLIVEIRA, A. S. S. (org.). **Psicologia Sócio-histórica e o contexto de desigualdade psicossocial**. Maceió: Edufal, 2017, p. 27-67.

NAKAMURA, L. "Words with Friends": Socially Networked Reading on Goodreads. **Modern Language Association of America**, v. 128, n.1, p. 238-243, jan. 2013. <https://doi.org/10.1632/pmla.2013.128.1.238>

NASCIMENTO, M. S.; LIMA, I. D. S.; OLIVEIRA, A. A. S. A estrutura da obra como instrumento mediador e possibilitador de vivência. In: OLIVEIRA, A. A. S.; MIURA, P. O. (orgs.). **Artes e humanidades**. Maceió: Edufal, 2019, p. 75-88.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, V. S. **Da diferenciação do sexo à diferença sexual: Um estudo psicanalítico**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

OLIVEIRA, A. A. S. *et al.* A produção de conceitos e métodos na pesquisa psicológica: contribuição da metassíntese ao conhecimento científico. In: OLIVEIRA, A. A. S. (org.). **Pesquisa Sócio-histórica e o contexto de desigualdade psicossocial: teoria, método e pesquisas**. Maceió: Edufal, 2017, p. 71-86.

OLIVEIRA, A. A. S. *et al.* As infâncias e crianças na filmografia de dramas. **Atas - Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación**, v. 1, 2019a. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2082>

OLIVEIRA, A. A. S. *et al.* Metassíntese de áreas de conhecimentos que investigam Infância(s) no Brasil. In: **Atas - Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación**, Lisboa, p. 315-324, v. 1, 2019b.

OLIVEIRA, A. A. S. *et al.* Iconography in psychosocial research with children: creation and imagination in childhood. **VII Convención Intercontinental de Psicología HOMINIS**, p. 2012-2029, 2016.

OLIVEIRA, A. A. S.; BUENO, L. D.; ROCHA, M. L. B. Estudos da Infância que utilizam fotografia como recurso metodológico: metassíntese de dissertações brasileiras em Psicologia. In: Luiza Pereira Monteiro; Glacy de Queiros de Roure. (Orgs.). **Por uma luta em defesa dos direitos das crianças: idades e diversidades**. 1ª ed. Goiânia: Editora Vieira, 2019, v. 2, p. 483-491.

OLIVEIRA, A. A. S. *et al.* Metassíntese de áreas de conhecimentos que investigam Infância(s) no Brasil. In: **Atas - Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación**, v. 1, 2019a. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2101/2031>.

OLIVEIRA, A. A. S. *et al.* Criação icônica: objetivação da imaginação e expressão de interconexões culturais. In: Rosiane Xypas; Elaine M. Costa-Fernandez; Candy Marques-Laurendon. (Org.). **Comunicação e Interculturalidade: educação, novas tecnologias e linguagens**. 1ª ed. Recife: Editora UFPE, 2018, p. 285-298.

OLIVEIRA, B. C.; ROCHA, M. L. B. **Concepções de Autoconceito: metassíntese de artigos da área de Psicologia**. 2018. 29f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

OLIVEIRA, A.C.G.A. **Corpos estranhos: reflexões sobre a interface entre a intersexualidade e os direitos humanos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) –Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

O'TOOLE, G. **History Does Not Repeat Itself, But It Rhymes**, 2014. Disponível em: <<https://quoteinvestigator.com/2014/01/12/history-rhymes/>> Acesso em: 20 abr 2021.

PAULA, A. A. O. R.; VIEIRA, M. M. R. Intersexualidade: uma clínica da singularidade. **Rev. bioét. (Impr.)**, v. 23, n.1, p. 70-9, 2015.

PAES, C. C.; BERBEL, M. A. F. O apolíneo e o dionisíaco no pensamento de Nietzsche. In: FERNANDES, M. L. S. *et al.* In: **Anais do 2º Encontro de diálogos literários: um olhar para a diversidade**. Campo Mourão: UNESPAR/FECILCAM, 2013, p. 145-152.

PAOLETTI, J. B. **Pink and Blue: telling the Boys from the Girls in America**. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

PEREIRA, R. C. Para além do binarismo: transexualidade, homoafetividades e intersexualidades. In: DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 29-48.

REGO, C.; MARCONDES, C. C. Leitura de um mal-estar na contemporaneidade: sexo, gênero e sexuação. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, v. 10, n.1, p. 24-34, 2018.

REYNOLDS, F. 'Middlesex' a disservice to wider discussions of gender?. **Palatinate**, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.palatinate.org.uk/middlesex-a-disservice-to-wider-discussions-of-gender/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ROCHA, M. L. B.; BUENO, L. D. SOARES, V. F. O. Brinquedo de menina e de menino: reflexões críticas a partir de experiências em uma brinquedoteca hospitalar. **GEPNEWS**, Maceió, v.2, n.2, p.231-237, 2019.

ROCHA, M. L. B. *et al.* Assexualidade em seriados televisivos: uma análise sócio-histórica. **REVES - Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 4, p. 13001-13013, 2020. <https://doi.org/10.18540/revesv13iss4pp13001-13013>

ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S. Iconografia como método de investigação psicológica. 2016. **Relatório de Pesquisa**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S. A fotografia na Psicologia: análise psicossocial do método de pesquisa em Teses. 2017. **Relatório de Pesquisa**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S. Mapeamento de pesquisadores e grupos de pesquisa brasileiros da infância. 2018. **Relatório de Pesquisa**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S.; MENEZES, S. K. O. A Infância no Diretório de Grupos de Pesquisa CNPq: contribuições metodológicas para uma análise Sócio-histórica dos grupos na área da Psicologia. In: Luiza Pereira Monteiro; Glacy Queiros de Roure.. (Org.).

Por uma luta em defesa dos direitos das crianças: idades e diversidades. 1ª ed. Goiânia: Editora Vieira, 2019, v. 2, p. 413-424.

ROLKER, C. The two laws and the three sexes: ambiguous bodies in canon law and Roman law (12th to 16th centuries). **Kanonistische Abteilung**, v. 100, p. 178-222, 2014. <https://dx.doi.org/10.7767/zrgka-2014-0108>

SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1983): uma abordagem psicossocial. **Psicologia USP**, v. 12, n. 2, p. 2001. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200007>

SANTOS, A. L. Para lá do binarismo? O intersexo como desafio epistemológico e político. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 102, p. 3 20, 2013. <https://dx.doi.org/10.4000/rccs.5421>

SANTOS, M. M. R.; ARAÚJO, T. C. C. F. A. A clínica da Intersexualidade e Seus Desafios para os Profissionais de Saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 3, p. 23-33, 2003.

SANTOS, M. M. R.; ARAÚJO, T. C. C. F. A. Estudos e Pesquisas sobre a Intersexualidade: Uma Análise Sistemática da Literatura Especializada. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 2, p. 267-274, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200012>

SANTOS, M. M. R.; ARAÚJO, T. C. C. F. A. Intersexo: o desafio da construção da identidade de gênero. **Rev. SBPH**, v. 7, n. 1, p. 17-28, 2004.

SANTOS JÚNIOR, P. S. **A fotografia na Psicologia: metassíntese de teses e dissertações brasileiras.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SASSO, M. M. Por que definir o indefinido? In: DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo.** São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 151-180.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 274-287, 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 ago. 2019.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. Transexualidade e Cinema: um estudo psicossocial. **Revista Polêmica**, v. 13, n. 3, p. 1317-1334, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/11665/9148>. Acesso em 18 ago. 2019.

SILVA, C. Certidão de nascimento pode ser feita com sexo ignorado. **Gazeta do Sul**, Rio Grande do Sul, 06 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/certidao-de-nascimento-pode-ser-feita-com-sexo-ignorado/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SILVA, M. R. D. Repensando os cuidados de saúde para a pessoa intersexo. In: DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo.** São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 379-404.

SIMON, L. **A Proper Young Lady.** Springfield: Faie Miss Press, 2015

SOARES, V. F. O. *et al.* Ambiência na brinquedoteca: o lúdico como recurso de desconstrução de desigualdades de gênero In: **Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama.** Campina Grande: Realize Eventos, 2020, p. 76-90.

SOUZA, A. S. L. **Os direitos da personalidade autônoma privada: a questão das crianças em situação de intersexo.** 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Relações Sociais e Novos Direitos) – Programa de Pós-graduação em Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOUZA, M. Nem rosa, nem azul: como é ser pessoa intersexo no Brasil. **TAB**, 18 de julho de 2019. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/07/18/nem-rosa-nem-azul-como-e-ser-pessoa-intersexo-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 01 jul. 2021.

SUPERTI, T. **VYGOTSKI, MACHADO DE ASSIS E A PSICOLOGIA DA ARTE: do objeto, do método e das contribuições para a humanização do homem.** 2013. 221f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2013.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural.** 2009. 348f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

TORRES, M. A. **Vergonha e definição do sexo: um estudo psicanalítico.** 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

VERSIGNASSI, A. O que é o Gato de Schrödinger? **Mundo Estranho**, 8 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-gato-de-schrodinger>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

VIEIRA, A. M. Reflexões sobre corpos dissidentes sob o olhar feminista decolonial-queer. In: DIAS, M. B. (coord.). **Intersexo.** São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 481-492.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** 11º ed. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-118.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Affeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância.** Tradução de João Pedro Fróis. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKY, L. S. Concrete Human Psychology. **Soviet Psychology**, v. 27, n. 2. p. 53-77, 1989.

VIOTTO FILHO, I A. T.; PONCE, R. F.; ALMEIDA, S. H. V. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. **Psicol. educ. [on-line]**, v. 29, p. 27-55, 2009. ISSN 1414-6975.

WEDEKIN, L. M. **Psicologia e arte: os diálogos de Vigotski com a arte russa de seu tempo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

WOODWARD, D. Literary Voices of Detroit. **AnOther Magazine**, 2015. Disponível em: <https://www.anothermag.com/design-living/7417/literary-voices-of-detroit>. Acesso em: 10 out 2020.

WORRAL A. W. “Like a Real Friendship”: Translation, Coherence, and Convergence of Information Values in LibraryThing and Goodreads. **iConference 2015 papers**, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2142/73641>. Acesso em: 23 abr. 2019.

XXY. Direção: Lucía Puenzo. Produção: Luísina Troncoso; Natasha Braier; Sérgio Bizzo. Cinéfondation; Ministerio de Cultura y Deporte, 2007. (86min): son., color.

ZANOTTI, S. V.; XAVIER, H. V. Atenção à saúde de pacientes com ambiguidade genital. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v.63, n. 2, p. 82-91, 2011.

APÊNDICE – Lista alfabética completa de livros indicados pelo banco Goodreads

Nome do livro	Autor/a	Ano	Sinopse
(Re)cycler	Lauren McLaughlin	2009	Jill McTeague is not your average high school graduate, she's a scientific anomaly. Every month for four days she turns into Jack, a guy—complete with all the parts. Now everyone in her hometown knows that something very weird is up with her. So what's a girl (and a guy) to do? Get the heck out of town, that's what! With her kooky best friend, Ramie, Jill sets out for New York City. There both she and Jack will have to figure out everything from the usual (relationships) to the not so usual (career options for a "cycler," anyone?).
2312	Kim Stanley Robinson	2012	The year is 2312. Scientific and technological advances have opened gateways to an extraordinary future. Earth is no longer humanity's only home; new habitats have been created throughout the solar system on moons, planets, and in between. But in this year, 2312, a sequence of events will force humanity to confront its past, its present, and its future. The first event takes place on Mercury, on the city of Terminator, itself a miracle of engineering on an unprecedented scale. It is an unexpected death, but one that might have been foreseen. For Swan Er Hong, it is an event that will change her life. Swan was once a woman who designed worlds. Now she will be led into a plot to destroy them.
959 Brenton Street	Thianna Durston	2015	Trent Farnsworth moves to Falcon Pointe to get as far away from his controlling family and religion as he can. While his conservative upbringing makes it hard for Trent to admit he's gay, he accidentally outs himself in front of his four new roommates. None of the men living at 959 Brenton Street are what the world would consider normal, but all four accept him for who he is. He never expects to feel right at home in a loving discipline household. And when Trent falls for his much older landlord, Dr. Cory Venerin, he's as surprised as anyone, but discovering Cory feels the same makes Trent realize he's truly in the right place at the right time. Until he tells his family he's gay. His father uses any resource at his disposal to destroy him, including Trent's love for Cory. As his father schemes to send Trent to a hospital whose sole purpose is to rip the gay out of him, Cory battles to save not only Trent—but also the

			possibility of a future together
A Matter of Disagreement	E.E. Ottoman	2014	Two sworn rivals, a clash of ideas, and an attraction neither can deny. A noted scholar of ancient literature and spellcraft, Lord Ashcroft "Andrea" de Bourbon, finds his world shaken when the new science of mechanical animation becomes the talk of high society. In response, Andrea takes to the presses gaining notoriety for his scathing critiques of mechanical animation and its founder the Marquis de la Marche. Then one night Andrea comes face to face with the Marquis de la Marche and discovers he is nothing like Andrea expected. Leon Gregory de la Marche VI, Marquis de la Marche is handsome, brilliant, and charming. While their clashes on paper have become legendary in person they are even more explosive. As passions rise Andrea knows there is no backing down.
A Memory Away	Taylor Lewis	2014	In a world where it's unusual but men can carry children, boutique owner Kyle Gerritsen has just about managed to get his life back on an even keel after a pretty rocky couple of years when someone puts a brick through his shop window. Typical of the way his life has gone of late it's suspected he is the latest victim of a mini crime wave in his neighborhood and he is horrified when one of the investigating detectives assigned to his case turns out to be Jonah Goldman – otherwise known as the one night stand that has unknowingly fathered Kyle's beloved son Shea. Kyle doesn't know whether to be relieved or outraged when it is apparent that Jonah has no memory of their night together but knows that he needs to do everything he can to keep out of the studly detective's way in future – especially as the gleam in the detective's eye is all too familiar and the last time he saw it he ended up a single father! Jonah just knows that there's something about Kyle and he's just interested enough to ignore Kyle's increasingly desperate attempts at rejection to try and figure out what it is.
A Proper Young Lady	Lianne Simon	2015	A woman with the complete form of Androgen Insensitivity Syndrome might never discover that she has testes in her abdomen rather than ovaries and uterus. Danièle knows, and she grieves that she can never have her own children. She has a partial form of AIS that left her with ambiguous genitals, a steady stream of doctors and psychologists, and parents determined to see her happy as a girl. After Danièle's best friend and childhood crush agrees to have a baby for her,

			Danièle learns that the clinic can extract sperm from her own gonadal biopsies, and she becomes the father of Melanie's baby herself. Ethan adores the graceful young woman named Danièle, while Melanie imagines a life with the father of her child. Danièle? She's happy with her intersex body—somewhere between princess and little boy. But in a black and white world, she must choose—once and for all—who she will be. And whom she will love.
A Sheriff for Two Bears	Kelex	2016	Joshua Running Bear's life is in turmoil. The thousand-year-old shaman no longer hears the voices of their ancestors, not after his successor is born. He'd expected to die when they no longer had need of him, so he's surprised when he begins to grow younger by the day. But not as surprised as he is when he finds a new mate—and a female bear shifter at that. The closer he tries to get, the more Hannah pushes him away. Not all is as it seems with the shebear, and he'll soon learn the deep, dark secret she holds close. Joshua also feels a pull to the reservation's sheriff, Mattheu. Mattheu's not his mate, but there's something pushing them together. Only adding more craziness to Joshua's life, a killer is on the hunt for Mattheu. Can Joshua keep them safe long enough to claim them both?
Above	Leah Bobet	2012	I read that word in one of Atticus's thick old books once. When I went to Jack to ask what it meant, he held his hands out and they glowed so gentle I thought they might kiss the air, and since that day I wanted a place that was iridescent, that lit without burning. Being in love is sort of like that, when it's real. When it's true. Matthew has loved Ariel from the moment he found her in the tunnels, her blond hair shining and her bee's wings falling away. They live in Safe, an underground refuge for those fleeing the city Above--as does Whisper, who speaks to ghosts, and Jack Flash, who can shoot lightning from his fingers. But one terrifying night, an old enemy invades Safe with an army of shadows and only Matthew, Ariel, and a few friends escape Above. Forced to survive in the most dangerous place he can imagine, Matthew strives to unravel the mystery of the shadows' powers and Safe's own secret history. For he knows he must find a way to remake Safe--not just for himself and his friends, but for Ariel, who's again faced with a life she fled, and who needs him more than ever before.
After School	Setona	2004	Like most teenagers, Mashiro Ichijo has a secret. But Mashiro's

Nightmare: Volume 1	Mizushiro		secret is that he's neither fully male nor female! So far, Mashiro's been able to live his life as a boy, but all this changes when he's informed of a new class he must take in order to graduate from his elite prep school. To pass, he must find the "Key"...and the only way to find it is to enter into a nightmare world where his body and soul are put at the mercy of the worst kind of enemies: his classmates!
Alex	Stefan Angelina McElvain	2015	Alex is a hermaphrodite. This is her/his story, a journey of self-discovery. It starts with a one-month-old baby deserted in front of a church who grows up in an orphanage. While exploring her/his body as a teenager, she accidentally makes herself pregnant. Fearful of discovery, she leaves the mid-West for the big city, Los Angeles. She starts to have visions and realizes she is both herself, and the baby she is carrying. Her intellect increases during the pregnancy. She falls prey to the big city, getting sucked into prostitution. A hermaphrodite is in demand, a novelty for the rich and powerful. She becomes their plaything and seeks revenge. Alex evolves, turning the tables on the elite, becoming a very young rich widow. A second baby opens her mind further, but life becomes tangled when the Mob gets involved.
Alex As Well	Alyssa Brugman	2013	Alex wants change. Massive change. More radical than you could imagine. Her mother is not happy, in fact she's imploding. Her dad walked out. Alex has turned vegetarian, ditched one school, enrolled in another, thrown out her clothes. And created a new identity. An identity that changes her world. And Alex—the other Alex—has a lot to say about it. Alex As Well is a confronting and heartfelt story of adolescent experience—of questioning identity, discovering sexuality, navigating friendships and finding a place to belong. Alex is a strong, vulnerable, confident, shy and determined character, one you will never forget.
Amaranth & Ash	Jessica Freely	2010	In a world where everyone has their place, Amaranth & Ash belong together. Amaranth is a vasai, born with both male and female characteristics, and a soul that can reach out and touch the souls of others in order to heal them. But a vasai's services are only for the Elai, and they demand sexual satisfaction as well as healing from their beautiful servants. Frustrated with these constraints, Amaranth wants to use his talent to help those who really need it. Ash is a chel. Considered devoid of souls,

			<p>chel are the lowest of the low. Not content with his lot, Ash steals from the middle class pel. One night he's caught and brutally punished. A soul in agony calls out to Amaranth from across the city. When he discovers that it belongs to a chel, it only confirms his worst suspicions about the lies of the Elai. Amaranth takes Ash home and heals him, an act of rebellion that could cost both their lives. Amaranth's compassion for Ash soon turns to passion. Ash treats him like a person, not an instrument of sexual gratification. Neither of them have much experience with mutual pleasure but together they embark on an exploration of intimacy and desire that carries them to the heights of passion and love -- and shakes the very foundation of their world.</p>
An Unkindness of Ghosts	Rivers Solomon	2017	<p>Odd-mannered, obsessive, withdrawn, Aster has little to offer folks in the way of rebuttal when they call her ogre and freak. She's used to the names; she only wishes there was more truth to them. If she were truly a monster, as they accuse, she'd be powerful enough to tear down the walls around her until nothing remained of her world, save for stories told around the cookfire. Aster lives in the low-deck slums of the HSS Matilda, a space vessel organized much like the antebellum South. For generations, the Matilda has ferried the last of humanity to a mythical Promised Land. On its way, the ship's leaders have imposed harsh moral restrictions and deep indignities on dark-skinned sharecroppers like Aster, who they consider to be less than human. When the autopsy of Matilda's sovereign reveals a surprising link between his death and her mother's suicide some quarter-century before, Aster retraces her mother's footsteps. Embroiled in a grudge with a brutal overseer and sowing the seeds of civil war, Aster learns there may be a way off the ship if she's willing to fight for it.</p>
Androgyny	Alison Venugoban	2000	<p>Even in the future, there is discrimination. On the planet of Spectra, hermaphrodites and unmutated humans live together, but not harmoniously. The unknown provokes fear. A young woman named Dayna forms a friendship with an immigrant of the planet Tuesday Bright, the hermaphrodite Attis. Amidst the turmoil of an epidemic amongst their food supply, they grow closer, bonds tightening with the miscarriage of Attis' child. They try to ignore the ill-feeling stirred up by their pairing, but neither Dayna nor Attis can deny that the difficulties could</p>

			overwhelm them.
Annabel	Kathleen Winter	2010	In 1968, into the devastating, spare atmosphere of Labrador, Canada, a child is born: a baby who appears to be neither fully boy nor fully girl, but both at once. Only three people are privy to the secret—the baby’s parents, Jacinta and Treadway, and their trusted neighbor and midwife, Thomasina. Though Treadway makes the difficult decision to raise the child as a boy named Wayne, the women continue to quietly nurture the boy’s female side. And as Wayne grows into adulthood within the hypermasculine hunting society of his father, his shadow-self, a girl he thinks of as “Annabel,” is never entirely extinguished. When Wayne finally escapes the confines of his hometown and settles in St. John’s, the anonymity of the city grants him the freedom to confront his dual identity. His ultimate choice will once again call into question the integrity and allegiance of those he loves most. Kathleen Winter has crafted a literary gem about the urge to unveil mysterious truth in a culture that shuns contradiction, and the body’s insistence on coming home.
Ari	Cheryl Headford	2015	After having known each other online for some time, writers, Benji and Ari meet at a convention. Their attraction is both immediate and mutual. But all is not straightforward—Ari is intersex and Benji transgender. Together they embark on a journey. A journey that unites families, and heals old wounds. But not everyone is happy with the blossoming love between these two unique and special individuals. Will an act of aggression crush the flower before it can bloom?
Ari	Nephy Hart	2017	After having known each other online for some time, writers, Benji and Ari meet at a convention. Their attraction is both immediate and mutual. But all is not straightforward—Ari is intersex and Benji transgender. Together they embark on a journey. A journey that unites families, and heals old wounds. But not everyone is happy with the blossoming love between these two unique and special individuals. Will an act of aggression crush the flower before it can bloom?
As Nature Made Him: The Boy Who Was Raised as a Girl	John Colapinto	2000	In 1967, after a twin baby boy suffered a botched circumcision, his family agreed to a radical treatment that would alter his gender. The case would become one of the most famous in modern medicine—and a total failure. As Nature Made Him tells the extraordinary story of David Reimer, who, when

			finally informed of his medical history, made the decision to live as a male. A macabre tale of medical arrogance, it is first and foremost a human drama of one man's—and one family's—amazing survival in the face of terrible odds.
Assassins: Nemesis	Erica Cameron	2017	Being orphaned and almost kidnapped in the space of a week sent Blake Marks into hiding. For months, Blake tries to help the Calvers—a family of vigilante bodyguards—investigate the people behind the hit on Blake's father, Isaac, but then the safehouse is compromised. Just as hired thugs storm the house to grab Blake, Daelan Calver dives into the fight, getting them both out alive. Hiding isn't an option anymore, but hit squads, under-the-table deals, and international espionage? Blake has no idea how to handle any of it, not even with Daelan's family there to play teachers. The one thing Blake knows for sure is that there are only two options: keep up with the Calvers or get out of their way. But even with the Calvers' help and the glimmer of a possible future with Daelan giving Blake hope, chances of survival keep shrinking. The man who ordered the hit on Isaac may be dead, but his partner is viciously cold-blooded, and her plans could change the course of history. Blake wants to finish what Isaac started, but it's looking like someone is going to die before this is over. And that someone might be Blake.
Between XX and XY: Intersexuality and the Myth of Two Sexes	Gerald N. Callahan	2009	"On October 10, 1970, the day she was born, she was named Dorothy Maree Alaniz--a baby girl. Curiously, though, no one filled out a birth certificate that day. When the certificate was finally filed on November 5, the name on it was Rudolph Andrew Alaniz. Within less than one month after her birth, this girl became a boy." Every year in the United States, more than two thousand children are born with an intersex condition or disorder of sex development. What makes someone a boy or a girl? Is it external genitalia, chromosomes, DNA, environment, or some combination of these factors? Not even doctors or scientists are entirely clear. What is clear is that sex is not an either-or proposition: not girl/boy, XX/XY, switching between two poles like an on-off switch on a radio. Rather, sex is like the bass and treble knobs on that radio. Between XX and XY provides a fascinating look at the science of sex and what makes people male or female. There are people born XXY, XXXY, or XXXXY, or with any number of variations in X or

			Y chromosomes, but those who do not fit into society's preconceived notions about sex often face a difficult path in life. Dr. Callahan explores why humans are so attached to the idea of two sexes, and examines our obsession with sex and sexual intercourse through the ages.
Beyond Magenta: Transgender Teens Speak Out	Susan Kuklin	2014	Author and photographer Susan Kuklin met and interviewed six transgender or gender-neutral young adults and used her considerable skills to represent them thoughtfully and respectfully before, during, and after their personal acknowledgment of gender preference. Portraits, family photographs, and candid images grace the pages, augmenting the emotional and physical journey each youth has taken. Each honest discussion and disclosure, whether joyful or heartbreaking, is completely different from the other because of family dynamics, living situations, gender, and the transition these teens make in recognition of their true selves.
Beyond: the Queer Sci-Fi & Fantasy Comic Anthology	Sfé R. Monster & Cols.	2015	Beyond is an anthology of queer sci-fi and fantasy comics. Featuring 18 stories by 26 contributors, Beyond is a 250+ page, black and white, queer comic anthology, full of swashbuckling space pirates, dragon slayers, death-defying astronauts, and monster royalty. Each story celebrates and showcases unquestionably queer characters as they explore the galaxy, mix magic, have renegade adventures, and save the day! The Beyond Anthology was born from a desire to see stories inspired by people like us (queer people with diverse genders and sexualities) slaying dragons, piloting spaceships, getting into trouble, and saving the day—without having to read for their queerness from between the lines. We wanted to see beautiful, heartwarming, and adventurous stories that reflect and celebrate the many facets of gender and sexuality, without having to worry that their queerness would cast them as a villain, a pariah, or turn them into a cautionary tale. Beyond is edited by Sfé R. Monster, assistant edited by Taneka Stotts, and features a group of 26 contributors who have created 18 exceptional all-ages stories that showcase and celebrate openly and unabashedly queer characters in science fiction and fantasy-based settings.
Bind Me in Steel	BEAST .	2018	The day the dark stranger came was the day Wren Striker's pack was destroyed. All his life, Wren has known only his clan. His place. His service to his lord. Young, vulnerable, sheltered

			<p>within one of the last fortresses held by wolves in a ruined, drowning world, Wren was raised to know only one thing: As an omega, he was born to be his alpha's mate. But when the alpha of his pack challenges a stranger trespassing on their lands, a devastating loss to the mysterious, soft-spoken brute of a wolf leaves their pack shattered and without a leader. Yet when the dark stranger demands not dominance, but Wren himself as his price and his prize, Wren finds himself torn from the wolf-eat-wolf world he's always known to become one half of a pack of two with no home but the wandering road and open sky. The strange man known as Ero Wake claims he isn't an alpha. Isn't a leader. Isn't anything but a lone wolf finding a way to survive in a broken world, where dryads and werewolves war for space with humans and halflings; where blood frenzies turn man into beast and beast into monster; where the Echo's subliminal whispers seek out the unwary and lure them north, to a centuries-old Disc waiting with its eldritch songs that broke the world. But Ero knows more than he lets on, secrets as old as the end of the Earth, and something about the strength beneath his silence calls to every primal thing buried inside Wren. It's animal. It's instinctive. It's a need deeper than blood, a craving to belong to Ero and Ero alone. Every day with the much older wolf stokes the mating heat in Wren's blood higher—yet for Ero, the risk of mating with Wren is too dangerous. Too frightening, when losing control of himself could unleash a beast more feral than any the world has ever seen. Half broken, touched by the Echo, Ero isn't like any wolf Wren has ever met. But if Ero isn't careful...he'll find himself tamed and bending to Wren's delicate touch, both his heart and his wildness bound up in steel.</p>
<p>Bitch Planet, Vol. 1: Extraordinary Machine</p>	<p>Kelly Sue DeConnick</p>	<p>2015</p>	<p>Eisner Award-nominated writer Kelly Sue DeConnick (Pretty Deadly, Captain Marvel) and Valentine De Landro (X-Factor) team up to bring you the premiere volume of Bitch Planet, a deliciously vicious riff on women-in-prison sci-fi exploitation. In a future just a few years down the road in the wrong direction, a woman's failure to comply with her patriarchal overlords will result in exile to the meanest penal planet in the galaxy. When the newest crop of fresh femmes arrive, can they work together to stay alive or will hidden agendas, crooked guards, and the deadliest sport on (or off!) Earth take them to</p>

			their maker?
Black Jesus and Other Superheroes	Venita Blackburn	2017	Black Jesus and Other Superheroes chronicles ordinary people achieving vivid extrasensory perception while under extreme pain. The stories tumble into a universe of the jaded and the hopeful, in which men and women burdened with unwieldy and undesirable superhuman abilities are nonetheless resilient in subtle and startling ways. Venita Blackburn's characters hurl themselves toward the inevitable fates they might rather wish away. Their stories play with magic without the sparkle, glaring at the internal machinations of the human spirit. Fragile symbols for things such as race, sexuality, and love are lifted, decorated, and exposed to scrutiny and awe like so many ruins of our imagination. Through it all Blackburn's characters stumble along currents of language both thoughtful and hilarious.
Black Wine	Candas Jane Dorsey	1997	Why is there an old woman, in a hanging cage for punishment, keeping a journal written in blood? Candas Jane Dorsey has written an ambitious, feminist novel about women coming to terms with their identity in a barbarous fantasy world. Dorsey's women travel across the world, from the slave dens to the merchant cities, across seas by ship and by dirigible, to isolated mountain villages and back again. "But there remains provocative ambiguity as the story progresses. There is a woman exiled from her family, a mother who has abandoned her daughter, an old woman in a cage, a young women slave on a lord's estate who does not remember her past. How many of them are the same woman?
Blacker than Black	Rhi Etzweiler	2012	Apparently, my twin and I are two of York's most notorious criminals. We've been Nightwalkers in the blue-light district since the vamps took over the world. Don't know how many years it's been. Long enough that a stream of fellow 'walkers have come and gone. Most don't last long selling their chi. End up face-down in the gutter, or worse. For us, one night and one sale change everything. Monsieur Garthelle is the first john to hunt me down. He calls me a chi thief in one breath and offers absolution—servitude—in the next. Maybe I'm a sucker, but I like living and breathing. Strange that such a powerful vamp would show leniency to a mere human. And something's not right with the chi I took from him. It won't go away. Neither will he, and he's forcing us to spy on his peers. Then a vamp

			turns up dead, and we go from playing eyes and ears to investigating a murder. This isn't what I signed up for. All I ever wanted was to sell a little chi, maybe steal some in return. I should've kept my damn hands to myself. This is my story. Look through my eyes.
Bodies in Doubt: An American History of Intersex	Elizabeth Reis	2009	<p>What does it mean to be human? To be human is, in part, to be physically sexed and culturally gendered. Yet not all bodies are clearly male or female. <i>Bodies in Doubt</i> traces the changing definitions, perceptions, and medical management of intersex (atypical sex development) in America from the colonial period to the present day. From the beginning, intersex bodies have been marked as "other," as monstrous, sinister, threatening, inferior, and unfortunate. Some nineteenth-century doctors viewed their intersex patients with disrespect and suspicion. Later, doctors showed more empathy for their patients' plights and tried to make correct decisions regarding their care. Yet definitions of "correct" in matters of intersex were entangled with shifting ideas and tensions about what was natural and normal, indeed about what constituted personhood or humanity. Reis has examined hundreds of cases of "hermaphroditism" and intersex found in medical and popular literature and argues that medical practice cannot be understood outside of the broader cultural context in which it is embedded. As the history of responses to intersex bodies has shown, doctors are influenced by social concerns about marriage and heterosexuality. <i>Bodies in Doubt</i> considers how Americans have interpreted and handled ambiguous bodies, how the criteria and the authority for judging bodies changed, how both the binary gender ideal and the anxiety over uncertainty persisted, and how the process for defining the very norms of sex and gender evolved. <i>Bodies in Doubt</i> breaks new ground in examining the historical roots of modern attitudes about intersex in the United States and will interest scholars and researchers in disability studies, social history, gender studies, and the history of medicine.</p>
Born Both: An Intersex Life	Hida Viloría	2017	<p>My name is Hida Viloría. I was raised as a girl but discovered at a young age that my body looked different. Having endured an often turbulent home life as a kid, there were many times when I felt scared and alone, especially given my attraction to girls. But unlike most people in the first world who are born intersex--meaning they have genitals, reproductive organs,</p>

			<p>hormones, and/or chromosomal patterns that do not fit standard definitions of male or female--I grew up in the body I was born with because my parents did not have my sex characteristics surgically altered at birth. It wasn't until I was twenty-six and encountered the term intersex in a San Francisco newspaper that I finally had a name for my difference. That's when I began to explore what it means to live in the space between genders--to be both and neither. I tried living as a feminine woman, an androgynous person, and even for a brief period of time as a man. Good friends would not recognize me, and gay men would hit on me. My gender fluidity was exciting, and in many ways freeing--but it could also be isolating. I had to know if there were other intersex people like me, but when I finally found an intersex community to connect with I was shocked, and then deeply upset, to learn that most of the people I met had been scarred, both physically and psychologically, by infant surgeries and hormone treatments meant to "correct" their bodies. Realizing that the invisibility of intersex people in society facilitated these practices, I made it my mission to bring an end to it--and became one of the first people to voluntarily come out as intersex at a national and then international level. Born Both is the story of my lifelong journey toward finding love and embracing my authentic identity in a world that insists on categorizing people into either/or, and of my decades-long fight for human rights and equality for intersex people everywhere</p>
Broken	Savannah Brooks	2016	<p>Lucas Dougherty pretty much has everything money can buy, including all the one-night stands a guy in his mid twenties could ever want, but it's not what he wants, at least, not anymore. On his birthday, Lucas reflects on his past and realizes he wants more. He wants someone to see him, not his money. He wants a guy to share his life with. He wants a family. He wants love. Only he's never been good with relationships. As a matter of fact, he destroys them. All the men in his family do. Jordan Quinn knew he liked boys from a young age. He was fortunate that his parents loved him for who he was and were in fact very supportive of him, but that didn't alleviate the hidden fear that settled deep within him as he grew older. Being gay was hard enough at times, but knowing he was different from the other boys, Jordan chose to keep his distance</p>

			<p>in order to protect himself. Born with a rare, intersex condition that left him scarred physically and emotionally, Jordan's spent the last nine years avoiding romantic relationships while focusing on his career and helping foster kids in order to bury his personal issues. That includes never even allowing himself a single date, because he's convinced no man will ever be able to love and accept him as he is. A change in routine lands Lucas and Jordan in the same café at the same time and leads to a subsequent "non-date" where they both find themselves drawn to each other in ways neither imagined. They both laugh off Jordan's refusal to give in to Lucas' ongoing requests for a date until an unexpected, ill-timed kiss threatens to end their relationship before it's even started. Lucas breaks every relationship he touches. Jordan is broken in ways no one can ever fix. Perhaps, with patience, love, and a significant amount of trust, they can repair the damaged pieces in each other and come out whole on the other side. Broken is the second book in the Troubled Hearts Series. While it does feature minor references to the first book, Stay, it can be read as a stand-alone novel or part of the series.</p>
By Chance Met	Eressë	2011	<p>From the moment he laid eyes on the handsome Lord of Ilmaren, Naeth Orosse fell head over heels in infatuation with him. And after that first meeting in the middle of a tavern brawl in the dual-gendered realm of Ylandre, Reijir Arthanna did not forget the orphaned youth who came to his aid unasked. When fate brings them together anew, Reijir becomes Naeth's guardian, which proves both blessing and bane when their mutual attraction is guilelessly nursed by one and distrustfully downplayed by the other. Between attempting to ignore Naeth's artless overtures and suppressing feelings he had long disavowed, Reijir has his hands full. But more than a title and duty were forced on this enigmatic cousin of Ylandre's king. A less than benevolent past has left its imprint on Reijir who is as known for his cynical outlook on life as he is for his exotic features and proficiency between the sheets. Convincing him to risk his heart in love is a battle more experienced Deira than Naeth have waged and invariably lost.</p>
Chyna Doll (Volume 4 #Horizons)	Mickie B. Ashling	2015	<p>Lil Lampert's forty-fifth birthday turns the effervescent architect into a brooding mess, and his partner, Grier Dilorio, takes him to Italy to help him regain his zest for life. The timing</p>

			<p>is bad—almost-fifteen-year-old Luca has just started high school, and his mother and stepfather are also traveling. Luca is left in the care of Chicago Bear, Clark Stevens, and his partner, Dr. Jody Williams. Growing up with two dads and two gay uncles has given Luca a unique perspective on gender roles, but not all the answers. He’s had a secret crush on his straight best friend, Chip, for years. Suddenly, Luca finds himself attracted to Chyna, Chip’s twin sister. Now he’s wondering if this means he’s bisexual. Born with a sexual development disorder, Chyna should have been raised as a male, but due to an epic parenting fail, is being raised as female. Hiding the truth becomes more difficult when Chyna hits puberty, and crushing over Luca adds another element to Chyna’s struggle to fit in. Is Luca’s moral compass strong enough to guide him successfully through this period of discovery or will he succumb to peer pressure and shatter Chyna’s dreams for happiness?</p>
<p>Confessions of a Teenage Hermaphrodite</p>	<p>Lianne Simon</p>	<p>2012</p>	<p>From the heart of an intersex teen, one who must ultimately choose male or female—family or true love—comes the story of a deeply emotional and perilous journey home. This is a young adult novel unlike any other—an authentic portrayal of the issues faced by a child growing up with a sexually ambiguous body. Jameson can be like other boys after minor surgery and a few years on testosterone. Well, at least that’s what his parents always say. But Jamie sees an elfin princess in the mirror, and male hormones would only ruin her pretty face. For him to become the man his parents expect, Jameson must leave behind the hopes and dreams of a little girl. But what is so wrong with Jamie’s dreams that they can’t be her life?</p>
<p>Confessions of the Fox</p>	<p>Jordy Rosenberg</p>	<p>2018</p>	<p>Set in the eighteenth century London underworld, this bawdy, genre-bending novel reimagines the life of thief and jailbreaker Jack Sheppard to tell a profound story about gender, love, and liberation. Recently jilted and increasingly unhinged, Dr. Voth throws himself into his work, obsessively researching the life of Jack Sheppard, a legendary eighteenth century thief. No one knows Jack’s true story—his confessions have never been found. That is, until Dr. Voth discovers a mysterious stack of papers titled Confessions of the Fox. Dated 1724, the manuscript tells the story of an orphan named P. Sold into servitude at twelve, P struggles for years with her desire to live as “Jack.” When P falls dizzyingly in love with Bess, a sex</p>

			<p>worker looking for freedom of her own, P begins to imagine a different life. Bess brings P into the London underworld where scamps and rogues clash with London's newly established police force, queer subcultures thrive, and ominous threats of an oncoming plague abound. At last, P becomes Jack Sheppard, one of the most notorious—and most wanted—thieves in history. Back in the present, Dr. Voth works feverishly day and night to authenticate the manuscript. But he's not the only one who wants Jack's story—and some people will do whatever it takes to get it. As both Jack and Voth are drawn into corruption and conspiracy, it becomes clear that their fates are intertwined—and only a miracle will save them both. An imaginative retelling of Brecht's Threepenny Opera, <i>Confessions of the Fox</i> blends high-spirited adventure, subversive history, and provocative wit to animate forgotten histories and the extraordinary characters hidden within.</p>
<p>Contesting Intersex: The Dubious Diagnosis</p>	<p>Georgiann Davis</p>	<p>2015</p>	<p>When sociologist Georgiann Davis was a teenager, her doctors discovered that she possessed XY chromosomes, marking her as intersex. Rather than share this information with her, they withheld the diagnosis in order to “protect” the development of her gender identity; it was years before Davis would see her own medical records as an adult and learn the truth. Davis' experience is not unusual. Many intersex people feel isolated from one another and violated by medical practices that support conventional notions of the male/female sex binary which have historically led to secrecy and shame about being intersex. Yet, the rise of intersex activism and visibility in the US has called into question the practice of classifying intersex as an abnormality, rather than as a mere biological variation. This shift in thinking has the potential to transform entrenched intersex medical treatment. In <i>Contesting Intersex</i>, Davis draws on interviews with intersex people, their parents, and medical experts to explore the oft-questioned views on intersex in medical and activist communities, as well as the evolution of thought in regards to intersex visibility and transparency. She finds that framing intersex as an abnormality is harmful and can alter the course of one's life. In fact, controversy over this framing continues, as intersex has been renamed a ‘disorder of sex development’ throughout medicine. This happened, she suggests, as a means for doctors to reassert their authority over</p>

			<p>the intersex body in the face of increasing intersex activism in the 1990s and feminist critiques of intersex medical treatment. Davis argues the renaming of 'intersex' as a 'disorder of sex development' is strong evidence that the intersex diagnosis is dubious. Within the intersex community, though, disorder of sex development terminology is hotly disputed; some prefer not to use a term which pathologizes their bodies, while others prefer to think of intersex in scientific terms. Although terminology is currently a source of tension within the movement, Davis hopes intersex activists and their allies can come together to improve the lives of intersex people, their families, and future generations. However, for this to happen, the intersex diagnosis, as well as sex, gender, and sexuality, needs to be understood as socially constructed phenomena. A personal journey into medical and social activism, <i>Contesting Intersex</i> presents a unique perspective on how medical diagnoses can affect lives profoundly.</p>
Critical Intersex	Morgan Holmes	2009	<p>To date, intersex studies has not received the scholarly attention it deserves as research in this area has been centred around certain key questions, scholars and geographical regions. Exploring previously neglected territories, this book broadens the scope of intersex studies, whilst adopting perspectives that turn the gaze of the liberal, humanist, scientific outlook upon itself, in order to reconfigure debates about rights, autonomy and subjectivity, and challenges the accepted paradigms of intersex identity politics. Presenting the latest theoretical and empirical research from an international group of experts, this is a truly interdisciplinary volume containing critical approaches from both the humanities and social sciences. With its contributions to sociology, anthropology, medicine, law, history, cultural studies, psychology and psychoanalysis, <i>Critical Intersex</i> will appeal to scholars and clinical practitioners alike.</p>
Cutting to the Core: Exploring the Ethics of Contested Surgeries	David Benatar	2006	<p>Surgery inevitably inflicts some harm on the body. At the very least, it damages the tissue that is cut. These harms often are clearly outweighed by the overall benefits to the patient. However, where the benefits do not outweigh the harms or where they do not clearly do so, surgical interventions become morally contested. <i>Cutting to the Core</i> examines a number of such surgeries, including infant male circumcision and cutting</p>

			<p>the genitals of female children, the separation of conjoined twins, surgical sex assignment of intersex children and the surgical re-assignment of transsexuals, limb and face transplantation, cosmetic surgery, and placebo surgery. When, if ever, do the benefits of these surgeries outweigh their costs? May a surgeon perform dangerous procedures that are not clearly to the patient's benefit, even if the patient consents to them? May a surgeon perform any surgery on a minor patient if there are no clear benefits to that child? These and other related questions are the core themes of this collection of essays.</p>
Dalí	E.M. Hamill	2017	<p>Dalí Tamareia has everything—a young family and a promising career as an Ambassador in the Sol Fed Diplomatic Corps. Dalí's path as a peacemaker seems clear, but when their loved ones are killed in a terrorist attack, grief sends the genderfluid changeling into a spiral of self-destruction. Fragile Sol Fed balances on the brink of war with a plundering alien race. Their skills with galactic relations are desperately needed to broker a protective alliance, but in mourning, Dalí no longer cares, seeking oblivion at the bottom of a bottle, in the arms of a faceless lover, or at the end of a knife. The New Puritan Movement is rising to power within the government, preaching strict genetic counseling and galactic isolation to ensure survival of the endangered human race. Third gender citizens like Dalí don't fit the mold of this perfect plan, and the NPM will stop at nothing to make their vision become reality. When Dalí stumbles into a plot threatening changelings like them, a shadow organization called the Penumbra recruits them for a rescue mission full of danger, sex, and intrigue, giving Dalí purpose again. Risky liaisons with a sexy, charismatic pirate lord could be Dalí's undoing—and the only way to prevent another deadly act of domestic terrorism.</p>
Dates! Volume 2	Zora Gilbert	2017	<p>DATES is an anthology of queer historical fiction. In this exciting second volume, themed around the idea of progress, travel in time as far back as a drinking contest in Mesopotamia during Hammurabi's reign, or as recently as a small highway town in late-1950s USA. Featuring the talents of 35 creators in 17 comics, 18 full-color illustrations, and 2 short prose stories, this 268-page, perfect-bound paperback book tells the story of queer people making change in their lives and their communities, throughout time and across the world.</p>

Dear Herculine	Aaron Apps	2015	<p>Dear Herculine, a harrowingly eloquent cri de coeur, melds consciousnesses and bodies across one and a half centuries, from 1832–2014. Intersexed writer Aaron Apps to intersex reader, the long-dead martyr to early gender-reassignment surgery, Herculine Barbin, speaks from a place so far inside of the abjected subject that it comes out the other end as estranged, engorged and gorgeous language, in letters comprising ‘two intersexed bodies composed of multiple parts, and the mess of flesh and text that stands between.’ Unlike Yeats, who desired to be consumed in artifice to escape the human condition, that of being ‘sick with desire/ And fastened to a dying animal/[That] knows not what it is,’ Apps plunges into the carnal killing floor with his nineteenth-century interlocutor, binding their fates as he is ‘shackled to a rotting double, rotting in the space between, rotting in the space of the letters.’ Apps’s fearlessness and the beauty of his prose inspires, pushing poetry, kicking and screaming and expiring with shame, to where it desperately wants to go. A brilliant achievement that defies the triumphalism of that descriptor, Dear Herculine is a cache of love letters urgently needed to heal this world</p>
Disorders of Sex Development: A Guide for Parents and Physicians	Amy B. Wisniewski Steven D. Chernausek Bradley P. Kropp	2012	<p>Compassionately written by an experienced team of professionals, this book offers parents and families essential information about the causes, diagnosis, and treatment of disorders of sex development, or DSD. DSD refers to medical conditions, usually discovered at birth, in which there is disagreement between a person’s genetic sex (i.e., chromosomes) and the appearance of the person’s external or internal reproductive structures. After their child is diagnosed with DSD, parents need answers to a host of questions, including: What is DSD, why does it occur, how is it identified, and how is it treated? Did we do something to cause our child’s DSD? Is my baby a boy or a girl? Will my child grow up to be normal and healthy? Does my child need surgery? This concise book answers parents’ questions in a reassuring and forthright way, giving affected individuals, their families, and their health care providers a current and evidence-based picture of DSD. It offers clear explanations of how newborns with DSD are evaluated, diagnosed, and treated; describes the different kinds of DSD; and pays close attention to both psychosocial and medical aspects of DSD. This guide also includes information</p>

			about the importance of support groups and education for affected individuals and their families. In their daily work, the authors treat, support, and educate people with DSD and their families. This resource gives parents and families access to the authors' expertise so they can reach a meaningful understanding of their child's DSD and make informed decisions about their child's health.
Double Exposure	Bridget Birdsall	2014	Fifteen-year-old Alyx Atlas was raised as a boy, yet she knows something others don't. She's a girl. And after her dad dies, it becomes painfully obvious that she must prove it now—to herself and to the world. Born with ambiguous genitalia, Alyx has always felt a little different. But it's after she sustains a terrible beating behind a 7-Eleven that she and her mother pack up their belongings and move from California to Milwaukee, Wisconsin, to start a new life—and Alyx begins over again, this time as a girl. Alyx quickly makes new friends, earns a spot on the girls' varsity basketball team, and for the first time in her life feels like she fits in. That is, until her prowess on the court proves too much for the jealous, hotheaded Pepper Pitmani, who sets out to uncover Alyx's secret. A dangerous game of Truth or Dare exposes Alyx's difference and will disqualify her entire basketball team from competing in the state championships unless Alyx can prove, once and for all, that she is a girl. But will Alyx find the courage to stand up for the truth of her personhood, or will she do what she's always done—run away? Whatever she decides, she knows there's much more at stake than a championship win
Double Lover: Confessions of a Hermaphrodite	Anonymous	2013	"Miss, you're also a boy!" exclaims a startled gynecologist when Millie Nemos is sixteen. Her poetic memoirs, with extraordinary sexual recollections, reveal a life propelled from a sensitive girl who wants only her brother's love, to a Harvard Man who impregnates himself by accident, to a controversial archaeologist who finds Ice Age skeletons in scandalous positions, to a double-sexed CEO who wants the whole country's love.
Double Take	J.K. Pendragon	2015	Studying magical science at the prestigious Kemet Academy is a privilege and dream come true for Teka, a poor student from D'mt. But focusing on school doesn't mean xe can't also admire Hasani, the handsome graduate student overseeing Teka's work. Then late one night at the school library, Teka runs Hasani and

			<p>is completely astonished when the stern, quiet man xe knows by day acts so flirty and casual, it's like he's a different person. When the late night encounter leads to dating, Teka can scarcely believe xyr luck. But the luck plays out when xe discovers why Hasani seems so different between night and day, a discovery that seems to have no resolution except heartache...</p>
<p>Doubting Sex: Inscriptions, Bodies and Selves in Nineteenth-Century Hermaphrodite Case Histories</p>	<p>Geertje Mak</p>	<p>2012</p>	<p>An adolescent girl is mocked when she takes a bath with her peers, because her genitals look like those of a boy. A couple visits a doctor asking to "create more space" in the woman for intercourse. A doctor finds testicular tissue in a woman with appendicitis, and decides to keep his findings quiet. These are just a few of the three hundred European case histories of people whose sex was doubted during the long nineteenth century that Geertje Mak draws upon in her remarkable new book. How did people deal with such situations? How did they decide to which sex a person should belong? This groundbreaking analysis of clinical case histories shows how sex changed from an outward appearance inscribed in a social body to something to be found deep inside body and self. A fascinating, easy to follow, yet sophisticated argument addressing major issues of the history of body, sex, and self, this volume will fit advanced undergraduate courses, while challenging specialists.</p>
<p>Dragged to the Altar</p>	<p>Clancy Nacht</p>	<p>2017</p>	<p>Hank and Lindsey return in a sequel to No Tea, No Shade. Hank, ex-football player turned drag bar club Viva! owner and bouncer, dreams of a huge, heteronormative white wedding with all the trimmings. His fiancé, drag star Lindsey, aka Miss Anne Thrope, dreams of renovating Viva! with a larger stage. Or, at the very least, not to get sucked into planning an over-budget wedding for his groomzilla. All plans are dropped when Hank finds out that Lindsey's dad had an affair with Hank's mom, which resulted in Hank's now half-brother Lance. Will sins of the father poison Hank's future with Lindsey?</p>
<p>Enslaved by a Rogue</p>	<p>Anitra Lynn McLeod</p>	<p>2013</p>	<p>Acerith V'para lived a life of luxury never questioning the source of his father's riches. When he finds out, he's horrified and rebels. But going rogue is no easy path. On Ven, a father holds ultimate power over his children. When he finds Acerith he punishes him by sending him to certain death. As a civil engineer, Jeremy Barrington was happy with his life. He had</p>

			interesting work that took him all over the US, giving him plenty of opportunities to meet hot guys. But something was missing. When he finds himself enslaved to a monster, he also finds someone worth dying for. Compelled to save Jeremy, Acerith gets the surprise of his life when Jeremy's initial reaction to him is one of fear. But once they work together to protect another, their attraction is overwhelming. With three groups of aliens hot on their heels, the question is just how far are they willing to go to obtain freedom?
Ethics and Intersex	Sharon E. Sytsma	2006	This collection of 21 articles is designed to serve as a state-of-the-art reference book for intersexuals, their parents, health care professionals, ethics committee members, and anyone interested in problems associated with intersexuality. It fills an important need because of its uniqueness as an interdisciplinary effort, bringing together not just urologists and endocrinologists, but gynecologists, psychiatrists, psychologists, lawyers, theologians, gender theorists, medical historians, and philosophers. Most contributors are well-known experts on intersexuality in their respective fields. The book is also unique in that it is also an international effort, including authors from England, the Netherlands, Germany, Australia, India, Canada and the United States.
Fixing Sex: Intersex, Medical Authority, and Lived Experience	Katrina Karkazis	2008	What happens when a baby is born with "ambiguous" genitalia or a combination of "male" and "female" body parts? Clinicians and parents in these situations are confronted with complicated questions such as whether a girl can have XY chromosomes, or whether some penises are "too small" for a male sex assignment. Since the 1950s, standard treatment has involved determining a sex for these infants and performing surgery to normalize the infant's genitalia. Over the past decade intersex advocates have mounted unprecedented challenges to treatment, offering alternative perspectives about the meaning and appropriate medical response to intersexuality and driving the field of those who treat intersex conditions into a deep crisis. Katrina Karkazis offers a nuanced, compassionate picture of these charged issues in <i>Fixing Sex</i> , the first book to examine contemporary controversies over the medical management of intersexuality in the United States from the multiple perspectives of those most intimately involved. Drawing extensively on interviews with adults with intersex

			<p>conditions, parents, and physicians, Karkazis moves beyond the heated rhetoric to reveal the complex reality of how intersexuality is understood, treated, and experienced today. As she unravels the historical, technological, social, and political forces that have culminated in debates surrounding intersexuality, Karkazis exposes the contentious disagreements among theorists, physicians, intersex adults, activists, and parents—and all that those debates imply about gender and the changing landscape of intersex management. She argues that by viewing intersexuality exclusively through a narrow medical lens we avoid much more difficult questions. Do gender atypical bodies require treatment? Should physicians intervene to control the “sex” of the body? As this illuminating book reveals, debates over treatment for intersexuality force reassessment of the seemingly natural connections between gender, biology, and the body.</p>
Fool for Love	Lisa Lees	2009	<p>The votes are in: marriage is between a man and a woman. What do two young people in love do, if those words don't work for them? Carys and Jami may be girls, but Carys has never willingly worn a dress and Jami, who has, is intersexed. Though being a teenager in love is never easy, for Carys and Jami falling in love with each other is a terrifying journey in self-discovery and, ultimately, trust.</p>
From Stars They Fell	H.R. Harrison	2015	<p>An alien ship crash lands on Earth, leaving its only occupant stranded. But in a fortunate twist, Earth is a hospitable planet for Veni, from the atmosphere and food to the friendly and intelligent inhabitants. The first such inhabitants Veni meets call themselves dwarves. And though they don't understand the technology that brought the alien to them, they insist on being hospitable. Sure, Veni doesn't understand why the inhabitants of this land insist on speaking a language that modifies for gender, but ze is anything if not adaptable—especially after ze meets Wystan, a man who speaks only with his hands.</p>
God's Triangle	Ian D. Richardson	2012	<p>The true account of a 10-year investigation into the scandal over why the marriage of Australians Florence "Florrie" Cox and the Rev. Frank E. Paice fell apart while serving as missionaries in India during the First World War and why their divorce was considered so sensitive that the Supreme Court of Victoria ruled that the file should be "closed for all time". A sad and compelling detective story that exposes the truth and</p>

			reveals the impact the scandal had on Florrie, an innocent victim, and how her husband and his mistress-later-wife so successfully reinvented themselves as pillars of society.
Golden Boy	Abigail Tarttelin	2013	The Walker family is good at keeping secrets from the world. They are even better at keeping them from each other. Max Walker is a golden boy, with a secret that the world may not be ready for. This novel is a riveting tale of a family in crisis, a fascinating exploration of identity, and a coming-of-age story like no other.
Groom of Convenience	Vicktor Alexander	2014	In an alternate universe, in the country of Angland, 1814, the gentry live lives of culture and class. It is a time of courtships, marriages of convenience, and titles, where scandal can ruin an entire family. Gender lines are blurred, and making a good match is of utmost importance. Children are born to men and women, which has led to the acceptance of same-sex marriages. Lady Lucien Timothy Hawthorne is shocked and angry when he is betrothed against his will to Lord Heathcliff Eddington, III, the Duke of Pompinshire. While drowning his frustration at a popular gentleman's club, he meets "Robert," a gorgeous older man whom he sleeps with as "Timmy," regardless of the potential damage to his reputation. After their liaison, Lucien corresponds with Robert via letters left at Remmington, and they decide to elope. Before they can get away, Lucien meets his betrothed, Heathcliff, who he is surprised to discover is also his beloved, Robert. Both men desire a marriage of the heart, but they find out that sometimes a marriage of convenience can turn into love under the right circumstances. But Lucien has a secret, and Tlondon isn't as safe as they once thought.
Habibi	Craig Thompson	2011	Sprawling across an epic landscape of deserts, harems, and modern industrial clutter, Habibi tells the tale of Dodola and Zam, refugee child slaves bound to each other by chance, by circumstance, and by the love that grows between them. We follow them as their lives unfold together and apart; as they struggle to make a place for themselves in a world (not unlike our own) fueled by fear, lust, and greed; and as they discover the extraordinary depth—and frailty—of their connection. At once contemporary and timeless, Habibi gives us a love story of astounding resonance: a parable about our relationship to the natural world, the cultural divide between the first and third worlds, the common heritage of Christianity and Islam, and,

			most potently, the magic of storytelling.
Heartstrings	Eressë	2012	Scions of the most powerful House in Ylandre, Ashrian Mithani and Eiren Sarvan were more than just cousins. Lovers of long standing, theirs was a bond that would have been the envy of all were it not for one glaring flaw—Ashrian’s inability to commit himself wholeheartedly to Eiren. Despite the dismay of some and the derision of others, Eiren bore his inconstancy, displaying a loyalty Ashrian seemed incapable of returning. That is, until Ashrian crossed a line and the transgression proved one Eiren could not forgive. In the wake of grief and remorse, Ashrian seeks to make amends and win Eiren back. But something stands in his way. Or rather someone. And the irony of it all is that Ashrian can neither hate nor help befriending the Deir who is his rival for the heart of Ylandre’s most beloved physician.
Herculine Barbin: Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth- century French Hermaphrodite	Michel Foucault Herculine Barbin	1978	With an eye for the sensual bloom of young schoolgirls & the torrid style of the romantic novels of her day, Herculine Barbin tells the story of her life as a hermaphrodite. Herculine was designated female at birth. A pious girl in a Catholic orphanage, a bewildered adolescent enchanted by the ripening bodies of classmates, a passionate lover of a schoolmistress, she's suddenly reclassified as male. Alone & desolate, he commits suicide, aged 30, in a miserable Paris attic. Here's a lost voice of the sexual past in an erotic diary. Provocative, articulate, eerily prescient as she imagines her corpse under the probing instruments of scientists, Herculine brings a disturbing perspective to our notions of sexuality. Foucault, who discovered these memoirs in the archives of the French Department of Public Hygiene, presents them with the graphic medical descriptions of Herculine's body before & after death. In a striking contrast, a painfully confused young person & the doctors who examine her try to sort out the nature of masculine & feminine at the dawn of the age of modern sexuality. "Herculine Barbin can be savored like a libertine novel. The ingeniousness of Herculine, the passionate yet equivocal tenderness which thrusts her into the arms, even into the beds, of her companions, gives these pages a charm strangely erotic...Michel Foucault has a genius for bringing to light texts & reviving destinies outside the ordinary."
Hermaphrodites	Alice Domurat	1998	Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex takes us

and the Medical Invention of Sex	Dreger		inside the doctors' chambers to see how and why medical and scientific men construed sex, gender, and sexuality as they did, and especially how the material conformation of hermaphroditic bodies - when combined with social exigencies - forced peculiar constructions. Throughout the book Dreger indicates how this history can help us to understand present-day conceptualizations of sex, gender, and sexuality. In an epilogue, she discusses and questions the protocols employed today in the treatment of intersexuals (people born hermaphroditic). Given the history recounted, should these protocols be reconsidered and revised?
Hexenblut	Suskas Lötzerich	2014	The girl Suska wants to be a boy. But that is not that easy.
Hinori's Journey	Victoria Zagar	2014	Dear Author, I am from a race that is both masculine and feminine in one corporeal form. Our life's journey determines which traits end up being dominant. Please tell my story and how I find my perfect partner. I ask that the setting be sci-fi/fantasy and that my MC is a warrior, anything else goes.
Hunter's Claim	Emily Carrington	2014	Luis Delgado, psychic vampire, is in lust with a half werewolf who thinks Luis is a monster. Luis can deal with lust. That's one of the fun parts of being a psychic vampire. What he can't handle is falling in love with the half wolf who wants nothing to do with him. Almost nothing. Charlie craves Luis's touch. He cajoles and teases Luis into intimate situations because he can't resist the sex. Three things stop him from a deeper relationship: Luis eats emotions, draining defenseless humans; Charlie has become unexpected alpha of an eros pack, whom he must protect at all costs; and the TruWolves terrorist group wants to destroy everyone who supports peace between the straight and LGBT wolves. Charlie's desperate to guard Luis, his pack, and what seems like half the free world. How can there be time for honest and eternal love?
Ilario: The Lion's Eye	Mary Gentle	2006	Born a true hermaphrodite, Ilario has lived as the king's freak in the Iberian kingdom of Tarraconensis. All Ilario wants is to be one of the first - and best - Renaissance painters. In order to do so, Ilario must embark on a quest to escape the wrath of the court.
In Between	Jane Hoppen	2013	Never have there been only two genders—male and female. A third gender, denied by society and hidden by the medical community, has always existed, and that is what Sophie

			<p>Schmidt discovers when, at the age of fourteen, she learns the truth of how she was born. Sophie then embarks on a journey to learn more about her true self and to find others born like her. When Sophie moves to New York City, she enters the world of gays and lesbians, as well as those who are transgender and transsexual. Searching for her own place in society, her journey leads her to Alice Parker, and Sophie takes the final steps to accept herself enough to allow another to love her.</p>
Inter*Trans*Express*	Ika Elvau	2014	<p>The book deals with short stories, poems and drawings of everyday life and resistance as a gender outlaw. It describes personal experiences and thus makes inter * perspectives visible. The supposed expertise and pathologization on the part of medicine and psychology is opposed here to an emancipatory self-definition of gender outside the categories of man or woman. With a few exceptions, there are still hardly any books on intersexuality in German-speaking countries in which inter * people have their own say - instead of supposed experts. Without too much (gender) theory - but with an emancipatory claim - it should become clear what it means in reality to be born into a world of men and women - without being one of them yourself.</p> <p>Sometimes sad, sometimes angry, sometimes just confused or amused by this two-gender matrix.</p>
Intersex: For Lack of a Better Word	Thea Hillman	2007	<p>Intersex (For Lack of a Better Word) chronicles one person's search for self in a world obsessed with normal. What is "intersex"? According to the Intersex Society of North America, the word describes someone born with sex chromosomes, genitalia, or an internal reproductive system that are neither clearly male nor clearly female. In first-person prose as intimate as a diary, Thea Hillman redefines memoir in a series of compelling stories that take a no-holds-barred look at sex, gender, family, and community. Whether she's pondering quirky family tendencies ("Drag"), reflecting on "queerness" ("Another"), or recounting scintillating adventures in San Francisco's sex clubs, Hillman's brave and fierce vision for cultural and societal change shines through. According to a special report by the Traditional Values Coalition entitled "Homosexual Urban Myth," award-winning writer Thea Hillman is a radical who conducts erotic readings to promote the "homosexual revolution." Thea offers presentations about</p>

			sex and gender and performs her work at colleges and festivals around the country. She lives in Oakland, California.
Intersex	Aaron Apps	2015	Intersex is the condition whereby an individual is born with biological features that are simultaneously perceived as male and female. Ranging from the ambiguous genitalia of the true 'hermaphrodite' to the 'mildly or internally intersexed', the condition may be as common as cleft palate. Like cleft palate, it is hidden and surgically altered, but for very different reasons. This important book draws heavily on the personal testimony of intersexed individuals, their loved ones, and medical careers. The impact of early sex-assignment surgery on an individual's later life is examined within the context of ethical and clinical questions. Harper challenges the conventional and radical 'treatment' of intersexuality through non-consensual infant sex-assignment surgery. In doing so she exposes powerful myths, taboos, and constructions of gender - the perfect phallus, a bipolar model of gender and the infallibility of medical decisions. Handling sensitive material with care, this book deepens our understanding of a condition that has itself only been medically understood in recent years.
Intersex	Catherine Harper	2007	Intersex explores gender as it forms in concrete and unavoidable patterns in the material world. What happens when a child is born with ambiguous genitalia? What happens when a body is normalized? Intersex provides tangled and shifting answers to both of these questions as it questions our ideas of what is natural and normal about gender and personhood. In this hybrid-genre memoir, intersexed author Aaron Apps adopts and upends historical descriptors of hermaphroditic bodies such as 'freak of nature,' 'hybrid,' 'imposter,' 'sexual pervert,' and 'unfortunate monstrosity' in order to trace his own monstrous sex as it perversely intertwines with gender expectations and medical discourse. INTERSEX leaves the reader wondering: what does it mean to be human?
Intersex and After	GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies	2009	In this special issue of GLQ, experts from a variety of disciplines discuss the future of treatment for people with intersex conditions—those born with ambiguous genitalia—and consider what intersexuality means for theories of gender. By examining the ethics of medical treatment and the repercussions of intersex surgery, “Intersex and After” demonstrates how biology, activism, law, morality, and ethics have a shared

			<p>interest in the relationship between intersexuality and the meaning of sex, gender, and sexuality. In one essay, two prominent intersex activists reflect on their often controversial work on behalf of the Intersex Society of North America to achieve change in medical policy over the last ten years. Other essays explore the impact of the categorization of intersexuality as a “disorder of sex development” and of the treatment guidelines published in 2006 by the Consortium on the Management of Disorders of Sex Development. An essay by the issue’s guest editor takes a comprehensive look at the relationship between intersexuality and the study of gender and sexuality. The issue also includes a portfolio of photographs as well as a roundtable discussion that brings together intersex experts from medicine, law, psychology, and the humanities. Contributors. Sarah M. Creighton, Alice D. Dreger, Ellen K. Feder, Julie A. Greenberg, April Herndon, Iain Morland, Katrina Roen, Vernon A. Rosario, Nikki Sullivan, Del LaGrace Volcano</p>
<p>Intersex and Identity: The Contested Self</p>	<p>Sharon E. Preves</p>	<p>2003</p>	<p>"With sensitivity and solid critical analysis, <i>Intersex and Identity</i> brings to the fore the long-ignored voices of people with intersex conditions. This is an important and accessible book for all, including 'patients,' parents, clinicians, activists, scholars, and novice students."-Cheryl Chase, Founder of the Intersex Society of North America "In <i>Intersex and Identity</i> Preves has produced the most up-to-date, comprehensive account available of what it is like to grow up and live with a body that isn't simply male or female. This work is compassionate, intelligent, and beautifully written, and promises to be well read and highly valued."-Alice Dreger, author of <i>Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex</i> "Sharon Preves's analysis of her interviews with adult intersexuals illuminates the power of the coming out process in transforming stigma into pride. This book is an invaluable resource in the ongoing discourse on the clinical management of intersexuality."-Walter Bockting, assistant professor, Program in Human Sexuality, University of Minnesota Medical School Approximately one in every two thousand infants born in the United States each year is sexually ambiguous in such a way that doctors cannot immediately determine the child's sex. Some children's chromosomal sexuality contradicts their sexual</p>

			<p>characteristics. Others have the physical traits of both sexes, or of neither. Drawing upon life history interviews with adults who were treated for intersexuality as children, Sharon E. Preves explores how such individuals experience and cope with being labeled sexual deviants in a society that demands sexual conformity. By demonstrating how intersexed people manage and create their own identities, often in conflict with their medical diagnosis, Preves argues that medical intervention into intersexuality often creates, rather than mitigates, the stigma these people suffer. Sharon E. Preves is an associate professor of sociology at Hamline University in St. Paul, Minnesota.</p>
Intersex in the Age of Ethics	Alice Domurat Dreger	1999	<p>Intersex in the Age of Ethics marks the first time an entire volume has been dedicated to the exploration of the ethics of intersex treatment. It could not be more timely, as professional conferences, gender clinics, and the popular media now consider how medicine and society should handle intersex and intersexuals. This volume provides a much-needed perspective.</p>
Intersex: A Perilous Difference	Morgan Holmes	2008	<p>As threatening evidence that sex is not the natural basis upon which oppositional gender roles are built, the intersexed are made to disappear into normative categories, thus aligning once again the rightful place of male and female as opposites.</p>
Intersexed, intertext	Allison Renee Andrew	2017	<p>Relying on the work of poststructuralists Michel Foucault, Judith Butler, and Judith Halberstam for their findings on gender and sexuality, as well as the sociological study of intersexed individuals by Sharon Preves, this thesis will show the identity construction of the intersexed both before and after intervention by closely charting their plight as it is presented in Michel Foucault's <i>Herculine Barbin</i> (1980) and Jeffrey Eugenides's <i>Middlesex</i> (2003). These texts vary greatly in historical significance, genre, and audience, but nevertheless suggest the same argument regarding the construction of identity. Ultimately, it is the self whose definition is of the greatest importance. This work expands on the importance and process of constructing an accurate gendered identity by focusing on desire for the other and for the desire of the other with a discussion of the relationship between the subject and object. It will also address the body as restrictive and oppressive, but also as a sanctuary which houses difference and the idea of isolation versus socialization, the concept of finding oneself, but doing so by rejecting society. Society may mark</p>

			and mangle, may suggest and single out, those who do not conform to the standard norms, but as is evident by the desire of both Barbin and Calliope to shed the confining eye of society to escape into isolation, one's gendered identity must be created independently from what others perceive as appropriate.
Intersexion	P.D. Workman	2016	Taylor is a teen teetering on the edge of a steep precipice. Disowned by his family, living on the street, battling abuse and prejudice, he struggles to discover who he really is and how to carry on with life. The last person you would expect to touch him is Roz, whose foremost identity is a Christian wife and mother. But her world is about to be shaken. Through all that happens, Roz understands she has to be there for Taylor, knowing he is only one step from despair and self-destruction.
Intersexuality and the Law: Why Sex Matters	Julie A. Greenberg Ella Shohat Robert Stam	2011	Winner of the 2013 Bullough Award presented by the Foundation for the Scientific Study of Sexuality The term "intersex" evokes diverse images, typically of people who are both male and female or neither male nor female. Neither vision is accurate. The millions of people with an intersex condition, or DSD (disorder of sex development), are men or women whose sex chromosomes, gonads, or sex anatomy do not fit clearly into the male/female binary norm. Until recently, intersex conditions were shrouded in shame and secrecy: many adults were unaware that they had been born with an intersex condition and those who did know were advised to hide the truth. Current medical protocols and societal treatment of people with an intersex condition are based upon false stereotypes about sex, gender, sexual orientation, gender identity, and disability, which create unique challenges to framing effective legal claims and building a strong cohesive movement. In <i>Intersexuality and the Law</i> , Julie A. Greenberg examines the role that legal institutions can play in protecting the rights of people with an intersex condition. She also explores the relationship between the intersex movement and other social justice movements that have effectively utilized legal strategies to challenge similar discriminatory practices. She discusses the feasibility of forming effective alliances and developing mutually beneficial legal arguments with feminists, LGBT organizations, and disability rights advocates to eradicate the discrimination suffered by these marginalized groups.

<p>Interstellar Intersex Book 1: Exodus</p>	<p>Alex Stiffencamf</p>	<p>2017</p>	<p>Ellise lived a very sheltered life under the kind care of her parents until one day her father was taken away from her because of man's brutality for anything different. Being an intersex woman she was definitely one of a rare breed. She turned to the LGBT community in her high school to learn how to cope and became a leader in her mother's artificially generated intersex experiment. Can she lead the best hope for humanity's survival into the stars after nuclear war annihilates their home world? Will her lustful bisexual encounters with her people lead her to an even higher calling? Can she thwart energy composed aliens that possess the active crew and use mind control to absorb their energy while trying to screw to death?</p>
<p>Journey's End</p>	<p>M.A. Church</p>	<p>2014</p>	<p>Adapting is a word Dale Michaels has become familiar with. As he settles into his new life with the Tah'Narian starship captain Keyno, Dale has adapted to life with an alien, space travel, and having his body mutated so he can carry a young. He's closed the chapter on his old life. Living on Tah'Nar, Dale has a loving mate and good friends. He's helped cement peace with the Onfre. Sure, being double-dosed during his harvest led to some serious drama, but that's over. Dale's happy. But life is never that simple. Even though Dale loves Keyno, he still struggles with the way the Tah'Narians harvest young males as mates. Dale finds himself hijacked by his own body, courtesy of his extra dose of Tah'Narian DNA. Then there's the devastating secret his mate, Keyno, has hid all this time. And if all that isn't enough, outside forces threaten to rip Dale's hard-won peace apart as well. Join Dale for a non-stop adventure and a love that crosses several worlds and transcends space.</p>
<p>Labyrinth</p>	<p>Alex Beecroft</p>	<p>2016</p>	<p>Kikeru, the child of a priestess at the sacred temple of Knossos in ancient Crete, believes that the goddesses are laughing at him. They expect him to choose whether he is a man or a woman, when he's both. They expect him to choose whether to be a husband to a wife, or a celibate priestess in the temple, when all he wants to do is invent things and be with the person he loves. Unfortunately, that person is Rusa, the handsome ship owner who is most decidedly a man and therefore off-limits no matter what he chooses. And did he mention that the goddesses also expect him to avert war with the Greeks? The Greeks have an army. Kikeru has his mother, Maja, who is pressuring him to</p>

			<p>give her grandchildren; Jadikira, Rusa's pregnant daughter; and superstitious Rusa, who is terrified of what the goddesses will think of him being in love with one of their chosen ones. It's a tall order to save Crete from conquest, win his love, and keep both halves of himself. Luckily, at least the daemons are on his side.</p>
Last Weekend	Colin Geer	2012	<p>What is it that defines a person? Their looks? How they behave? Maybe their likes and dislikes? Or does it go deeper than that? Is it their genetic makeup perhaps? Rachel is a tall, good looking, intelligent and above all a very sensible young lady. Returning from school one day, she overhears her parents having a furious argument; something about 'life threatening' and 'needing an operation', oh and there's a grave risk involved. Then to her horror she realises that they are talking about her! That day she discovers a secret; something that has been kept from her for a very long time which will change her life forever. Last Weekend follows Rachel as she comes to terms with her new life and makes plans for a very different future. She needs to answer one of the most fundamental questions anyone can ask of themselves: how far will you go to find happiness and can you live with the consequences?</p>
Lessons from the Intersexed	Suzanne J. Kessler	1998	<p>From the moment intersexuality-the condition of having physical gender markers (genitals, gonads, or chromosomes) that are neither clearly female nor male-is suspected and diagnosed, social institutions are mobilized in order to maintain the two seemingly objective sexual categories. Infants' bodies are altered, and what was "ambiguous" is made "normal." Kessler's interviews with pediatric surgeons and endocrinologists reveal how the intersex condition is normalized for parents and she argues that the way in which intersexuality is managed by the medical and psychological professions displays our culture's beliefs about gender and genitals. Parents of intersexed children are rarely heard from, but in this book they provide another perspective on reasons for genital surgeries and the quality of medical and psychological management. Although physicians educate parents about how to think about their children's condition, Kessler learned from parents of intersexed children that some parents are able to accept atypical genitals. Based on analysis of the medical literature and interview with adults who had received treatment</p>

			as intersexed children, Kessler proposes new approaches for physicians to use in talking with parents and children. She also evaluates the appearance of a politicized vanguard, many of who are promoting an intersexual identity, who seek to alter the way physicians respond to intersexuality. Kessler explores the possibilities and implications of suspending a commitment to two "natural" genders and addresses gender destabilization issues arising from intersexuality. She thus compels readers to re-think the meaning of gender, genitals, and sexuality.
Lilith's Brood	Octavia E. Butler	1987	Lilith Iyapo is in the Andes, mourning the death of her family, when war destroys Earth. Centuries later, she is resurrected -- by miraculously powerful unearthly beings, the Oankali. Driven by an irresistible need to heal others, the Oankali are rescuing our dying planet by merging genetically with mankind. But Lilith and all humanity must now share the world with uncanny, unimaginably alien creatures: their own children. This is their story...
Little x	Elna Holst	2018	Malmö, Sweden, 1996 Sofie Andersson is a dyslectic born under the star sign Aries, who drives the local buses for a living. Her hobbies include knitting terrible hats and intermittent lesbianism. This December she is on the point of moving into her first flat of her own, figuring out her place in the world, when an instant attraction to a handsome stranger leads her to question everything she's taken for granted.
Lum	Libby Ware	2015	Lum has always been on the outside. At eight, she was diagnosed with what we now call an intersex condition and is told she can't expect to marry. Now, at thirty-three, she has no home of her own but is shuttled from one relative's house to another—valued for her skills, but never treated like a true member of the family. Everything is turned upside down, however, when the Blue Ridge Parkway is slated to come through her family's farmland. As people take sides in the fight, the community begins to tear apart—culminating in an act of violence and subsequent betrayal by opponents of the new road. However, the Parkway brings opportunities as well as loss.
Lunatic Fringe	Allison Moon	2011	New author Allison Moon indulges the feminine wild by giving the classic werewolf myth a lesbian twist. Lexie Clarion's first night at college, she falls in with a pack of radical feminist werewolf hunters. The next morning, she falls for a mysterious woman who may be among the hunted. As Lexie's new lover

			and the Pack battle for Lexie's allegiance, the waxing moon illuminates old hatreds, new enemies, and a secret from Lexie's childhood that will change her life forever.
Making Sense of Intersex: Changing Ethical Perspectives in Biomedicine	Ellen K. Feder	2014	Putting the ethical tools of philosophy to work, Ellen K. Feder seeks to clarify how we should understand "the problem" of intersex. Adults often report that medical interventions they underwent as children to "correct" atypical sex anatomies caused them physical and psychological harm. Proposing a philosophical framework for the treatment of children with intersex conditions--one that acknowledges the intertwined identities of parents, children, and their doctors--Feder presents a persuasive moral argument for collective responsibility to these children and their families.
Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud	Thomas W. Laqueur	1990	This is a book about the making and unmaking of sex over the centuries. It tells the astonishing story of sex in the West from the ancients to the moderns in a precise account of developments in reproductive anatomy and physiology. We cannot fail to recognize the players in Thomas Laqueur's story--the human sexual organs and pleasures, food, blood, semen, egg, sperm--but we will be amazed at the plots into which they have been woven by scientists, political activists, literary figures, and theorists of every stripe. Laqueur begins with the question of why, in the late eighteenth century, woman's orgasm came to be regarded as irrelevant to conception, and he then proceeds to retrace the dramatic changes in Western views of sexual characteristics over two millennia. Along the way, two "masterplots" emerge. In the one-sex story, woman is an imperfect version of man, and her anatomy and physiology are construed accordingly: the vagina is seen as an interior penis, the womb as a scrotum, the ovaries as testicles. The body is thus a representation, not the foundation, of social gender. The second plot tends to dominate post-Enlightenment thinking while the one-sex model is firmly rooted in classical learning. The two-sex story says that the body determines gender differences, that woman is the opposite of man with incommensurably different organs, functions, and feelings. The two plots overlap; neither ever holds a monopoly. Science may establish many new facts, but even so, Laqueur argues, science was only providing a new way of speaking, a rhetoric and not a key to female liberation or to social progress. Making Sex ends

			<p>with Freud, who denied the neurological evidence to insist that, as a girl becomes a woman, the locus of her sexual pleasure shifts from the clitoris to the vagina; she becomes what culture demands despite, not because of, the body. Turning Freud's famous dictum around, Laqueur posits that destiny is anatomy. Sex, in other words, is an artifice. This is a powerful story, written with verve and a keen sense of telling detail (be it technically rigorous or scabrously fanciful). Making Sex will stimulate thought, whether argument or surprised agreement, in a wide range of readers.</p>
<p>Man Into Woman: The First Sex Change</p>	<p>Lili Elbe, Niels Hoyer</p>	<p>1931</p>	<p>This riveting account of the transformation of the Danish painter Einar Wegener into Lili Elbe is a remarkable journey from man to woman. Einar Wegener was a leading artist in late 1920's Paris. One day his wife Grete asked him to dress as a woman to model for a portrait. It was a shattering event which began a struggle between his public male persona and emergent female self, Lili. Einar was forced into living a double life; enjoying a secret hedonist life as Lili, with Grete and a few trusted friends, whilst suffering in public as Einar, driven to despair and almost to suicide. Doctors, unable to understand his condition, dismissed him as hysterical. Lili eventually forced Einar to face the truth of his being - he was, in fact, a woman. This bizarre situation took an extraordinary turn when it was discovered that his body contained primitive female sex organs. There followed a series of dangerous experimental operations and a confrontation with the conventions of the age until Lili was eventually liberated from Einar - a freedom that carried the ultimate price. Now with a foreword written by a modern transsexual - the book has not been published in English for decades, and a sensation when it first appeared over seventy years ago - this new edition of Man into Woman, the birth, life and confessions of Lili Elbe, is a story of a marriage and of love and romance that paints a fascinating portrait of a 1930's European artistic community. Compiled from Lili's own letters and manuscripts, and those of the people who adored her, Man into Woman is the Genesis of the Gender Revolution.</p>
<p>Masquerade</p>	<p>Laura Lam</p>	<p>2017</p>	<p>The gifted hide their talents, but dare they step into the light? Micah's Chimaera powers are growing, until his dark visions overwhelm him. Drystan is forced to take him to Dr Pozzi, to save his life. But can they really trust the doctor, especially</p>

			<p>when a close friend is revealed to be his spy? Meanwhile, violent unrest is sweeping the country, as anti-royalist factions fight to be heard. Then three chimaera are attacked, after revealing their existence with the monarchy's blessing - and the struggle becomes personal. A small sect decimated the chimaera in ancient times and nearly destroyed the world. Now they've re-emerged to spread terror once more. Micah will discover a royal secret, which draws him into the heart of the conflict. And he and his friends must risk everything to finally bring peace to their land.</p>
<p>Memoirs of a Man's Maiden Years</p>	<p>N.O. Body,</p>	<p>2005</p>	<p>I was born a boy, raised as a girl. . . . One may raise a healthy boy in as womanish a manner as one wishes, and a female creature in as mannish; never will this cause their senses to remain forever reversed. So writes the pseudonymous N. O. Body, born in 1884 with ambiguous genitalia and assigned a female identity in early infancy. Brought up as a girl, she nevertheless asserted stereotypical male behavior from early on. In the end, it was a passionate love affair with a married woman that brought matters to a head. Desperately confused, suicidally depressed, and in consultation with Magnus Hirschfeld, one of the most eminent and controversial sexologists of the day, she decided to become he. Originally published in 1907 and now available for the first time in English, <i>Memoirs of a Man's Maiden Years</i> describes a childhood and youth in Kaiser Wilhelm's Germany that is shaped by bourgeois attitudes and stifled by convention. It is, at the same time, a book startlingly charged with sexuality. Yet, however frank the memoirist may be about matters physical or emotional, Hermann Simon reveals in his afterword the full extent of the lengths to which N. O. Body went to hide not just his true name but a second secret, his Jewish identity. And here, Sander L. Gilman suggests in his brilliant preface, may lie the crucial hint to solving the real riddle of the ambiguously gendered N. O. Body.</p>
<p>Middlesex</p>	<p>Jeffrey Eugenides</p>	<p>2002</p>	<p>Middlesex tells the breathtaking story of Calliope Stephanides, and three generations of the Greek-American Stephanides family, who travel from a tiny village overlooking Mount Olympus in Asia Minor to Prohibition-era Detroit, witnessing its glory days as the Motor City and the race riots of 1967 before moving out to the tree-lined streets of suburban Grosse</p>

			<p>Pointe, Michigan. To understand why Calliope is not like other girls, she has to uncover a guilty family secret, and the astonishing genetic history that turns Callie into Cal, one of the most audacious and wondrous narrators in contemporary fiction. Lyrical and thrilling, Middlesex is an exhilarating reinvention of the American epic.</p>
Middlesex	Michael Robbins	2003	<p>Few people know much about Middlesex; it is commonly thought of as one large and featureless suburb. Yet it has a history of great interest, crowded with important events and famous characters, from Julius Caesar at Brentford to Winston Churchill at Harrow. Its history also includes minor curiosities of the past—the devil of Edmonton, the witch of Finchley, the miser of Harrow Weald, the highwaymen of Hounslow Heath—amid the varied incidents of local life in places that are now London dormitories. First published in 1953, at the time this book was the most comprehensive history and description of an English county ever attempted in a single volume. Its first part describes the county's natural situation and its earliest history and surveys its economic life, in particular its almost vanished agriculture and its modern industrial development. There are chapters on particular aspects of Middlesex's history, inhabitants, and buildings. The second part—virtually a book in itself—is a lively gazetteer of the places in contemporary Middlesex, from Acton to Yiewsley. The whole work is fully indexed and referenced, and includes tables of population and a detailed bibliography (both updated for this edition), line maps, diagrams, and 48 pages of superb photographs. Michael Robbins had a lifelong love of the county of his birth, and tramped many miles along Middlesex roads while researching and writing this book; he believed there was no other way of getting to know the county. It remains the standard work on the local history of the county—a book for all who know and love Middlesex.</p>
Mississippi Sissy	Kevin Sessums	2007	<p>Mississippi Sissy is the stunning memoir from Kevin Sessums, a celebrity journalist who grew up scaring other children, hiding terrible secrets, pretending to be Arlene Frances and running wild in the South. As he grew up in Forest, Mississippi, befriended by the family maid, Mattie May, he became a young man who turned the word "sissy" on its head, just as his mother taught him. In Jackson, he is befriended by Eudora Welty and</p>

			journalist Frank Hains, but when Hains is brutally murdered in his antebellum mansion, Kevin's long road north towards celebrity begins. In a memoir that echoes bestsellers like <i>The Liar's Club</i> , Kevin Sessums brings to life the pungent American south of the 1960s and the world of the strange little boy who grew there.
Mit dem Kopf zuerst.	Noëlle Châtelet	2002	Paul est hermaphrodite. Il existe, il aurait aujourd'hui soixante ans. Noëlle Châtelet, qui l'a rencontré autrefois et à qui il s'est confié comme il ne l'avait jamais fait, lui consacre ce roman éblouissant de grâce. L'histoire vraie, la métamorphose de ce personnage né fille et devenu garçon qui ne rêve que d'une seule et unique chose : s'incarner dans un seul sexe, être un homme. <i>La Tête en bas</i> est un livre surprenant sur un sujet tout aussi surprenant, pratiquement absent de la littérature, et qui permet à Noëlle Châtelet, avec la sensibilité et le talent qu'on lui connaît, de poursuivre son voyage autour du corps en soulevant la question essentielle, et plus que jamais d'actualité, de l'appartenance sexuelle.
Narcissus in Chains	Laurell K. Hamilton	2001	Hamilton's vampire-hunting Anita Blake faces a plethora of foes in her tenth outing. Just returned to St. Louis after six months away, Anita is still no closer to choosing between her lovers—Jean-Claude, a vampire, and Richard, a werewolf. But she has to rely on both for help after two of the wereleopards that she has been watching are abducted at a seedy club called <i>Narcissus in Chains</i> . Anita and her boyfriends rescue the wereleopards from the sinister people holding them, but Anita is wounded in the fight and put at risk of becoming a wereleopard herself. Richard angrily captures the wereleopard he believes is responsible and threatens to execute him. Anita must now rescue that wereleopard from Richard and the werewolves he leads, even as she mourns the apparent end of her relationship with him. Then she realizes that those who kidnapped the first two wereleopards are targeting other lycanthropes. Maybe she will be next. With plenty of steamy sex and graphic violence, this is engaging reading for vampire cultists.
Neither Man Nor Woman: The Hijras of India	Serena Nanda	1989	This ethnography is a cultural study of the Hijras of India, a religious community of men who dress and act like women. It focuses on how Hijras can be used in the study of gender categories and human sexual variation.

Nico & Tucker	Rachel Gold	2017	<p>Jess Tucker has been through the worst year of her life and only wants to put it behind her. Recovery time? Therapy? Who needs that? She wants to get back to normal life, but when she tries to be more than friends with Nico Bolden, she panics. Having lived genderqueer for years, Nico's used to getting strong reactions, but isn't prepared for this to come from Tucker. Plus a medical decision Nico's been putting off for years can't be delayed any longer. Nico's body becomes a battleground, crushing Nico under conflicting family pressures and the desire to have a relationship that could last.</p>
Nights at the Circus	Angela Carter	1986	<p>Is Sophie Fevvers, toast of Europe's capitals, part swan...or all fake? Courted by the Prince of Wales and painted by Toulouse-Lautrec, she is an aerialiste extraordinaire and star of Colonel Kearney's circus. She is also part woman, part swan. Jack Walser, an American journalist, is on a quest to discover the truth behind her identity. Dazzled by his love for her, and desperate for the scoop of a lifetime, Walser has no choice but to join the circus on its magical tour through turn-of-the-nineteenth-century London, St Petersburg and Siberia.</p>
No Tea, No Shade	Clancy Nacht	2013	<p>When Hank's father catches him in a not-so-innocent childhood embrace with the neighbor Hank's older brothers refer to as "Ladyboy Lindsey," he forbids Hank ever to see his best friend again and sends Lindsey home in tears. Later, despite landing on opposite ends of the social and sexual spectrum in high school, neither can forget the boy who gave him his first kiss. While Hank becomes a sports star and bully, Lindsey throws himself into an elaborate sexual game played from afar for Hank's benefit. When Hank's football scholarship takes him away to college, their tenuous bond seems severed for good.</p> <p>After Lindsey finds his calling as drag diva Miss Anne Thrope, embracing both his male identity and the natural androgyny of his intersex body, he's finally in control of his world...until the night his first love disrupts Miss Anne's show after a decade of silence. Hank's dysfunctional behavior, crazy father, and their bittersweet history together threaten to destroy their fragile new romance before it's truly begun. Should they let go of the past, or is this unique love one worth saving?</p>
None of the Above	I.W. Gregorio	2015	<p>A groundbreaking story about a teenage girl who discovers she was born intersex... and what happens when her secret is</p>

			revealed to the entire school. Incredibly compelling and sensitively told, <i>None of the Above</i> is a thought-provoking novel that explores what it means to be a boy, a girl, or something in between. What if everything you knew about yourself changed in an instant? When Kristin Lattimer is voted homecoming queen, it seems like another piece of her ideal life has fallen into place. She's a champion hurdler with a full scholarship to college and she's madly in love with her boyfriend. In fact, she's decided that she's ready to take things to the next level with him. But Kristin's first time isn't the perfect moment she's planned—something is very wrong. A visit to the doctor reveals the truth: Kristin is intersex, which means that though she outwardly looks like a girl, she has male chromosomes, not to mention boy "parts." Dealing with her body is difficult enough, but when her diagnosis is leaked to the whole school, Kristin's entire identity is thrown into question. As her world unravels, can she come to terms with her new self?
Normal: Transsexual CEOs, Crossdressing Cops, and Hermaphrodites with Attitude	Amy Bloom Sigrid Estrada J.K. Lambert Allison Saltzman	2002	Amy Bloom has won a devoted readership and wide critical acclaim for fiction of rare humor, insight, grace, and eloquence, and the same qualities distinguish <i>Normal</i> , a provocative, intimate journey into the lives of “people who reveal, or announce, that their gender is variegated rather than monochromatic”—female-to-male transsexuals, heterosexual crossdressers, and the intersexed. We meet Lyle Monelle and his mother, Jessie, who recognized early on that her little girl was in fact a boy and used her life savings to help Lyle make the transition. On a Carnival cruise with a group of crossdressers and their spouses, we meet Peggy Rudd and her husband, “Melanie,” who devote themselves to the cause of “ordinary heterosexual men with an additional feminine dimension.” And we meet Hale Hawbecker, “a regular, middle-of-the-road, white-bread guy” with a wife, kids, and a medical condition, the standard treatment for which would have changed his life and his gender. Casting light into the dusty corners of our assumptions about sex, gender and identity, Bloom reveals new facets to the ideas of happiness, personality and character, even as she brilliantly illuminates the very concept of “normal.”
November	Kabi	2011	After a sterility plague has nearly extincted mankind, a few

			men begin to manifest a rare and unpredictable ability to bear children. As everyone struggles to rebuild, these Carriers try to find their own identity in a changing world - and become the targets of a desperate society. Jesse, Ortega, Sloane, and Tiger are four men living very different lives when the Change comes to them. They all meet when they are drafted into a re-integration program at the Carrier Education Centre, and their stories are ones of adventure, romance, frustration, captivity and fear - but ultimately of love, in its many and varied forms.
Oh Joy Sex Toy: The Coloring Book	Erika Moen Matthew Nolan	2017	Limerence Press is pleased to expose you to the sexiest coloring book you've ever seen—Oh Joy Sex Toy: The Coloring Book! This approachable and sex-positive title gathers nearly 60 delightfully dirty and informative drawings for you to dive into. We guarantee that if you break out the crayons, watercolors—maybe even grab a friend and some body paint—you'll have a blast and learn a sexy thing or two while you're at it. The inspiration for this saucy offering began online, where every week Erika Moen draws a pornucopia of fun, naughty pairings for the critically-acclaimed sex education comic Oh Joy Sex Toy. Now YOU can join in the sexy fun by adding your own color choices in Oh Joy Sex Toy: The Coloring Book! An alluring collection of NSFW illustrations, featuring a wide variety of sexy humans, awaits you! Whether you want to color for relaxation, saucy enjoyment, or to make a unique work of art for a special someone, this book is sure to please.
Once Upon a Rainbow, Volume One	Mickie B. Ashling Sydney Blackburn K.S. Trenten A. Fae Dianne Hartsock J.P. Jackson Donna Jay A.D. Song Riza Curtis	2017	Your favorite stories from childhood have a new twist. Nine fairy tales of old with characters across the LGBTQIA+ spectrum. Morning Star by Sydney Blackburn – Five wishes; one desire. Fairest by K.S. Trenten – What will you change into? Gingerbread by Riza Curtis – A night out to die for. Sleeping Beauty by A. Fae – United by true love's kiss. Little Match Girl by Dianne Hartsock – Falling in love with the Little Match Girl was easy, but now Christian is determined to help Dani find his family, even if doing so means he might lose him forever. Hood's Ride is Red by J.P. Jackson – A red car, a werewolf, and a trip to grandpa's house – this ain't your usual Little Red Riding Hood. The Gingerbread Woman by Donna Jay – When Candace sets out for a weekend of solitude she gets far more than she bargained on. White Roses by A.D. Song – A kiss to break the curse...or continue it. Once Upon a Mattress

			by Mickie B. Ashling – Will Errol spend a miserable night and prove his worthiness or will Sebastian have to keep on looking?
Outcast	Marc Saville	2014	In the 275th parallel universe, people are created by genetic engineering companies and programmed for roles in life. To fail to assume the role you've been created for is to become a Stray and be treated worse than a criminal...which is what happens to 20-year old Layla Thomas when she becomes violently ill and is forced to flee from her sister's upmarket salon on her first day of work as a BDSM mistress-slave. She soon discovers she's been given aversion therapy and addicted to a potentially lethal drug. Behind her predicament is Peta, a chameleon-like hermaphrodite with whom Layla has been having a clandestine affaire. Denied treatment for her drug addiction and thrown out of society, Layla has little choice but to join Peta's band of underground Strays who are trying to overturn the society which oppresses them. But all Layla wants is to return to her rightful role. A battle of will begins, with Peta using every means to crack Layla's programming. But is Peta who and what s/he seems? And what is the terrible secret behind the utopian façade of this merciless society? Outcast has strong descriptions of various BDSM activities so readers who would find such descriptions offensive should stay away. Those with curiosity will find a compelling read set in an all-too-believable world of a future not too far from our own.
Pantomime	Laura Lam	2013	Gene's life resembles a debutante's dream. Yet she hides a secret that would see her shunned by the nobility. Gene is both male and female. Then she displays unwanted magical abilities - last seen in mysterious beings from an almost-forgotten age. Matters escalate further when her parents plan a devastating betrayal, so she flees home, dressed as a boy. The city beyond contains glowing glass relics from a lost civilization. They call to her, but she wants freedom not mysteries. So, reinvented as 'Micah Grey', Gene joins the circus. As an aerialist, she discovers the joy of flight - but the circus has a dark side. She's also plagued by visions foretelling danger. A storm is howling in from the past, but will she heed its roar?
Province	Delores Cremm	2016	Province is a gripping story, featuring Intersex/epicene characters, romance, drama and suspense. A delightful page turning experience that hold its readers captivated, chapter after chapter in uncovering shocking details of scandal and deceit.

			<p>17-year-old Christine Martin discovers her adoption from an ailing parent and is lead to an exclusive gay community in Vermont (Province). She learns her true heritage is the upper echelons of society and is astonished by her royal bloodline. She embarks upon a world of vast fortune and stumbles into a cesspool of mutated genes and madness. Thinking she's the firstborn of the rich and beautiful Kathy Gilbert, Cris discovers an older sibling Antoinette, who is intersex, tormented by the secret of her deformity and emotional abuse from her delusional mother. Cris finds her soul-mate, Rachel Norris, a glamorous young heir to a fashion empire, but in return for her newly found wealth and grand passion comes a valuable price—the narrow escape of her life. Christine fall victim to the bloodthirsty madness plaguing her eminent family in covering up a chilling secret behind her mere existence and the only one who is capable saving her from an untimely demise is her avenging angel, the powerful, clairvoyant, and intersex, Bonette Vanderhault.</p>
<p>Queer, There and Everywhere: 23 People Who Changed the World</p>	<p>Sarah Prager</p>	<p>2017</p>	<p>World history has been made by countless lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer individuals—and you've never heard of many of them. Queer author and activist Sarah Prager delves deep into the lives of 23 people who fought, created, and loved on their own terms. From high-profile figures like Abraham Lincoln and Eleanor Roosevelt to the trailblazing gender-ambiguous Queen of Sweden and a bisexual blues singer who didn't make it into your history books, these astonishing true stories uncover a rich queer heritage that encompasses every culture, in every era</p>
<p>Raine</p>	<p>Elizabeth Amber</p>	<p>2008</p>	<p>The middle brother, Raine, both sensual and stoic. Scarred by once taking a wife who could not accept his carnal needs, he wants no part in another marriage. But duty commands that he fulfill his promise to wed King Feydon's second daughter, Jordan ... BUT IN MATTERS OF THE HEART, HE HAS MUCH TO LEARN ... The loyal satyr begins a search that leads him to Tuscany to romantic Venice, where his beautiful bride awaits, unaware of what passionate delights fate has planned for her. Raine is careful not to reveal his powerful satyr sexuality, for fear of driving yet another woman away. But unbeknown to him, Jordan is no ordinary woman and was born with an insatiable appetite for love. And as Raine's heart begins</p>

			to melt for her, how long will he be able to to hide his true nature when Jordan seems to want him so fiercely?
Raptor	Gary Jennings	1992	An abandoned waif, the blond, gray-eyed Goth was called simply Thorn. From his unorthodox sexual awakening in a monastery and a convent to his exciting journey across Europe in search of his people, he would learn a warrior's skills and the cunning of a survivor. And amidst it all a stunning secret would mark him forever as an outsider who knew too deeply and too well all the hidden desires of men's ... and women's ... hearts. In the great cities of a dying empire, on the battlefields of Roman legions, and in the opulent palaces of potentates and kings, Thorn would witness human beings at their most brutal and their most noble. His incomparable adventures bring to electrifying life a vanished age never again matched for its doers of great deeds...and of chilling revenge
Root of the Spark	Michele Fogal	2016	Dell doesn't want to hide anymore. As the first hermaphrodite on the human colony planet of Ameliaura, Dell has spent the last year trying to blend into the crowd. Dell used to snub the public eye with flamboyance and scandal, but lately the attention just feels like loneliness. After surviving a vicious attack, Dell falls into the arms of Zavvy, a man who has made it his mission to help abandoned hermaphrodite children. Zavvy has been alone for years. No one can understand why he's given up everything to take in street children and any hope of romance is out the window. Until Dell. Found naked and bleeding by the kids, Dell fulfills Zavvy's every youthful fantasy of the City's unashamed exotic night life. The needs of an impromptu orphanage leave little room for a relationship, but harder still, Dell's past has come back with a vengeance. Dell will have to step into the light again to fight for a home before the age old tide of violence rises again.
Rough Paradise	Alec Butler	2014	Born with an Intersex condition in a rough, working-class city, the harassment and hate Terry Tomey experiences for being bi-gendered and Two-Spirit drives them to the brink of suicide--yet they are saved by the love and acceptance of Darla. The two incur the wrath of their families and their community as they fall in love and graphically explore their queer sexuality. Forcefully separated, they spend the next twenty years trying to find each other and to uncover the real truth as to why they were kept apart.

Sacred Country	Rose Tremain, Julie Rubenstein	1992	Em 1952, com seis anos de idade, enquanto a Inglaterra se veste de luto pela morte de Jorge VI, Mary Ward, filha de lavradores pobres de Suffolk, apercebe-se de que, apesar das aparências, não é (não quer ser) uma rapariga. Desde então, ela esforçar-se-á por se transformar em Martin, um rapaz intrépido, terno e viril. Ao longo dos anos vê-la-emos perseguir o seu sonho, de Suffolk a Londres, da Inglaterra dos Beatles à América profunda. Sonho impossível? Talvez. Mas todos aqueles que a rodeiam, da avó, morta num planador, a Walter, o rapaz do talho que quer ser cantor de country, não procuram eles, também, num mundo selvagem e confuso, o seu próprio reino interdito? Rose Tremain oferece-nos uma obra surpreendente, que foi internacionalmente ovacionada pela crítica e recebeu em França, em 1994, o Prémio Femina para o melhor romance estrangeiro.
Sacred Fate	Eressë	2009	In the dual-gendered realm of Ylandre, the great divide between the high-born True Bloods and the lower-ranked Half Bloods is deemed impassable by most. Rohyr Essendri dared to cross it when he took young Lassen Idana from his provincial town and made him his paramour. Lassen perforce learned how to navigate the intricate byways of life at court. What he never expected, however, was to fall in love with Rohyr, a most inadvisable and impractical thing to do when one's lover is sovereign ruler of the land. But anything worth having is worth fighting for, both figuratively and, as Lassen discovers, literally speaking.
Serving LGBTIQ Library and Archives Users: Essays on Outreach, Service, Collections and Access	Ellen Greenblatt	2010	Building upon the legacy of Gay and Lesbian Library Service (1990, "invaluable"--Library Journal; "recommended"--Booklist), this current anthology brings the discussion into a 21st century context by broadening the community base served and by examining the role of the Internet and Web 2.0 in libraries and archives. Many chapters include personal accounts of individuals' experiences to illustrate the importance of library services to lesbian, gay, bisexual, transgender, intersex, and queer/questioning users. Specific topics include: library services provided to LGBTIQ youth; collection assessment and the process of gauging user satisfaction; the classification of LGBTIQ resources in the Dewey Decimal Classification system; attempts to restrict access to LGBTIQ resources through challenges, censorship, and Internet filtering; and

			workplace concerns of LGBTIQ library workers. Instructors considering this book for use in a course may request an examination copy here.
Sex and Uncertainty in the Body of Christ: Intersex Conditions and Christian Theology	Susannah Cornwall	2010	The book provides the first full-length examination of the theological implications of physical intersex conditions and their medical treatment. Mainstream Christian theology has valued the integrity of the body and the goodness of God reflected in creation, but has also set much store by the "complementarity" of "normal" male and female physiology. However, a deconstruction of male and female as essential or all-embracing human categories changes conceptions of legitimate bodiliness and of what it means for human sex to reflect God. Theologies which value incarnation and bodiliness must speak with stigmatized or marginal bodies too: the Body of Christ is comprised of human members, and each member thereby changes the Body's definition of itself. Accepting the non-pathology of intersexed and otherwise atypical bodies necessitates a re-examination of discourses about sex, marriage, sexuality, perfection, healing and the resurrection body. Informed by existing theologies from three marginal areas (transsexualism, disability and queer theology), this beginning of a theology from intersex demonstrates the necessity of resisting erotic domination in defining bodies. It provides a robustly theological perspective on a topic which has become increasingly examined within sociological and critical discourse.
Sex Errors Of The Body And Related Syndromes: A Guide To Counseling Children, Adolescents, And Their Families	John Money	1994	Provides the basic knowledge needed for professionals dealing with parents of babies born with intersexual anomalies and sexological disabilities, and counseling the affected individuals as they grow older, emphasizing the importance of helping people attribute problems associated with the anomaly to the anomaly rather than to themselves. Includes medical and technical details on conditions such as precocious and delayed puberty, hermaphroditism, Klinefelter syndrome, and external and internal organ anomalies. Includes numerous photos Provides the basic knowledge needed for professionals dealing with parents of babies born with intersexual anomalies and sexological disabilities, and counseling the affected individuals as they grow older, emphasizing the importance of helping people attribute problems associated with the anomaly to the

			anomaly rather than to themselves. Includes medical and technical details on conditions such as precocious and delayed puberty, hermaphroditism, Klinefelter syndrome, and external and internal organ anomalies. Includes numerous photos
Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality	Anne Fausto-Sterling	2000	Why do some people prefer heterosexual love while others fancy the same sex? Is sexual identity biologically determined or a product of convention? In this brilliant and provocative book, the acclaimed author of <i>Myths of Gender</i> argues that even the most fundamental knowledge about sex is shaped by the culture in which scientific knowledge is produced. Drawing on astonishing real-life cases and a probing analysis of centuries of scientific research, Fausto-Sterling demonstrates how scientists have historically politicized the body. In lively and impassioned prose, she breaks down three key dualisms - sex/gender, nature/nurture, and real/constructed - and asserts that individuals born as mixtures of male and female exist as one of five natural human variants and, as such, should not be forced to compromise their differences to fit a flawed societal definition of normality.
Shadow Man	Melissa Scott	1995	Five human sexual identities are spread throughout the galaxy, and humanity has adjusted to this new culture. Except on Haran--there everyone must choose to be a man or a woman and that decision is final. Warreven, a Haran man, could have married the son of the ruler of the planet--if he had chosen to be a woman. The result of the conflict is one of the most bizarre identity crises in science fiction
Shadoweyes Volume 2: Shadoweyes in Love	Sophie Campbell	2011	In the futuristic, dystopian city of Dranac, moody teenager Scout Montana is an aspiring vigilante, but her first attempt to beat up a mugger is halted when she's hit in the head with a brick and knocked unconscious. When she awakens, she discovers that she's able to transform into a strange, blue, clawed, superhuman creature! In this new body she becomes the vigilante Shadoweyes... This is the second volume in Wet Moon creator Ross Campbell's refreshingly offbeat and authentic teen superhero story.
Shadoweyes, Volume One	Sophie Campbell	2010	In the futuristic, dystopian city of Dranac, moody teenager Scout Montana is an aspiring vigilante, but her first attempt to beat up a mugger is halted when she's hit in the head with a brick and knocked unconscious. When she awakens, she discovers that she's able to transform into a strange, blue,

			clawed, superhuman creature! In this new body she becomes the vigilante Shadoweyes... but, she's unable to return to her human form, and is lured into a homeless superheroic life on the streets by her inhuman appearance - forced outside of society yet still bound to it. Scout's new life as Shadoweyes is just getting started!
Shadowplay	Laura Lam	2014	Old magics are waking. But will the world survive their return? Micah Grey almost died when he fled the circus with Drystan - now he and the ex-clown seek to outrun disaster. Drystan persuades his old friend Jasper Maske, a once-renowned magician, to take them in. But when he agrees to teach them his trade, Maske is challenged to the ultimate high-stakes duel by his embittered arch-nemesis. Micah must perfect his skills of illusion, while navigating a tender new love. An investigator is also hunting the person he once seemed to be - a noble family's runaway daughter. As the duel draws near, Micah increasingly suffers from visions showing him real magic and future terrors. Events that broke the ancient world are being replayed. But can Micah's latent powers influence this deadly pattern?
Somewhere in Between: An Intersex non-binary genderqueer Fantasy Romance	Natasja Hellenthal	2018	For Yarden, who never seemed to fit in, life was never easy. Born with both male and female gender traits they never truly belonged to either sex, or wanted to conform just to be able to "fit in". Living and working as a travelling artist, Yarden tries to avoid the masses as much as possible. One day, Jalmaz appears and the artists' world gets turned upside-down. Who is this mysterious, beautiful woman who, after entering the workshop, and soon Yarden's heart, buys a sculpture, but is never to be seen again? And then, out of nowhere, Jolz turns up, very similar to Jalmaz, though seems to be male . . . Is he her twin? What has he done to Jalmaz and why? Can Yarden, despite their own non-binary gender and fluid appearance, ever accept their strange new love interest, who they after all, have so much in common with? Do we only allow ourselves to fall in love with someone because the gender is "suitable", or can we love someone romantically despite of it? Can we truly love someone for who they are, body and soul?
Son of Man	Robert Silverberg	1971	Robert Silverberg has been nominated for and won more awards for his fiction than any other writer in the science fiction genre. This classic, now finally back in print, sweeps us--and Clay, the main character--into Earth's far-away future. It's

			a time when no one has heard of Shakespeare, Mozart, or Darwin, and when the planet is inhabited by beings of great intelligence, ambivalent sexuality, and extraordinary powers. Clay embarks on a panoramic journey, encompassing a billion years, and comes to understand that the era from which he came is nothing more than a minute fiber in the band of time.
Song of the Spring Moon Waning	E.E. Ottoman	2014	Upon waking up one morning, Wen Yu is surprised to find a note asking him to return the song thrush given into his care while the owner was sick. The only problem is that Wen Yu was never given a song thrush. Though he has no time for distractions from his studies for the palace examination, Wen Yu goes in search of the unknown Liu Yi who left him the note. What he finds is a beautiful imperial eunuch, a talking tortoise, and a collection of mysterious moon poems that force Wen Yu to question what path in life he is truly meant to be walking
Take Me There	Tristan Taormino Et al.	2011	In mainstream media, the erotic identities, sex lives, and fantasies of transgender and genderqueer people are often oversimplified, sensationalized, or invisible. Take Me There is an erotica collection unlike any other that celebrates the pleasure, heat, and diversity of transgender and genderqueer sexualities. The power of seeing and being seen is a central theme in the anthology; it's not simply about passing or not passing (an idea often explored with transgender characters), but about being acknowledged and desired in a sexual context. The book takes you from San Francisco to Israel, from heartache to lust, from stranger sex to a 10 year anniversary, from ballet shoes to butt plug bondage tables, from fumbling teenagers to leatherclad bears, from MTF and FTM—and in between and beyond. Featuring renowned authors Kate Bornstein (Gender Outlaws: The Next Generation), Patrick Califia (Speaking Sex to Power), S. Bear Bergman (Butch is a Noun), Ivan Coyote (Missed Her), Julia Serrano (Whipping Girl), Laura Antoniou (The Marketplace), Helen Boyd (My Husband Betty), Rachel Kramer Bussel (Gotta Have It), Toni Amato (Pinned Down by Pronouns), Alicia E. Goranson (Supervillianz), filmmaker Tobi Hill-Meyer, musician Rahne Alexander, songwriter Shawna Virago, bloggers Andrea Zanin and Sinclair Sexsmith, and more.
Taken	M.A. Church	2013	We are not alone. In the year 2050 mankind's never-ending quest for proof life exists in the universe is answered—in the

			<p>form of massive space ships that appear without warning above the capitals of all major nations. The name of their planet is Tah’Nar—and is dying. The United States sets up a lottery system, and each young man between the ages of twenty-three and twenty-eight is assigned a number. Once a year, for the next five years, numbers will be drawn and a new set of one thousand males will be collected. The media coined the expression ‘The Harvest’ for when the Tah’Narian’s collect these young men. Captain Keyno Landium Shou is a Tah’Narian starship captain who has been granted the right to take a mate, any mate, he wants during the last harvest on Earth. Dale was seventeen when the aliens first appeared. His parents assumed he’d be safe since the final collection would be done before he turned twenty-three. He didn’t fall within the guidelines established, so they took for granted he had nothing to fear.</p>
That Inevitable Victorian Thing	E.K. Johnston	2017	<p>Set in a near-future world where the British Empire was preserved, not by the cost of blood and theft but by effort of repatriation and promises kept, That Inevitable Victorian Thing is a novel of love, duty, and the small moments that can change people and the world. Victoria-Margaret is the crown princess of the empire, a direct descendant of Victoria I, the queen who changed the course of history two centuries earlier. The imperial practice of genetically arranged matchmaking will soon guide Margaret into a politically advantageous marriage like her mother before her, but before she does her duty, she’ll have one summer incognito in a far corner of empire. In Toronto, she meets Helena Marcus, daughter of one of the empire’s greatest placement geneticists, and August Callaghan, the heir apparent to a powerful shipping firm currently besieged by American pirates. In a summer of high-society debutante balls, politically charged tea parties, and romantic country dances, Margaret, Helena, and August discover they share an unusual bond and maybe a one in a million chance to have what they want and to change the world in the process —just like the first Queen Victoria.</p>
The Abulon Dance	Caro Soles	2001	<p>Triani and Cham, pleasure-seeking hermaphrodite dancers from Mercurian, tour mysterious planet Abulon in Caro Soles’s The Abulon Dance. When their curiosity gets primo donna Triani arrested and his young lover kidnapped, they find themselves in</p>

			the thick of a brutal Abulonian civil war.
The Albino Album	Chavisa Woods	2013	Emerging author Chavisa Woods has been noted for capturing a "strange, troubling vision of domestic life in the rural U.S." (Go Magazine). Here she presents a technicolored vision of rural adolescence, the story of a girl with an unpronounceable name--a fiery, unhinged, growling, big-hearted queer country girl in a dirty black tutu and combat boots who travels along all the bizarre yet familiar byways of human desire from the cornfields of Louisiana and the big brass sound of Mardi Gras to the heights of the Empire State Building. Turning the tradition of the southern gothic novel on its head, Woods presents a new land of contemporary misfits including fire-dancers, pseudo-Nazis who breed albino animals, Catholic workers, horse thieves, and the archangel Gabrielle. A bold exploration of the intersections of race, class, and sexuality, The Albino Album contemplates the relationships between political action, art and romance, as our heroine tries on a series of bewitchingly fantastical families looking for the place to call home.
The Angel and the Perverts	Lucie Delarue-Mardrus Anna Livia	1930	Set in the lesbian and gay circles of Paris in the 1920s, The Angel and the Perverts tells the story of a hermaphrodite born to upper class parents in Normandy and ignorant of his/her physical difference. As an adult, s/he lives a double life as Marion/Mario, passing undetected as a lesbian in the literary salons of the times, and as a gay man in the cocaine dens made famous by Colette. Delarue-Mardrus's novel belongs to a category of literature, written between the turn of the century and approximately 1930, which depicted lesbians as members of a third sex. The hermaphrodite became the visual representation of the ways in which lesbians were different from their heterosexual sisters, and Rene Vivien, Natalie Clifford Barney, Rachilde, and Colette, among others, shared Delarue-Mardrus's fascination with the topic. This is the first translation into English of The Angel and the Perverts. In an astute introduction, Anna Livia rereads Lucie Delarue-Mardrus as a prolific and significant writer, despite the fact that previous scholars viewed her primarily as the wife of the scholar and translator Joseph-Charles Mardrus. Livia also places Delarue-Mardrus's life in a lesbian context for the first time and decodes this delightful novel so that readers will feel quite at home in Mario/Marion's unusual world, which runs the gamut from

			Auguste Rodin to Jean Cocteau and Sarah Bernhardt
The Bacchi	Belinda McBride	2012	The Bacchi Lefi Dhrahn lives a life of luxury and decadence, but is tortured by memories of a lost love. He survives the pain by surrounding himself with sex, beauty and all forms of self-indulgence. When he meets the alluring Inspector Afton Teris, Lefi believes the detective will make a very nice addition to his string of conquests. He doesn't count on falling in love. Afton Teris is a Valoran hermaphrodite and like all members of his species, is stern, cerebral and disapproves of the frivolous prostitute. Afton orients as a male, but the beautiful Lefi Dhrahn stirs him sexually, making him question everything he knows about himself. To further confuse his emotions, Afton finds himself tempted by the forbidden pleasures surrounding the Bacchi. When a kidnapping ring strikes close to home, the two go undercover on a brothel barge to investigate a slavery operation. There, Lefi is confronted by painful memories from his past, while Afton is faced with a horror that threatens his future, and perhaps his very life. Their survival lies with one another, but only if Lefi can set aside his pain and listen to his heart.
The Ballad of Third Gender	A.P.U. Lin Cherry	2013	'The Ballad of third gender' is the story of a third gender prince Shikandin, who lived in iron age India. He was the only son of Amba, consort of king Drupad. Banished by Drupad, he grows up among the eunuchs who ran the palace harem of Pandero. The eunuchs groom him as warrior who has few equals. He sets about on a quest to find a land for the people of third gender.
The Birth of the Clinic: An Archaeology of Medical Perception	Michel Foucault	1963	In the eighteenth century, medicine underwent a mutation. For the first time, medical knowledge took on a precision that had formerly belonged only to mathematics. The body became something that could be mapped. Disease became subject to new rules of classification. And doctors begin to describe phenomena that for centuries had remained below the threshold of the visible and expressible. In The Birth of the Clinic the philosopher and intellectual historian who may be the true heir to Nietzsche charts this dramatic transformation of medical knowledge. As in his classic Madness and Civilization, Michel Foucault shows how much what we think of as pure science owes to social and cultural attitudes — in this case, to the climate of the French Revolution. Brilliant, provocative, and omnivorously learned, his book sheds new light on the origins

			of our current notions of health and sickness, life and death.
The Book of Shadows	James Reese	2002	Herculine is only six-years-old when she watches her mother die horribly and inexplicably. A child alone in the nineteenth-century French countryside, she makes her way to the secluded convent, where she is taken in as a foundling orphan and raised by nuns who teach the children of the privileged to fear a wrathful God. But shy, unworldly Herculine is not like the others in this cold, forebidding place. And when she is led down a dark path by a rebellious fellow student, she soon finds herself convicted of crimes unimaginable. But death at the hands of the ignorant and falsely pious is not to be Herculine's lot. Held captive in the convent library, she is visited by four unexpected saviors with timeless needs of their own: the incubus priest Father Louis; the tragic, damned beauty Madeleine; the demonic Asmodei; and Sebastiana d'Azur, a witch. By dawn, Herculine is free yet forever changed as she follows her liberators into a world of sensuous pleasures and great mysteries both wondrous and strange. Secreted away in Sebastiana's once-grand manor high above the Breton sands, Herculine sets out to find out why she has been "chosen" and for what purpose. Her quest - ripe with erotic discovery, dark magic, heresy, and blood - propels her headlong through the perils of the age, across borders between the living and the dead, and back through a time when hysteria and madness reigned, when noble heads were impaled and paraded through the streets of Paris. For only when her mysterious mission is completed - and the terrible, otherworldly roots of a gruesome Revolution are finally revealed - can she understand who and what she truly is. Until then, she must simply trust...and learn
The Cage of Zeus	Sayuri Ueda	2004	The "rounds" are humans with the sex organs of both genders. Artificially created to test the limits of the human body in space, they are now a minority, despised and hunted by the terrorist group Vessel of Life. Aboard Zeus I, a space station orbiting the planet Jupiter, the "rounds" have created their own society with a radically different view of gender and of life itself. Security chief Shirosaki keeps the peace between the "rounds" and the typically gendered "mono," but when a terrorist strike hits the station, the balance of power and tolerance is at risk, and an entire people is targeted for genocide.

The Case of Nikki Pagan	Rachel Eliason	2013	When Jason's pickup tires first begin sliding across the gravel of the country road, he is still his small town's high school prize running back and one of the school's "A-list" popular kids. He is looking forward to one more year of high school and then, he hopes, being picked up by a Big Ten team. But after the Jaws of Life tear him from the wreckage of his drunk-driving accident, he wakes up post-surgery in the University of Iowa Hospital's long-term pediatric ward, wondering if he will ever walk again. Bobby McGin only wants one thing out of life, to be a normal teen with normal friends. But when your last-possible round of chemo fails to stem the spread of the tumors ravaging your body's soft tissue, it's hard to be normal. Nikki Pagan is the glue that holds the two boys together. She is a bright and precocious fifteen-year-old girl. Why is she on the long-term ward? Why won't she talk about what is wrong with her? And why is it so important she follow "the rules for being Nikki"?
The Danish Girl	David Ebershoff	2000	It starts with a question, a simple favour asked by a wife of her husband while both are painting in their studio, setting off a transformation neither can anticipate. Uniting fact and fiction into an original romantic vision, <i>The Danish Girl</i> eloquently portrays the unique intimacy that defines every marriage and the remarkable story of Lili Elbe, a pioneer in transgender history, and the woman torn between loyalty to her marriage and her own ambitions and desires. <i>The Danish Girl</i> is an evocative and deeply moving novel about one of the most passionate and unusual love stories of the 20th century.
The Final Programme	Michael Moorcock	1968	Jerry Cornelius is a scientist, a rock star, and an assassin. He is the hippest adventurer of them all: tripping through a pop art nightmare in which kidnappings, murder, sex and drugs are a daily occurrence. Along with his savvy and ruthless partner-in-chaos, Miss Brunner, Cornelius is on a mission to control a revolutionary code for creating the ultimate human being, a modern messiah—the final programme. The first book in the <i>Cornelius Quartet</i> is the groundbreaking introduction to the misadventures and vendettas of Jerry Cornelius, one of modern literature's most distinctive characters, the product of a bewildering post-modern culture, and an inspiration for generations of characters since.
The Game of	Opal K. Dante	2016	Evie is twenty years old and has never been with a man. Now

Sexes			<p>she's ready to do so. Only the man she's madly in love with and whom she's chosen to give her virginity to, is her stepfather, the charming shipping magnate, Sir Sebastian. Evie tries everything to conquer Sebastian, but when she finally manages to win his love, she discovers that that he's not entirely hers. And it's not because he hasn't divorced her mother yet. Soon Evie will discover that her mother is not her real rival. Their marriage was nothing more than a social façade. Sebastian's heart is split in two, but her real rival is neither a man nor a woman. Or rather – it's both together. The perfect man and the perfect woman in the same body. The hermaphrodite captain Sirocco. The mysterious ship VERTIGO is their secret hideaway. What role will Evie play between the two lovers? Very soon life will make it clear that in their case, there are no clear cut male and female roles. Everyone will have to improvise...</p>
The Hermaphrodite	Julia Ward Howe	2004	<p>Written in the 1840s and published here for the first time, Julia Ward Howe's novel about a hermaphrodite is unlike anything of its time—or, in truth, of our own. Narrated by Laurence, who is raised and lives as a man, is loved by men and women alike, and can respond to neither, this unconventional story explores the understanding “that fervent hearts must borrow the disguise of art, if they would win the right to express, in any outward form, the internal fire that consumes them.” Laurence describes his repudiation by his family, his involvement with an attractive widow, his subsequent wanderings and eventual attachment to a sixteen-year-old boy, his own tutelage by a Roman nobleman and his sisters, and his ultimate reunion with his early love. His is a story unique in nineteenth-century American letters, at once a remarkable reflection of a largely hidden inner life and a richly imagined tale of coming of age at odds with one's culture. Howe wrote <i>The Hermaphrodite</i> when her own marriage was challenged by her husband's affection for another man—and when prevailing notions regarding a woman's appropriate role in patriarchal structures threatened Howe's intellectual and emotional survival. The novel allowed Howe, and will now allow her readers, to occupy a speculative realm otherwise inaccessible in her historical moment</p>
The Left Hand of Darkness	Ursula K. Le Guin	1969	<p>A groundbreaking work of science fiction, <i>The Left Hand of Darkness</i> tells the story of a lone human emissary to Winter, an</p>

			alien world whose inhabitants can choose -and change - their gender. His goal is to facilitate Winter's inclusion in a growing intergalactic civilization. But to do so he must bridge the gulf between his own views and those of the completely dissimilar culture that he encounters. Embracing the aspects of psychology, society, and human emotion on an alien world, <i>The Left Hand of Darkness</i> stands as a landmark achievement in the annals of intellectual science fiction.
The Looming Fog	Rosemary Esehagu	2006	The <i>Looming Fog</i> is about life in rural Nigeria as seen through the eyes of an abandoned intersexual child. As the child struggles to establish its identity and role in the village, the stories of other villagers and their struggles to fit into, or break free of, their assigned roles are revealed.
The Making of Us	Debbie McGowan	2017	When English Lit. student Jesse Thomas meets Leigh Hunter, he has to reconsider a few assumptions he's made about himself. Two years ago, Jesse joined Pride—the uni's LGBT+ society—to support best friend Noah, and Noah's boyfriend, Matty. As a straight, cis-male ally, Jesse keeps a low profile—not difficult for someone as shy and body-conscious as he is. Leigh Hunter is Noah and Matty's new housemate. Born with a life-threatening congenital condition, Leigh is intersex and identifies as queer—none of which alters Jesse's conviction that they are the most beautiful person in the world. While Jesse and Leigh get to know each other, a new academic year begins in earnest, bringing with it the usual challenge of balancing work and play. Add in a week's holiday in Cornwall that Jesse and Leigh half-wish they hadn't agreed to, Jesse's unplanned involvement in the election of Pride's new officers, and some big decisions for Noah and Matty, it's going to be an interesting semester all round. NOTE: this is a stand-alone novel, but you might wish to read the series in order.
The Ministry of Utmost Happiness	Arundhati Roy	2017	The <i>Ministry of Utmost Happiness</i> takes us on a journey of many years – the story spooling outwards from the cramped neighbourhoods of Old Delhi into the burgeoning new metropolis and beyond, to the Valley of Kashmir and the forests of Central India, where war is peace and peace is war, and where, from time to time, 'normalcy' is declared. Anjum, who used to be Aftab, unrolls a threadbare carpet in a city graveyard that she calls home. A baby appears quite suddenly on a pavement, a little after midnight, in a crib of litter. The

			<p>enigmatic S. Tilottama is as much of a presence as she is an absence in the lives of the three men who love her. The Ministry of Utmost Happiness is at once an aching love story and a decisive remonstrance. It is told in a whisper, in a shout, through tears and sometimes with a laugh. Its heroes are people who have been broken by the world they live in and then rescued, mended by love – and by hope. For this reason, they are as steely as they are fragile, and they never surrender. This ravishing, magnificent book reinvents what a novel can do and can be. And it demonstrates on every page the miracle of Arundhati Roy's storytelling gifts.</p>
The Morphodite	M.A. Foster	1981	<p>How do you destroy a conspiracy without making waves? Because every such underground movement has a key person, the subtle way is to remove that keystone and watch the rest of the organization fall apart. Their world was ultra-conservative, isolated, opposed to change. Their secret police had tried many means to keep it that way. Now they had contrived their cleverest secret weapon. This was a genetically-patterned, laboratory-raised human genius, the Morphodite. The Morphodite needed no computers to detect the key to any conspiracy -- the know-how was structured into his/her brain. The Morphodite needed no assistance to make a foolproof escape after such an assassination. The know-how was built into his/her body. But the Morphodite had one defect its "gestapo" parents had not planned. He/she could think for itself And its thoughts were total subversion.</p>
The Parcel	Anosh Irani	2016	<p>The Parcel's astonishing heart, soul and unforgettable voice is Madhu--born a boy, but a eunuch by choice--who has spent most of her life in a close-knit clan of transgender sex workers in Kamathipura, the notorious red-light district of Bombay. Madhu identifies herself as a "hijra"--a person belonging to the third sex, neither here nor there, man nor woman. Now, at 40, she has moved away from prostitution, her trade since her teens, and is forced to beg to support the charismatic head of the hijra clan, Gurumai. One day Madhu receives a call from Padma Madam, the most feared brothel owner in the district: a "parcel" has arrived--a young girl from the provinces, betrayed and trafficked by her aunt--and Madhu must prepare it for its fate. Despite Madhu's reluctance, she is forced to take the job by Gurumai. As Madhu's emotions spiral out of control, her</p>

			past comes back to haunt her, threatening to unravel a lifetime's work and identity. This is a dark, devastating but ultimately redemptive novel that promises to be one of the most talked-about publications of the year.
The Queen's Tiara	Carl Jonas Love Almqvist	1834	This novel combines the tale of the beautiful and androgynous Tintomara with the assassination of Gustave III on the stage of his own opera house at a masque ball in 1792.
The Reinvention of Love	Helen Humphreys	2010	When Charles Saint-Beuve, a French literary journalist met Victor Hugo, an ambitious young writer who intended to become famous, he was swept into a world of grand emotions, a world where words can become swords. But it is not Victor he is really attracted to - it is his wife Adele. Soon the two lovers are on the edge of a great scandale and a wounded Victor must exact his price for betrayal, a price that will change the lives of many, including his own children. As Saint-Beuve - a man like no other man - struggles to hold on to what is left of his great love, he finds that only words can rekindle the flame. Set during the tumultuous reign of Napoleon III, this mesmerising novel draws a rich portrait of old Paris, where duels were fought and cholera-ridden bodies float in the Seine. Towering over all is the genius of Victor Hugo, already the voice of France, eventually banished to the island of Guernsey for his opposition to the regime. In contrast come the quieter voices of two women destroyed by Hugo's ferocious literary ambition as well as the unique, acerbic and heart-breaking voice of the critic and essayist, Saint-Beuve, first Hugo's friend and then his unlikely competitor in love. An atmospheric story of delicacy and emotion, of the experience of professional jealousy and personal passion, The Reinvention of Love is an outstanding piece of fiction writing, in part about writing itself.
The Remedy: Queer and Trans Voices on Health and Health Care	Zena Sharman Sinclair Sexsmith	2016	The Remedy invites writers and readers to imagine what we need to create healthy, resilient, and thriving LGBTQ communities. This anthology is a diverse collection of real-life stories from queer and trans people on their own health-care experiences and challenges, from gay men living with HIV who remember the systemic resistance to their health-care needs, to a lesbian couple dealing with the experience of cancer, to young trans people who struggle to find health-care providers who treat them with dignity and respect. The book also includes essays by health-care providers, activists and leaders with

			something to say about the challenges, politics, and opportunities surrounding LGBTQ health issues. Both exceptionally moving and an incendiary call-to-arms, <i>The Remedy</i> is a must-read for anyone--gay, straight, trans, and otherwise--passionately concerned about the right to proper health care for all. Contributors include Amber Dawn, Sinclair Sexsmith, Francisco Ibanez-Carrasco, Cooper Lee Bombardier, Kara Sievewright, and Kelli Dunham.
The Silksmith's Girl	Reece Pine	2017	Bearded woman Rudolph joined the circus to find a wealthy husband. The star attraction, the lofty silksmith, shares his caravan and his bed with her while he helps her to arrange marriage meetings in the towns they visit. But as she meets and rejects each suitor, Rudolph realizes the only person she really wants is the silksmith himself...
The Transgender Issue	Susan Stryker	1998	This special issue of <i>GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies</i> presents essays that each adopt a methodologically distinctive analysis of a particular concern in transgender studies. Taken together, these pieces demonstrate the wide-ranging and sometimes antagonistic viewpoints of scholars and activists pursuing different political and intellectual goals. Essays include a documentation of how readers of mass-circulation print media became aware of new medical possibilities for the surgical and hormonal alteration of sex characteristics and began agitating for them; a challenge from feminist theorists to transgender movement activists to avoid repeating the mistakes of previous feminist, gay, and lesbian political mobilizations; a critique of the overreliance on discursive analysis in much current transgender scholarship; and paired essays exploring the so-called Butch/FTM Border Wars from either side of that divide. There are also pieces that focus on intersex activism, the bioethics of gender dysphoria management, and the mobilization of transgender advocacy organizations. Considering perceptions of queer embodiment past and present, these essays explore the sweeping changes in professional and popular attitudes regarding the transgender community and the issues that affect it. The timeliness of this issue as well as the diversity of its viewpoints makes it a significant contribution to the growing body of transgender literature.
The World	Marion	1971	Planetary Investments Unlimited--that was its official name.

Wreckers	Zimmer Bradley		But unofficially it was known as Worldwreckers, Inc.. For a fee, its agents would infiltrate any world unwilling to give up its independence, and do enough damage so the natives would be forced to allow Terran investors to step in and salvage their planet. And now, once again, its agents were at work. In the 78 years since Cottman IV, called Darkover by its natives, was rediscovered by the Terran Empire, all efforts to colonize and industrialize this exotic world had failed. And the person in charge of "Worldwreckers, Inc.", a centuries-old being who appeared to be a woman, had decided to take on this particular assignment herself. After all, she had special insight into this world, for long ago--lifetimes ago--she had called Darkover home...
The Zephyr Prince	Emily Carrington	2018	Andy is the eldest son of the ruling kelpie family. His two brothers have found their lovers, in accordance with an often-misunderstood prophecy. Now it's Andy's turn -- however he must first make peace with the fact that his match is a gender-switching air being. Nubes, both king and queen simultaneously, seeks Andy only as an answer to the prophecy. Slowly, however, as respect and lust grow, both Andy and Nubes find out that they can no longer survive without one another.
Thief of Songs	M.C.A. Hogarth	2015	The lowland conquerers have taken everything from him, or so the composer Amet Emendexte-ilye was taught: prestige, autonomy, wealth, and most importantly, magic. But when one of them steals his fiancée, Amet avenges himself on them all by writing music and giving it away in defiance of the lowland laws. It is a very satisfactory vengeance, or so he thinks, until he discovers the kingdom's royal composer is planning to debut Amet's work—as folk music! So he's riding east to set the record straight. But he has no idea how compelling a decadent lowland hermaphrodite can be. And before it's over, this thief of songs may be stealing more than his music.... A lyrical romance, set in a second world fantasy. Leave the world behind today!
Through My Own Lens	Mickie B. Ashling	2017	Luca Dilorio begins his freshman year at Cornell, while his boyfriend, Chyna Davidson, embarks on a modeling career based out of Manhattan, New York. Although Luca is only a five-hour drive away, he may as well be on another planet. Having watched Chyna's back for years, Luca struggles with the separation. His new roommate, Zeb Araneda, lends an ear, and a solid friendship is born, but it doesn't keep Luca from worrying. Chyna learns to navigate the ups and downs of the

			<p>modeling industry on his own. However, this proves difficult with Luca micromanaging everything, from Chyna's diet to his choice in a roommate. After rejecting several candidates, Chyna and Luca decide on fellow model, Alex Boulet, who turns out to be perfect in more ways than one. An unexpected appearance raises a multitude of concerns, and the entire family—Lil, Grier, Clark, Jody, and Chip—descend upon the young couple to offer their help. Will Luca and Chyna weather the storm or succumb to pressure from multiple fronts?</p>
Tiger Lily	Jodi Lynn Anderson	2012	<p>Before Peter Pan belonged to Wendy, he belonged to the girl with the crow feather in her hair... Fifteen-year-old Tiger Lily doesn't believe in love stories or happy endings. Then she meets the alluring teenage Peter Pan in the forbidden woods of Neverland and immediately falls under his spell. Peter is unlike anyone she's ever known. Impetuous and brave, he both scares and entralls her. As the leader of the Lost Boys, the most fearsome of Neverland's inhabitants, Peter is an unthinkable match for Tiger Lily. Soon, she is risking everything—her family, her future—to be with him. When she is faced with marriage to a terrible man in her own tribe, she must choose between the life she's always known and running away to an uncertain future with Peter. With enemies threatening to tear them apart, the lovers seem doomed. But it's the arrival of Wendy Darling, an English girl who's everything Tiger Lily is not, that leads Tiger Lily to discover that the most dangerous enemies can live inside even the most loyal and loving heart. From the New York Times bestselling author of Peaches comes a magical and bewitching story of the romance between a fearless heroine and the boy who wouldn't grow up</p>
Trans Liberty Riot Brigade	L.M. Pierce	2017	<p>Andi knows being born an intersex "Transgressor" and then choosing to stay that way, can have lethal consequences. After all, surgical assignment is mandated by law. But she ain't going to spend her life hiding from the Society, hooked on Flow, and wanking tourists just to make a few bucks. She's a member of the Trans Liberty Riot Brigade, an underground faction of Transgressors resisting the government's war on their illegal genitalia. But it's not enough to tag their messages on shithouse walls and sniff down the next high. The government has found their headquarters, decimated their ranks, and they're crushing the resistance. Though Andi might be nothing but a junktard,</p>

			<p>she embarks on a desperate dash to stay alive and send a call for help before they're all killed—or worse, surgically assigned. Andi, together with Brigade leader Elenbar, must get beyond the communications block preventing all radio transmission, which means crossing the seaboard Wall barricading the United Free States borders. It's designed to keep enemies out and the citizens in, but amid increasing earthquakes and deadly pursuit, Andi will discover there's a far more dangerous secret hidden deep within the Wall itself.</p>
<p>Trans-Sexual: Transgressive Erotica for butches, femmes, tops, bottoms, leather folk, dyke- boys, sissy-men, drag kings, drag queens, transsexuals, the intersexed and other Gender Queers</p>	<p>Jean Marie Stine</p>	<p>2002</p>	<p>Only Short Story Collection from Author of Season of the Witch! Jean Marie Stine is the erotic novelist SF Review hails as "lip-smackingly good." Here are ten sizzling, carnal treats that bend gender and transgress the limits of traditional sexuality from the deviant pen of Jean Marie Stine. In Jean Marie Stine's Trans-Sexual, you will encounter, up-close and in your face, a parade of the polymorphous perverse: butches, femmes, tops, bottoms, leather folk, dyke-boys, sissy-men, drag kings, drag queens, transsexuals, the intersexed, androgynies and other gender queers. Read these ten "carnally satisfactory--ingenuous" stories (Asimov's) and your view of sexuality--especially your own--will never be the same! In "Jinni's So Long At the Fair," you will encounter male lesbians from the future. In "Amaeru" a man desperate to experience the infancy he was denied as a child. In "What's a Nice Girl Like You Doing in a Place Like This?," the dyke captain of sailing ship in the 1920s meets a not-so-repressed missionary's daughter. In "Les Freres Diabolique," a man is forced into a nightmare ordeal of sexual subjugation as a woman. In "Legacy," a woman discovers the key to her own sexuality through a series of erotic encounters as she travels the globe in search of the mother she has sworn to kill. In "In the Kingdom of the Sons," you will meet an a beautiful imperious woman, with a master plan, the equally-beautiful, pliant young ward she is willing to sacrifice, and the aged British rouÿ½ who stands between them a multimillion dollar fortune! Plus four more mind- (and gender-) bending stories.</p>
<p>Transgender History</p>	<p>Susan Stryker</p>	<p>2008</p>	<p>Covering American transgender history from the mid-twentieth century to today, Transgender History takes a chronological approach to the subject of transgender history, with each chapter covering major movements, writings, and events.</p>

			<p>Chapters cover the transsexual and transvestite communities in the years following World War II; trans radicalism and social change, which spanned from 1966 with the publication of <i>The Transsexual Phenomenon</i>, and lasted through the early 1970s; the mid-'70s to 1990—the era of identity politics and the changes witnessed in trans circles through these years; and the gender issues witnessed through the '90s and '00s. <i>Transgender History</i> includes informative sidebars highlighting quotes from major texts and speeches in transgender history and brief biographies of key players, plus excerpts from transgender memoirs and discussion of treatments of transgenderism in popular culture.</p>
<p>Trees Vol. 1: In Shadow</p>	Warren Ellis	2015	<p>Ten years after they landed. All over the world. And they did nothing, standing on the surface of the Earth like trees, exerting their silent pressure on the world, as if there were no-one here and nothing under foot. Ten years since we learned that there is intelligent life in the universe, but that they did not recognize us as intelligent or alive.</p>
<p>Waiting for Walker</p>	Robin Reardon	2017	<p>Micah Jeager's life is a mess. His folks have split, and now he lives with his mother in the manager's unit of a motel. His mother is seeing a medium to communicate with Micah's older brother, killed in Afghanistan. He had to change schools for his junior year, which made him retreat further into himself, hiding behind his camera—and hiding that he's gay. One sunny day in June, as he's shooting a dead seagull on the shore of Long Island Sound, a mysterious guy appears in a beautiful sailboat. At first, the guy's boat shoes are the image that stays with Micah. But soon it's the person himself, Walker Donnell, who haunts Micah's dreams. Walker's life looks perfect to Micah. His wealthy parents adore him; he has everything he could want; he's gorgeous and generous; and he falls hard for Micah. But he has a secret: Walker is intersex. The closer Walker and Micah grow, the more Walker feels a need to be sure of himself in ways he hasn't fully faced before, and now it's his turn to retreat. Micah knows Walker is worth waiting for, so he waits. And waits.</p>
<p>Warming the Match-Seller</p>	Takara Twist	2018	<p>Kasper's in dire straits, out on the snowy streets on New Year's Eve, with no home and no money, and selling matches won't cut it anymore. Soon he discovers another way to make money, using his pretty face and the sweet wet secret between his legs... but will it be enough for him, or his benefactors? Based (very</p>

			loosely) on the Hans Christian Andersen story. CBoi Classics: Tales Twisted! Enjoy futa, but looking for a change? Then see if reverse futa might be for you! Come and see our handsome young vagentlemen.
Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity	Julia Serano	2007	A provocative manifesto, Whipping Girl tells the powerful story of Julia Serano, a transsexual woman whose supremely intelligent writing reflects her diverse background as a lesbian transgender activist and professional biologist. Serano shares her experiences and observations—both pre- and post-transition—to reveal the ways in which fear, suspicion, and dismissiveness toward femininity shape our societal attitudes toward trans women, as well as gender and sexuality as a whole. Serano's well-honed arguments stem from her ability to bridge the gap between the often-disparate biological and social perspectives on gender. She exposes how deep-rooted the cultural belief is that femininity is frivolous, weak, and passive, and how this “feminine” weakness exists only to attract and appease male desire. In addition to debunking popular misconceptions about transsexuality, Serano makes the case that today's feminists and transgender activist must work to embrace and empower femininity—in all of its wondrous forms.
Witchbroom	Lawrence Scott	1993	The last of an old colonial family, Lavren Monagas de los Macajuelos pours forth epic and intimate tales of conquest, crime, and passion.
Yabo	Alexis De Veaux	2014	Fiction. African American Studies. LGBT Studies. Women's Studies. "See YABO... like a Mingus composition: Pentecostal, blues-inflected, full of wit and that deep literacy of the black diaspora. The present, the past, the uncertain future collapse upon themselves in this narrative of place/s. Our dead move with us: behind us, above us, confronting us--in Manhattan; Asheville (N.C.); Buffalo, NY; Jamaica; the hold of a funky slave ship; crossing and bending lines between genders, sexualities, longing and geographies. Time is a river endlessly coursing, shallow in many places, deep for long miles, and, finally, deadly as the hurricane that engulfs and destroys the slave vessel, 'Henrietta Marie.' YABO calls our ghosts back and holds us accountable for memory."--Cheryl Clarke
You Be You! Explaining	Jonathan Robert	2017	You Be You! makes gender identity, romantic orientation, and family diversity easy to explain to kids. We also cover

<p>Gender, Love & Family</p>	<p>Branfman</p>	<p>discrimination, privilege, and how to stand up for what's right. This book is for kids of all ages, with beautiful illustrations, clear explanations, and short sections. Read a little or a bunch at a time — whatever you and your kids feel like. Enjoy, and help build a happier and more accepting world!</p>
--------------------------------------	-----------------	---